

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA
CATARINA
CENTRO DE REFERÊNCIA EM FORMAÇÃO E EAD (CERFEAD)
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA EM REDE NACIONAL (PROFEPT)**

EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO GOMES

**ENSINO DE FOTOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO COM ESTUDANTES
SURDOS DO CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM COMUNICAÇÃO VISUAL DO
CÂMPUS PALHOÇA BILÍNGUE/IFSC**

FLORIANÓPOLIS/SC

03 de agosto de 2020

EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO GOMES

**ENSINO DE FOTOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO COM ESTUDANTES
SURDOS DO CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM COMUNICAÇÃO VISUAL DO
CÂMPUS PALHOÇA BILÍNGUE/IFSC**

Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT) como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Área de Concentração: Educação Profissional e Tecnológica

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica

Orientadora: Profa. Dra. Marimar da Silva

Florianópolis/SC

03 de agosto de 2020

GOMES, Eduardo Alexandre Cazonato.

Ensino de Fotografia: um estudo de caso com estudantes Surdos do curso técnico integrado em comunicação visual do Câmpus Palhoça Bilíngue/IFSC / Eduardo Alexandre Cazonato Gomes; orientação de Marimar da Silva. Florianópolis, SC, 2020.

245p.

Dissertação (Pós-graduação Stricto Sensu – Mestrado) – Instituto Federal de Santa Catarina, Centro de Referência em Formação e Educação a Distância – CERFEAD.

Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica.

Inclui referências.

1. Educação Profissional Tecnológica. 2. Estudante Surdo. 3. Fotografia Aplicada. 3. Comunicação Visual. 4. Institutos Federais. 5. Produto Educacional. I. Marimar da Silva. II. Instituto Federal de Santa Catarina. Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional. III Título.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor



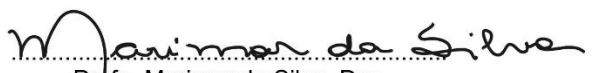
TERMO DE APROVAÇÃO

EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO GOMES


ENSINO DE FOTOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO COM ESTUDANTES SURDOS DO CURSO TÉCNICO EM COMUNICAÇÃO VISUAL INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO DO CÂMPUS PALHOÇA BILÍNGUE/IFSC

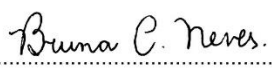
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Santa Catarina - Cerfead, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.


Aprovada em 03 de agosto de 2020.


.....
Prof. Marimar da Silva, Dra.
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFSC)
Orientadora

COMISSÃO EXAMINADORA


.....
Prof. Olivier Allain, Dr.
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFSC)
(Membro Interno)


.....
Prof. Bruna Crescencio Neves, Dra.
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFSC)
(Membro externo)


.....
Prof. Giorgio Gilwan da Silva, Dr.
Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)
(Membro externo)

Dedico esse trabalho aos estudantes Surdos e à Comunidade Surda, por sua luta pela igualdade de oportunidades e acesso ao ensino de qualidade, bem como para todos os professores Surdos e ouvintes que se empenham para oferecer a esses estudantes um ensino emancipatório e de vanguarda.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, sempre agradeço a Deus pelo dom da vida, por me permitir chegar até aqui e por ser uma fonte inesgotável de energia, sabedoria e amor.

Depois, agradeço a minha esposa Sônia Santos, por ser uma grande aliada à causa dos estudantes Surdos. Aos meus filhos, Mateus Badin Gomes e Valentina Santos Gomes, pelos sorrisos e abraços que, sem dúvida, renovam as minhas forças.

Aos meus pais, Evaristo Gomes e Maria Rosa Cazonato Gomes, exemplos de honestidade, de amor e de muito trabalho. Aos meus irmãos, por estarem comigo nessa caminhada, alegrando minha vida, rumo a um futuro desconhecido, escrito dia após dia.

Agradeço, em especial, os dedicados estudantes Surdos participantes do meu estudo e a minha orientadora, Marimar da Silva, que árdua e incansavelmente leu, releu e não mediu esforços para que eu conseguisse produzir um estudo digno de um Mestre e fazer a diferença na educação profissional de estudantes Surdos rumo ao mundo do trabalho. Com toda a certeza foi uma grande felicidade tê-la como orientadora, suas reflexões e todas as suas ponderações contribuíram para eu me tornar um pesquisador melhor e, seguramente, fará parte da minha memória como uma referência acadêmica, sem dúvida uma das mais importantes que já tive.

Não poderia deixar de agradecer aos demais professores do PROFEPT pelos ensinamentos, pelas experiências e pelos conhecimentos compartilhados, em especial aos professores Paulo Roberto Wollinger, Olivier Allain e Maria dos Anjos Lopes Viella, que também se tornaram referências docentes em minha vida.

Agradeço aos integrantes de minha banca, professores Giorgio Gilwan da Silva, Bruna Crescêncio Neves e Olivier Allain, pelas considerações e por contribuírem como meu estudo desde a qualificação do projeto de pesquisa.

Aos meus companheiros de mestrado, que tornaram essa jornada de dois anos mais leve, mais alegre e muito mais prazerosa. Em especial, quero agradecer aos amigos Fábio Lopes, Karina Zaia Machado Raizer e Elis Regina Hamilton Silveira, por cada xícara de café que tomamos, cada conversa que

partilhamos e cada trabalho que executamos lado a lado, ombro a ombro, com empenho, dedicação e carinho. Jamais esquecerei.

Aos meus amigos Thayna Fagundes Lents, Roney Rodrigues e Fernanda Duarte, por toda ajuda com as gravações e edições das videoaulas.

Aos professores do IFSC Palhoça Bilíngue, Renato Calixto, Carmem Beck, Simone Lima e Bruna Crescêncio Neves por acolherem meu estudo.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos Tradutores e Intérpretes de Libras, Jéssika da Silva Garcia, Sullivan Wainer Netto e Tom Min Alves que, com dedicação e competência, possibilitaram uma comunicação eficiente entre os estudantes Surdos e este professor-pesquisador, e viabilizaram com excelência o desenvolvimento desta pesquisa, do seu produto educacional e do processo de ensino e aprendizagem deles advindo.

Meu sincero muito obrigado a todos!

RESUMO

GOMES, Eduardo Alexandre Cazonato. Ensino de Fotografia: um estudo de caso com estudantes Surdos do curso técnico integrado em comunicação visual do Câmpus Palhoça Bilíngue/IFSC. 2020. 245 f. Dissertação (Curso de Pós-Graduação stricto sensu Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional) – Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2020.

Este estudo, inserido na linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional, foi idealizado a partir da demanda de práticas educacionais que priorizem o saber pelo fazer e respeitem as especificidades de aprender de estudantes Surdos. Assim, este estudo teve como objetivo operacionalizar uma abordagem de ensino de fotografia de produto aplicada à comunicação visual para estudantes Surdos do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual do Câmpus Palhoça Bilíngue (Libras-Português), do Instituto Federal de Santa Catarina. Para tanto, foi elaborada, implementada e avaliada uma Sequência Didática embasada na abordagem de ensino a partir do saber pelo fazer para esse público de estudantes. A pesquisa, um estudo de caso de cunho etnográfico e de natureza aplicada, gerou dados a partir do estudo de documentos oficiais do curso em tela, de entrevistas e da implementação e avaliação da Sequência Didática desenhada para o estudo. A análise dos dados corroborou a premissa inicial do estudo: o ensino de fotografia vem priorizando uma abordagem teórico-filosófica, que não propicia um alinhamento à forma como estudantes Surdos matriculados em cursos técnicos aprendem, e pode causar uma defasagem na sua formação profissional, por conseguinte. A análise dos dados também corroborou a premissa que embasou a Sequência Didática desenhada para o estudo: a abordagem de ensino a partir do saber pelo fazer viabiliza maiores e melhores condições de aprendizagem a estudantes Surdos. Os procedimentos metodológicos de ensino desenhados para a Sequência Didática afetaram como os estudantes Surdos participantes do estudo percebem a fotografia, de forma geral, e a fotografia de produto para a comunicação visual, de forma específica, facilitando relações entre o que aprendem e o mundo do trabalho. A qualidade técnica e a beleza plástica e estética das produções fotográficas feitas pelos participantes no período de intervenção corroboram o impacto positivo do desenho metodológico da Sequência Didática na sua formação profissional. Nesse sentido, este estudo argumenta a favor da abordagem de ensino a partir do saber pelo fazer para estudantes Surdos em outras áreas do conhecimento, também. No entanto, em estudos futuros sugere-se ampliar o escopo da pesquisa para que seus resultados sejam ampliados.

Palavras-chave: Educação Profissional Tecnológica. Educação Bilíngue. Estudante Surdo. Fotografia Aplicada. Comunicação Visual. Institutos Federais.

ABSTRACT

GOMES, Eduardo Alexandre Cazonato. Ensino de Fotografia: um estudo de caso com estudantes Surdos do curso técnico em comunicação visual integrado ao ensino médio do Câmpus Palhoça Bilíngue/IFSC. 2020. 245 f. Dissertação (Curso de Pós-Graduação stricto sensu Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional) – Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2020.

The present study, inserted in research the line Educational Practices in Vocational Education, was conceived based on the search for educational practices that privilege the knowing by doing and respect the particularities of deaf students' learning. Thus, this study aimed to operationalize an approach to the teaching of the photography of product applied to visual communication for deaf students from the Integrated Technical Course on Visual Communication at Palhoça Bilíngue Campus (Libras-Portuguese), from the Federal Institute of Santa Catarina. Therefore, a Didactic Sequence was elaborated, carried out, and evaluated from the perspective of the knowing by doing focused on deaf students. This research, a case study with ethnographic characteristics and applied nature, generated data from the study of some official documents of the course, from interviews, and from the implementation and evaluation of the Didactic Sequence designed for the study. The analysis of the data corroborated the initial premise of the study: the teaching of photography has prioritized a theoretical-philosophical approach, which does not allow an alignment to the way deaf students enrolled in technical courses learn, which, in turn, can open a gap in their professional training. The analysis also corroborated the initial premise that supported the Didactic Sequence designed for the study: the teaching approach based on the knowing by doing enables deaf students greater and better learning conditions because it allows them to learn on their own. The teaching methodological procedures used in the design of the Didactic Sequence affected how the deaf students participating in the study perceive photography, in general, and the photography of product for visual communication, in a specific way, facilitating relations between what they learn at school and the working world. The technical quality and plastic and aesthetic beauty of the photographic productions carried out by the participants during the intervention period corroborate the positive impact of the methodological design of the Didactic Sequence in their professional training. In this sense, this study claims in favor of the teaching approach based on the knowing by doing for deaf students in other areas of knowledge as well. However, for future studies, it is suggested to expand the scope of this research so that its results can be expanded.

Keywords: Vocational Education. Bilingual Education. Deaf Student. Applied Photography. Visual Communication. Federal Institutes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Foto de Nick Ut, Vietnã, 1972.....	46
Figura 2	Foto de Lewis Hine, EUA, 1911.	47
Figura 3	Foto de Kevin Carter, Sudão, 1994.	47
Figura 4	Slide de fotografia de produto(sabonete)	57
Figura 5	Slide de fotografia de produto (comida)	58
Figura 6	Bancadas de produção de still e produtos	81
Figura 7	Bancada de produtos opacos, translúcidos, transparentes e cenografia.....	81
Figura 8	Acessórios de iluminação soft box	84
Figura 9	Acessórios de iluminação refletor parabólico	84
Figura 10	LCD da câmera com regulagens básicas.....	85
Figura 11	Fotômetro de mão	85
Figura 12	Bancada de trabalho	86
Figura 13	Produtos e acessórios de cenografia	86
Figura 14	Verniz Fixador Fosco Mate.....	87
Figura 15	Aspecto gelado obtido com gotinhas de glicerina com água sobre verniz.....	87
Figura 16	Produto no fundo branco sem ambientação, e produto no fundo branco com ambientação com gelo e limão.	88
Figura 17	Set de iluminação de produto com iluminador <i>softbox</i>	92
Figura 18	Elementos de composição de mise en place de cenografia de comida.....	92
Figura 19	Diferentes áreas da fotografia	93
Figura 20	Ilustração do percentual dos sentidos na tomada de decisão.....	93
Figura 21	Interface site de venda de produtos com imagens	94
Figura 22	Interface de aplicativo de venda de comida com imagem	94
Figura 23	Set de fotografia de comida com luz suave do <i>softbox</i>	95
Figura 24	Fotografia de comida com luz de janela.....	95
Figura 25	Imagem de comida com grande nitidez.....	96
Figura 26	Macarronada com fundo desfocado	96
Figura 27	Lasanha ambientada com tomates e bandeja promocional	97

Figura 28	Imagem de lanche ambientado e em fundo neutro para recorte.	97
Figura 29	Fotografia de comida em 90 graus.....	98
Figura 30	Fotografia de comida em 45 graus.....	98
Figura 31	Fotografia de Cheeseburger em ângulo reto.....	99
Figura 32	Fotografia profissional de pizza.....	99
Figura 33	Fotografia amadora de pizza.....	99
Figura 34	Embalagem de lasanha com fotografia.	100
Figura 35	Fotografia de comida do fotógrafo Marcio Schaefer.....	101
Figura 36	Esquema de luz e fotografia do fotógrafo Diego Rousseau.	101
Figura 37	Set de iluminação de <i>splash</i> de mergulho com iluminador <i>soft box</i>	105
Figura 38	Produtos sendo lançados no aquário para fotografia <i>de splash</i>	105
Figura 39	Campanha da Coca Cola com técnica de <i>splash</i>	106
Figura 40	Campanha Guaraná Antártica com a técnica de <i>splash</i>	106
Figura 41	<i>Splash</i> de alto impacto gelo caindo no copo com água.	108
Figura 42	Exemplo de <i>Splash</i> com alto impacto, morango caindo no leite	108
Figura 43	<i>Splash</i> de baixo impacto gota d'água com bandeira do Brasil ao fundo.	109
Figura 44	<i>Splash</i> de baixo impacto, de gotas (líquido sobre líquido)	109
Figura 45	<i>Splash</i> de baixo impacto de água sobre pimentões líquido sobre sólido.....	109
Figura 46	Caju durante mergulho em aquário, <i>splash</i> de mergulho.....	110
Figura 47	<i>Splash</i> de mergulho com <i>Coca Cola Light</i>	110
Figura 48	LCD da câmera com a calibragem da velocidade do obturador em 1/320, WB em <i>Flash</i> e ISO em 200.....	111
Figura 49	<i>Flash</i> com a regulagem da potência na posição 1 que é a mais fraca	111
Figura 50	Planta baixa com esquema de iluminação, com luz <i>backlight</i> , com uso de refletor panela com gelatina amarela.....	112
Figura 51	Jogo de filtro <i>close-up</i>	112
Figura 52	Filtro <i>close up</i> +10 rosqueado numa lente	113
Figura 53	Set com <i>snoot</i> e morango caindo numa colher com leite.....	113
Figura 54	Diagnóstico do grupo noturno. Arquivo EAG 3471	125
Figura 55	Diagnóstico do grupo matutino. Arquivo EAG 3716	125

Figura 56	Panorâmica do ambiente da sala onde foi realizada as duas primeiras oficinas de fotografia de produto	128
Figura 57	Sala de aula vista do fundo	128
Figura 58	Visão geral da sala de aula, modificada para oficina comida	130
Figura 59	Visão geral da sala de aula, modificada para oficina de splash.	130
Figura 60	Exemplo de <i>coffee break</i> feito para os estudantes.....	131
Figura 61	Exemplo de <i>coffee break</i> feito para os estudantes.....	131
Figura 62	Estudantes junto a bancada de produtos opacos, translúcidos e transparentes para facilitar o entendimento dos conceitos.	132
Figura 63	Estudantes prestando atenção nas classificações dos produtos da oficina e seus exemplos para fotografar.....	132
Figura 64	Bancada com <i>mise in place</i> (material de ambientação e preparação).....	133
Figura 65	Bancada com os alimentos a serem fotografados macarrão, sushi e cupcake.....	133
Figura 66	Bancada de fundo de madeira para ambientar a foto	133
Figura 67	Bancada para prática de <i>splash</i> de alto impacto (colher com leite e morango) e de baixo impacto (recipiente preto).....	134
Figura 68	Bancada com aquário e produtos utilizada para <i>splash</i> de mergulho	134
Figura 69	Câmeras DSLR, Canon Rebel T3i, Nikon D80, Nikon D7000	135
Figura 70	Câmera DSLR visão do LCD com foto produzida durante a oficina.....	135
Figura 71	<i>Flash</i> Mako com refletor parabólico, câmera DSLR no tripé, <i>Flash</i> Mako com <i>softbox</i>	136
Figura 72	Detalhe do fotômetro e suas regulagens.....	136
Figura 73	<i>Print</i> do <i>slide</i> sobre a influência dos sentidos na tomada de decisão.....	137
Figura 74	<i>Print</i> do <i>slide</i> que trata das diferentes áreas de fotografia	137
Figura 75	<i>Print</i> do <i>slide</i> de classificação do <i>splash</i> de alto impacto.....	138
Figura 76	<i>Print</i> do <i>slide</i> de classificação de comida ambientada e sem ambientação.....	138
Figura 77	<i>Slide</i> com jargão da fotografia de comida <i>mise en place</i> e sua explicação	138

Figura 78	Slide com o material levado para oficina de comida para os alunos montarem o <i>mise en place</i>	138
Figura 79	apostila preparada para cada estudante da oficina.....	139
Figura 80	detalhe da apostila com o TCLE, Material didático, avaliação da oficina.....	139
Figura 81	Tela mostrando a abertura de um dos módulos.....	141
Figura 82	Pesquisador fazendo sua apresentação usando seu sinal em Libras.	141
Figura 83	Plano americano do pesquisador falando sobre o flash.....	142
Figura 84	Plano Médio do pesquisador mostrando o fotômetro.....	142
Figura 85	Detalhe do LCD da câmera na explicação da velocidade e diafragma.	143
Figura 86	Plano de detalhe do das calibrações do fotômetro.	143
Figura 87	Mostra o uso de ilustrações no vídeo.....	143
Figura 88	Intérprete na oficina da noite.....	145
Figura 89	intérprete na oficina da manhã.....	145
Figura 90	Fotografia de produto opaco fundo cinza.....	148
Figura 91	Fotografia de produto opaco fundo branco.....	148
Figura 92	<i>Still</i> não ambientado de refrigerante.....	150
Figura 93	<i>Still</i> ambientado de chá.....	150
Figura 94	Taças espelhadas.	151
Figura 95	Taças com uso de filtro amarelo.	151
Figura 96	Detalhes das taças com corante colorido.....	152
Figura 97	Variação do enquadramento das taças com corante.....	152
Figura 98	Estudantes preparando a macarronada para a produção fotográfica.....	156
Figura 99	Estudantes diante do set de fotografia de comida.....	156
Figura 100	<i>Mise en place</i> com prato de espaguete.....	157
Figura 101	<i>Mise en place</i> com prato de penne.....	157
Figura 102	Detalhe do penne.....	159
Figura 103	Detalhe do sushi.....	159
Figura 104	fotografia com harmonia cromática.....	160
Figura 105	Fotografia com contraste cromático.....	160
Figura 106	Composição em ângulo zenital 90°.....	161

Figura 107	Composição em ângulo <i>plongée</i> 45°.....	161
Figura 108	Coroa do splash de baixo impacto.	164
Figura 109	Splash de baixo impacto aplicação de um tecido ao fundo.	164
Figura 110	<i>Splash</i> de baixo impacto de gotas, com filtro azul.....	165
Figura 111	<i>Splash</i> de alto impacto, com leite.....	166
Figura 112	<i>splash</i> de alto impacto, com iogurte	166
Figura 113	<i>Splash</i> de mergulho, com pimentões	167
Figura 114	<i>Splash</i> de mergulho, com morangos.....	167
Figura 115	<i>Splash</i> de mergulho, com suco de caixinha e morangos.	168
Figura 116	<i>Splash</i> de mergulho, com 2 sucos de caixinha e laranjas.....	168
Figura 117	Dupla de estudantes, um medindo a luz, o outro disparando o <i>flash</i>	180
Figura 118	Cena de pimentas sendo jogadas no aquário para produzir um <i>splash</i> de mergulho.	180
Figura 119	Estudantes posando para foto durante a oficina num momento de descontração.....	180
Figura 120	Estudante descontraído posando para foto com manuseando o fotômetro.	180
Figura 121	Print da abertura do site	182
Figura 122	<i>Print</i> da Aba portfólio em <i>slides</i>	182
Figura 123	Print da Aba quem somos	183
Figura 124	Aba contato	183

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Critérios para análise da linguagem fotográfica de uma fotografia.....	45
Quadro 2	Tarefa de casa	88
Quadro 3	Ficha de avaliação da oficina 1	89
Quadro 4	Tarefa de casa	102
Quadro 5	Avaliação da oficina 2	102
Quadro 6	Avaliação da oficina de <i>splash</i> e da proposta de ensino.....	114
Quadro 7	Tarefa de casa	115
Quadro 8	Autoavaliação dos participantes na Oficina 1.....	154
Quadro 9	Autoavaliação da oficina 2	163
Quadro 10	Autoavaliação da oficina 3	170
Quadro 11	Autoavaliação da oficina 3	171
Quadro 12	Preferência dos participantes em relação às oficinas	172

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCFTI	Componente Curricular Fotografia Tratamento de Imagem
CERFEAD	Centro de Referência em Formação e EAD
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
EPTNM	Educação Profissional Técnica de Nível Médio
FIESC	Federação das Indústrias de Santa Catarina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCD	Pessoa com Deficiência
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PHB	Palhoça Bilíngue
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
1.1	Subtema.....	22
1.2	Delimitação do tema e problema de pesquisa	24
1.3	Pressupostos, pergunta da pesquisa e objetivos	25
1.4	Justificativa, relevância e limitações da pesquisa	26
2	REFERENCIAL TEÓRICO	30
2.1	Educação nacional e ensino médio integrado em EPT	30
2.2	Estudos sobre o uso da fotografia na educação de estudantes Surdos	33
2.3	Identidade, cultura e comunidade surda	37
2.4	A importância da fotografia na comunicação visual	44
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	52
3.1	Apresentação geral do estudo	52
3.2	Contexto do estudo	59
3.3	Componente curricular fotografia e tratamento de imagem.....	63
4	PRODUTO EDUCACIONAL	67
4.1	Introdução	67
4.2	Fundamentação teórica do produto educacional	68
4.3	Desenvolvimento da sequência didática	74
4.3.1	Primeira Oficina: Fotografia de Produtos Opacos, Translúcidos e Transparentes.....	79
4.3.2	Segunda Oficina: Fotografia de Comida.....	90
4.3.3	Terceira Oficina: Fotografia de Splash	103
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	117
5.1	Que conhecimentos básicos de fotografia os estudantes Surdos participantes do estudo têm e usam ao concluírem o componente curricular fotografia e tratamento de imagem?	117
5.1.1	Análise dos dados gerados nas entrevistas.....	117
5.2	Que procedimentos metodológicos de ensino, por meio da didática do saber pelo fazer/trabalho, viabilizam uma	

	aprendizagem eficaz de técnicas de fotografia aplicada à comunicação pelos participantes do estudo?	126
5.2.1	A preparação da arquitetura do ambiente de ensino	127
5.2.1.1	<i>A arquitetura do ambiente de ensino: espaços e formas de interação</i>	<i>127</i>
5.2.1.2	<i>A bancada de trabalho: aproximando o mundo do trabalho</i>	<i>131</i>
5.2.1.3	<i>Os equipamentos e sets de produção: experienciando o trabalho</i>	<i>134</i>
5.2.2	A preparação de materiais voltados à especificidade de aprendizagem do estudante Surdo.....	136
5.2.2.1	<i>Slides: suporte pedagógico.....</i>	<i>136</i>
5.2.2.2	<i>As apostilas: suporte pedagógico.....</i>	<i>139</i>
5.2.3	A preparação da mediação do ensino de fotografia aplicada à comunicação visual e o intérprete de Libras.....	144
5.2.3.1	<i>O papel do intérprete de Libras na mediação dos conceitos e das técnicas.....</i>	<i>144</i>
5.3	Qual o impacto do produto educacional desenhado para o estudo nos participantes?	146
6	CONCLUSÕES DO ESTUDO	174
6.1	A premissa do estudo	174
6.2	Os procedimentos metodológicos de ensino	175
6.3	O impacto dos procedimentos metodológicos de ensino	178
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
	REFERÊNCIAS	189
	APÊNDICE A - TCLE (Aluno).....	196
	APÊNDICE B - TCLE (Docente).....	200
	APÊNDICE C - TCLE (Intérprete de Libras)	204
	APÊNDICE D - TCLE (Responsável Legal)	208
	APÊNDICE E - TALE (Responsável Legal).....	212
	APÊNDICE F - Termo de Autorização de Uso de Imagem.....	216
	APÊNDICE G - Sequência de Slides de Apoio à Oficina 1	219
	APÊNDICE H - Sequência de Slides de Apoio à Oficina 2.....	220
	APÊNDICE I - Sequência de Slides de Apoio à Oficina 3	223
	APÊNDICE J - Sequência de Slides de Apresentação da Pesquisa para os Estudantes	225
	APÊNDICE K - Roteiro de Entrevista	226

APÊNDICE L - Decupagem das Entrevistas na Íntegra	227
ANEXO A - Folha de Rosto da Plataforma Brasil	239
ANEXO B - Comprovante de Envio à Plataforma Brasil	240
ANEXO C - Processo de Tramitação do Projeto no Ifsc.....	241
ANEXO D - Autorização de Pesquisa no IFSC PHB	242
ANEXO E - Parecer Final Plataforma Brasil.....	243

1 INTRODUÇÃO

A educação sempre foi pauta de inúmeras discussões nacionais e internacionais. Contudo, quando passou a ser entendida mundialmente como um direito de todos e um dever do Estado, a partir da Declaração Mundial de Educação para Todos, um tratado realizado durante a Conferência de Jomtiem, na Tailândia, no ano de 1990, seu escopo foi ampliado para incluir realmente todos independentemente de gênero e idade.

O documento gerado a partir da conferência pontua que a “educação serve de contribuição para conquistar um mundo mais próspero e ambientalmente mais seguro, favorecendo, ao mesmo tempo, o progresso social, econômico e cultural, a tolerância e a cooperação internacional.” (UNESCO, 1990, p. 2). Entretanto, o mesmo documento reconhece que a educação apresenta “graves deficiências, que é preciso torná-la mais relevante e melhorar sua qualidade e que deve estar universalmente disponível.” (UNESCO, 1990, p. 2).

No complexo universo da educação, o presente estudo insere-se na Área de Ensino, mais especificamente na linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT doravante), que trata dos fundamentos das práticas educativas e do desenvolvimento curricular na EPT.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2017), a EPT abrange os cursos de formação inicial e continuada (FIC), os cursos técnicos de nível médio e os cursos superiores de graduação e pós-graduação. Independentemente do nível de formação, EPT pode ser definida em termos de sua busca do saber pelo fazer (BARATO, 2004).

Dentro dessa perspectiva, a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM), contexto de estudo desta pesquisa, pode ser desenvolvida de duas maneiras: na forma articulada ao Ensino Médio, que se dá por integração ou por concomitância, ou na forma subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o Ensino Médio. No presente estudo, o foco investigativo está na forma integrada ao Ensino Médio, mais especificamente no Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem (CCFTI) do Curso de Comunicação Visual integrado ao Ensino Médio, do Câmpus Palhoça Bilingue (PHB), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC).

Num curso técnico integrado ao Ensino Médio, o estudante¹ tem sua formação geral e técnica de forma simultânea e, idealmente, sem a dualidade histórica de que para aprender uma profissão ele precisa primeiro saber a teoria para depois desenvolver sua atividade na prática. Dizemos idealmente por que o conceito de técnica, enquanto intervenção qualificada no mundo para a produção da existência, deve atravessar as abordagens de ensino-aprendizagem na EPT.

No entanto, tradicionalmente, as instituições de ensino têm enfatizado a formação geral, teórica, propedêutica em detrimento da formação técnica e se dividido entre aquelas que formam para o exercício intelectual e aquelas que formam para o exercício do trabalho. Conforme Allain, Wollinger e Moraes (2017), o mito de que o trabalhador não pensa ainda está fortemente inserido na cultura brasileira, sendo comum a expressão ‘mera atividade mecânica’ na caracterização de trabalhos manuais, entendidos como sem esforço de reflexão ou de pensamento.

Sobre essa questão, Rose (2007, p. 75), em seu livro “O Saber no Trabalho” coloca: “[...] nós não valorizamos o conteúdo intelectual do trabalho por conta de um preconceito profissional e institucional. [...] precisamos ser mais criativos ao unir biblioteca e oficina para ajudar os alunos a construírem uma vida melhor”.

Nessa mesma linha de pensamento, Barato (2003) defende a ideia da importância do saber técnico, do saber do trabalho na formação profissional, e assevera que é preciso romper o mito do par teoria e prática enquanto regulador do discurso e da atividade pedagógica.

Vale ressaltar apenas, para finalizar, que o filósofo britânico Ryle encaminha com clareza e fartura de argumentação uma solução bastante plausível para que técnicas ou habilidades possam ser vistas como um saber com status epistemológico próprio. E essa solução não significa, necessariamente, valorizar a “prática” em detrimento da “teoria”. A solução de Ryle simplesmente anula a falsa dicotomia entre saber e fazer. E, mais que isso, elimina as considerações sobre a constituição do conhecimento processual uma esdrúxula dependência do conhecimento proposicional. (RYLE, 1984, p.49 *apud* BARATO, 2003, p.83).

¹ Embora haja uma tendência em se especificar ambos os gêneros, masculino e feminino, optamos por usar apenas o termo estudante para dar fluidez à leitura do texto.

Barato (2003) destaca ainda que a prática não pode ser confundida com o ato de aplicar ou executar algo, mas precisa ser entendida como uma experiência do saber pelo fazer, uma prática social.

No caso do trabalho, a execução é uma categoria mediadora que desencadeia interações significativas histórica e socialmente. O trabalho é uma atividade por meio da qual os seres humanos mudam o mundo e, ao mesmo tempo, mudam a si mesmos. Para que isso ocorra, a ação é fundamental. A prática, no sentido aqui utilizado, é fundamental na produção da existência humana. Ela consiste em múltiplas relações que resultam em ações que constroem sentido para a experiência. Assim entendida, a prática revela um ser no mundo que dá sentido à existência. (BARATO, 2015, p.18)

Para o autor, o ensino por meio do trabalho é “fazer saber bem feito”, evidenciando a capacidade de julgar trabalhos realizados em sua área de trabalho, ao sentimento de pertencer a uma comunidade (que compartilha significados, saberes, paixões e visão de mundo).

Contribuir para romper com o mito de que não há saber no fazer é o que se pretende realizar com a presente pesquisa, não separando trabalho técnico e intelectual como se fossem duas dimensões diferentes no ensino de fotografia de produto aplicada à comunicação visual no contexto da EPT, retomando o princípio da indissociabilidade prática-teoria.

Alinhados às ideias de Vieira Pinto (2005), acreditamos que a técnica não é externa ao homem, mas uma propriedade sua e o constitui como homem. Acreditamos também que para a compreensão de tal propriedade, temos a tecnologia, entendida em seu sentido epistemológico como a ciência da técnica (VIEIRA PINTO, 2005). Acreditamos ainda que a percepção de que existe uma ciência exclusiva para os saberes de ordem técnica evita a perpetuação da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, que sugere que “os conteúdos da técnica são neutros, desprovidos de significação, vazios”. (BARATO, 2015, p. 14).

Além dessas questões, acreditamos que há necessidade de se pensar uma escola que esteja atenta ao contexto educacional dos estudantes, principalmente quando estes são diferentes da cultura dominante, como a Cultura Surda. Na próxima seção discorreremos sobre essa questão no cenário educacional brasileiro.

1.1 Subtema

Educação no Brasil é um direito constitucional embora nem sempre seja uma realidade entre as pessoas de comunidades minoritárias, como a surda por exemplo. Diante de condições desiguais, fruto da especificidade dessa comunidade, é preciso que o Estado crie mecanismos para assegurar a esses cidadãos seus direitos, levando em conta sua realidade.

Nesse sentido, foi instituída a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, a qual reconhece a Língua Brasileira de Sinais - Libras - e outros recursos de expressão a ela associados como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda. Em seu art. 10, Parágrafo Único, a referida Lei define a Libras como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, LEI DE LIBRAS, 2002. n.p.). E no art. 40, parágrafo único, informa que a “Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”. (BRASIL, LEI DE LIBRAS, 2002. n.p.).

Na esteira da garantia de direitos educacionais constitucionais, a comunidade surda reivindica uma Educação Bilíngue Libras-Português para seus filhos. Mas o que implica uma Educação Bilíngue para a comunidade surda? Essa modalidade de educação é regular, em Libras, integra as línguas envolvidas em seu currículo e não faz parte do atendimento educacional especializado. O objetivo dessa educação é garantir a aquisição e a aprendizagem das línguas envolvidas como condição necessária à educação do Surdo, construindo sua identidade linguística e cultural em Libras e concluir a educação básica em situação de igualdade com as crianças ouvintes e falantes do português. Neste documento, a Educação Bilíngue Libras-Português é entendida como a escolarização que respeita a condição da pessoa surda e sua experiência visual como constituidora de cultura singular, sem, contudo, desconsiderar a necessária aprendizagem escolar do português. Ainda, demanda o desenho de uma política linguística que defina a participação das duas línguas na escola em todo o processo de escolarização de forma a conferir legitimidade e prestígio da Libras como língua curricular e constituidora da pessoa surda (BRASIL, MEC, SECADI,

2014). É nesse contexto que este estudo se insere: IFSC/Câmpus Palhoça Bilíngue Libras-Português, e busca compreender e contribuir.

Estudos sobre a educação de Surdos têm trazido, entre outras questões, reflexões sobre a garantia da qualidade do ensino quando estes são inseridos em escolas regulares. Sobre essa questão, Kelman (2015) enfatiza que a educação de estudantes que não pertencem à cultura dominante (ouvintes, por exemplo), só pode ser bem-sucedida se for impregnada de respeito às culturas minoritárias. A autora ainda alerta que a educação de Surdos numa perspectiva bilíngue deve ter um currículo pensado com conteúdos e dinâmicas organizadas numa perspectiva visoespacial para garantir ao estudante o direito de acesso ao conhecimento na sua própria língua, a Libras.

Ampliando a discussão, Kelman (2015) também destaca que, para se lidar com estudantes que têm processos de desenvolvimento e de socialização distintos do tradicional, não é possível um ensino generalizado; ao contrário, deve-se “buscar a análise e a compreensão dos fenômenos de comportamento individual e coletivo, nos diversos contextos em que as interações sociais e culturais ocorrem.” (KELMAN, 2015, p.49). Nesse sentido, a autora alerta que o conceito de necessidades educativas especiais traz, na realidade, o não reconhecimento de que cada grupo social possui particularidades e necessidades específicas, como reivindicações diferenciadas, tanto em nível cultural como em nível educacional.

Contribuindo para essa linha de argumentação, Rosa (2011) ressalta que não é através da imposição de leis e decretos que se terá uma educação de qualidade, mas sim através do respeito. É preciso respeitar a variante linguística, cultural, identitária e social dos Surdos, pois somente “atendendo e entendendo o sujeito Surdo como sujeito de si, de sua língua e cultura, a sociedade conseguirá, juntamente ao sujeito Surdo, promover mudanças socioeducacionais essenciais e libertadoras.” (ROSA, 2011, p.153).

Por outro lado, o filósofo Edgar Morin ressalta a importância de se pensar numa unidade escolar sem abrir mão da diversidade, das diferenças, respeitandolas. Morin (2000 *apud* KELMAN, 2015, p.50) explica que entre os sete saberes para se solidificar a educação do futuro está no de ensinar a condição humana, e isso passa pelo lidar dialeticamente com o dualismo unidade/diversidade, respeitando o fenômeno individual sem prejudicar a esfera social.

Em outras palavras, devemos melhorar a qualidade do ensino e do conhecimento que chega ao estudante Surdo, criando abordagens de ensino e procedimentos metodológicos que o façam se sentir contemplado no processo, proporcionando equidade entre eles e os ouvintes. É nesse sentido que esta pesquisa busca contribuir. Porém, como o tema é vasto e complexo, na próxima seção, detalhamos o recorte feito na presente proposta de estudo.

1.2 Delimitação do tema e problema de pesquisa

Visando contribuir para a compreensão do fenômeno de ensino e aprendizagem de técnicas de fotografia aplicada à comunicação visual no contexto da EPT com estudantes Surdos, esta pesquisa busca, por meio da elaboração de um Produto Educacional (PE), no formato de uma Sequência Didática (SD), ensinar técnicas de fotografia de produto a partir do próprio ato de fotografar, do saber pelo fazer/trabalho. Para tanto, o estudo tem como contexto investigativo o Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual do Câmpus Palhoça Bilíngue/IFSC, e como participantes os estudantes Surdos que já cursaram o Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem (CCFTI) do referido curso.

O objetivo geral do curso, de acordo com o seu Projeto Pedagógico (PPC), é formar profissionais voltados para o mundo do trabalho na área de Comunicação Visual numa perspectiva bilíngue. Isso significa pensar o ensino aqui proposto a partir da valorização não só do estudante Surdo, mas dos aspectos culturais atrelados à sua cultura. Para isso, é preciso que a educação bilíngue tenha um currículo organizado em uma perspectiva visoespacial, garantindo, assim, o acesso a todos os conteúdos escolares na língua do estudante Surdo, a Libras.

Entretanto, experiências prévias deste professor-pesquisador em contextos educacionais da EPT sugerem que o ensino de fotografia para estudantes Surdos vem priorizando uma perspectiva teórico-filosófica em detrimento da técnica. Uma proposição distinta, apesar de complexa, é possível desde que haja, como argumenta Rosa (2011), sensibilidade, percepção aguçada e respeito à diversidade quanto à variante linguística, cultural, identitária e social dos Surdos para se promover transformações sociais.

Assim, este estudo busca uma mudança de paradigma de ensino por meio do desenvolvimento, implementação e avaliação de um Produto Educacional, no formato de Sequência Didática, para o ensino de técnicas de fotografia, a partir do estudo da ementa do Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem (CCFTI), do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual, do Câmpus Palhoça Bilíngue/IFSC. Mais especificamente, a Sequência Didática visa a ensinar técnicas de fotografia de produto aplicada à comunicação visual aos estudantes Surdos por meio de recursos que estes usam para aprender e interagir socialmente, ou seja, a Libras e recursos visuais digitais ou impressos, somados a atividades de aprendizagem aplicadas à realidade desse estudante, com ênfase no mundo do trabalho, numa abordagem de ensino a partir do saber pelo fazer. Dessa forma, acreditamos que podemos contribuir para formar profissionais para o mundo do trabalho na área de Comunicação Visual numa perspectiva bilíngue, conforme objetivo geral colocado no Projeto Pedagógico do Curso.

1.3 Pressupostos, pergunta da pesquisa e objetivos

Para esta pesquisa, coloca-se como pressuposto que as técnicas de fotografia atualmente ensinadas no curso podem ser ampliadas, reinterpretadas, ressignificadas com criatividade e qualidade às especificidades e características dos estudantes Surdos. Coloca-se, ainda, como pressuposto que o ensino da fotografia aplicada à área da comunicação visual a partir do saber pelo fazer pode tornar-se mais significativo para o estudante Surdo que busca se profissionalizar na área de Comunicação Visual, bem como usar a fotografia como ferramenta para seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Consideramos de vital importância despertar o interesse desse estudante, futuro comunicador visual, para a área da fotografia voltada à sua formação profissional, bem como dar subsídios técnicos por meio de práticas diferenciadas, para que ele possa desenvolver ainda mais suas habilidades cognitivas, técnicas e estéticas, qualificando-se para o mundo do trabalho. Como coloca Bertomeu (2010, p. 25) em seu livro sobre criação visual e multimídia: não há como negar o fascínio que a imagem exerce sobre nós, que vai de uma admiração da simples

semelhança com o seu fotografado, até a admiração estética mais profunda: “Um canal de transmissão, de conhecimento, emoções e ideias”.

Partindo desses pressupostos, este estudo se propõe a responder a seguinte pergunta de pesquisa: *Como ensinar fotografia aplicada à comunicação visual para estudantes Surdos do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual a partir da concepção do saber pelo fazer?*

Assim, este estudo tem como objetivo operacionalizar uma abordagem de ensino de fotografia de produto aplicada à comunicação visual para estudantes Surdos do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual do Câmpus Palhoça Bilíngue/IFSC, a partir da didática do saber pelo fazer/didática do trabalho. Para alcançar esse objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos:

- a) Diagnosticar os conhecimentos básicos de fotografia que os estudantes participantes têm e usam antes do processo de intervenção do presente estudo;
- b) Elaborar procedimentos metodológicos de ensino que viabilizem uma aprendizagem eficaz de técnicas de fotografia de produto aplicada à comunicação visual pelos participantes do estudo;
- c) Implementar um Produto Educacional, nos moldes de uma sequência didática, com procedimentos metodológicos de ensino orientados pela didática do saber pelo fazer/didática do trabalho; e
- d) Avaliar o impacto do Produto Educacional desenhado para o estudo nos participantes.

Na próxima seção apresentamos a justificativa para a presente proposta de pesquisa, assim como sua relevância e suas limitações.

1.4 Justificativa, relevância e limitações da pesquisa

O Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual ofertado pelo Câmpus Palhoça Bilíngue/IFSC faz parte do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos e está entre as atividades que são tendência do mundo do trabalho, principalmente na região da Grande Florianópolis, que vem se destacando no cenário nacional na área de tecnologia digital.

A Comunicação Visual faz parte das profissões voltadas para comunicação, tecnologia e economia criativa, conforme sugere a Federação das Indústrias de Santa Catarina (FIESC, 2018) e o Catálogo Nacional de Cursos (BRASIL, 2016). Assim, o Técnico em Comunicação Visual egresso do curso no Câmpus Palhoça Bilíngue poderá atuar em provedores de *internet*, atividades de Comunicação e Marketing, agências de publicidade, propaganda e promoção, escritórios de Design, estúdios de Design Gráfico, editoras e gráficas.

Ainda, conforme a FIESC (2018), a criação de novos modelos de negócios, a ampliação de mercado e o reconhecimento nacional, a indústria criativa catarinense, a quarta maior do País, reforça a integração da cadeia produtiva por meio da inovação e do empreendedorismo com foco na economia criativa, em função dos polos tecnológicos e do desenvolvimento das áreas de Design, Fotografia, Tecnologia da Informação e Arquitetura.

O trabalho na área dá ênfase aos setores de mídia e entretenimento, que, por sua vez, contemplam expressões culturais, patrimônio e artes, música, artes cênicas, editorial, audiovisual e publicidades. Conforme a FIESC (2018):

o setor criativo no Brasil é composto por cerca de 239 mil empresas e responde por 2,64% do PIB (dado de 2015). No estado o setor é composto por 1.545 empresas e emprega 9.470 trabalhadores (RAIS, 2016). As companhias que mais empregam são as de pequeno porte, que respondem por 49% das vagas, 32% são microempresas, 6% são de médio porte e 13% são grandes companhias. Dentre os empregos da indústria criativa, 43,7% são de atividades ligadas ao rádio e televisão, 28,3% são publicidade e pesquisa, 11,8% são de edição, 10,9% são de atividade cinematográfica e 5,3% são atividades artísticas. Em relação à distribuição, 27,9% estão na Grande Florianópolis, 22,3% estão no Vale do Itajaí, 19,9% no Oeste, 12,8% no Norte, 11,6% no Sul e 5,6% na região Serrana. (FIESC, 2018, sp).

Se pensada a área de Comunicação Visual a partir do cenário descrito, podemos dizer que ela impacta a televisão, publicidade, edição, cinema e as atividades artísticas. Além disso, a área também impacta o universo *online*, tendo em vista a ascensão de grandes corporações como *Google*, *Facebook*, *Instagram*, para citar algumas. Voltadas inicialmente para o entretenimento, essas redes sociais vão muito além disso; elas promovem negócios milionários no mundo do marketing digital e do *networking*, dando visibilidade às atribuições voltadas para a comunicação visual.

Retomando a discussão sobre o Curso de Comunicação Visual, foco deste estudo, mais especificamente no perfil do egresso contido no PPC do curso, identificamos que este deve desenvolver habilidades para a edição e gerenciamento de recursos de texto, imagem, vídeo e animação, bem como a de planejar a comunicação visual de materiais didáticos e projetar interfaces multimídia numa perspectiva bilíngue (IFSC, 2018). Tais habilidades, se desenvolvidas a partir do saber fazer, podem inserir o estudante Surdo no mundo visual da comunicação de forma mais autônoma e criativa.

Assim, o Produto Educacional proposto neste estudo - Sequência Didática para o ensino de fotografia de produto aplicada à comunicação visual para estudantes Surdos - torna-se importante e oportuna, pois pretende contribuir para a formação profissional desses estudantes no que tange à fotografia, uma área que tem papel significativo nas redes sociais, no marketing digital, no posicionamento de marcas no mundo online, para citar alguns.

Contribuir para qualificar o conhecimento que o sujeito Surdo tem sobre a imagem abre espaço para que esse estudante possa empreender no mundo do trabalho com mais autonomia e criatividade, já que o universo da imagem é democrático e variado. A título de exemplificação, entre os tipos possíveis de fotografia a serem produzidos por esses estudantes, podemos citar a fotografia social, que dá conta de eventos realizados pela população, como a fotografia de casamentos, de aniversários e de retratos de pessoas, algo que com o advento da rede social ganhou ainda mais notoriedade.

Ainda, a fotografia permite aos mais variados tipos de estudantes as mais variadas áreas de atuação, já que transita com facilidade entre as áreas da ciência da comunicação e as ciências humanas por meio do fotojornalismo e do fotodocumentarismo. Para os mais introspectivos, por exemplo, a fotografia permite a atuação na fotografia de produto, no meio publicitário, que hoje dá conta de produções voltadas para os meios *online*, com o grande crescimento de empresas *e-commerce*. Para os que não gostam do ato de “clique”, mas gostam de estar conectados e têm habilidades com o computador, a fotografia permite a prestação de serviço de diagramação, de tratamento de imagem, projetos gráficos editoriais, editoração eletrônica de material institucional, utilizando para isso suas habilidades visuais para compor materiais diferenciados para seus clientes.

Realizar tal estudo por meio do desenvolvimento e implementação de uma Sequência Didática de técnicas de fotografia aplicada à comunicação visual para estudantes Surdos poderá contribuir para o Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual, assim como para com os estudos e as práticas aplicadas à Cultura Surda.

No que tange ao Produto Educacional (PE), a Sequência Didática (SD) proposta também poderá possibilitar aos professores do Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem (CCFTI) uma nova ferramenta para contribuir com o processo de ensino e aprendizagem desses alunos e os auxiliará em práticas pedagógicas voltadas para área de fotografia, que exige um conhecimento mais específico.

Em relação às limitações da pesquisa, ressaltamos o recorte feito no universo da Comunidade Surda. O estudo terá como público participante os estudantes Surdos do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual do Câmpus Palhoça Bilíngue (PHB) que cursaram a disciplina de fotografia no semestre 2019.2. Vale destacar que é um público reduzido, tendo em vista que o Câmpus PHB é o único contexto educacional bilíngue na região da Grande Florianópolis.

Ainda em relação aos estudantes Surdos participantes, destacamos que a entrada desses alunos no curso é anual e que o número de oferta de matrícula é reduzido, o que pode se tornar um fator limitador a mais do estudo. Como consequência, os resultados gerados não podem ser generalizados. Contudo, o estudo não se torna menos relevante, pois não existem pesquisas similares que buscam elaborar, implementar e avaliar uma Sequência Didática sobre fotografia aplicada à comunicação visual voltada para estudantes Surdos, visando emancipá-los nas práticas fotográficas voltadas à sua futura área de atuação profissional e indo ao encontro dos objetivos propostos no PPC do curso.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao iniciar esse estudo, que pretende produzir uma intervenção reflexiva sobre o ensino de fotografia para o estudante Surdo do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual, por meio da elaboração, implementação e avaliação de um Produto Educacional no formato de Sequência Didática, faz-se necessário elucidar algumas questões importantes que permeiam o percurso da pesquisa. Logo, é preciso dar conta de conceitos importantes, bem como identificar o estado da arte em que estudo se insere. Para tanto, abordaremos a educação nacional e o ensino médio integrado na EPT, seção 2.1; a fotografia na educação de Surdos, seção 2.3; Identidades, Cultura e Comunidade Surda, seção 2.4; e a importância da fotografia na comunicação visual, seção 2.5.

2.1 Educação nacional e ensino médio integrado em EPT

[...] precisamos ser mais criativos ao unir biblioteca e oficina para ajudar os alunos a construir uma vida melhor (ROSE, 2015, p. 75).

Alinhado às ideias da Declaração Mundial da Educação para Todos, o Brasil já registra, nas últimas décadas, avanços em números de vagas e abrangência de cobertura em termos de unidades escolares, bem como inúmeras discussões têm sido feitas em prol do seu desenvolvimento, contudo estamos longe de oferecer um ensino de qualidade.

Na perspectiva de Dourado (2009, p. 205), a qualidade da educação envolve dimensões extra e intraescolares e, nessa ótica, devem ser considerados os diferentes atores, dinâmica pedagógica, ou seja, os processos de ensino e aprendizagem, os currículos, as expectativas de aprendizagem, bem como os diferentes fatores extraescolares que interferem direta ou indiretamente nos processos educativos. Para isso, são necessárias políticas públicas bem definidas e alinhadas aos governos de modo a assegurar recursos para educação e toda a sua infraestrutura: a escola e suas condições, a comunidade que a cerca e suas características, a realidade dos professores, a gestão dos recursos e projetos pedagógicos, entre outros.

Contribuindo para essa linha de argumentação, Simões (2010) ressalta que a escolarização no Brasil nos dias de hoje - um ensino apartado do mundo do trabalho - nega aos jovens o acesso a ele. Em outras palavras, a escola pública brasileira, nos moldes em que se encontra atualmente, não garante aos jovens uma formação plena, apesar de este ser seu papel social. Nesse cenário, o jovem se vê diante de um dilema: frequentar a escola mesmo tendo consciência de que seu investimento em estudos acadêmicos não lhe garantirá uma posição no mundo do trabalho ao término de sua formação básica ou ingressar no mundo do trabalho sem concluí-la deixando, assim, de se apropriar de conhecimentos a que tem direito garantido por lei.

Agrega-se a esse cenário, entre outras questões, o fato de ser bastante expressivo o número de desempregados no Brasil atualmente. Dados estatísticos sinalizam que há 13,4 milhões de trabalhadores desempregados (IBGE, 2019)², aumentando dessa forma a chance de os jovens ingressarem em empregos informais, que impactam negativamente na economia do país como consequência.

A educação profissional ofertada pelos Institutos Federais (IF), segundo Simões (2010), passa a ser vista como uma possibilidade de enfrentamento dessa realidade, já que propõe a formação integral dos jovens, o que inclui a formação para o mundo do trabalho. Na perspectiva do autor,

a desigualdade econômica que caracteriza nosso país frustra a população, principalmente seus jovens, que precisam entender a crise e inventar possibilidades de sucesso profissional: as chances de trabalho são escassas, assim a educação profissional entra como uma estratégia de enfrentamento da realidade na qual vemos estatísticas indicativas de queda no número de postos no trabalho regidos pelas leis trabalhistas (SIMÕES, 2010, p. 105).

O autor ainda argumenta que o fazer e suas diferentes formas estreitam os laços do ensino com o mundo do trabalho, algo que vai ao encontro das expectativas dos alunos de classes sociais menos favorecidas, pois ficam divididos entre os estudos e a necessidade de trabalhar, algo, inclusive, que se torna um dos motivos da evasão escolar entre esses alunos:

os jovens pobres com dificuldades econômicas procuram sua inserção no mundo do trabalho, muitas vezes de forma instável, ainda durante a

² Esses dados estatísticos referem-se ao período que antecedeu a pandemia do COVID19, que assolou o mundo no fim de 2019 e se estendeu ao longo de 2020.

idade própria da educação básica. Nesse cenário, encontra-se o dilema entre a defesa do adiantamento da inserção ao trabalho dos jovens ou a garantia de um trabalho mais qualificado durante a sua formação escolar. (SIMÕES, 2010, p. 99).

Simões (2010) ainda defende uma formação profissional de nível médio a partir da concepção da educação técnica, política e cultural da força de trabalho na perspectiva do desenvolvimento pessoal e social vinculada ao mundo do trabalho:

[...] do ponto de vista da educação, a formação profissional pode ser tratada sob dupla perspectiva: formação profissional na concepção de educação continuada para a readaptação, reciclagem e aperfeiçoamento permanente “imediatamente” vinculada ao mundo do trabalho, e a formação profissional na concepção da educação técnica, política e cultural da força de trabalho na perspectiva do desenvolvimento pessoal e social “imediatamente” vinculada ao mundo do trabalho (SIMÕES, 2010, p.114).

A educação técnica tende a contribuir com a sociedade. Vieira Pinto (2005) lembra que o ser humano, além de *homo sapiens* é *homo faber*, que se constitui como ser humano e social com o desenvolvimento da técnica. Ramos (2014) agrega ao tema a importância dos valores culturais e a troca de experiências, algo que se evidencia no ensino técnico e tecnológico através de estudos sistematizados no ambiente de trabalho, em que se destacam o fazer e suas diferentes formas, muitas vezes evidenciando peculiaridades dos indivíduos amparados em sua cultura. E Sigaut (2009) trata da importância do fazer no processo de aprendizagem, algo que vai ao encontro da formação profissional no ensino técnico integrado. Segundo o autor, o saber fazer não se adquire a não ser por experiência profissional.

Conforme a LDBEN nº 11.741/2008, os cursos de Ensino Médio na forma integrada são cursos únicos (matrícula única), no qual os diversos componentes curriculares são abordados de forma que se explicitem os nexos existentes entre eles, conduzindo os estudantes à habilitação profissional técnica de nível médio ao mesmo tempo em que concluem a última etapa da Educação Básica.

A atualização das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Profissional Técnica de Nível Médio ultrapassa os limites do campo estritamente educacional. O documento considera o papel da EPT no desenvolvimento do

mundo do trabalho, na perspectiva da formação integral do cidadão trabalhador. Portanto,

[...] deverá conduzir à superação da clássica divisão historicamente consagrada pela divisão social do trabalho entre os trabalhadores comprometidos com a ação de executar e aqueles comprometidos com a ação de pensar e dirigir ou planejar e controlar a qualidade dos produtos e serviços oferecidos à sociedade (BRASIL, LDBEN, 2013).

Cabe destacar ainda a pretensão da educação profissional, prevista inclusive na LDBEN, que é a de romper com a dicotomia entre o ensino técnico e o ensino intelectual. Assim, o ensino profissional precisa dar conta de resolver esse problema, que, na realidade, se estende historicamente por gerações, muitas vezes alimentado pelo próprio trabalhador e por seus pares. O cenário se complexifica ainda mais quando se adentra a questões curriculares específicas com estudantes Surdos, seja no ensino regular ou na EPT, assunto que passamos a discutir na próxima seção.

2.2 Estudos sobre o uso da fotografia na educação de estudantes Surdos

A imagem vem sendo utilizada na escola com uma função primordialmente decorativa, de tal forma a diluir o tédio provocado pela grafia de textos visualmente desinteressantes (REILY, 2003, p. 164).

Pesquisas voltadas para a inclusão e o processo de ensino e aprendizagem do estudante Surdo estão em crescimento. Alguns pesquisadores de referência na área vêm abordando temas como a especificidade da Identidade e Cultura Surda, o Bilinguismo e o Ouvintismo, a importância de ensinar em Libras, entre outros assuntos que têm como foco o respeito às individualidades do estudante Surdo. Contudo, estudos sobre o ensino de fotografia, por meio da prática da fotografia, voltado para este estudante não foram identificados nas bases de dados consultadas. Diante de tal fato, torna-se relevante ampliar as discussões e os estudos que colocam a imagem como o foco do saber, e entender como o ensino da fotografia pode contribuir na formação e na emancipação profissional de estudantes Surdos.

Contudo, estudos que usam a fotografia como recurso pedagógico entre estudantes Surdos já começam a aparecer com mais frequência e podem trazer

insights para o presente estudo. Nesse sentido, o estudo de Reily (2003) constatou que o uso da imagem como recurso pedagógico tem tido efeito bastante positivo no ensino de crianças surdas. Assim, enfatiza que a imagem precisa se fazer presente no campo da surdez, instigar os educadores a fazerem uma reflexão sobre o papel da imagem no processo de escolarização de Surdos e propõe a inserção do letramento visual³ no currículo escolar.

Neri e Batista (2004), em estudo sobre imagens visuais como recursos pedagógicos na educação de adolescente surda, também destacaram a importância de imagens visuais como recurso pedagógico com esses adolescentes. As autoras comprovaram que o uso da fotografia com a participante surda em atendimentos pedagógicos numa clínica escola especializada foi positivo: a estudante participante desenvolveu uma prática discursiva com diálogos extensos, abordando elementos descritivos e estabelecendo relações e inferências entre os assuntos propostos por ela mesma. No estudo, as autoras ainda destacam que, devido ao uso intensivo de imagens, a participante apresentou um nível de atenção e de participação maior do que o habitual, tanto em relação aos temas propostos quanto à capacidade de compreensão de textos em níveis de complexidade diferentes.

Cabe ainda destacar que a participante do estudo de Neri e Batista (2004) tinha grande dificuldade de manter um diálogo ou qualquer experiência discursiva, no entanto mostrou mudanças significativas a partir do uso de imagens nos atendimentos pedagógicos. As autoras ainda ressaltam que, com o uso das representações visuais, as interações da participante com a educadora foram se tornando cada vez mais longas e ricas, e concluíram que as representações visuais favorecem uma conversação com maior nível de concentração e tempo de manutenção do diálogo. As autoras concluíram que a fotografia pode ser pensada e usada como recurso facilitador de aprendizagem do Surdo, assim como outros

³ Letramento visual é compreendido por Oliveira (2006) como a área de estudo que lida com o que pode ser visto e como se pode interpretar o que é visto. Segundo a autora, o letramento visual é abordado a partir de várias disciplinas que buscam estudar os processos físicos envolvidos na percepção visual; usar a tecnologia para representar a imagem visual; desenvolver estratégias para interpretar e entender o que é visto. Nesse sentido, letramento visual para os Surdos precisa ser compreendido, também, a partir de práticas sociais e culturais de leitura e compreensão de imagens. Por exemplo, não basta ser Surdo para “ler” uma imagem, assim como não basta ser ouvinte para apreciar um sarau de poesias (LEBEDEFF, 2010, p.177).

recursos devem ser explorados, descobertos e até mesmo criados com o objetivo de possibilitar uma metodologia e um currículo escolar que seja adequado às diferenças de aprendizagem do estudante Surdo, abrindo a possibilidade de inclusão desse estudante na escola regular.

Outro estudo que relaciona o uso da fotografia voltado para o resgate da Identidade e da Cultura Surda foi produzido por Rangel (2004). Intitulado “A História do Povo Surdo de Porto Alegre: Imagens e Sinais de um Trajetória Cultural”, o estudo não trata propriamente do uso da fotografia de forma pedagógica, mas a utiliza como resgate das histórias do Povo Surdo, por meio da narrativa fotográfica colhida via leitura de imagem por parte dos indivíduos Surdos pertencentes à Cultura Surda Porto Alegrense. O estudo ressaltou que o “trabalho contribuiu para um resgate histórico do Patrimônio Cultural por meio de imagens fotográficas, que são documentos, que são registros visuais, compatíveis com a percepção visual mais aguçada das pessoas surdas”. (RANGEL, 2004, p.150). O estudo concluiu que a simples visualização das imagens, bem como as histórias extraídas dessas imagens, proporcionou boas narrativas e um estímulo significativo para que os Surdos se expressassem sobre as imagens, corroborando estudos anteriores sobre o mesmo tema e questão de pesquisa.

Outro estudo que relaciona a fotografia e a surdez, é o de França e Braun (2016), cujo título “Fotografia, um diálogo para o ensino-aprendizagem do aluno Surdo”, nos leva a uma reflexão sobre o papel da fotografia como um meio de suprir a necessidade de melhorar o diálogo de estudantes Surdos com o processo de aprendizagem de forma mais concreta, clara e dinâmica. As autoras se propõem, através de questionários e observação, utilizar a linguagem visual com estudantes Surdos da escola bilíngue da associação de pais e amigos do deficiente auditivo (APADA) e mostrar a eficiência da fotografia como recurso educativo no plantio de hortaliças.

Em seu estudo, França e Braun (2016) salientam a importância da frequência do uso de fotografias no processo de ensino da APADA. Por serem muito utilizadas, as fotografias agregam um código visual à informação, tendo em vista que estreitam a relação entre um momento histórico e a prática do ensino. Outro achado do estudo aponta que as imagens que narram o plantio das hortaliças têm contribuído de forma significativa para a assimilação desse conteúdo específico e suas práticas, sugerindo que as imagens libertam todos da

pedagogia do verbalismo, já que mostram o lado prático da prática de plantio de hortaliças. As autoras alertam que a fotografia está tão enraizada na vida cotidiana, que sequer se nota sua presença, mas ela “está associada a toda atividade humana social, econômica e cultural. Toda história humana é representada por gravuras e posteriormente pelas fotografias” (FRANÇA; BRAUN, 2016, p.17).

Cabe destacar do estudo de França e Braun (2016) que, graças a fotografia, os estudantes Surdos puderam identificar, lembrar e executar na prática cada processo mostrado inicialmente através da experiência visual, comprovando efetivamente o papel educacional da imagem. As autoras concluem o estudo afirmando que a fotografia de fato possui papel importante para o processo de ensino e aprendizagem, pois é “chave para o repasse de informações de uma forma lúdica, facilitando a compreensão, se convertendo em voz som” (FRANÇA; BRAUN, 2016, p.16).

Sobre a mesma temática, Correia e Neves (2018) realizaram o estudo intitulado “A Escuta Visual: educação de Surdos e a utilização de recurso visual imagético na prática pedagógica”. No estudo, as autoras buscaram compreender a importância e o lugar que o recurso visual imagético ocupa na práxis pedagógica, numa perspectiva de educação bilíngue de um docente ouvinte. Para as autoras,

A utilização por educadores do recurso didático visual imagético tornou-se um instrumento comum para o ensino, mas traz diferentes graus de complexidade garantindo a aprendizagem do aluno. Os Surdos conhecem o mundo pela visão e isso significa desenvolver um código visual, ou seja, associar significado e significante a partir das informações visuais que extraem do meio. (CORREIA; NEVES, 2018, p. 10).

As pesquisadoras realizaram filmagens de aulas de três professores do ensino fundamental I, de uma escola em Salvador. As filmagens, como principal material de análise para levantamento de dados da pesquisa, tiveram como foco sessões reflexivas sobre as aulas das docentes. Além das filmagens, as pesquisadoras aplicaram uma entrevista e um questionário com o objetivo de caracterizar esses profissionais, de colher informações sobre a produção e o uso do recurso didático adequado. A análise dos dados constatou que ao discutirem as gravações das aulas com as professoras, levando em conta as incorporações de estratégias visuais feitas pelos docentes, estas foram tímidas na

sistematização de seu uso para fins pedagógicos no currículo. As professoras participantes do estudo reconheceram e compreenderam que precisam mudar as estratégias e metodologias para melhorar suas práticas pedagógicas, no intuito de ampliar as possibilidades de aprender do estudante Surdo, tendo em vista que são essencialmente visuais e, assim, possam construir novos conhecimentos e favorecer a aprendizagem.

Em seu estudo, Correia e Neves (2018, p. 16) concluíram que:

o uso do recurso didático imagético adequado com ênfase na experiência visual, facilitou toda a dinâmica das aulas, tornando muito mais fácil a explicação do conteúdo, estimulando a constituição do conhecimento de forma mais lúdica, atendendo a especificidade do sujeito Surdo que utiliza o canal visual para interagir com o mundo. Sendo assim, o acesso aos recursos tecnológicos precisa ser disponibilizado a contento.

Por fim, as autoras destacaram a importância da utilização da imagem visual aliada ao bilinguismo para a educação do Surdo, pois tais recursos possibilitam ricas interações acrescidas de um “desenvolvimento mais sadio e harmonioso, oferecendo uma forma visual de acessibilidade ao conhecimento.” (CORREIA; NEVES, 2018, p.17). Na próxima seção, adentramos um pouco mais na temática da Comunidade Surda.

2.3 Identidade, cultura e comunidade surda

A minha identidade, em poucas palavras, pode ser dita assim: mulher, surda não nativa, teóloga, militante da causa surda, residente em país latino-americano
(PERLIN, 2010, p. 54).

A reflexão de Perlin (2010) sobre sua própria identidade nos dá um panorama da sua luta para consolidar sua Cultura Surda e firmar sua identidade em um país como o nosso, tão plural e ao mesmo tempo tão pouco sensível às minorias e às diferenças. A autora destaca que é importante que se discuta a surdez não como uma deficiência, propondo sua correção e oralização, mas sob a ótica da diferença, sob o ponto de vista de dentro, “usando óculos Surdos”, que permitem de fato uma visão da realidade surda. Para isso, nesta seção, vamos abordar alguns conceitos relativos à cultura e identidade de forma geral e especificamente sobre a Cultura e Identidade Surda.

Sobre cultura, Hall (2006) pondera que pode ser entendida

[...] ao mesmo tempo como os sentidos e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas, pelas quais eles lidam com suas condições de existência e respondem a esta. (HALL, 2006, p. 133).

Já sobre identidade, Hall (1997 *apud* Perlin, 2010, p.52) afirma que “é algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições”. Ainda sobre identidade, Hall (2006) afirma que esta surge do sentimento de pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. No entanto, o autor pondera que os sujeitos pós-modernos não têm uma identidade fixa essencial ou permanente; identidade é uma “celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 2006, p.13).

Em relação às características da identidade pós-moderna, Hall (1997, p.21 *apud* PERLIN, 2010, p. 53) elenca alguns importantes elementos que, para Perlin (2010), podem dar conta de formulações de Estudos Culturais, bem como das Identidades Surdas. São eles:

- as identidades são contraditórias, se cruzam, se deslocam continuamente;
- as contradições cruzam grupos políticos ou mesmo estão na cabeça de cada indivíduo;
- nenhuma identidade social pode alinhar todas as diferentes identidades com uma identidade mestra;
- a erosão da identidade mestra faz emergir novas identidades sociais pertencentes a uma base política definida pelos novos movimentos;
- a identidade muda de acordo como o sujeito é interpelado;
- a identidade cultural é formada através do pertencimento a uma cultura.

Alinhado às reflexões de Hall (2006), Skliar (1999) destaca que a Identidade dos Surdos também não significa algo imutável, mas em constante transformação:

O ser “Surdo” não supõe a existência de uma identidade surda única e essencial a ser revelada a partir de alguns traços comuns e universais. As representações sobre as identidades mudam com o passar do tempo, nos diferentes grupos culturais, no espaço geográfico, nos momentos históricos, nos sujeitos. Neste sentido é necessário ver a comunidade

surda de uma forma ostensivamente plural. O sujeito contemporâneo não possui uma identidade fixa, estática, centrada, essencial ou permanente. A identidade é móvel, descentrada, dinâmica, formada e transformada continuamente em relação às formas através das quais é representada nos diferentes sistemas culturais. (SKLIAR, 1999, p. 131).

Tais afirmações nos fazem perceber que ao abordarmos o conceito de identidade no contexto educacional com sujeitos Surdos (ou ouvintes), não podemos nos ater a conceituações estáticas, mas em características em constantes mudanças, que mostram um ser em movimento, em busca de evolução e de consolidação de espaços. Precisamos ficar atentos à essência que reside nesse conjunto conceitual: cultura como sentidos e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas, pelas quais e para as quais os sujeitos vivem, experimentam e respondem; e identidade como algo em constante movimento, embora possa assemelhar sujeitos, cada um tem suas especificidades e estas não podem ser relativizadas.

Outro conceito importante é a questão do pertencimento como inerente às identidades. É preciso, antes de qualquer coisa, que determinado indivíduo se sinta parte de um grupo, para que possa se afirmar como parte integrante dessa identidade cultural. Em busca dessa afirmação na cultura e na identidade com seus pares, os seres humanos se constroem por meio de suas relações sociais e culturais.

Nesse sentido, Morin (2000, p. 52) ressalta que “o homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura”. Por isso, é imprescindível compreender a cultura como um meio que consolida e intervém no desenvolvimento tornando-se fundamental para promover o respeito à diversidade cultural existente na sociedade.

Cabe destacar, conforme reflete Perlin (2010), que nos casos da constituição da Identidade Surda, é preciso ir contra a lógica de que as culturas onde nascemos e passamos a viver parte de nossas vidas são a nossa fonte de identidade cultural, pois o Surdo em meio a cultura ouvinte, não consegue manter sua identidade, mas na maioria das vezes tem isso reprimido, se rebelando, e busca sua afirmação frente sua identidade original. No entanto, a autora afirma que a identidade original é suprimida pela rigidez cultural dominante,

estabelecendo uma identidade de subordinação, assim como com outros grupos étnicos minoritários.

Nessa linha de pensamento, Silva (1998, p.58 *apud* PERLIN, 2010, p.53) ressalta um aspecto interessante e crucial na consolidação das identidades e formação de grupos sociais:

A identidade cultural ou social é o conjunto dessas características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos: aquilo que eles são, entretanto, é inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes de outros grupos. (SILVA, 1998, p.58 *apud* PERLIN, 2010, p.53).

Para Perlin (2010, p 54), “a identidade surda sempre está em proximidade, em situação de necessidade com o outro igual”. Para a autora é importante perceber que o sujeito Surdo, não sua identidade multifacetada, sempre está em estado de necessária reflexão diante de sua identidade surda.

Os Surdos possuem uma identidade que se consolida, que se reconhece nos seus pares, e é fundamental para eles esse contato entre si. Numa passagem narrada por Perlin (2010), a autora traz um depoimento que fala da alegria de um Surdo encontrar-se com outro Surdo, de poder se comunicar em sua própria língua, de se entenderem de fato, não só em relação à comunicação em si, mas principalmente pelo fato de se identificarem culturalmente, sem barreiras, sem o crivo da cultura dominante.

A autora ressalta que, para identificar a marca Surdo, é preciso aproximar o leitor do que é fácil entender por sujeito Surdo: “é uma marca que identifica a nós, os Surdos, em crescente posição em termos próprios no interesse de gerar poder para si e para os outros.” (PERLIN, 2010, p.54). Ser Surdo é ter proximidade com a experiência visual e viver longe da experiência auditiva. Tal diferença, na perspectiva de Perlin (2010), separa a identidade surda da identidade ouvinte.

A cultura surda como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais conseguidos, jamais aproximados da cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual. Ser Surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva. Sugiro a afirmação positiva de que a cultura surda não se misture à ouvinte. Isso rompe o velho status social representado para o Surdo: o Surdo tem de ser um ouvinte, afirmação que é crescente, porém oculta socialmente. Rompe igualmente a afirmação de que o Surdo seja usuário da cultura ouvinte (PERLIN, 2010, p. 56).

Para Strobel (2015), torna-se essencial para entender a cultura Surda destacar que ela é como algo que penetra na pele do povo Surdo que participa das comunidades Surdas, que compartilha algo que tem em comum, seu conjunto de normas, valores e comportamentos. Na reflexão de Strobel, temos uma certa distinção entre povo Surdo, comunidades Surdas e cultura Surda. Diante disso, faz-se necessário esclarecer tais diferenciações, pois só assim entenderemos melhor esses universos que permeiam os avanços em prol das conquistas Surdas.

Povo Surdo, para Strobel (2015), refere-se aos sujeitos Surdos que não residem num mesmo local, num mesmo país, mas que estão conectados por uma origem, por um código ético, de formação visual, que independe do grau evolução linguística, língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços como costumes, histórias, tradições e interesses semelhantes.

Para explicar o termo Comunidade Surda, recorreremos aos autores Surdos estadunidenses Padden e Humphries (2000 *apud* STROBEL, 2015, p. 37):

uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns de seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas surdas para os alcançar.

Strobel (2015) destaca que, a partir da explicação dos autores estadunidenses, numa comunidade Surda pode haver sujeitos Surdos e ouvintes, que podem ser membros da família, professores, intérpretes e amigos que compactuam dos mesmos interesses, numa dada localização.

No entanto, Padden e Humphries (2000, p. 37) diferenciam comunidade de cultura, pois os membros da “Cultura Surda comportam-se como sujeitos Surdos e compartilham das crenças de sujeitos Surdos entre si, sendo estes membros pertencentes ao povo Surdo”. Para Padden e Humphries (2000, p. 5 *apud* STROBEL, 2015, p. 37):

[...] uma cultura é um conjunto de comportamentos apreendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições: uma comunidade é um sistema social geral, no qual um grupo de pessoas vivem juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras.

Reconhecer a cultura Surda é romper com o pensamento ouvinte que relaciona surdez à deficiência, e não enxerga o cidadão Surdo como integrante de outra cultura, cuja comunicação se dá através de uma língua própria e uma cultura diferente dos ouvintes, e que precisa ganhar força e ser respeitada em toda sua especificidade em meio a tantas pluralidades culturais encontradas em nosso país, e que deve se estender inclusive ao ensino de todo estudante Surdo.

Somente com esse entendimento é que poderemos conviver em harmonia com as diferentes culturas e comunidades, rompendo os preconceitos e respeitando as diferenças, tal qual já avançamos frente às pluralidades culturais advindas de comunidades de outras nacionalidades que habitam nosso país de norte a sul, como por exemplo as comunidades alemãs, italianas e portuguesas.

Quando se fala de respeito à Cultura Surda, um aspecto imprescindível é o respeito à sua própria língua. Tal ponto se torna ainda mais relevante quando se agrega a essa questão as especificidades de aprender de estudantes Surdos que se inserem no contexto educacional, seja da escola regular ou da EPT.

Sobre essa discussão, Quadros (2015) ressalta que os Surdos querem aprender na sua língua, ou seja, a Libras deve ser privilegiada como idioma de instrução. Tal postura vai além da questão linguística, é um posicionamento político: os estudantes Surdos querem se firmar como um grupo social com base em suas relações de diferença, e isso implica mudanças. Tais mudanças, para a autora, implicam:

mudanças na arquitetura, nos espaços, nas formas de interação, nas formações de professores bilíngues, de professores Surdos e de intérpretes de língua de sinais. A questão implica reconhecimento do status da língua nos níveis linguístico, cultural, social e político” (QUADROS, 2015, p.195).

A autora ainda enfatiza que a educação de Surdos numa perspectiva bilíngue deve ter um currículo pensado com conteúdo e dinâmicas organizadas numa perspectiva visoespacial para garantir o acesso a tudo na sua própria língua: a Libras, reconhecida oficialmente como a língua da comunidade surda por meio da Lei de nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentada pelo Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, tornando-se o meio legal de comunicação e expressão da Comunidade Surda brasileira.

De acordo com Sacks (1998), a linguagem nos possibilita o ingresso pleno no estado e cultura humanos. Por meio da língua, nos comunicamos livremente, adquirimos e compartilhamos informações. Caso não possamos desenvolver esse processo linguístico, ficaremos incapacitados e isolados, sejam quais forem nossos desejos, esforços e capacidades inatas. Para o autor, uma das formas para o Surdo aprender é se apropriar da Língua de Sinais e que quanto mais cedo a criança for colocada em contato com ela, melhor para o seu desenvolvimento cognitivo e linguístico. Entretanto, essa não é a realidade nas famílias dos Surdos, pois a maioria nasce em lares onde a Libras não está presente, em lares ouvintes.

Para Skliar (1999), a educação bilíngue para Surdos deve se desvencilhar de espaços escolares, das descrições formais e metodológicas, para encontrar-se em mecanismos e relação de poder e conhecimento, que estão fora da proposta pedagógica. Segundo o autor, não se pode ignorar as obrigações do Estado para com a educação dos Surdos, nem a falta de reflexão sobre a Cultura Surda, e as políticas de significação dos ouvintes sobre os Surdos; ao contrário, “a educação bilíngue para Surdos, como qualquer projeto, proposta educacional, não pode ser neutra nem opaca. Porém falta consistência política para entender a educação dos Surdos como uma prática de direitos humanos concernentes aos Surdos e ouvintes.” (SKLIAR, 1999, p.9).

Contribuindo para essa discussão, Quadros (2015) coloca que há um movimento entre os pesquisadores, em especial aqueles que são Surdos, que define a surdez numa outra dimensão. Os Surdos se identificam através de uma Cultura e Identidade Surda, uma cultura multifacetada, mas com características específicas, e que se traduz de forma visual: “Contrário ao modo com muitos definem surdez – isto é como um impedimento auditivo, pessoas surdas definem-se em termos culturais e linguísticos.” (WRIGLEY, 1996, p.13 *apud* QUADROS, 2015, p.196)

Conforme se percebe nas reflexões aqui colocadas, é preciso ver o Surdo como um indivíduo pertencente a outra cultura, que se comunica em outra língua, evitando estereotipá-lo como uma pessoa com deficiência, pois somente dessa forma pode-se avançar na luta pela igualdade de direitos e, conseqüentemente, por um ensino que, de fato, alcance a todos. Na próxima seção adentramos mais um pouco nessa temática, trazendo algumas especificidades da fotografia e seu ensino para estudantes Surdos.

2.4 A importância da fotografia na comunicação visual

Fotografar é – simultaneamente e numa mesma fração de segundo – reconhecer o fato em si e organizar rigorosamente as formas visuais percebidas para expressar o seu significado. É pôr numa mesma linha cabeça, olho e coração.
(BRESSION 1976, p.78 *apud* GURAN, 2002, p. 19).

Conhecendo as especificidades do processo de aprender do estudante Surdo e a proposta de educação bilíngue do Câmpus Palhoça Bilíngue/IFSC, o presente estudo propõe elaborar como Produto Educacional no formato de Sequência Didática voltada para o ensino da fotografia de produto aplicada à comunicação visual para esse perfil de estudante, que “[coloca] na mesma linha cabeça, olho e coração” de forma natural para aprender e interagir com o mundo ao seu redor, como marca a epígrafe desta seção. Essa proposta de ensino visa, entre tantas outras questões aqui abordadas, aproximar as práticas pedagógicas do ensino da fotografia com o fazer da profissão de comunicador visual, estreitando fronteiras entre o mundo da escola com o mundo do trabalho.

A fotografia tem um viés visual, e requer um olhar atento, muita sensibilidade, sem deixar de lado a emoção, conforme sugere a epígrafe desta seção, características importantes, que vão ao encontro das reflexões sobre o estudante Surdo. Cabe destacar que essa visualidade da imagem pode ser uma característica importante no sentido de aproximar esse estudante do conhecimento de técnicas de fotografia, se apresentadas a partir da Libras, de recursos visuais, vídeos, e do próprio poder ilustrativo da imagem. Acreditamos que esse conjunto de elementos podem levar a um ensino de qualidade e proporcionar mais equidade no processo de aprendizagem.

As fotografias possuem diferentes funções sociais, por isso, é preciso conhecer essa forma de comunicação para que se obtenha resultados positivos com seu uso, tanto no nível pessoal quanto no profissional. Langford, Fox, Smith (2009) explica que as fotografias são tiradas por várias razões, às vezes, como lembrança de um momento ou tempo, outras para mostrar condições difíceis de vida, gerando reflexão social e, em outras, para entender a melhor abordagem em relação ao objeto, criando a reação certa no seu público alvo, como nas fotografias comerciais, ou seja, aquelas que anunciam e vendem.

Nesse sentido, Guram (2002, p.15) afirma que:

[...] a fotografia é uma extensão da nossa capacidade de olhar e constitui uma técnica de representação da realidade, que por seu rigor e particularismo, se expressa mediante uma linguagem própria e inconfundível. Sendo a participação do autor, fotógrafo, balizada por uma técnica completamente vinculada às especialidades de uma determinada realidade, a foto resultante pode traduzir com bastante rigor a evidência dessa realidade.

As colocações de Guram (2002) reforçam o caráter subjetivo da fotografia tendo em vista que o fotógrafo, a partir da sua perspectiva, representa a realidade. O autor ainda aborda as diferentes formas de compor uma imagem, mas salienta que há critérios para que, de fato, o objeto retratado, suas características e especificidades em relação ao local onde está inserido, represente com rigor evidências da realidade.

Alinham-se a Guram (2002), Lima (1988) e Souza (2004) em relação aos critérios para avaliar uma fotografia. O quadro 1, adaptado de Juchem (2018), elenca critérios sugeridos pelos autores para avaliar uma fotografia em relação à composição e linguagem fotográfica, que serão usados nas avaliações das produções fotográficas dos estudantes Surdos participantes do estudo.

Quadro 1: Critérios para análise da linguagem fotográfica de uma fotografia.

Autor e abordagem	Raciocínios apresentados
Lima (1988) [recepção]	Estrutura geométrica: composição, simetria, equilíbrio, centralização, hierarquia dos elementos, contraste, linhas, pontos e planos Estrutura perceptual: conteúdo lido particularmente pelo receptor
Guran (2002) [criação]	Elementos técnicos de linguagem fotográfica: luz, pb/cor, objetiva (foco, diafragma, velocidade), composição, enquadramento, filme (sensibilidade, acutância, contraste e granulação) Elemento não-técnico: momento
Souza (2004) [criação]	Elementos específicos: texto; enquadramento, planos e composição; o foco; relações figura-fundo; equilíbrio e desequilíbrio; elementos morfológicos; profundidade de campo; movimento; iluminação; lei do agrupamento; semelhança e contraste de conteúdos; relação espaço-tempo; processos de conotação fotográfica barthesianos; distância; e por fim sinalização
Präkel (2012) [criação]	Vocabulário: enquadramento, perspectiva, movimento, foco, profundidade de campo, cor/pb Gramática: uso do vocabulário através da composição Semântica: significado

Fonte: Adaptado de Juchem (2018, p.75)

Contribuindo com o tema, Platão (1999, apud Bertomeu 2010) identificou os princípios básicos, e válidos até hoje, do comportamento estético ante às artes visuais, que atualmente inclui a fotografia e o cinema. Segundo o autor, existem dois tipos de imagem, uma objetiva, detectada por nossos sentidos da consciência, e outra subjetiva, advinda de uma ideia, de um pensamento.

Nessa linha de pensamento, Bertomeu (2010, p.28) coloca: “A imagem bem ou mal utilizada, seja artística, estática ou em movimento, é uma arma capaz de alterar hábitos, costumes, opiniões e modos de vida de muitos simultaneamente, sem dúvida, uma poderosa arma política e ideológica”.

A partir da colocação de Bertomeu, cabe ressaltar o importante papel social da fotografia na história mais recente da humanidade. Para isso, utilizamos três imagens célebres, duas das quais (figura 1 e figura 3) receberam a maior honraria do fotojornalismo, o prêmio Pulitzer, destinado a trabalhos de excelência na área do jornalismo, literatura e música, promovido pela Universidade de Colúmbia em Nova York.

Como geradora de reflexões sociais, trazemos a imagem de crianças correndo após a explosão da bomba química (napalm), no Vietnã (figura 1). Essa imagem contribuiu para mudança de opinião pública em relação às atrocidades da guerra.

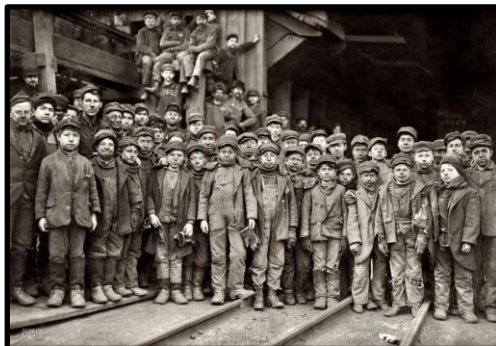
Figura 1: Foto de Nick Ut, Vietnã, 1972



Fonte: O globo. Globo.com.

Outro exemplo de imagem que gerou reflexão social é a imagem de menores trabalhadores em minas de carvão nos Estados Unidos da América, com jornadas de 12 horas, registradas por Lewis Hine (figura.2). Essa imagem ajudou a delinear uma lei trabalhista voltada a resguardar o trabalhador e proteger as crianças do trabalho infantil e da exploração industrial.

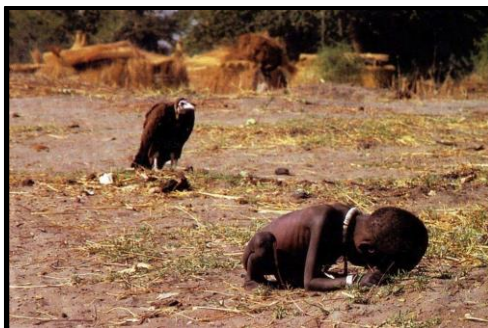
Figura 2: Foto de Lewis Hine, EUA, 1911.



Fonte: horadopovo.org.br

Por fim, mas não menos importante, trazemos a célebre imagem de Kevin Carter produzida no Sudão, retratando o urubu à espreita da morte da criança para dela se alimentar (figura.3). Esse é mais um exemplo que voltou os olhos do mundo para o continente africano e desencadeou uma série de ações e ajuda humanitária em prol daquele continente.

Figura 3: Foto de Kevin Carter, Sudão, 1994.



Fonte: observatório3setor.org.br

Diante das reflexões promovidas por essas imagens, nos cabe destacar a importância da fotografia ao longo da história e seu papel como arma política, ideológica e geradora de reflexões sociais, conforme salienta Bertomeu (2010). Tais aspectos, por si só, já são motivos plausíveis e relevantes para se compreender a importância da fotografia na formação humana, moral, ética e social das pessoas. Agrega-se a isso o fato de a fotografia ser recorrentemente utilizada como recurso pedagógico no processo de aprendizagem de estudantes Surdos.

No entanto, este estudo pretende avançar no tema, promovendo mudança no foco do uso da fotografia: de recurso pedagógico para meio e fim de ensino e aprendizagem de fotografia de produto para comunicação visual, em contexto bilíngue com estudantes Surdos, reconhecendo a aptidão visual desses estudantes, potencializando sua experiência com a imagem, por meio da implementação de um Produto Educacional - Sequência Didática de técnicas de fotografia de produto aplicada à comunicação visual - no formato de oficinas, a partir da abordagem de ensino do saber pelo fazer, criando, assim, condições para que esses estudantes se qualifiquem com autonomia e criatividade para o mundo do trabalho.

A partir do conhecimento, competências e habilidades descritos no PPC do curso, dos conteúdos da ementa do CCF e a predisposição que os estudantes Surdos têm de aprender por meio de imagens, decidiu-se que as oficinas abordariam conceitos básicos de fotografia de estúdio. Dentro dessa especificidade, optou-se pela fotografia de *Still Life*, um segmento muito utilizado em publicidade, Design e, conseqüentemente, na comunicação visual, apesar de seu nível de complexidade, mas que tem potencial para emancipar o estudante no mundo do trabalho da fotografia de produto.

Conforme explica uma das referências da fotografia brasileira desse segmento, Genérico (2012), a palavra *still* vem do inglês e quer dizer parado, calmo, sem movimento, uma redução de *still life*, vida sem movimento. Em português, o equivalente idiomático é natureza morta, mas na área da fotografia, como o termo não foi incorporado comercialmente, foi mantida a expressão em inglês. Em outras palavras, fotografia *still* é a fotografia de produto, segmento que vem crescendo mundialmente devido à necessidade de as empresas divulgarem o que produzem em suas redes sociais, bem como nos comércios eletrônicos.

Além disso outro segmento importante da fotografia de produto é a fotografia de comida que, quando bem elaborada, desperta o desejo do consumidor frente àquele alimento, comunicando e despertando diferentes sensações. Para Flusser (1985), esse tipo de fotografia permite inventar cenários, eventos e circunstâncias com muito mais precisão e abrangência do que a memória e do que os apontamentos escritos. Barthes (1984) vai ao encontro dessas reflexões e define que a qualidade dessas imagens está na sua capacidade de contar fatos, dizer coisas e tecer comentários, produzindo afeição,

pontuando estados de inserção e rejeição dos indivíduos aos modos de ser e de viver.

Weston (1966, p.154 *apud* Guran, 2002, p.16) faz outra reflexão indo ao encontro dessas e do papel da fotografia voltada para o comercial, para a publicidade, a moda, a comunicação visual:

O poder da fotografia reside na sua capacidade de recriar o seu objeto nos termos da realidade básica dele, e de apresentar esta recriação de tal forma que o espectador sinta que está diante não apenas do símbolo daquele objetivo, mas da própria essência da natureza dele revelada pela primeira vez.

A sequência de reflexões aqui feitas nos faz entender o porquê da necessidade de produzir imagens bem iluminadas, bem ambientadas, com suas características de volume, textura, tridimensionalidade, criando cenários possíveis e buscando, através do produto e da sua cenografia, gerar sentido, despertar o interesse do consumidor, pois este é um dos papéis da fotografia com o viés comercial: despertar o desejo, a necessidade no consumidor de adquirir determinado produto ou serviço.

Ao pensarmos nas fotografias aplicadas à comunicação visual, ao Design, à publicidade, percebemos uma série de atributos, que quando bem administrados e evidenciados, podem contribuir com o resultado esperado de determinada imagem como meio de comunicação. Podemos começar pelo aspecto que está relacionado à nossa percepção de nitidez das imagens, característica fundamental para enfatizar determinados assuntos ou objetos. Esse recurso na fotografia é chamado de profundidade de campo e dá conta de evidenciar detalhes do objeto e do cenário, que é controlado através da abertura do diafragma da objetiva (lente da câmera). Como nos informam Langford, Fox e Smith (2009):

a abertura da objetiva é o principal controle para escurecer ou iluminar imagens, mas ela tem um efeito ainda mais importante na nitidez total quando você fotografa qualquer coisa em que os elementos estão em várias distâncias da lente, isto é, a maioria das fotografias. [...] Essa zona de variação para alcançar a nitidez do foco mais próximo ou mais distante do objeto que você realmente focalizou é conhecida como profundidade de campo. (LANGFORD, FOX, SMITH, 2009, p.63).

Como vimos, cada calibragem de câmera por mais simples que possa parecer tem uma função que impacta diretamente sobre a percepção e sentido

atribuído à imagem e ao seu entendimento, enfatizando toda produção ou apenas algum detalhe dela.

Outro aspecto importante de uma fotografia a se considerar, segundo Genérico (2012), é a qualidade da iluminação, que precisa ser pensada para gerar um efeito adequado à imagem. A luz, segundo ele, pode ser dura ou suave e, dependendo dessa característica, proporciona diferentes efeitos na imagem, como sombra, volume e textura.

Ainda em relação à iluminação, Hurter (2010) enfatiza a posição da luz, que deve ser pensada em relação ao eixo câmera/assunto, pois uma luz mais frontal vai produzir suavidade na composição, enquanto uma luz mais lateral pode contribuir ressaltando características como textura, contraste e volume do objeto.

Textura e volume são parte integrante das características dos objetos e dos elementos da natureza e precisam estar presentes nas imagens, sejam digitais ou impressas, aguçando a sensação tátil que determinados objetos possuem, contribuindo para que a fotografia consiga de fato transmitir essas sensações que estão além do aspecto visual.

São muitas as técnicas que podem ser aplicadas na busca por soluções visuais. Entre elas temos: contraste e harmonia, simetria e assimetria, profundidade e planura, complexidade e simplicidade, entre outras. Dondis (2003, p.24) afirma que “as técnicas são os agentes no processo de comunicação visual. É através de sua energia que o caráter de uma solução visual adquire forma”.

A fotografia como uma forma de comunicação visual utiliza os mais variados elementos da sintaxe visual para gerar sentido e informação ao leitor/apreciador da imagem. Para Dondis (2003, p.30), a sintaxe visual constitui-se de elementos básicos que compõem a comunicação visual: “linha, cor, forma, direção, textura, escala, dimensão e movimento”. Tais elementos são recorrentemente empregados na fotografia e fazem parte dos critérios pelos quais as fotografias podem ser analisadas.

Corroborando as reflexões a respeito dos elementos constitutivos de uma boa fotografia, Folts, Lovell e Zawahlen Jr (2011) salientam que o contraste da cena tem seu valor e sua finalidade e está relacionado à diferença entre tons claros e tons escuros de um objeto que precisa ser pensado e evidenciado de modo a contribuir com o resultado da imagem. Os referidos autores citam um exemplo: “Um ovo branco, fotografado contra um mesmo fundo branco terá menos

contraste do objeto do que um pedaço de carvão fotografado sobre o mesmo fundo branco”. (FOLTS; LOVELL; ZWAHLEN JR, 2011, p.163)

Guran (2002, p.25) reforça a importância de o fotógrafo estar atento aos diversos aspectos de uma fotografia. O autor destaca que na composição fotográfica “enquadrar uma cena é organizar no visor da câmera todos os elementos geométricos que formam sua realidade plástica, dispondo-os de tal maneira que evidenciam o aspecto da cena que representa a informação principal, com clareza e objetividade”.

Outro ponto importante que agrega valor a uma fotografia é ir além de seu aspecto bidimensional (altura e largura), é enfatizar, através da distribuição dos elementos, os seus diferentes planos. Tarnoczy (2008) explica que a perspectiva é fundamental para esse efeito de tridimensionalidade, e é produzida com a junção de dois conceitos de primeiro plano e diagonal.

É necessário simular a espacialidade que nos cerca. O artifício é colocar os motivos fotográficos em vários planos, pois sabemos que os motivos semelhantes, quando dispostos em sequência, o mais distante parecerá menor. (TARNOCZY, 2008, p.111).

Com esse cenário em mente, e diante dos atributos que uma boa fotografia requer, para este estudo, esquematizou-se uma Sequência Didática voltada para três categorias de produto, organizadas de acordo com o seu nível de complexidade para compor, iluminar e fotografar, iniciando com produtos mais simples e concluindo com produtos mais complexos, como comida e a técnica de *splash*.

Tendo apresentado a literatura que embasou teoricamente este estudo e viabilizou a operacionalização do Produto Educacional, no próximo capítulo, apresentamos a metodologia da pesquisa.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo apresenta o percurso metodológico da pesquisa e está organizado em 3 seções. A primeira traz um panorama geral da pesquisa, a segunda descreve o contexto do estudo, e a terceira apresenta o Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem, foco deste estudo e para o qual pretende-se contribuir com a elaboração de um Produto Educacional, uma Sequência Didática sobre o ensino de técnicas de fotografia de produto aplicada à comunicação visual, embasada na didática profissional preconizada por Barato (2003) e nos estudos sobre a surdez e técnicas de fotografia de produto.

3.1 Apresentação geral do estudo

O presente estudo é uma pesquisa de natureza aplicada. Conforme Prodanov e Freitas (2013, p.51), uma pesquisa aplicada “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidas à solução de problemas específicos, envolvendo verdades e interesses locais”. Mais especificamente, esta pesquisa foi desenvolvida num contexto delimitado: Instituto Federal de Santa Catarina, numa comunidade local: Câmpus Palhoça-Bilíngue (Libras/Português); com um grupo específico de participantes: estudantes Surdos do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual; e um problema específico identificado no Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem do referido curso: o ensino de fotografia para estudantes Surdos vem priorizando uma abordagem de ensino teórico-filosófica em detrimento da abordagem de ensino a partir saber pelo fazer/trabalho, que se contrapõe à premissa da EPT e à didática profissional discutida por Barato (2003), que não privilegia a especificidade de aprender de estudantes Surdos e pode fragilizar a formação e a inserção desses estudantes no mundo do trabalho, por conseguinte.

Este estudo parte do pressuposto de que a abordagem de ensino de cursos técnicos nos Institutos Federais (IFs) deve seguir a premissa da EPT: saber pelo fazer/trabalho. A didática profissional discutida em Barato (2003, p.17) preconiza que na EPT deve-se considerar o saber pelo fazer como “uma dimensão epistemológica cuja origem e fundamento é a própria ação, não um pensar que a

antecede”. Tal concepção contraria o senso comum de que a teoria deve preceder a prática em ambientes formais de ensino. O ato de fazer é compreendido, por si próprio, como um saber.

Além desse pressuposto, acreditamos que os estudantes Surdos de cursos técnicos podem aprender técnicas complexas de fotografia, fazer relações entre o saber técnico e o mundo do trabalho e se tornarem profissionais qualificados, desde que o conhecimento seja abordado a partir da prática da técnica (ou do saber pelo fazer), com a mediação de materiais concretos usados na profissão, e que sejam respeitadas suas especificidades de aprendizagem.

A partir do problema identificado no contexto onde o estudo se desenvolveu e dos pressupostos aqui colocados, foi feito um recorte na grade curricular do Curso de Comunicação Visual do referido câmpus, e o Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem foi selecionado para a pesquisa, tendo em vista o “boom” na comunicação visual na sociedade contemporânea e o leque diversificado de atuação profissional em Florianópolis que os estudantes Surdos podem atuar, se souberem aplicar diferentes técnicas de fotografia à comunicação visual, sua área de formação profissional.

Dito de outra maneira, este estudo buscou pôr em prática uma abordagem de ensino que parte da prática da técnica de fotografia para a aprendizagem de conceitos complexos de fotografia de produto aplicada à comunicação visual. Ou seja, um ensino que leve os estudantes Surdos a aprenderem técnicas de fotografia aplicada à comunicação visual fotografando, experimentando, manipulando câmeras fotográficas, recursos de iluminação e outros aparatos profissionais, mediados pelo professor em colaboração com o intérprete de Libras e, assim, se apropriarem dos conceitos necessários para atuarem na área de comunicação visual com competência, autonomia e criatividade.

Para corroborar seus pressupostos, o estudo elaborou, implementou e avaliou um Produto Educacional⁴ embasado na compreensão da didática profissional (de BARATO, 2003) e nas especificidades de aprender do estudante Surdo (de KELMAN, 2015; PERLIN, 2010; QUADROS, 2015; DA SILVA; OLIVEIRA, 2020; SKLIAR, 1999; STROBEL, 2015), de modo a contribuir com o processo de ensino e aprendizagem de fotografia aplicada à comunicação visual

⁴ O Produto Educacional desenhado para o estudo é apresentado em detalhe no próximo capítulo desta dissertação.

no Câmpus PHB, a buscar uma inserção mais qualificada do público Surdo no mundo do trabalho, e a agregar conhecimento na área de pesquisa em que o estudo se insere.

Para tanto, este estudo buscou responder a seguinte pergunta de pesquisa: *Como ensinar fotografia aplicada à comunicação visual para estudantes Surdos do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual a partir da concepção do saber pelo fazer/trabalho?*

Para responder a pergunta geral do estudo, foram feitas as seguintes perguntas específicas:

- a) Que conhecimentos básicos de fotografia os estudantes Surdos têm e usam ao concluírem o Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem?
- b) Que procedimentos metodológicos de ensino, por meio da didática do saber pelo fazer/didática do trabalho, viabilizam uma aprendizagem eficaz de técnicas de fotografia de produto aplicada à comunicação pelos participantes? e
- c) Qual o impacto do Produto Educacional desenhado para o estudo nos participantes do estudo?

Quanto aos procedimentos, esta investigação caracteriza-se como um estudo de caso de cunho etnográfico. A esse respeito, André (1995, p. 31) esclarece que “trata-se de uma pesquisa bem delimitada, uma unidade com limites bem definidos, tal como uma pessoa, um programa, uma instituição ou um grupo social”. Outra característica desse tipo de estudo é que possui implicações diretas para a sala de aula. Nesse sentido, este estudo propõe a elaboração, aplicação e avaliação de um Produto Educacional: uma Sequência Didática para um grupo de estudantes Surdos voluntários, do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual, do Câmpus Palhoça Bilíngue/IFSC.

Para Yin (2001), o estudo de caso de cunho etnográfico possibilita uma investigação aprofundada, de cunho social, que visa ampliar as perspectivas, a visão e as opiniões sobre a situação em questão. Ou seja,

uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno

e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas. (YIN, 2001, p. 21).

Nesse sentido, foram usadas diferentes fontes para a geração dos dados. Entre elas podemos citar a análise dos documentos oficiais que regem o ensino e aprendizagem no Câmpus PHB, como o Projeto Pedagógico do Curso Técnico Integrado de Comunicação Visual e o Plano de Ensino do professor do Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem.

Adicionalmente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os estudantes Surdos participantes do estudo. De acordo com Virgillito *et al.* (2010), um roteiro semiestruturado combina perguntas de forma a permitir que os participantes discorram e exponham seus pensamentos, tendências e reflexões acerca do fenômeno estudado, proporcionando um fio condutor da conversa. Ainda, a utilização de entrevistas para obtenção de dados contribui para a confirmação das evidências identificadas na análise de documentos. Para Medina (2002), a entrevista é um diálogo possível entre a fonte e entrevistador para obter aprofundamento, liberdade e imersão no universo a ser estudado.

Além das entrevistas, foram realizadas conversas com servidores do núcleo pedagógico do Câmpus PHB, buscando captar suas percepções sobre a formação profissional dos estudantes Surdos matriculados no Curso Técnico Integrado de Comunicação Visual. Por fim, compõem as fontes de dados, os planos de aula da Sequência Didática, desenhada e implementada no formato de oficinas, as produções fotográficas dos participantes do presente estudo, assim como as avaliações do professor pesquisador sobre o resultado da intervenção no grupo de estudantes Surdos que se voluntariaram para a pesquisa e as autoavaliações dos participantes sobre o resultado da intervenção (oficinas).

Os documentos oficiais do Câmpus PHB, como o Projeto Pedagógico do Curso em estudo e o plano de ensino do Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem, foram analisados buscando identificar as concepções de ensino e aprendizagem que subjazem o fazer pedagógico do curso, o suporte teórico-metodológico do componente curricular, além de estratégias de ensino. Já as entrevistas com os estudantes Surdos participantes buscaram identificar o conhecimento de fotografia que eles possuíam antes da implementação do Produto Educacional, visando orientar o próprio conteúdo da sequência didática e avaliar o impacto da intervenção. As conversas com os servidores do núcleo

pedagógico do câmpus, por outro lado, buscaram identificar suas percepções sobre o ensino e aprendizado de fotografia para estudantes Surdos. Por fim, os planos de aula desenhados para compor a Sequência Didática do Produto Educacional, as produções fotográficas dos participantes da pesquisa e as avaliações do professor pesquisador e dos participantes, buscaram contribuir para entender o impacto do Produto Educacional desenhado para o estudo e subsidiar a discussão da abordagem de ensino usada no desenvolvimento da Sequência Didática do Produto Educacional. Os dados gerados pelas diferentes fontes foram sistematizados, triangulados e analisados à luz da teoria revisada para o presente estudo.

Quanto aos procedimentos éticos da investigação, foram dados os seguintes encaminhamentos: I) elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento de Livre e Esclarecido (TALE) para os participantes, já que alguns eram menores de idade; II) elaboração do Termo de Uso de Imagem (TUI) para as gravações da Sequência Didática e das entrevistas com os participantes; III) submissão do projeto de pesquisa à Comissão de Ética em Pesquisa (CEP) na Plataforma Brasil, que foi autorizada sob nº 042902/2019, com parecer consubstanciado nº 3.437.738.

Após a autorização da pesquisa pelo CEP, para obter o aceite da pesquisa no Câmpus PHB, e conseqüentemente dos participantes, foi realizada uma reunião com todos os estudantes Surdos que já haviam cursado o Componente curricular Fotografia e Tratamento de Imagem, para que o pesquisador pudesse se apresentar, mostrar sua proposta de pesquisa e identificar interessados em participar da experiência. Na ocasião, o pesquisador pôde contar com a parceria de dois intérpretes do Câmpus PHB para intermediar a interação com os estudantes Surdos e orientar a tomada de decisões didático-pedagógicas, tendo em vista que não domina a Libras, desconhece recursos de expressão a ela associados, assim como características específicas dos participantes além da surdez, mas que a ela se relacionam.

No início da reunião, o pesquisador mostrou seu sinal em Libras, demonstrando respeito pela cultura surda. Depois, contando com a ajuda dos intérpretes, explicou que se tratava de uma pesquisa com uma parte prática de ensino de fotografia aplicada à comunicação visual, voltada para o mundo do trabalho com a imagem, algo importante para a formação profissão dos

participantes, principalmente com o advento da tecnologia digital e a força da comunicação visual em redes sociais e internet.

A apresentação da pesquisa aos estudantes, elaborada em *powerpoint*, gerou bastante interação e interesse. Acreditamos que o interesse gerado e a intensidade da interação tenham sido devido ao material visual usado para tal fim. Nos *slides* (Ver Apêndice J), foram usadas muitas imagens, de modo a levar os estudantes a perceberem o quanto uma boa fotografia pode atrair a atenção de quem observa, e o quanto uma fotografia ruim pode causar desconforto ou indiferença.

Para estimular a interação entre os estudantes, a cada *slide* apresentado, era perguntado ao grupo qual fotografia gostavam mais. Unanimemente, os alunos concordavam que era a fotografia produzida de forma profissional, ou seja, com melhor apelo técnico e estético. Propositadamente, os *slides* foram elaborados para gerar essa reflexão e despertar o interesse dos estudantes, possibilitando, ao mesmo tempo, aguçar seu olhar para uma fotografia com boa composição, iluminação e nitidez, conforme indicam as figuras 4 e 5, trazidas aqui a título de exemplificação:

Figura 4: Slide de fotografia de produto(sabonete)



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Figura 5: Slide de fotografia de produto (comida)



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Após a apresentação do estudo, foi identificada a necessidade de se realizar os encontros para a implementação do Produto Educacional em dois turnos, matutino e noturno, para poder atender um maior número de estudantes interessados, já que, além da aula regular no câmpus, todos desenvolvem outras atividades. Acordado o formato de oficinas em dois turnos, oito estudantes participaram do estudo, e uma data para a entrevista com os participantes mediada pelo intérprete de Libras foi agendada.

Também foi preparada uma apresentação do estudo para a chefe de ensino, pesquisa e extensão, para a coordenadora de pesquisa e para o coordenador do Curso de Comunicação Visual do Câmpus PHB. O objetivo foi apresentar a proposta do Produto Educacional e dos conteúdos a serem abordados, receber *feedback* para possíveis adequações, mostrar que, pelo menos, dois (02) intérpretes de Libras seriam fundamentais para o bom desenvolvimento das oficinas que compõem a Sequência Didática, tendo em vista que o pesquisador não domina a língua que os estudantes Surdos usam para se comunicar, e verificar se havia sala de aula livre nos dias e turnos das oficinas no Câmpus PHB.

Após a apresentação, os servidores convidados aprovaram a pesquisa proposta e se comprometeram a liberar os intérpretes de Libras e os espaços nos dias marcados para as oficinas, ressaltando a importância dos conteúdos da Sequência Didática e sua contribuição para a formação profissional do estudante Surdo do Curso Técnico de Comunicação Visual do Câmpus PHB.

Tendo sido apresentadas as linhas gerais do estudo, na próxima seção, apresentamos o contexto do estudo de forma mais detalhada.

3.2 Contexto do estudo

Como mencionado anteriormente, o estudo foi desenvolvido no Câmpus Palhoça Bilíngue (Libras/Português), localizado no município de Palhoça, na Grande Florianópolis, no Estado de Santa Catarina, e contou com a participação de oito estudantes Surdos do Ensino Médio, do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual.

O Câmpus Palhoça Bilíngue é um dos 22 câmpus que compõem o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC). O câmpus se caracteriza por se fundamentar em princípios da educação bilíngue e observar aspectos tecnológicos, linguísticos, culturais e pedagógicos. Caracteriza-se, também, por ter um projeto educacional orientado pela política das diferenças, por ter a pesquisa como basilar para o processo educacional ali desenvolvido, para a sua concepção epistemológica e para a forma de organização curricular de seus cursos, buscando desenvolver um processo de inclusão social a partir da leitura da realidade dos Surdos e das suas relações sociais. (IFSC/PHB, 2018).

Ainda, há duas diretrizes específicas que orientam o Projeto Pedagógico do Câmpus PHB: o bilinguismo e o uso de tecnologia e da linguagem visual. Usa-se, no Câmpus, a 'Língua de Sinais e os Saberes das Comunidades Surdos', pois se reconhece que o respeito 'à diferença do aluno Surdo' e 'a forma de operar duas modalidades de língua e a sua visualidade' são as características de um projeto de educação que colaboram para o desenvolvimento da autonomia e a emancipação do estudante Surdo. (IFSC/PHB, 2018, p. 13).

Nesse contexto, este estudo fez um recorte para o seu desenvolvimento e intervenção: o Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual (doravante CCV), que faz parte do eixo tecnológico de Produção Cultural e Design, tendo como forma de oferta o Técnico Integrado, na modalidade presencial. Conforme o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), de 2016, o curso possui carga horária de 3.200 horas de aulas, mas não possui carga horária de estágio, e é ofertado no período vespertino.

Em relação ao ingresso, o PPC do curso CCV propõe sorteio público, com oferta separada de duas turmas (A e B), cujas informações são devidamente explicitadas em edital público. Também poderá ocorrer ingresso mediante transferência interna ou externa, quando houver vagas, em conformidade com a Organização Didática do Câmpus PHB. E, para ingressar no curso, o requisito imprescindível é o estudante possuir o ensino fundamental completo.

No que se refere à oferta de vagas, o PPC do curso CCV define que, no início do ano letivo, seja feito um processo seletivo, cujas vagas devem ser distribuídas, no 1º semestre letivo, para duas turmas: I) Turma A (20 vagas) e II) Turma B (40 vagas), totalizando 60 vagas, e, no 2º semestre letivo, uma Turma B (40 vagas), totalizando 100 vagas no ano letivo. Ainda em relação às vagas, é importante destacar, conforme o PPC do CCV, que a Turma A é ofertada para usuários da Libras como primeira língua, e a Turma B é ofertada para usuários de Língua Portuguesa. Por fim, a turma A privilegia o uso da Libras como língua de instrução e as práticas pedagógicas inerentes à educação bilíngue. Há professores fluentes que ministram aulas diretamente em Libras e outros que atuam com o intérprete de Libras, até se tornarem fluentes. Já a turma B, cuja língua de instrução é a Língua Portuguesa, tem suas aulas ministradas na modalidade oral sem a possibilidade da oferta de tradutores-intérpretes de Libras.

Com relação aos objetivos, o PPC do curso CCV define como objetivo geral “Formar profissionais voltados para o mundo do trabalho na área de Comunicação Visual numa perspectiva bilíngue” (PPC, 2016, p. 9). No que diz respeito aos objetivos específicos, o documento apresenta os seguintes:

Reconhecer a Língua Brasileira de Sinais, a cultura surda e a epistemologia visual como elementos de inclusão social dos Surdos; desenvolver a percepção crítica e metodológica em relação às diferenças dos educandos Surdos; promover a autonomia e a responsabilidade social; desenvolver habilidades para a edição e gerenciamento de recursos de texto, imagem, vídeo e animação; planejar a comunicação visual de materiais didáticos bilíngue; projetar interfaces multimídia (PPC, 2016, p.9)

Quanto à legislação (profissional e educacional) aplicada ao curso, o PPC considera que o CCV está respaldado pelos documentos legais elencados no próprio documento, e suas atividades estão descritas na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), sob o código 371305 (Técnico em Programação Visual) e

318405 (Desenhista técnico), conforme orientação do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos.

No que tange ao perfil do egresso do CCV, o PPC lista as seguintes habilidades técnicas:

Executar a programação visual de peças de diferentes gêneros e formatos gráficos (livros, portais, painéis, folders e jornais). Desenvolver e empregar elementos fundamentais e estéticos do processo de comunicação visual gráfica. Criar ilustrações, aplicar tipografias e desenvolver elementos de identidade visual. Aplicar e implementar sinalizações. Analisar, interpretar e propor a produção da identidade visual das peças. Controlar, organizar e armazenar arquivos e materiais de produção gráfica. Desenvolver projetos de comunicação visual considerando os interesses e necessidades dos diferentes usuários e os aspectos éticos, sociais, ambientais, estéticos e econômicos. (PPC, 2016, p.10).

No que se refere às competências profissionais gerais do egresso, o PPC coloca:

Executar a programação visual de peças de diferentes gêneros e formatos gráficos (livros, portais, painéis, folders e jornais); Desenvolver e empregar elementos fundamentais e estéticos do processo de comunicação visual gráfica; Criar ilustrações, histórias em quadrinhos, desenhos de pictogramas e infográficos, bem como produzir e editar fotografias e desenvolver vídeos, animações e materiais multimídia para projetos de comunicação visual; Aplicar e implementar sinalização; Analisar, interpretar e propor a produção da identidade visual das peças; Controlar, organizar e armazenar materiais físicos e digitais de produção gráfica; Executar a programação visual de diferentes gêneros e formatos utilizando uma concepção bilíngue (Libras/Português). (PPC, 2016, p.11).

Um outro aspecto importante sobre o curso e a educação profissional é que este requer, além do domínio operacional de um determinado fazer, a compreensão global do processo produtivo, com a apreensão do saber tecnológico, a valorização da cultura do trabalho e a mobilização dos valores necessários à tomada de decisões.

Em relação às diferentes áreas de atuação do egresso, que constam do Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos para o Técnico em Comunicação Visual, os técnicos dessa área desenvolvem atividades relacionadas a/à “provedores de internet; atividades de Comunicação e Marketing; agência de publicidade, propaganda e promoção; escritórios de Design; estúdios de Design Gráfico; editoras e gráficas”. (PPC, 2016, p.11).

Assim, nesse cenário, buscando contribuir para o alcance do objetivo geral do CCV do Câmpus PHB: “Formar profissionais voltados para o mundo do trabalho na área de Comunicação Visual numa perspectiva bilíngue” (PPC, 2016), este estudo faz um recorte bem pontual nas habilidades do perfil do egresso do curso, nas competências e na área de atuação, tendo em vista a limitação do tempo para a criação, implementação e avaliação do Produto Educacional: um (01) semestre letivo.

Em relação às habilidades, o estudo busca atuar tangencialmente para “Desenvolver projetos de comunicação visual considerando os interesses e necessidades dos diferentes usuários e os aspectos éticos, sociais, ambientais, estéticos e econômicos” (PPC, 2016). Já no desenvolvimento das competências dos estudantes participantes do estudo, busca atuar para “Desenvolver e empregar elementos fundamentais e estéticos do processo de comunicação visual gráfica” (PPC, 2016). E quanto à área de atuação, o estudo busca trabalhar com técnicas de fotografia de produto que possam ser usadas em “atividades de Comunicação e Marketing; agência de publicidade, propaganda e promoção” (PPC, 2016). Enfim, contribuir para que os estudantes Surdos participantes do estudo tenham “domínio operacional de um determinado fazer [...] a apreensão do saber tecnológico, a valorização da cultura do trabalho e a mobilização dos valores necessários à tomada de decisões” (PPC, 2016).

Quanto à amostragem, duas condições foram pré-estabelecidas para o recorte da pesquisa: a participação voluntária dos estudantes Surdos do CCV e apenas aqueles que concluíram o Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem antes da pesquisa, tendo em vista que as atividades propostas no Produto Educacional demandam conhecimento básico de fotografia, bem como dos jargões da área, para poder levar os estudantes Surdos participantes a aprofundarem o conhecimento de técnicas de fotografia de produto aplicada à comunicação visual. Nesse perfil, oito estudantes Surdos participaram da pesquisa, que foi acompanhada por intérpretes de Libras do Câmpus PHB.

Na próxima seção, abordaremos o Projeto Pedagógico do Curso Técnico de Comunicação Visual, fazendo um recorte no Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem.

3.3 Componente curricular fotografia e tratamento de imagem

O Componente Curricular Fotografia e Tratamento De Imagem (CCFTI) do Curso Técnico de Comunicação Visual do Câmpus PHB tem como objetivos:

Promover a fotografia como meio de expressão e comunicação.

Saber utilizar recursos digitais para **produção** e tratamento de imagens.
Compreender o processo fotográfico.

Conhecer os mecanismos básicos da câmara fotográfica.

Trabalhar a fotografia como **recurso gráfico em projetos de comunicação visual.**

Construir e editar imagens a partir de fotografias.

Utilizar ferramentas para edição e tratamento de imagens.

Conduzir à reflexão sobre os elementos constitutivos da imagem fotográfica. (PPC, 2016, p. 36). [Grifos nossos]

Analisando os objetivos propostos no componente curricular, pode-se dizer que eles vão ao encontro do perfil e das competências dos egressos do curso previstos no PPC (2016) anteriormente citados. Todavia, se relacionarmos tais objetivos, em especial os grifados, com os conteúdos propostos, com a abordagem de ensino e com a bibliografia básica sugerida no Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem, percebe-se que a fotografia vem sendo abordada de forma básica, portanto subutilizada enquanto importante meio de comunicação visual, que pode dificultar o alcance dos objetivos traçados para o componente curricular.

Em relação ao conteúdo do componente curricular são listados os seguintes:

História da Fotografia.

Abordagens da fotografia contemporânea: a fotografia social, cultural, esportiva e o fotojornalismo.

O funcionamento da câmara fotográfica (lente, diafragma, obturador, ISO e fotometria).

Técnicas de composição.

Perspectiva e ponto de vista.

Profundidade de campo, zoom e close-up.

A cor e a iluminação na fotografia.

O retrato, o objeto e a paisagem.

O projeto fotográfico e a área da comunicação visual.

As ferramentas de edição e tratamento de imagens digitais. (PPC, 2016, p.36) [Grifos nossos]

Como sugere a lista de conteúdo, o componente curricular propõe uma introdução à fotografia; diferentes abordagens, como fotografia social, cultural,

esportiva e fotojornalismo; e técnicas básicas, como composição, perspectiva e ponto de vista, funcionamento da câmera, profundidade de campo, *zoom* e *close up*. Dos dez conteúdos propostos, apenas o grifado é específico de fotografia para comunicação visual.

Uma busca no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas do câmpus (SIGAA/IFSC), visando identificar as estratégias de ensino usadas no desenvolvimento do componente curricular em questão e/ou especificamente no “projeto fotográfico da área da comunicação visual”, não fica evidenciada, nem no plano de ensino e nem no plano de aula, se a abordagem do conteúdo é feita a partir da prática ou não, o que abre espaço para investigação: o enfoque de ensino do componente curricular em estudo prioriza uma abordagem teórica da fotografia em detrimento do saber da prática? Nesse sentido, cabe lembrar que uma abordagem de ensino teórica de um componente curricular que trabalha com o visual e que é importante para comunicação visual reduz a oportunidade do estudante saber pelo fazer/trabalho, premissa básica da EPT.

Tentando buscar mais evidências, deslocamos nosso olhar para as referências bibliográficas, básica e complementar, do componente curricular, que são compostas pelas seguintes obras:

Bibliografia Básica:

ANG, Tom. Fotografia digital: uma introdução. 3.ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

RAMALHO, José Antonio. Fotografia digital. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2004.

Bibliografia Complementar:

FATORELLI, Antônio. Fotografia contemporânea: entre o cinema, o vídeo e as novas mídias. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013.

KING, Lesa. Photoshop CS4: o manual que faltava. São Paulo: Digerati Books, 2009.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (PPC, 2016, p.37).

As referências bibliográficas citadas enfatizam o caráter introdutório, teórico e filosófico do componente curricular em análise. Para tanto, trazem a autora Susan Sontag, referência clássica na área voltada para uma reflexão sobre o papel da imagem, sobre os diferentes momentos da fotografia, bem como suas diferentes linguagens. Também trazem Tom Ang e José Antonio Ramalho, autores voltados para fotografia básica e introdutória. O título selecionado dos autores “Fotografia digital” sugere que além de tratar de fotografia básica, o foco está no

início do advento da fotografia digital. Trazem ainda a obra de Antônio Fatorelli, que trata a fotografia como arte e uma série de reflexões filosóficas de teóricos renomados da imagem, o que fortalece ainda mais o pressuposto do presente estudo: que a abordagem de ensino do componente curricular em foco prioriza o conhecimento teórico e filosófico da fotografia em detrimento do saber pelo fazer/trabalho.

Espera-se, num curso técnico integrado ao ensino médio, que o estudante se aproprie de conhecimentos técnicos pelo fazer, que os aproxime da realidade profissional, do mundo do trabalho; contudo, nenhuma obra dessa natureza foi sugerida no componente curricular em questão, apesar de existirem inúmeros estudiosos da imagem que, se utilizados, poderiam aproximar os estudantes das áreas de atuação apontadas no PPC do CCV.

Num curso que visa formar técnicos de comunicação visual, acreditamos que uma abordagem de ensino de fotografia deve partir do ato de fotografar focado na comunicação visual, no mundo do trabalho, empregando produções fotográficas: uma abordagem metodológica de ensino que parte do saber pelo fazer. Dessa forma, cumpre-se a premissa básica da EPT.

Direcionando os conteúdos e a abordagem do Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem para uma fotografia de produto aplicada ao mundo do trabalho, podemos, por meio do Produto Educacional que este estudo propõe, contribuir para que o egresso se insira nas áreas descritas no PPC, em especial nas atividades de Comunicação e Marketing, agências de publicidade, propaganda e promoção, escritórios de Design, estúdios de Design Gráfico.

É importante destacar que a fotografia utilizada em agências de Comunicação e Marketing, escritórios de Design, estúdios de Design, agência de Publicidade, Propaganda e Promoção, tem um enfoque voltado para a divulgação de marcas e produtos. Logo, são fotografias produzidas e empregadas na personalização de embalagens, anúncios de revista, redes sociais, *sites*, *plotagens*, *outdoor*, *e-mail marketing* e nas mais variadas mídias.

Tendo apresentado a metodologia da pesquisa, o contexto do estudo e o recorte feito na matriz curricular do curso para o desenvolvimento do Produto Educacional, no próximo capítulo detalhamos o produto, que propõe uma abordagem de ensino alinhada à EPT: saber pelo fazer/trabalho. No caso do

presente estudo, aprender técnicas de fotografia de produto aplicada à comunicação visual fotografando.

4 PRODUTO EDUCACIONAL

Este capítulo apresenta o Produto Educacional desenhado para este estudo. Para tanto, o capítulo foi organizado em três seções. Na primeira seção apresentamos uma introdução ao produto, na segunda a fundamentação teórica do produto e na terceira o Produto Educacional, no formato de Sequência Didática, desenhado para o estudo.

4.1 Introdução

Este Produto Educacional (PE), uma Sequência Didática (SD) voltada ao ensino de fotografia aplicada à comunicação visual para estudantes Surdos do Câmpus Palhoça-Bilíngue/Libras-Português (PHB), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), foi elaborado a partir das percepções e experiências do pesquisador como docente com estudantes Surdos, cegos ou com algum grau de autismo, dentro e fora da EPT, e como fotógrafo profissional, e dos estudantes do Curso Técnico de Comunicação Visual sobre a abordagem do ensino de fotografia no Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem, do curso em questão.

Diferentemente do que acreditam os estudantes, que dizem ter dificuldade de perceber a relação entre o que é ensinado sobre fotografia e o universo profissional da comunicação visual, acreditamos, com base na literatura estudada e nas experiências pessoais e profissionais do pesquisador, que os estudantes Surdos podem aprender técnicas complexas de fotografia, fazer relações entre o conhecimento formal e o mundo do trabalho e se tornarem profissionais qualificados, desde que tenham respeitadas suas especificidades de aprendizagem, e que o conhecimento seja abordado pelo professor a partir da prática da técnica (ou do saber fazer), com a mediação de materiais concretos usados na profissão. Ou, em outras palavras, que o ensino leve os estudantes a aprenderem a fotografar fotografando, experimentando, manipulando câmeras fotográficas, recursos de iluminação e outros aparatos profissionais, mediados pelo professor e, assim, se apropriarem dos conceitos necessários para atuarem na área de comunicação visual com competência, autonomia e criatividade. É

embasado nessas convicções que apresentamos o desenho operacional desta SD, buscando, ao mesmo tempo, validar essas ideias e publicizá-las.

A SD aqui apresentada foi desenhada no formato de oficinas presenciais, respeitando as especificidades de aprender do estudante Surdo, e sistematizada em planos de aula, que foram transformados em videoaulas voltadas especificamente para esse público e postadas no canal de acesso público *YouTube*⁵ e na Plataforma EduCAPES⁶, com o objetivo de se tornarem material de estudo para os estudantes Surdos e ouvintes do câmpus e interessados no tema, além de material didático para professores de fotografia e áreas afins.

Da área de estudo da fotografia, a presente SD propõe um recorte com foco no ensino da fotografia de produto aplicada à comunicação visual. Acreditamos que o domínio de algumas técnicas de fotografia de produto pode motivar o estudante Surdo a investir em mais conhecimento, trazer certo grau de autonomia financeira num futuro breve, já que é um segmento diversificado e significativo na área de Comunicação Visual, Design e Publicidade.

Cabe ressaltar, por fim, que não constitui objetivo desta SD prescrever uma abordagem de ensino de fotografia de produto aplicada à comunicação visual, mas de mostrar possibilidades de ensino a partir do saber pelo trabalho/fazer para estudantes Surdos e de quebra de barreiras de senso comum sobre a forma de ensinar e aprender desse universo de estudantes. Nesse sentido, a partir do estudo e análise das produções fotográficas dos estudantes, a presente SD também pode promover discussões mais amplas sobre a educação profissional e tecnológica (EPT), já que envolve os saberes da profissão, e se estender a outras áreas do conhecimento.

4.2 Fundamentação teórica do produto educacional

[...] a inteligência no trabalho se dá por diversos caminhos. De cima para baixo? Ela vem da cabeça para “comandar” a mão? Da “teoria” que,

⁵ Endereço do Produto Educacional no *YouTube*. Fotografia de Produto: <https://youtu.be/Cfclq3ww0aA>; Fotografia de Comida: <https://youtu.be/tem7utsF6ls>; Fotografia de *Splash*: <https://youtu.be/v5cSO0Egygs>

⁶ PE Sequência Didática: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/573839>; PE Videoaula Fotografia de Produto: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/573840>; PE Videoaula Fotografia de Comida: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/573841>; PE Videoaula de SPLASH: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/573842>; PE Portfólio Digital dos Estudantes: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/573903>.

supostamente, viria ser aplicada na “prática”? Não. O corpo está todo ele “pensando” e “fazendo”. Se não “todo”, pelo menos todos os nossos órgãos envolvidos em “operações pensantes”, que se conectam e se retroalimentam. Indo mais longe, afirmamos: a não-separação mente-corpo é um pressuposto fundamental da formação profissional. (ALLAIN; WOLLINGER; MORAES, 2017, p. 25).

A epígrafe que abre esta fundamentação teórica expressa a concepção que embasa este Produto Educacional voltado para a Educação Profissional Tecnológica: indissociabilidade entre o pensar e o fazer, ou entre os saberes e os fazeres profissionais. Em outras palavras, mente, corpo, e acrescentamos emoção, constituem o homem e seu trabalho e são por eles constituídos continuamente. Seguindo a didática profissional discutida em Barato (2003, p. 17), devemos considerar o saber fazer como “uma dimensão epistemológica cuja origem e fundamento é a própria ação, não um pensar que a antecede”. Tal concepção contraria o senso comum de que a teoria deve preceder a prática em ambientes formais de ensino. O ato de fazer é compreendido, por si próprio, como um saber.

Essa noção de saber fazer recupera as origens da educação profissional, que costumam ser mal interpretadas: “o modelo cujas bases nasceram no chão de oficinas e ateliês, a aprendizagem corporativa, é esquecido ou criticado pelos educadores.” (BARATO, 2003, p. 22). Os saberes do fazer exigem criatividade e inteligência, em um contínuo processo de elaboração e reelaboração do conhecimento que se distancia, completamente, da noção de técnica como um ato mecânico.

Contribuindo para essa linha de raciocínio, Allain, Wollinger e Moraes (2017) alertam que o mito de que o trabalhador não pensa ainda está fortemente inserido na cultura brasileira, sendo comum a expressão ‘mera atividade mecânica’ na caracterização de trabalhos manuais, entendidos como sem esforço de reflexão ou de pensamento. Todavia, na EPT, não pode haver esse entendimento, pois o trabalho é o princípio dessa formação.

Sobre essa questão, Rose (2015, p. 75), em seu livro “O Saber no Trabalho” coloca: “[...] nós não valorizamos o conteúdo intelectual do trabalho por conta de um preconceito profissional e institucional. [...] precisamos ser mais criativos ao unir biblioteca e oficina para ajudar os alunos a construírem uma vida melhor”. Contribuindo sobre essa temática, Barato (2003) assevera que o ensino

supervaloriza a teoria em detrimento da prática e defende a ideia da importância do saber pelo trabalho na formação profissional. Para o autor, o ensino por meio do trabalho é “fazer saber” visando à emancipação do estudante.

Além dessas questões, acreditamos que há necessidade de se pensar uma EPT que esteja atenta ao contexto educacional dos estudantes, principalmente quando esses são diferentes da cultura dominante, como os Surdos por exemplo. Nesse sentido, estudos recentes trazem reflexões sobre a garantia da qualidade do ensino quando os estudantes Surdos são inseridos em escolas regulares ou bilíngues. Sobre essa questão, Kelman (2015) enfatiza que a educação inclusiva, isto é, a educação de estudantes que não pertencem à cultura dominante (ouvintes, por exemplo), só pode ser bem-sucedida se for impregnada de respeito às culturas minoritárias. A autora ainda destaca que a educação inclusiva e o atendimento educacional precisam ser pensados especificamente para cada grupo de crianças, os menores trabalhadores, menores de rua, índios, imigrantes, Surdos, cegos, entre outros, pois nada têm em comum entre si, embora todos tenham direito à educação de qualidade.

Ampliando a discussão sobre a inclusão de estudantes Surdos ou de outras minorias, seja na educação regular ou bilíngue, Kelman (2015) também destaca que, para se lidar com estudantes que têm processos de desenvolvimento e de socialização distintos do padrão tradicional, não é possível um ensino generalizado; ao contrário, deve-se “buscar a análise e a compreensão dos fenômenos de comportamento individual e coletivo, nos diversos contextos em que as interações sociais e culturais ocorrem.” (KELMAN, 2015, p.49). Nesse sentido, a autora alerta que o conceito de necessidades educativas especiais traz, na realidade, o não reconhecimento de que cada grupo social possui particularidades e necessidades específicas, como reivindicações diferenciadas, tanto em nível cultural como em nível educacional.

Contribuindo para essa linha de argumentação, Rosa (2011) ressalta que não é através da imposição de leis e decretos, como tem ocorrido no Brasil, que se terá uma educação de qualidade, mas sim através do respeito. É preciso respeitar a variante linguística, cultural, identitária e social dos Surdos, pois somente “atendendo e entendendo o sujeito Surdo como sujeito de si, de sua língua e cultura, a sociedade conseguirá, juntamente ao sujeito Surdo, promover mudanças socioeducacionais essenciais e libertadoras.” (ROSA, 2011, p.153).

Nessa linha de pensamento, Perlin (2010) destaca que é importante que se discuta a surdez sob a ótica da diferença, sob o ponto de vista de dentro, “usando óculos Surdos”, que permitem de fato uma visão da realidade surda.

Partindo da premissa do respeito à diferença no processo de aprendizagem do estudante Surdo, em contexto de ensino regular na EPT, com foco no ensino de conceitos tido como complexos na literatura, o estudo de Da Silva e Oliveira (2020) demonstrou que, se forem adotados regularmente procedimentos metodológicos de ensino que respeitem as especificidades de aprender do estudante Surdo, agregado a recursos educacionais inclusivos e ao envolvimento do estudante em seu processo de aprender, este terá mais condições de aprender conceitos matemáticos.

Dentre os procedimentos metodológicos de ensino, as autoras sugerem: i) iniciar o planejamento de aulas a partir de um diagnóstico sobre o conhecimento a ser aprendido ou habilidades a serem desenvolvidas; ii) interagir com o estudante Surdo em Libras pessoalmente ou por meio de um intérprete de Libras; iii) usar imagens para a compreensão de conceitos simples ou complexos, além de palavras-chave, de pesquisa em sites de busca e de suas ferramentas, de vídeos no Youtube, de programas da TV INES; iv) planejar atividade de aprendizagem que envolvam ação do estudante: aprender fazendo; e v) trabalhar simultaneamente o português escrito em enunciados de atividades, marcando as palavras-chave do que é solicitado ao estudante.

Por fim, Da Silva e Oliveira (2020) argumentam que desconsiderar as especificidades do estudante Surdo é valorizar as barreiras que o impedem de avançar em seu desenvolvimento cognitivo, de aprender e de ter mais e melhores condições de interagir com a realidade que o cerca, inclusive com o mundo do trabalho.

Com esses conceitos e resultados recentes de pesquisa em mente, e apoiado no conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal ou Potencial (ZDP⁷), de Vygotsky (1989), conversamos com servidores do câmpus e estudantes do curso em questão, visando captar suas percepções sobre o ensino de fotografia

⁷ Vygotsky denominou ZDP a mediação que possibilita ao estudante fazer algo com auxílio de alguém experiente, ou seja, a área de desenvolvimento potencial permite-nos determinar os futuros passos do estudante e a dinâmica do seu desenvolvimento e examinar não só o que o desenvolvimento já produziu, mas também o que produzirá no processo de maturação. (VYGOTSKY; LURIA; LEONTIEV, 1988, p. 113).

voltada à comunicação visual. Desse momento, percebemos que os servidores não acreditavam na capacidade de os estudantes Surdos aprenderem conceitos complexos de fotografia, e que os estudantes não percebiam a relação do que era ensinado sobre fotografia com o mundo do trabalho do comunicador visual, percepções essas que motivaram e justificaram a elaboração deste PE.

Em seguida, fizemos a leitura e análise do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) de Comunicação Visual Integrado ao Ensino Médio do Câmpus Palhoça-Bilíngue/IFSC, buscando, no texto, onde e como este produto educacional poderia contribuir para transformar as percepções identificadas nas conversas feitas.

Com relação ao objetivo, o curso em questão visa a formar profissionais voltados para o mundo do trabalho na área de Comunicação Visual numa perspectiva bilíngue. No que concerne às atividades profissionais relativas ao técnico de comunicação visual, o PPC afirma que o egresso: I) executa a programação visual de peças de diferentes gêneros e formatos gráficos (livros, portais, painéis, folders e jornais); II) desenvolve e emprega elementos fundamentais e estéticos do processo de comunicação visual gráfica; III) cria ilustrações, aplica tipografias e desenvolve elementos de identidade visual; IV) aplica e implementa sinalizações; V) analisa, interpreta e propõe a produção da identidade visual das peças; VI) controla, organiza e armazena arquivos e materiais de produção gráfica; VII) desenvolve projetos de comunicação visual considerando os interesses e necessidades dos diferentes usuários e os aspectos éticos, sociais, ambientais, estéticos e econômicos.

Em suma, ao final do curso, o estudante terá condições de desenvolver habilidades para a edição e gerenciamento de recursos de texto, imagem, vídeo e animação, bem como a de planejar a comunicação visual de materiais didáticos e projetar interfaces multimídia numa perspectiva bilíngue (IFSC, 2018. p.11). O PPC destaca ainda que esses profissionais poderão atuar como: I) provedor de internet; II) atividade de Comunicação e *Marketing*; III) agência de publicidade, propaganda e promoção; IV) escritório de *Design*; V) estúdios de *Design* Gráfico; e VI) editoras e gráficas.

Já no que tange aos objetivos do Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem (CCFTI) do curso em questão, o PPC informa que: I) pretende promover a fotografia como meio de expressão e comunicação; II) saber utilizar recursos digitais para produção e tratamento de imagens; III) compreender

o processo fotográfico; V) conhecer os mecanismos básicos da câmera fotográfica; VI) trabalhar a fotografia como recurso gráfico em projetos de comunicação visual; VII) construir e editar imagens a partir de fotografias; VIII) utilizar ferramentas para edição e tratamento de imagens; IX) conduzir à reflexão sobre os elementos constitutivos da imagem fotográfica.

Tendo em vista a complexidade e ao mesmo tempo a riqueza dos dados do PPC, este Produto Educacional, limitado pelo tempo de intervenção (18 horas de oficina, distribuídas em dois períodos de 3 horas por oficina, para dois grupos de estudantes Surdos), buscou contemplar, dentro das atividades profissionais relativas ao técnico de comunicação visual, a formação de habilidades voltadas para o “desenvolvimento de projetos de comunicação visual, considerando os interesses e necessidades dos diferentes usuários e necessidades dos diferentes usuários e os aspectos éticos, sociais, ambientais, estéticos e econômicos”, assim como contribuir para que os participantes atingissem os seguintes objetivos listados no CCFTI: “promover a fotografia como meio de expressão e comunicação; conhecer os mecanismos básicos da câmera fotográfica; trabalhar a fotografia como recurso gráfico em projetos de comunicação visual; e conduzir à reflexão sobre os elementos constitutivos da imagem fotográfica”.

Para atingir esse fim, buscamos a compreensão de Pessoa (2014) sobre Sequência Didática, que preconiza que deve ser organizada em torno de um conteúdo específico, cujo foco deve ser a apropriação de um determinado conceito ou procedimento e pode envolver diferentes componentes curriculares. Nesse sentido, focamos nos conceitos básicos de fotografia de estúdio. Dentro dessa especificidade, optamos pela fotografia de *Still Life*, um segmento muito utilizado em publicidade, *Design* e, conseqüentemente, na comunicação visual, apesar de seu nível de complexidade, mas que tem potencial para emancipar o estudante no mundo do trabalho da fotografia de produto.

Ainda, buscamos a compreensão de sequência didática, de Zabala (1998). Para o autor, uma Sequência Didática constitui-se de:

[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que tem um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos, [que] tem a virtude de manter o caráter unitário e reunir toda a complexidade da prática, ao mesmo tempo em que [...] permite incluir as três fases de toda intervenção reflexiva: planejamento, aplicação e avaliação (ZABALA, 1998, p.18).

Com base nos conceitos aqui discutidos, iniciamos o planejamento dos conteúdos e a estruturação da SD, assim como as práticas e os métodos de avaliação, que são descritos na próxima seção.

4.3 Desenvolvimento da sequência didática

Sequência Didática (SD) aqui proposta visa a ensinar diferentes tipos de fotografia de produto aplicada à comunicação visual para estudantes Surdos matriculados do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual do IFSC/Câmpus PHB, tendo como concepção a didática pelo trabalho/fazer, conforme discute Barato (2015), a sensibilidade, percepção aguçada e o respeito à diversidade quanto à variante linguística, cultural, identitária e social dos Surdos, visando a transformações sociais (ROSA, 2011).

Vieira Pinto (2005), Rose (2015) e Barato (2015) destacam a importância de acreditarmos na ciência dos saberes de ordem técnica, do saber pelo fazer, evitando a perpetuação do mito dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, que sugere que “os conteúdos da técnica são neutros, desprovidos de significação, vazios”. (BARATO, 2015, p. 14). Contribuir para romper com o mito de que não há saber no fazer é o que se pretende realizar com a presente SD, retomando o princípio da indissociabilidade do saber fazer.

Assim, essa SD busca possibilidades de transformação das percepções identificadas no discurso dos participantes, que aborda o ensino de fotografia a partir da prática da técnica para promover a aprendizagem da técnica na ação. Mais especificamente, a SD visa a ensinar técnicas de fotografia aplicada à comunicação visual a estudantes Surdos, por meio de oficinas práticas de técnicas de fotografia de produto, apoiadas pela manipulação de materiais concretos da área (DA SILVA; OLIVEIRA, 2020), para levar os estudantes participantes a aprenderem diferentes técnicas de fotografia de produto por meio de produções fotográficas.

Buscando respeitar as especificidades de aprender e interagir socialmente dos estudantes participantes, todo o processo de ensino e aprendizagem foi mediado por um intérprete de Libras do Câmpus PHB/IFSC, por materiais concretos do mundo do trabalho relacionado à comunicação visual, e por recursos

linguísticos (Libras e português escrito) e imagéticos (DA SILVA; OLIVEIRA, 2020).

Como argumentam Lacerda, Santos e Caetano (2014, p. 186): “Para favorecer a aprendizagem do estudante Surdo, não basta apenas apresentar os conteúdos em Libras, é preciso explicar os conteúdos de sala de aula utilizando toda potencialidade visual que essa língua tem”.

Dessa forma, acreditamos que podemos contribuir para formar profissionais Surdos para o mundo do trabalho na área de Comunicação Visual numa perspectiva bilíngue, conforme objetivo geral colocado no PPC do curso em questão, e indicar possibilidades de ensino na EPT com ênfase no trabalho como exercício social da técnica, ou seja, o saber pelo fazer, contribuindo assim com a intervenção qualificada para a produção da própria existência (ALLAIN; WOLLINGER; GRUBER, 2019), deixando de lado o preconceito com o saber fazer, conforme enfatiza Barato (2015).

Em termos operacionais, esta SD constitui-se de três oficinas temáticas sobre fotografia de produto aplicada à comunicação visual, de três horas de duração cada, ofertadas em dois períodos (matutino e noturno), sistematizadas em planos de aula temático-descritivos, enfatizando o aprender pelo fazer imediatamente após ou durante a prática da técnica demonstrada pelo professor, enquanto o fazer está recente na memória dos participantes.

A primeira oficina desenvolve o tema “*Introdução à iluminação de estúdio para fotografia de produtos*”, e aborda a iluminação de produtos opacos, translúcidos e transparentes. Nessa oficina, os conceitos de opacidade, translucidez e transparência são abordados sob a perspectiva da fotografia de produto aplicada à comunicação visual, conforme Medeiros (2008); Hurter (2010); Hunter (2011) e Genérico (2012).

A segunda oficina desenvolve o tema “*Fotografia de comida*”, na qual são abordados os conceitos de fotografia de comida sem ambientação e com ambientação, profundidade de campo, dando ênfase apenas na comida ou na comida e no *mise en place* que compõem o *set*, além de ângulos de captura para valorizar o alimento, todos voltados também para a fotografia aplicada à comunicação visual, também chancelados Medeiros (2008); Hurter (2010); Hunter (2011); Genérico (2012) e Hobday e Denbury (2010). Essa oficina vai ao encontro de uma demanda do mundo do trabalho que, na região turística de Florianópolis,

repleta de restaurantes, pode ser um diferencial para o estudante de um curso de comunicação visual. A oficina foi pensada para guiar o estudante a compor um *set* com elementos que agregam valor ao alimento, tornando a cena visualmente atraente. Além disso, são abordadas nessa oficina, técnicas de iluminação para enfatizar a textura dos alimentos, a profundidade de campo, que pode dar mais ênfase ao ingrediente principal ou a toda ambientação, bem como o ângulo de captura, que vai mostrar o produto da melhor forma para o leitor da imagem.

E a terceira oficina desenvolve o tema “*Fotografia de splash*”, na qual é abordado o conceito de *splash* e suas aplicações, além dos três tipos de *splash*: baixo impacto, alto impacto e mergulho, todos voltados para a fotografia aplicada à comunicação visual, com base em Genérico (2012), uma das referências desse tipo de fotografia no Brasil e no mundo. A oficina de *Splash* foi desenvolvida por ter um grande apelo visual junto à comunicação em embalagens de produtos, fotografias de publicidade e *Design*. Essa técnica é muito usada pela sua plasticidade, por trazer grande leveza e sensação de refrescância ao produto, e muitas vezes destaca o quanto produto possui influência ou traços da natureza.

Os planos de aula ainda especificam os objetivos de aprendizagem para cada oficina proposta, que estão todos voltados para levar os participantes a aprenderem os conceitos pretendidos em cada oficina, por meio da produção fotografias de diferentes produtos com diferentes técnicas a partir do saber na ação de fotografar.

Para explicitar o processo de aprendizagem dos participantes, os planos de aula descrevem, também, os procedimentos metodológicos. Os procedimentos das oficinas estão embasados na compreensão do trabalho (do fotógrafo, em nosso caso) como princípio de ensino, ou seja, o ensino parte da técnica profissional ou do saber profissional na prática, conforme Barato (2015). Dito de outra forma, os procedimentos metodológicos estão ancorados na concepção de que o professor ensina fotografia, seus conceitos e sensibilidade estética, fotografando, mediado pela linguagem e por materiais reais usados na profissão (VYGOTSKY *et al.*, 1988; DA SILVA; OLIVEIRA, 2020).

Os procedimentos metodológicos ainda descrevem as atividades de aprendizagem, que visam à produção fotográfica de produtos reais pelos participantes, isso porque as atividades de aprendizagem estão embasadas na mesma compreensão de ensino. Em outras palavras, os estudantes aprendem a

fotografar fotografando, ou seja, aprendem a técnica na ação ou o saber na ação de fotografar.

Para que a produção fotográfica dos participantes pudesse ser feita da forma mais próxima das atividades profissionais do fotógrafo, foram montadas bancadas de trabalho para cada oficina, aqui denominadas de bancadas de pré-produção. Na primeira oficina, a bancada de pré-produção contém produtos opacos (sabonetes variados de uma marca brasileira em evidência na atualidade), produtos translúcidos (refrigerantes e sucos em garrafas) e produtos transparentes (taças variadas), acompanhados de elementos de cenografia pensados para gerar sentido na imagem, como por exemplo, ramos de trigo e sementes para remeterem a um sabonete feito com elementos da natureza; laranja e limão para indicar que tanto a marca *Fanta* como a marca *Sprite* são feitos como suco de fruta; e corantes para dar mais cor às taças, que geram imagens mais atrativas visualmente. No caso das bebidas que são consumidas geladas, a bancada de pré-produção contém, também, glicerina, verniz fixador fosco, gelo falso, para remeter a atmosfera de como esses produtos devem ser consumidos, ou seja, gelados. Todos esses cuidados de pré-produção estimulam o estudante a compor fotografias voltadas à área da comunicação visual, buscando passar a mensagem que a marca pretende ao consumidor.

Na segunda oficina, há necessidade da preparação de duas bancadas de pré-produção: uma com todo material de cenografia e preparação do alimento (*mise en place*) e a outra com os alimentos devidamente acondicionados. Na bancada cenográfica para o *mise en place*, sugere-se *sousplat* variados, pratos, jogos americanos, talheres, guardanapos de pano variados, ralador de queijo, moedor de pimenta. Já na bancada de alimento, sugere-se macarrão espaguete e talharim já cozidos, molhos de tomate bolonhesa, queijo parmesão ralado, folhas de manjeriço, folhas de salsa, tomates, tomatinho cereja, *sushis*, *cupcakes* e *cheesecake*, visando a aproximar o estudante da técnica de fotografia de comida real e do mundo do trabalho. O objetivo é que todos os estudantes fotografem todos os alimentos e sejam estimulados a compor um *mise en place*, ou seja, escolher o prato, o guardanapo, os talheres, os elementos de cenografia e, só depois, fazerem o “clique”, utilizando as técnicas de profundidade de campo e os principais ângulos de fotografia de comida.

Para a última oficina, sugere-se a montagem de duas bancadas de pré-produção para os diferentes tipos de *splash* com os produtos a serem usados para cada tipo. Numa bancada, uma colher presa num tripé onde serão jogados morangos no leite. Embaixo da bancada, uma bacia preta onde deverá gotejar água. E, ao lado, uma outra bancada com um aquário cheio de água, morangos e suco de morango em caixinha, laranja e suco de laranja em caixinha, pimentões e pimentas. Todos os elementos foram pensados para se alinharem à plasticidade da imagem e à composição do produto com sua fruta, remetendo a um produto feito com suco de fruta, conforme utilizado na área de publicidade, *Design* e comunicação visual.

Em termos de abordagem do processo, primeiro o professor explica o passo a passo da fotografia de produto pretendida, mediado pela Libras e os materiais concretos disponibilizados nas bancadas de pré-produção, e/ou *slides* em português escrito, seguindo as orientações de Da Silva e Oliveira (2020), verifica a compreensão dos participantes e soluciona dúvidas se houver. Depois, o professor faz uma demonstração e mostra aos participantes o resultado da fotografia e chama a atenção para aspectos positivos ou negativos do resultado, ou questionando os resultados, fazendo-os pensar sobre os efeitos da fotografia. Logo após, os participantes produzem as fotografias orientados pelo professor ou pelo colega mais experiente, uma abordagem que permite ao estudante aprender fazendo. Cabe salientar que, para esse processo, o grupo de participantes deve ser reduzido, no máximo, a 10 estudantes para que todos possam fotografar todos os produtos, que haja materiais reais de uso profissional no contexto de ensino, e/ou os participantes possam fazer uma visita técnico-experimental a um estúdio de fotografia onde possam aprender fazendo.

Por fim, os planos de aula das oficinas propõem a avaliação do processo de ensino e aprendizagem a partir da perspectiva do participante, visando possíveis ajustes de conteúdo, de procedimentos e de atividades de aprendizagem na SD. Na sequência, o passo a passo do plano de aula de cada uma das oficinas é apresentado.

4.3.1 Primeira Oficina: Fotografia de Produtos Opacos, Translúcidos e Transparentes

A primeira oficina – Fotografia de produtos opacos, translúcidos e transparentes – está organizada em 3 momentos: I) o diagnóstico do nível de desenvolvimento real (VYGOTSKY, 1988) ou o conhecimento que o estudante Surdo participante tem sobre fotografia de produto; calibragem de câmera e iluminação de produto para a organização da intervenção posterior; II) a introdução à fotografia de produto, equipamentos de iluminação, procedimentos de calibragem de câmera fotográfica e sintaxe visual; e III) a produção fotografia de produto com ambientação pelos participantes.

Os objetivos das atividades de aprendizagem propostos a partir do diagnóstico feito buscam levar os participantes a conhecerem a aplicação dos diferentes acessórios de iluminação na produção fotográfica de produtos opacos, translúcidos e transparentes, assim como as regulagens básicas para fotografia de produto em estúdio; a aplicar a melhor combinação de técnicas de iluminação na produção de fotografia com boa sintaxe visual (foco, contraste, textura, volume); e a trabalhar em equipe com respeito e tolerância ao tempo de aprendizagem de cada participante, contribuindo para a formação do perfil do egresso e para as atividades profissionais constantes no PPC do curso.

Todas as atividades de ensino e aprendizagem propostas na oficina 1, e nas subsequentes, partem da técnica da fotografia de produto na ação mediada pela linguagem e pela manipulação de objetos concretos, tanto pelo professor quanto pelos participantes. Ainda, todas as falas e ações do professor são interpretadas pelo intérprete de Libras e transmitidas aos participantes em Libras (L1 dos estudantes). Igualmente, todos os questionamentos e participações dos estudantes são interpretados em Libras e passados para o português para o professor-pesquisador pelo intérprete de Libras. Cabe lembrar, também, que na mediação do conhecimento são usados recursos como câmera fotográfica profissional, produtos de mercado, apresentação de slides em *powerpoint* com imagens relacionadas ao que se quer ensinar em português escrito (L2 dos estudantes), em frases curtas e objetivas, com palavras negritadas ou coloridas, chamando a atenção para a essência da mensagem. Ao final de cada oficina, os

participantes avaliam a oficina a partir das suas percepções e produções, visando possíveis ajustes na SD.

O plano de aula⁸ descritivo da oficina 1 é apresentado na sequência.

PLANO DE AULA: OFICINA 1

Tema da oficina:

- Fotografia de produtos opacos, translúcidos e transparentes.

Conteúdo:

- Diagnóstico do conhecimento prévio do estudante sobre fotografia de produto;
- Introdução à fotografia de produto: equipamento de iluminação, calibragem de câmera, iluminação de produtos opacos, translúcidos e transparentes;
- Composição e organização dos elementos no set (enquadramento, equilíbrio e perspectiva);
- Sintaxe visual adequada ao produto (foco, contraste, textura, volume, cor);
- Produção de fotografia de produto e avaliação da oficina.

Objetivos de aprendizagem:

- Conhecer a aplicação dos diferentes acessórios de iluminação na produção fotográfica de produtos opacos, translúcidos e transparentes;
- Conhecer as regulagens básicas para fotografia de produto em estúdio
- Aplicar a melhor combinação de técnicas de iluminação e composição na produção de fotografia com boa sintaxe visual; e
- Trabalhar em equipe com respeito e tolerância.

⁸ Optamos pelo uso da primeira pessoa do singular nos planos de aula para ressaltar a ação do professor, agente das ações pedagógicas propostas.

Recursos didáticos:

Câmera fotográfica, tripés de câmera, *flash* de estúdio, iluminador *softbox*, refletor parabólico (ou panela) para compor o *set* de fotografia; apresentação em *powerpoint* com esquemas de iluminação para apoio do conteúdo trabalhado na oficina; materiais de pré-produção de cenografia (gelo falso, trigos, corantes, jogo americano, frutas) e produtos variados opacos, translúcidos e transparentes, para os participantes aprenderem manipulando os materiais de uso profissional.

As figuras 6 e 7 mostram as bancadas de pré-produção com os produtos e recursos usados na oficina 1.

Figura 6: Bancadas de produção de still e produtos



Fonte: Dados da pesquisa 2020

Figura 7: Bancada de produtos opacos, translúcidos, transparentes e cenografia



Fonte: Dados da pesquisa 2020

Procedimentos metodológicos

- **Primeiro momento:** Apresentação do pesquisador, da Sequência Didática, e agradecimentos. Tempo estimado em 15 minutos

Início a aula auxiliado pelo intérprete de Libras, cumprimento os participantes, me apresento e explico os objetivos e procedimentos das oficinas. Em seguida, explico a organização das oficinas e enfatizo que todas serão práticas, com demonstrações feitas por mim (professor-pesquisador) e produções fotográficas feitas por eles (os participantes das oficinas). Nesse momento, informo aos participantes que as imagens que eles produzirão comporão o

Portfólio Digital On-line⁹ do grupo de participantes, criado numa plataforma gratuita, que permite ampliação de espaço de armazenamento. Acrescento ainda que essa possibilidade de portfólio digital é gratuito, editável, permite gerenciamento do conteúdo, e pode ser visualizado em múltiplos aparelhos digitais. Destaco que o portfólio é um diferencial para o futuro profissional ao ingressar no mundo do trabalho, pois pode, através dele, apresentar suas habilidades profissionais referentes à fotografia de produto para a comunicação visual, por exemplo.

Explico ainda que as oficinas abordarão técnicas distintas de fotografia de produto e visam a aprofundar o conhecimento dos participantes sobre a fotografia aplicada à comunicação visual e, conseqüentemente, a ampliar suas possibilidades de inserção no mundo do trabalho. Nesse momento, distribuo uma pasta com material de apoio às oficinas, ou seja, cópias impressas dos *slides* utilizados nas aulas para facilitar as anotações pessoais dos participantes. Além disso, coloquei na pasta os documentos de consentimento de participação nas oficinas e de autorização de uso das produções e de imagens. Também inseri uma ficha de avaliação de cada oficina, que deverá ser preenchida no final de cada encontro, visando a identificar, a partir da perspectiva do próprio participante, o seu nível de desenvolvimento/conhecimento em relação ao conteúdo de cada oficina.

- **Segundo momento:** Diagnóstico do conhecimento prévio dos participantes. Tempo estimado em 30 minutos

Ao término das apresentações e explicações, convido os participantes a fazerem fotografias dos diferentes produtos com as câmeras profissionais e a usarem todo aparato de iluminação à sua disposição. O objetivo do desafio proposto aos estudantes foi diagnosticar o conhecimento prévio sobre o tema da oficina: fotografia de produto opaco, translúcido e transparente, por isso, não receberam qualquer tipo de auxílio além da tradução da tarefa pelo intérprete de Libras. Após os participantes terem desenvolvido a tarefa proposta: captura de imagens/fotografia de produto de forma espontânea, elas foram armazenadas em

⁹ Endereço do portfólio on line: <https://comunicadoresvisuais.46graus.com/>

nuvem para comporem, posteriormente, o portfólio digital *on-line* das produções dos participantes e o conjunto de dados gerados para a pesquisa.

- **Terceiro momento:** Regulagens básicas de câmera e iluminação para fotografia de produto. Tempo estimado em 60 minutos

Após a tarefa de captura de imagem para o diagnóstico do conhecimento dos participantes, o terceiro momento tem como objetivo fazê-los conhecer a aplicação das regulagens básicas da câmera e da iluminação para fotografia de produto, tendo em vista que as fotografias tiradas (sem captura de imagem) indicaram que desconheciam as regulagens básicas da câmera e os recursos de iluminação. Assim, faço uma demonstração prática do passo a passo da montagem de um *set* de fotografia e os estimulo a manipularem os objetos reais usados na montagem do *set* de fotografia da oficina 1.

Na sequência, explico a função dos acessórios de iluminação mais adequados para fotografia de produto para a comunicação visual, fazendo uso da mesma estratégia de ensino: manipulação de materiais reais disponibilizados para a oficina e fotografia exemplificando. Para isso, cada acessório é apresentado e usado separadamente para os participantes entenderem o efeito que proporcionam na fotografia. Depois, explico a utilização dos acessórios em conjunto, formando um *set* de iluminação de produto, e uso os acessórios para os participantes perceberem seu efeito na fotografia.

As figuras 8 e 9 mostram os acessórios do *set* de iluminação: *softbox* e refletor parabólico.

Figura 8: Acessórios de iluminação soft box



Fonte: Site da Makostore¹⁰

Figura 9: Acessórios de iluminação refletor parabólico



Fonte: Site da Makostore

Em seguida, explico a regulação básica da câmera para fotografia de produto, assim como os ângulos e o enquadramento do produto, e destaco o uso do obturador em 1/12.

Informo aos participantes que, como as cenas são de produtos estáticos, não é necessária maior velocidade do obturador. Ainda, alerto que o ISO (controle da sensibilidade do sensor à luz) precisa ser baixo pelo excesso de luz, portanto, devemos calibrar para ISO 100. Destaco algo importante na fotografia, que o diafragma deve ser obtido após o uso do fotômetro, alertando que quanto maior o número que o fotômetro indicar, maior será a nitidez no produto (ou seja, teremos uma maior profundidade de campo), e que na fotografia de produto em *still* se utiliza sempre os diafragmas maiores para se obter uma imagem totalmente nítida. Então, “clico” para verem e avaliarem o efeito.

A figura 10 indica as regulagens básicas da câmera na visão do LCD (*Liquid Crystal Display*). Da esquerda para direita, temos a velocidade do obturador, nesse caso 1/125, e o diafragma representado na imagem pela letra f 5.6. E a figura 11 ilustra um fotômetro de mão usado para medir a luz nos *sets* de fotografia.

¹⁰ Disponível em <https://www.makostore.com.br/modificadores-de-luz> Acesso em 30 set. 2019.

Figura 10: LCD da câmera com regulagens básicas



Fonte: Site Fotodicasbrasil¹¹

Figura 11: Fotômetro de mão



Fonte: Paixaocameras¹²

- **Quarto momento:** Produção de fotografia de produto pelos participantes. Tempo estimado em 60 minutos

Após um intervalo de 15 minutos para o lanche oferecido por mim aos participantes, inicio o quarto momento da oficina. Para desenvolver as atividades de aprendizagem planejadas, divido a turma em dois grupos e solicito que montem sua bancada de trabalho, utilizando os produtos disponibilizados na bancada de pré-produção com produtos e acessórios de cenografia.

A bancada utilizada como mesa de *Still* deve ser composta por um fundo branco de PVC, duas fontes de luz, sendo um *softbox*, um refletor parabólico e um isopor para ser usado como rebatedor, ajudando no preenchimento da luz na foto.

A figura 12 mostra a bancada de trabalho com a mesa de *still* (fundo branco) e os iluminadores parabólico e *softbox*, e a figura 13, a bancada com os produtos e acessórios de cenografia.

¹¹ Disponível em <https://fotodicasbrasil.com.br/o-botao-q-o-que-todo-fotografo-com-uma-canon-dslr-precisa-saber/> Acesso em 30 set. 2019.

¹² Disponível em <https://fotodicasbrasil.com.br/o-botao-q-o-que-todo-fotografo-com-uma-canon-dslr-precisa-saber/> Acesso em 30 set. 2019.

Figura 12: Bancada de trabalho



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Figura 13: Produtos e acessórios de cenografia



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Feita a organização dos grupos e colocado os participantes frente à sua bancada de trabalho, enfatizo o quanto a luz pode ressaltar as características do produto e exemplifico fotografando e comentando o resultado. Nesse processo, primeiro demonstro como ressaltar as características de um produto por meio da iluminação. Depois, ensino os participantes a maquiarem os produtos para foto, como por exemplo, fazer uma bebida quente parecer gelada. Para isso, utilizo uma técnica empregando verniz fixador fosco sobre o produto e glicerina com água para compor a imagem, dando, assim, o aspecto de bebida gelada. Nesse momento, alerto os participantes que não se deve fotografar um produto gelado em geladeira, pois degela, molha o *set* e dá um aspecto de produto lavado, além de não despertar o desejo de consumo, algo importante na comunicação visual.

A figura 14 ilustra um tipo de verniz fixador: fosco mate, que diminui o reflexo e cria a sensação de produto gelado. Já a figura 15 ilustra o aspecto gelado do produto, feito com gotinhas de glicerina com água sobre verniz.

Figura 14: Verniz Fixador Fosco Mate



Fonte: Site Frutodearte¹³

Figura 15: Aspecto gelado obtido com gotinhas de glicerina com água sobre verniz



Fonte: Site Pinterest¹⁴

Em seguida, sob minha orientação, solicito aos participantes que refaçam as fotografias dos produtos opacos, translúcidos e transparentes, que foram tiradas para identificar o conhecimento deles sobre o assunto, porém não foram bem-sucedidos porque as imagens não foram capturadas, todas ficaram escuras. Nessa etapa, explico aos estudantes que, para que possam produzir fotos dos diferentes produtos, o trabalho em equipe é fundamental, pois os aproxima da prática no mundo do trabalho. Tal atitude deve ser estimulada durante as oficinas subsequentes também. Informo aos participantes que as produções desse momento serão simples, ou seja, o produto será capturado em fundo branco, sem preocupação com a ambientação do seu entorno, caracterizando-o com um *still* para recorte.

A figura 16 mostra o produto no fundo branco para recorte e depois o produto ambientado. As imagens ilustram como foram as produções dos participantes: primeiro aprendem a fazer a fotografia básica (em fundo branco), depois, fazem a produção ambientada.

¹³ Disponível em <https://www.frutodearte.com.br/vestempcp/quickview/view/id/3091> Acesso em 30 de set. de 2019.

¹⁴ Disponível em <https://www.pinterest.es/pin/202873158188303876/?lp=true> Acesso em 30 de set. de 2019.

Figura 16: Produto no fundo branco sem ambientação, e produto no fundo branco com ambientação com gelo e limão.



Fonte: Site Liptonicetea¹⁵

Terminado o tempo de produção de fotografia pelos participantes, apresento a tarefa de casa (quadro 2), que tem por finalidade levá-los a buscar referências de imagens do segmento para aprimorar uma ambientação de produto, a ampliar seu repertório visual e a identificar seu nível de sensibilidade estética. Sugere-se ao professor criar um grupo de *WhatsApp* e/ou *e-mail* para o envio e recebimento da tarefa. Assim, ele poderá identificar os estudantes com alta noção estética/artística e aqueles que precisam de maior orientação sobre o assunto.

Quadro 2: Tarefa de casa

Tarefa de casa: Busque, na Internet, sugestão de material de apoio para ampliação do repertório visual. Seguem algumas sugestões de endereços para auxiliá-lo na tarefa:

<https://www.natura.com.br/c/cuidados-diaricos/banho/sabonetes>

<http://www.diegofoto.com.br/>

<https://newtonmedeiros.com.br/item/alimentos/>

<http://tonygenerico.com.br/advertising/>

https://www.studioc1s.com.br/?gclid=CjwKCAjw2qHsBRAGEiwAMbPoDOikkiL4HRVT5Kb6-aOuEH13dMnksYfxtVQvunCFR07hPpjFtdttkxoC_tQQAxD_BwE

<http://fotografamelhor.com.br/wp-content/uploads/2017/09/068-76.pdf>

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

¹⁵ Disponível em <https://www.pinterest.es/pin/202873158188303876/?lp=true> Acesso em 30 de set. de 2019.

Por fim, solicito aos participantes que avaliem a oficina 1 (quadro 3), indicando seu nível de satisfação/aprendizagem referente aos conhecimentos trabalhados. Terminada a avaliação, agradeço a participação e finalizo a oficina.


Quadro 3: Ficha de avaliação da oficina 1

Avaliação da oficina 1: fotografia de produto


1. **Assinale** com (X) a **carinha** que expressa seu nível de **satisfação** referente aos **conhecimentos** abordados na **oficina 1**.

Legenda: A carinha **verde** indica que os **conhecimentos** foram **aprendidos**; a **amarela**, que há **conhecimentos** que precisam ser **revisitados**; e a **vermelha**, que os **conhecimentos** não foram aprendidos.


O conhecimento de **Iluminação**:




O conhecimento de **regulagens da câmera**:



O resultado da **foto** que você **produziu**:



2. O **conteúdo** da **oficina** foi **relevante** para sua **profissão**?



3. **Dica** ou **sugestão** para a próxima oficina? () Sim () Não
Qual? _____

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Avaliação da aprendizagem:

A aprendizagem será diagnosticada pela produção dos participantes: fotografias de produtos opacos, transparentes e translúcidos com base na técnica de iluminação abordada na oficina; pela participação e engajamento nas atividades propostas; e pelas atitudes no trabalho em equipe. Os critérios de avaliação serão: Iluminação bem elaborada, sem brilhos indesejáveis e sem sombras inadequadas; composição adequada do *set* (com equilíbrio, perspectiva,

organização), sintaxe visual adequada à proposta (foco, contraste, textura, volume e cor).

4.3.2 Segunda Oficina: Fotografia de Comida

A segunda oficina – *Fotografia de Comida* – está organizada em 4 momentos: I) revisão do conhecimento trabalhado na oficina 1; II) profundidade de campo na fotografia de comida; III) composição na fotografia de comida; e IV) produção de fotografia de comida pelos participantes.

Os objetivos das atividades de aprendizagem propostos a partir do revisão da oficina 1 buscam levar os participantes a aplicarem a melhor combinação de técnicas de iluminação e regulagem de câmera na produção fotográfica; a harmonizarem o produto ao *set*, combinando-o com os elementos de cenografia; a produzirem fotografias aplicadas à comunicação visual de diferentes comidas com sintaxe visual de qualidade; e a trabalharem em equipe com respeito e tolerância, contribuindo para a formação do perfil do egresso, para as atividades profissionais constantes no PPC do curso.

Igualmente à oficina 1, todas as atividades de ensino e aprendizagem propostas na oficina 2 partem da técnica da fotografia de comida em ação mediada pela linguagem e pela manipulação de objetos concretos, como câmera fotográfica profissional e comida de diferentes etnias, tanto pelo professor-pesquisador quanto pelos participantes. Na mediação do conhecimento são usados recursos visuais como apresentação de *slides* em *powerpoint*, com imagens relacionadas ao que se quer ensinar em português escrito (L2 dos estudantes), em frases curtas e objetivas, com palavras negritadas ou coloridas, chamando a atenção para a essência da mensagem (DA SILVA; OLIVEIRA, 2020). Todas as interações e ações do professor são interpretadas pelo intérprete de Libras e transmitidas aos participantes em Libras (L1 dos estudantes). Igualmente, todos os questionamentos e participações dos estudantes são interpretados em Libras e transmitidos em português para o professor pelo intérprete de Libras. Ao final da oficina, os participantes avaliam o processo a partir de suas percepções e produções, visando possíveis ajustes na SD.

O plano de aula descritivo da oficina 2 é apresentado na sequência.

Tema da aula: Fotografia de comida

Conteúdo:

- Profundidade de campo na fotografia de comida;
- Iluminação na fotografia de comida;
- Composição na fotografia de comida;
- Produção de fotografia de comida; e avaliação da oficina.

Objetivos de aprendizagem:

- Aplicar a melhor combinação de técnicas de iluminação e regulação de câmera na produção fotográfica;
- Harmonizar o produto ao set, combinando-o com os elementos de cenografia;
- Produzir fotografias aplicadas à comunicação visual de diferentes comidas com boa sintaxe visual; e
- Trabalhar em equipe com respeito e tolerância.

Recursos didáticos:

Câmera fotográfica, tripés de câmera, flash de estúdio, iluminador *softbox*, refletor parabólico (panela) para a montagem do set de fotografia; uso de *powerpoint* com esquemas de iluminação para apoio do conteúdo a ser abordado e dos procedimentos metodológicos; material de composição de *mise en place* (material de cenografia de comida); set de produção fotográfica; participantes como recurso no processo de ensino-aprendizagem. As figuras 17 e 18 ilustram os recursos usados na oficina 2.

Figura 17: Set de iluminação de produto com iluminador *softbox*.



Fonte: Site fotografiamais.com¹⁶

Figura 18: Elementos de composição de mise en place de cenografia de comida.



Fonte: Dados da pesquisa 2020

Procedimentos metodológicos:

- **Primeiro momento:** Retomada do conhecimento trabalhado na oficina 1. Tempo estimado em 15 minutos.

Início a aula, auxiliado pelo intérprete de Libras, retomando o conhecimento abordado na oficina 1 sobre as regulagens básicas para a fotografia de produto. Orientaram a interação com os estudantes as seguintes perguntas: Qual melhor combinação de diafragma e por quê? Qual a velocidade do obturador para fotografia de produto?; Qual o ISO adequado para grande quantidade de luz dos *flashes*?; Qual é o balanço de branco correto? Para ajudá-los nas respostas, os participantes resgatam suas anotações no material de apoio entregue na oficina 1 ou indicam suas respostas na própria câmera fotográfica ou recursos de iluminação ou, ainda, sinalizam suas respostas, que são interpretadas para o português pelo intérprete de Libras.

- **Segundo momento:** Os sentidos na tomada de decisão do consumidor. Tempo estimado em 15 minutos.

Após a revisão do conteúdo da oficina 1, início a abordagem com ajuda de *slides*, que destacam as diferentes áreas da fotografia que têm papel significativo

¹⁶ Disponível em <https://fotografiamais.com.br/iluminacao-para-foto/> Acesso em: 15.out.2019.

na comunicação visual, dando ênfase para a fotografia de produto e alimento, como uma possível área de atuação profissional dos participantes.

A figura 19, colocada em *powerpoint*, resume os diferentes tipos de fotografia. Em vermelho, destaco o tipo de fotografia abordado na oficina: Fotografia de produto com foco em comida. Em seguida, utilizo uma ilustração que enfatiza os sentidos que mais influenciam na tomada de decisão em relação à fotografia de comida, tendo a visão como o sentido mais importante.

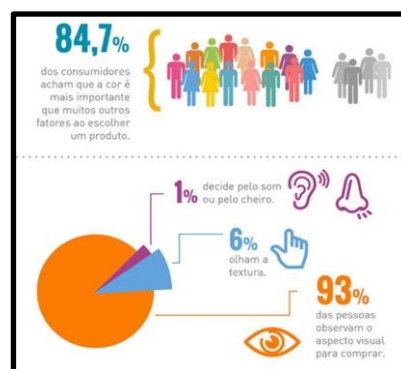
Destaco também a importância da cor, da variação da cromia (figura 20), tanto nos elementos de cenografia como nos alimentos. O infográfico da figura 20 ilustra ainda, em percentuais, a importância dos sentidos na tomada de decisão de um consumidor diante do produto que pretende comprar.

Figura 19: Diferentes áreas da fotografia



Fonte: Site Pronatec pro¹⁷

Figura 20: Ilustração do percentual dos sentidos na tomada de decisão



Fonte: Site Neipatel.com¹⁸

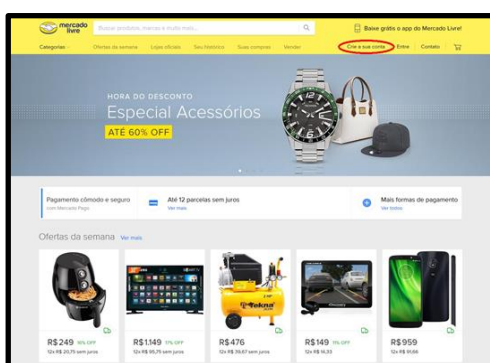
Destaco, na projeção em *powerpoint*, os dados percentuais para valorizar ainda mais a importância de se produzir imagens de qualidade para contribuir com o comércio digital e as redes sociais comerciais. Ênfase aos participantes que anúncios e comunicação visual contendo imagens, em geral, obtêm 94% mais visualizações do que os que não utilizam esse recurso, e que 60% dos consumidores estão mais propensos a considerar ou contatar uma empresa quando uma imagem é mostrada nos resultados de busca. Mostro também uma

¹⁷ Disponível em: <https://pronatec.pro.br/quais-sao-as-melhores-areas-para-fazer-uma-faculdade-e-ad/> Acesso em 15.out.2019.

¹⁸ Disponível em: <https://neipatel.com/br/blog/neuromarketing/>. Acesso em 15.out.2019.

interface de *e-commerce* no celular e outra num site para entenderem como a imagem prevalece sobre o texto nas páginas de negócio, dando ênfase a produtos relacionados à comida, devido ao tema da oficina. A figura 21 ilustra um site de vendas de produtos com imagens e a figura 22 um aplicativo de venda de comida por meio de imagens.

Figura 21: Interface site de venda de produtos com imagens



Fonte: Blog Olist.com¹⁹

Figura 22: Interface de aplicativo de venda de comida com imagem



Fonte: Site Melhores aplicativos.com.br²⁰

- **Terceiro momento:** A iluminação, a profundidade de campo e os ângulos na fotografia de comida. Tempo estimado em 45 minutos

Após mostrar o papel significativo da visão, assim como o das cores na tomada de decisão e a importância da fotografia na comunicação visual, falo da iluminação da fotografia de comida, que pode ser com *flash*, com acessório de luz suave do *softbox*, conforme mostra a figura 23. Depois, falo da luz de janela (ou luz natural através de uma janela) e do rebatedor, que também é uma possibilidade de uso, embora não seja uma luz que permita ao fotógrafo ter controle sobre a luminosidade. A figura 24 ilustra essa situação.

¹⁹ Disponível em: <https://blog.olist.com/como-vender-no-mercado-livre-veja-esse-passo-a-passo-completo/Acesso em 15 de out. de 2019.>

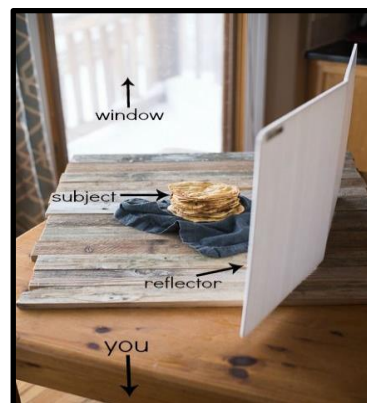
²⁰ Disponível em <https://www.melhoresaplicativos.com.br/aplicativo-ifood-avaliacao/>. Acesso em 15 de out. de 2019.

Figura 23: Set de fotografia de comida com luz suave do *softbox*.



Fonte: Site depositphotos.com²¹

Figura 24: Fotografia de comida com luz de janela.



Fonte: Rede Social Pinterest.com²²

Após falar da iluminação, abordo o aspecto da nitidez na fotografia de comida. Saliento que a fotografia de comida pode ter nitidez no fundo e em toda imagem (ou grande profundidade de campo), igual a fotografia de produto, conforme mostra a figura 25. Ela também pode ter o fundo desfocado (ou pequena profundidade de campo), deixando apenas o prato em foco, conforme ilustra a figura 26.

²¹ Disponível em: <https://pt.depositphotos.com/150329960/stock-photo-woman-photographing-food.html>. Acesso em 15 out. 2010.

²² Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/336221928406688023/?lp=true>. Acesso em 15 out. 2019.

Figura 25: Imagem de comida com grande nitidez



Fonte: Site Tobias almeida.com²³

Figura 26: Macarronada com fundo desfocado



Fonte: Site Fotografiamais.com²⁴

Na sequência, abordo a fotografia de comida ambientada e não ambientada, explorando as figuras 25 e 26 na projeção em *powerpoint*. Informo aos participantes que a imagem ambientada pode ser feita com grande profundidade (nítidas) ou com pequena (fundo desfocado), conforme mostram as figuras 25 e 26. Nesse momento, também saliento a importância de o fotógrafo escolher elementos que contribuam com a composição, que tenham coerência com o prato a ser fotografado, e enfatizo que essa habilidade é algo que se pode aprimorar observando imagens de sites especializados. Reforço que, para ambientar uma fotografia, é preciso parceria com um profissional da área de gastronomia ou treinar o olhar observando imagens feitas por profissionais ou, ainda, conversando com o cliente (*briefing*) para conhecer um pouco da função e do conceito que ele pretende passar com a imagem, como por exemplo, o frescor dos alimentos, se são orgânicos, naturais, ou associando o produto industrializado a um elemento da natureza, etc.

A título de exemplificação, mostro uma embalagem de prato pronto, conforme ilustra a figura 27, uma lasanha industrializada com elementos da natureza, como tomates e folhas de manjeriço ao lado do prato com o produto.

²³ Disponível em: <https://www.thobiasalmeida.com/post/fotografia-de-comida-ou-de-gastronomia>. Acesso em 15 out. 2019.

²⁴ Disponível em: <https://fotografiamais.com.br/fotos-de-comida/> Acesso em 15 out. 2019.

Figura 27: Lasanha ambientada com tomates e bandeja promocional



Fonte: Site Mundo Marketing ²⁵

Informo aos participantes que a ambientação de um produto gera mais estímulo visual e ajuda a vender outros produtos, como por exemplo, uma bebida, uma sobremesa, um combo, que atualmente é muito usado. Já a imagem sem ambientação pode ser usada para aplicação em algum material de divulgação que precisa destacar um produto específico. A figura 28 ilustra essa situação.

Figura 28: Imagem de lanche ambientado e em fundo neutro para recorte.



Fonte: Site Fotografia de Comida ²⁶

Na sequência, falo do ângulo da câmera na fotografia de comida, abordando as tendências desse tipo de fotografia no mercado. Início falando do ângulo zenital, que corresponde à fotografia feita totalmente de cima, a 90 graus de inclinação, dando uma visão geral da mesa, mostrando, além do prato, tudo

²⁵ Disponível em: <https://www.mundodomarketing.com.br/lancamentos/284/seara-cria-nova-bandeja-para-lasanha.html>. Acesso em 16 out. 2019.

²⁶ Disponível em <http://www.fotografiadecomida.com.br/com-ou-sem-ambientacao/>. Acesso em 16 out. 2019.

que está no entorno para gerar uma imagem visualmente forte, conforme mostra a figura 29.

Figura 29: Fotografia de comida em 90 graus



Fonte: Site Pinterest²⁷

Figura 30: Fotografia de comida em 45 graus.



Fonte: Site Estou na viagem²⁸

Em seguida, abordo a fotografia em ângulo de 45 graus, também muito utilizada, porém requer mais atenção do fotógrafo com os elementos do fundo. Esse tipo de fotografia dá ênfase ao principal, mas deixa subentendido o contexto onde está inserido o produto, conforme mostra a figura 30.

Para finalizar o assunto, falo da fotografia no ângulo normal, ou frontal, que também é utilizado em fotografia de comida para dar força e ênfase ao alimento, conforme destaca a figura 31.

²⁷ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/23925441747794477/?lp=true>. Acesso em 16 out. 2019.

²⁸ Disponível em: <https://estounaviagem.com.br/dicas/como-tirar-foto-de-comida/> Acesso em 16 out. 2019.

Figura 31: Fotografia de Cheeseburger em ângulo reto



Fonte: Site Estou na viagem²⁹

Depois de abordar o ângulo na fotografia, enfatizo que a melhor foto é a que atrai o consumidor e destaque que quanto melhor a fotografia, maior será a sensação de qualidade associada ao produto. Para tanto, uso como recurso a comparação entre as imagens das figuras 32 e 33, fotografia profissional e amadora, respectivamente.

Figura 32: Fotografia profissional de pizza



Fonte: Site Pinterest³⁰

Figura 33: Fotografia amadora de pizza



Fonte: fanpage Pizzaria Los Hermanos³¹

Também destaco a importância da fotografia na embalagem do produto para atrair o consumidor, usando, para isso, a projeção da figura 34.

²⁹ Disponível em: <https://estounaviagem.com.br/dicas/como-tirar-foto-de-comida/> Acesso em 16 out. 2019.

³⁰ Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/506725395568641426/?lp=true>. Acesso em 16 out. 2019.

³¹ Disponível em: <https://business.facebook.com/pizzarialoshermanos/photos/pcb.2821160844644020/2821160764644028/?type=3&theater>. Acesso em 25 fev. 2020.

Figura 34: Embalagem de lasanha com fotografia.



Fonte: Site da Sadia³²

Feito isso, destaco, em projeção, os 8 pontos importantes para fotografar comida, a partir da visão Téo Sin (2012), fotógrafo especializado em fotografia de alimento.

- **Fazer** um **briefing** do trabalho com o fotógrafo e **cliente** (ou conversa com o cliente);
- **Estudar** os **pratos** que serão fotografados;
- **Estudar e conhecer** os **alimentos** e **elementos** que são mais **fotogênicos**;
- **Planejar e organizar** o **set**, a bancada;
- **Preocupar-se** com o **frontside**;
- **Limpar e higienizar** todas as **louças e ambiente**;
- **Trabalhar rápido** para que os alimentos não sofram mudanças de temperatura e aspecto;
- **Trabalhar em equipe** com o fotógrafo.

Em seguida, mostro algumas imagens de comida, extraídas do livro Fotografia Culinária, da Associação de fotógrafos da Fototech. Escolho as mais práticas e que exigem menos equipamento, mas geram um resultado de qualidade, conforme sugerem as figuras 35 e 36.

³² Disponível em: <https://www.sadia.com.br/produtos/lasanha-bolonhesa-1kg>. Acesso em 16 out. 2019.

Figura 35: Fotografia de comida do fotógrafo Marcio Schaefer.



Fonte: Livro Fotografia Culinária Fototech.

Figura 36: Esquema de luz e fotografia do fotógrafo Diego Rousseau.



Fonte: Livro Fotografia Culinária Fototech.

Informo aos participantes que a figura 36 é uma foto realizada para um *folder* de *buffet*, no qual várias opções de serviço são apresentadas. A foto corresponde a jantares em que os talheres e o *sousplat* de prata hierarquizam a produção, mas criam um problema fotográfico: os reflexos. Por isso, uma contraluz com uma grande superfície luminosa deve ser a decisão do fotógrafo, pois gera volume nos elementos do prato e fornece uma superfície em que o *sousplat* se reflete, mostrando o brilho da prata. A tomada pode ser realizada em filme cromo, formato 6x7cm e sem tratamento digital. A iluminação é de um grande *softbox* em contraluz e um rebatedor à frente (ROUSSEAU, 2010).

- **Quarto momento:** Produção fotográfica de comida. Tempo estimado em 90 minutos

Nesse momento, os participantes começam a fotografar sob minha supervisão e o apoio do intérprete de Libras. Todos fotografam todos os pratos e *sets*, porém com autonomia para empratar os alimentos de acordo com o seu estilo artístico e sensibilidade, e decoram os pratos com molho, folhas de manjeriço, queijo ralado etc. Explico a montagem, solicito que fotografem as comidas nos três ângulos propostos na oficina e façam imagens com profundidade de campo para valorizar a cenografia que produzirão.

Terminado o tempo de produção de fotografia de comida pelos participantes, apresento a tarefa de casa (quadro 4), que tem por finalidade levá-los a buscar referências de imagens do segmento para aprimorar uma ambientação de produto, a ampliar seu repertório visual e a identificar seu nível de sensibilidade estética. Igualmente, sugere-se ao professor criar um grupo de *WhatsApp* e/ou *e-mail* para o envio e recebimento da tarefa. Assim, ele poderá identificar os estudantes com alta noção estética/artística e aqueles que precisam de maior orientação sobre o assunto.

Quadro 4: Tarefa de casa

Tarefa de casa: Busque, na Internet, sugestão de material de apoio para ampliação do repertório visual. Seguem algumas sugestões de endereços para auxiliá-lo na tarefa:

Sites:

<http://www.fotografiadecomida.com.br/blog/>

<https://www.vanessaalves.com.br/food>

<https://www.lucianodias.com/alimentos>

Fonte: dados da pesquisa (2020)

Por fim, solicito aos participantes que avaliem a oficina 2 (quadro 4), indicando seu nível de satisfação/aprendizagem referente aos conhecimentos trabalhados. Em seguida, agradeço a participação e finalizo a oficina.

Quadro 5: Avaliação da oficina 2

Avaliação da oficina 2: fotografia de comida

1. Assinale com (X) a **carinha** que expressa seu nível de **satisfação** referente aos **conhecimentos** abordados na **oficina 2**.

Legenda: A carinha **verde** indica que os **conhecimentos** foram **aprendidos**; a **amarela**, que há **conhecimentos** que precisam ser **revisitados**; e a **vermelha**, que os **conhecimentos não foram aprendidos**.



O conhecimento de **Iluminação para fotografia de comida**:



O conhecimento de **regulagens da câmera para fotografia de comida**:



O resultado da **foto** que você **produziu**:

 <p>2. O conteúdo da oficina foi relevante para sua profissão?</p>
 <p>3. Dica ou sugestão para a próxima oficina? () Sim () Não</p> <p>Qual? _____</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Avaliação da aprendizagem: A aprendizagem será avaliada pela produção dos participantes: fotografias de comidas nas técnicas abordadas na oficina; pela participação e engajamento nas atividades propostas; e pelas atitudes no trabalho em equipe. Os critérios de avaliação serão: Iluminação com brilhos no local certo, bem como sombras, e a ênfase à textura e ao volume dos alimentos; Emprego correto dos ângulos específicos da fotografia de alimento; Profundidade de campo adequada a composição; Sintaxe visual adequada a proposta (foco, contraste, textura, volume e cor); Composição fotográfica (enquadramento, equilíbrio, organização); Ambientação (*mise en place*) coerente com a proposta do prato.

4.3.3 Terceira Oficina: Fotografia de Splash

A terceira oficina – *Fotografia de Splash* – está organizada em 4 momentos: I) revisão do conhecimento trabalhado na oficina 2; II) *splash* na comunicação visual em geral; III) tipos de *splash* e suas calibrações; e IV) produção de fotografia de *splash* pelos participantes.

Os objetivos das atividades de aprendizagem propostos buscam levar os participantes a conhecerem os diferentes tipos de *splash* utilizados na fotografia aplicada à publicidade e à comunicação visual; a aplicarem a melhor combinação de velocidade e enquadramento na fotografia de produtos em movimento; a desenvolverem, através da prática, a capacidade de capturar o momento exato do *splash*; a produzirem fotografias aplicadas à comunicação visual de diferentes tipos de *splash*; e a trabalharem em equipe com respeito e tolerância.

Igualmente às oficinas 1 e 2, todas as atividades de ensino e aprendizagem propostas na oficina 3 visam à aprendizagem do estudante por meio da prática do fazer, do saber pelo trabalho, já que a atividade proposta nas oficinas é uma prática real tal qual ocorre no mundo do trabalho.

Destaco ainda que todas as atividades de ensino e aprendizagem propostas na oficina 3 são, além da técnica, uma ação mediada pelo professor, por meio da linguagem e da manipulação de objetos concretos, como câmera fotográfica profissional, produtos e alimentos, e auxiliados pelo intérprete de Libras e colegas dos participantes. Na mediação do conhecimento são usados recursos visuais já mencionados na oficina 1 e 2, elaborados especificamente para a oficina de *Splash* com *slides* em *powerpoint*, contendo imagens diretamente relacionadas ao que se quer ensinar em português escrito (L2 dos estudantes), empregando frases objetivas, com palavras destacadas em negrito ou em vermelho, chamando a atenção para a essência da mensagem (DA SILVA; OLIVEIRA, 2020).

Ao final da oficina, os participantes avaliam o processo a partir de suas percepções e produções, indicando as oficinas que mais gostaram, as temáticas que gostariam de aprender, subsidiando futuras SDs.

O plano de aula descritivo da oficina 3 é apresentado na sequência.

PLANO DE AULA: OFICINA 3

Tema da oficina: Fotografia de *splash*

Conteúdo:

- Conceito de *splash* e seu uso na comunicação visual;
- Tipos de *splash*;
- Congelamento do movimento no *splash*;
- Produção de fotografia de *splash*; e avaliação da oficina.

Objetivos de aprendizagem:

- Conhecer os diferentes tipos de *splash* utilizados na fotografia aplicada à publicidade e à comunicação visual;
- Aplicar a melhor combinação de velocidade e enquadramento na fotografia de produtos em movimento;

- Desenvolver através da prática a capacidade de capturar o momento exato do *splash*;
- Produzir fotografias aplicadas à comunicação visual de diferentes tipos de *splash*; e
- Trabalhar em equipe com respeito e tolerância.

Recursos didáticos:

Câmera fotográfica, tripés de câmera, *flash* de estúdio, iluminador *softbox*, refletor parabólico (ou panela), refletor *snoot*, prática de *splash*, apresentação em *powerpoint* com esquemas de iluminação para apoio do conteúdo a ser abordado e dos procedimentos metodológicos; material de composição de *set* de *splash* (aquários, colheres, frutas); participantes como recurso no processo de ensino-aprendizagem. As figuras 37 e 38 ilustram alguns dos recursos usados na oficina 2.

Figura 37: Set de iluminação de *splash* de mergulho com iluminador *soft box*.



Fonte: Site Flickr.³³

Figura 38: Produtos sendo lançados no aquário para fotografia de *splash*



Fonte: Site .uniqstudios.co.uk³⁴

Procedimentos metodológicos:

- **Primeiro momento:** Retomada do conhecimento trabalhado na oficina 2. Tempo estimado em 15 minutos.

Início a aula auxiliado pelo intérprete de Libras, cumprimento os participantes e entrega o material de apoio (*slides* da aula impresso). Em seguida,

³³ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/brunostock/4056561889>. Acesso em 29 out. 2019.

³⁴ Disponível em: <http://www.uniqstudios.co.uk/blog/item/46-orange-nivea-water-splash-creative-advertising-photography-by-uniq-studios?start=2130> Acesso em 29 out. 2019.

retomo o conhecimento abordado na oficina 2 e faço questionamentos sobre as regulagens básicas para a fotografia de produto, como por exemplo: Qual melhor combinação de diafragma e por que?; Qual a velocidade do obturador para fotografia de produto; Qual o ISO adequado quando há grande quantidade de luz dos *flashes*?; Qual o balanço de branco correto? Nesse momento, os estudantes podem resgatar suas anotações no material de apoio disponibilizado na primeira e na segunda oficina.

- **Segundo momento da aula:** O *splash* e suas aplicações na comunicação visual, tempo estimado 30 minutos.

Nesse momento, destaco a utilização da fotografia de *splash* na comunicação visual na publicidade. Também mostro várias ilustrações de *splash* na comunicação visual e em embalagens de produto, conforme ilustram as figuras 39 e 40. Mostro alguns exemplos de *splash* aplicados, para que o estudante possa ver o quanto a técnica que ele está aprendendo é relevante para sua futura área de atuação profissional.

Figura 39: Campanha da Coca Cola com técnica de *splash*



Fonte: Site Fotografia DG³⁵

Figura 40: Campanha Guaraná Antártica com a técnica de *splash*



Fonte: Site Tony Genérico³⁶

Feitas essas considerações, digo aos participantes que como estavam familiarizados com a fotografia específica da área e cientes de que o sentido da visão é o que mais influência na tomada de decisão do fotógrafo e do

³⁵Disponível em: <https://www.fotografia-dg.com/tony-generico/>. Acesso em 29 out. 2019.

³⁶ Disponível em: [http://tonygenerico.com.br/advertising/#gallery\[photonic-wp-stream-2\]/1283/](http://tonygenerico.com.br/advertising/#gallery[photonic-wp-stream-2]/1283/) Acesso em 29 out. 2019.

consumidor/leitor de publicidade, eles irão aprender a técnica de *splash*, ou seja, a imagem da queda de um produto em um líquido para dar leveza ao produto, salientada pelas formas que os líquidos assumem quando impactados por um objeto sólido. Informo e ilustro que *splash* é o termo em inglês usado para designar respingos variados, e que, por sua plasticidade, são usados em fotografias na área da publicidade, nas fotografias aplicadas à comunicação visual, em embalagens de produtos, nas fotografias para *outdoor* ou mesmo num anúncio de uma marca, conforme mostram as figuras 39 e 40.

- **Terceiro momento:** O *splash* e suas classificações. Tempo estimado em 45 minutos

Após explicar o conceito de *splash*, bem como suas diferentes aplicações começo a explicar como se classificam, a partir da visão do fotógrafo de *splash*, referência no Brasil e no mundo, Tony Genérico. A classificação facilita o entendimento dos diferentes tipos de *splash* e contribui para o entendimento da técnica para iluminar sua captura. O *splash*, conforme Genérico (2012, p. 154), se divide nas seguintes categorias: de alto impacto, de baixo impacto e de mergulho. O *Splash* de alto impacto é caracterizado quando um objeto sólido atinge uma lâmina líquida produzindo um *splash* com uma grande explosão. Como exemplo de fotografia de *splash* de alto impacto, temos a de um cubo de gelo caindo num copo d'água. Mais precisamente, nesse tipo de fotografia queremos captar o momento em que o cubo atinge a água e causa o *splash*. As figuras 41 e 42 retratam a fotografia de *splash* de alto impacto.

Figura 41: *Splash* de alto impacto: gelo caindo no copo com água.



Fonte: Site Tony Genérico³⁷

Figura 42: Exemplo de *Splash* com alto impacto, morango caindo no leite



Fonte: Site Tony Genérico³⁸

Acrescento ainda que o *splash* de baixo impacto é caracterizado quando utilizamos gotas e líquidos de menor impacto para atingirem, de forma suave, o objeto sólido ou outro objeto líquido, já preparado para receber as gotas ou líquidos. Saliento também a importância do controle do fluxo do líquido e do aproveitamento das vantagens hidrodinâmicas de um recipiente apropriado. Nesse momento, também saliento pontos importantes sobre fotografia de *splash* de baixo impacto: a altura da qual o líquido/fluido cai, a quantidade de água, a natureza da superfície e o design do recipiente em que ele cai.

As figuras 43, 44 e 45 exemplificam *splash* de baixo impacto.

³⁷ Tony Genérico: Disponível em <http://tonygenerico.com.br/receita-de-splashes-alto-impacto/> Acesso em: 29 out. 2019.

³⁸ Disponível em: [http://tonygenerico.com.br/liquidos/#gallery\[photonic-wp-stream-2\]/1328/Acesso](http://tonygenerico.com.br/liquidos/#gallery[photonic-wp-stream-2]/1328/Acesso) em: 29 out. 2019.

Figura 43: *Splash* de baixo impacto: gota d'água com bandeira do Brasil ao fundo.



Fonte: Acervo particular do pesquisador³⁹

Figura 44: *Splash* de baixo impacto, de gotas (líquido sobre líquido)



Fonte: Site Tony Genérico.⁴⁰

Figura 45: *Splash* de baixo impacto de água sobre pimentões: líquido sobre sólido.



Fonte: Site Tony Genérico⁴¹

Em seguida, abordo o *splash* de mergulho ou imersão. Enfatizo que é o tipo de *splash* que utilizamos um aquário ou recipiente transparente que possibilite uma fotografia frontal do produto mergulhado no líquido, sem a preocupação de captar o *splash* acima do recipiente, mas sim o trajeto do produto dentro do líquido, formando bolhas e desenhos com grande plasticidade, conforme retratam as figuras 46 e 47.

³⁹ Fonte: Leonardo Latrônico/na aula do professor Eduardo Gomes na disciplina de fotografia publicitária, na Univali.

⁴⁰ Disponível em: <http://tonygenerico.com.br/receita-de-splashes-baixo-impacto/>Acesso em: 29 out. 2019.

⁴¹ Disponível em: <http://tonygenerico.com.br/receita-de-splashes-baixo-impacto/>Acesso em: 29 out. 2019.

Figura 46: Caju durante mergulho em aquário, *splash* de mergulho.



Fonte: Site Tony Genérico. ⁴²

Figura 47: *Splash* de mergulho com Coca Cola Light.



Fonte: Site Tony Genérico. ⁴³

Feita a devida explicação de cada categoria de *Splash*, mostro as principais regulagens da câmera e do *Flash*. Enfatizo a importância de aumentar a velocidade do obturador para 1/320, obtendo com isso um melhor congelamento da imagem, conforme figura 48, combinado à potência mínima do *flash* para que a luz se dissipe mais rápido no ambiente, evitando, com isso, borrar as extremidades da imagem do *splash*, conforme mostra a figura 49, compensando com o ISO em 200 ou 400.

⁴² Disponível em: <http://tonygenerico.com.br/receita-de-splashes-mergulho/> Acesso em: 29 out. 2019.

⁴³ Disponível em: <http://tonygenerico.com.br/receita-de-splashes-mergulho/> Acesso em: 29 out. 2019.

Figura 48: LCD da câmera com a calibragem da velocidade do obturador em 1/320, WB em *Flash* e ISO em 200.



Fonte: Dados da Pesquisa 2020.

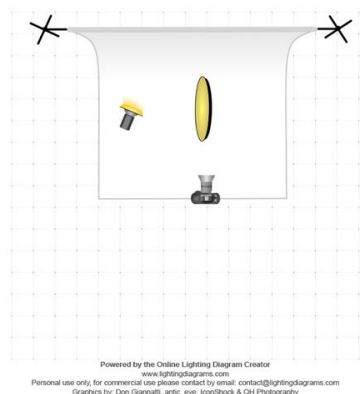
Figura 49: *Flash* com a regulação da potência na posição 1 que é a mais fraca



Fonte: Dados da Pesquisa 2020.

Após concluir a parte de calibragem de câmera e *flash*, mostro três esquemas de iluminação, uma para cada categoria de *splash* e inicio com o *set* de fotografia de gotas, de baixo impacto, com utilização de um refletor panela com gelatina colorida, para deixar a imagem da gota com cor, conforme esquema de montagem de *set* na figura 50.

Figura 50: Planta baixa com esquema de iluminação, com luz *backlight*, com uso de refletor panela com gelatina amarela.



Fonte: site: lightingdiagrams⁴⁴

Figura 51: Jogo de filtro *close-up*



Fonte: Site Aliexpress⁴⁵

Coloco uma bacia com água na cor preta, para dar contraste na fotografia, e não clarear o fundo da água, apenas refletir a cor na sua superfície. Acima da bacia, penduro uma garrafa num tripé, para que ela fique gotejando para os estudantes fotografarem. Como essa foto precisa ser feita bem de perto, utiliza-se um filtro *close up* (figura 51), que permite melhor aproximação da câmera com as gotas. Esse filtro é muito semelhante a uma lente macro, utilizada para fotografia de insetos e flores, contudo é cerca de 100 vezes mais barato que uma lente macro. Informo aos participantes que o filtro *close up* deve ser rosqueado na objetiva (lente) da câmera, possui graduação +1 até +10, e acrescento que quanto maior o número, maior o poder de aproximação em relação ao objeto fotografado. A figura 52 ilustra essa informação.

⁴⁴ Disponível em: <http://www.lightingdiagrams.com/Creator>. Acesso em 29 de out.2019.

⁴⁵ Disponível em:

https://pt.aliexpress.com/item/32668063115.html?src=google&src=google&albch=shopping&acnt=494-037-6276&isdl=y&slnk=&plac=&mtctp=&albbt=Google_7_shopping&aff_platform=google&aff_short_key=UneMJZVf&&alb. Acesso em 29 out. 2019.

Figura 52: Filtro *close up* +10 rosqueado numa lente



Fonte: Disponível em: pt.tvc-mall.com⁴⁶

Figura 53: Set com *snoot* e morango caindo numa colher com leite



Fonte: Site jakehicksphotography.com⁴⁷

Já para o *splash* de alto impacto, utilizaremos uma colher presa pelo cabo num tripé, ora cheia com leite, ora com iogurte, e um morango que será lançado sobre essa colher. Para dar bastante contraste e obtermos uma iluminação bem pontual (somente na colher e no morango), dando ênfase no contraste do leite branco, fundo escuro (sem iluminação) e o morango bem iluminado com bastante textura, utilizo um acessório chamado *Snoot*, conforme ilustra a figura 53 (uma espécie de cone). Assim, o morango deverá ser jogado na colher por um dos participantes, depois que um colega fizer a medição da luz, e o outro der o sinal para o arremesso e, conseqüentemente, o “clique”.

O fundo não será iluminado, portanto, mesmo tendo a parede bicolor atrás, ficará preto, conforme aponta a parte centro esquerda da figura 53. Feita essa explicação, montamos o *set* da fotografia de *splash* de mergulho, com utilização de *soft box* a 45 graus e um aquário para os produtos serem lançados e produzirem as borbulhas durante seu trajeto dentro da água.

- **A quarta e última etapa:** Produção de fotografia de *splash*. Tempo estimado em 1 hora e 15 minutos para que todos os estudantes possam

⁴⁶ Disponível em: <https://pt.tvc-mall.com/details/77mm-professional-close-up-macro-filter-set-photography-lens-kit-1-2-4-10-skuy1210200248a.html> Acesso em: 29 out. 2019.

⁴⁷ Disponível em: <https://jakehicksphotography.com/latest/?offset=1414440516100>. Acesso em 29 out. 2019.

praticar as três categorias de *splash*, acompanhados pelo professor e o intérprete de Libras.

Nesse momento da oficina, podem ser feitos vários “cliques” em cada categoria de *splash*. Todos os participantes devem ser motivados a produzir pelo menos uma imagem perfeita em cada tipo de *splash*. Cabe ressaltar ainda que cada estudante que obtenha uma foto de *splash* tecnicamente bem feita deve contribuir para motivar o colega a obter a sua, buscando trabalhar o espírito de equipe dos estudantes participantes, muito comum na área da fotografia.


Terminados os “cliques”, informo aos participantes que essa é a última oficina da SD, mas que irei organizar todo o material produzido por eles e postar no portfólio *on-line* a ser compartilhado posteriormente. Por fim, solicito que avaliem a oficina 3 e a SD, conforme quadro 6.

Quadro 6: Avaliação da oficina de *splash* e da proposta de ensino


1. **Assinale com (X)** a **carinha** que expressa seu nível de **satisfação** referente aos **conhecimentos** abordados na **oficina 3**.

Legenda: A carinha **verde** indica que os **conhecimentos** foram **apreendidos**; a **amarela**, que há **conhecimentos** que precisam ser **revisados**; e a **vermelha**, que os **conhecimentos não** foram **apreendidos**.


O conhecimento sobre iluminação para fotografia de *splash*:



O conhecimento sobre as regulagens da câmera para a fotografia de *splash*:



Com resultado da foto produzida:



2. O conteúdo da oficina 3 foi relevante para sua profissão?



3. Você gostou de participar das oficinas de fotografia de produto?

Sim () Um pouco () Não ()

4. Escreva **(1)** para a oficina que você **mais gostou**, **(2)** para a que você **gostou um pouco** e **(3)** para a que você **menos gostou**.

De Produto ()



De Comida ()



De *Splash* ()



5. Você participaria de mais oficinas de fotografia aplicada?

Sim () Talvez () Não ()

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Recolho as avaliações e agradeço a participação de cada estudante e do intérprete. Como de costume, deixo uma última tarefa de casa, conforme quadro 7.

Quadro 7: Tarefa de casa

Tarefa de casa: Busque, na Internet, sugestão de material de apoio para ampliação do repertório visual. Seguem algumas sugestões de endereços para auxiliá-lo na tarefa:

Sites :

<http://tonygenerico.com.br/liquidos/>

<https://www.blog.cameramais.com.br/fotografia-de-splash-o-basico/>

<http://www.andrealaybauer.com/portfolio.html>

<https://focusfoto.com.br/splash/>

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Avaliação da aprendizagem:

A aprendizagem será avaliada pela produção de fotografia de *splash* com base na técnica de iluminação abordada nas três oficinas e nas novas técnicas da oficina de splash, pela participação e engajamento dos participantes nas atividades propostas; e pelas atitudes no trabalho em equipe. Os critérios de avaliação serão: fotografias de *splash* com iluminação sem brilhos indesejados, imagens com emprego correto das técnicas para congelamento do *splash* e ainda a produção de fotografia de *splash* nas três categorias com boa composição (enquadramento, equilíbrio, organização) e sintaxe visual adequada à proposta (foco, contraste, textura, volume e cor).

Tendo apresentado o Produto Educacional, no próximo capítulo, iniciamos a análise e discussão dos dados gerados no presente estudo, mais especificamente nas entrevistas com os participantes e nas oficinas, onde foi implementada a Sequência Didática desenhada como Produto Educacional desta investigação.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo apresenta a análise e discussão dos dados gerados para o estudo. Para isso, este capítulo está organizado em três seções. Na primeira seção respondemos a primeira pergunta de pesquisa: *Que conhecimentos básicos de fotografia os estudantes Surdos participantes do estudo têm e usam ao concluírem o Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem?* Na segunda seção respondemos a segunda pergunta de pesquisa: *Que procedimentos metodológicos de ensino, por meio da didática do saber pelo trabalho, viabilizam uma aprendizagem eficaz de técnicas de fotografia aplicada à comunicação pelos participantes do estudo?* E na terceira seção respondemos a terceira pergunta de pesquisa: *Qual o impacto do Produto Educacional desenhado para o estudo nos participantes?*

5.1 Que conhecimentos básicos de fotografia os estudantes Surdos participantes do estudo têm e usam ao concluírem o componente curricular fotografia e tratamento de imagem?

Para responder a primeira pergunta específica da pesquisa, nesta seção, usamos os dados gerados pela entrevista feita com os participantes e o diagnóstico realizado na primeira oficina de implementação do Produto Educacional desenhado e implementado para o presente estudo. Mais explicitamente, buscamos identificar os conhecimentos de terminologia técnica, de regulagem de câmera fotográfica e de iluminação de produtos para comunicação visual que os participantes aprenderam ao concluírem o Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem e trouxeram para participar da intervenção proposta por este estudo. Iniciamos com a análise dos dados gerados pela entrevista com os participantes.

5.1.1 Análise dos dados gerados nas entrevistas

Durante a entrevista, os estudantes Surdos participantes da pesquisa informaram que cursaram o Componente Curricular Fotografia e Tratamento de

Imagem entre 2016/2 e 2018/1, mas não souberam responder especificamente para que serve a fotografia na comunicação visual: alguns (03 participantes) têm uma noção superficial da técnica da fotografia básica, e outros (05 participantes) não têm esse conhecimento. O excerto 1, a título de exemplificação, traz a voz de participantes que têm uma noção superficial da técnica da fotografia básica, e o excerto 2 os que não têm esse conhecimento.

Excerto 1:

A gente tem que pensar no enquadramento, cuidar para não ter nenhuma falha, por exemplo balanceamento correto, equilíbrio na foto. (Entrevista, Estudante 4, em 16 set. 2019)

Sim eu sei, tem diversas informações, tem que aprender sobre as regras de como tirar foto, não pode ter nada para atrapalhar a imagem, tem um cálculo, até arquetônico, para saber como fazer o enquadramento. A gente tem que pensar a luz, o sol é bom, porque não pode ser escuro, mas às vezes se for contra o sol fica mais escuro, daí é só mudar o ângulo. (Entrevista, Estudante 7, em 16 set. 2019)

Excerto 2:

A não sei falar, na verdade assim, a gente aprendeu fotografia para comunicação visual, porque eu e meus colegas a gente tentou aprender mais sobre fotografia, por exemplo, tipo, só, bom acho que a gente aprendeu mais o que a professora quis nos ensinar, que está no currículo que precisa ser ensinado. (Entrevista, Estudante 5, em 16 set. 2019)

Como sinalizam os exemplos dos excertos 1 e 2, os estudantes não conseguem explicar para que serve a fotografia na comunicação visual, área de estudo do curso em questão, mas conseguem lembrar de termos como “enquadramento”, “arquetônico”, “planos”, “equilíbrio”, “luz”, “ângulo”, que podem demonstrar algum conhecimento sobre o princípio básico da fotografia, que é a luz e as regulagens básicas, como planos e ângulos, no entanto de forma superficial, se tomarmos Guran (2002, p. 22-23) como referência. Para o autor são diversos os aspectos a serem considerados na composição de uma fotografia:

Os principais, em nossa opinião, são o enquadramento, isto é, o recorte resultante do ponto de observação do autor; a luz, que além de viabilizar o processo em si, valoriza as linhas, volumes e superfícies; a atuação das diferentes objetivas; o foco; e o momento do clique, aquele em que todo o quadro deve estar plasticamente organizado para expressar com maior intensidade o conteúdo da cena fotografada. (GURAN, 2002, p. 22-23)

Ao serem questionados sobre como deve ser feita a fotografia para comunicação visual, as respostas dos participantes puderam ser agrupadas em

dois tipos: I) aqueles (06 participantes) com uma noção superficial da técnica de fotografia aplicada à comunicação visual; e II) aqueles (02 participantes) sem esse conhecimento. O excerto 3 traz exemplos dos participantes que têm uma noção superficial de como deve ser feita a fotografia aplicada à comunicação visual.

Excerto 3:

Temos que pensar o ISO que vai deixar mais claro ou mais escuro, temos que pensar o uso de iluminadores de Led por exemplo ou flash, e aí depois de várias tentativas escolhe a melhor que foi tirada. (Entrevista, Estudante 4, em 16 set. 2019)

Por exemplo qualquer objeto que eu for fotografar precisa ter iluminação, tem que ter o ângulo o equilíbrio da foto, não pode estar desequilibrado, tem o grid, aquela grade dos três terços, que a gente pode utilizar, se for uma externa, tem que deixar a imagem clara, sem deixar que o sol prejudique, com sombra, que por causa do sol fica muito escuro. (Entrevista, Estudante 8, em 16 set. 2019)

É uma lei, tem que ser o fundo branco, por exemplo, não pode ser um cenário como nessa sala, principal que seja branco, o principal que seja branco como Mercado Livre, as fotos geralmente tiradas em qualquer cenário e qualquer ambiente, geralmente não ficam boas. Eu por exemplo já fiz uma foto dessas do celular para vender. E minha mãe me falou que geralmente as fotos são assim. (Entrevista, Estudante 9, em 16 set. 2019)

Conforme mostram os exemplos do excerto 3, os estudantes mencionaram que é preciso pensar no “ISO” e no “uso de iluminadores de *Led* ou *Flash*”. Também surgiram expressões como “um bom ângulo”, “equilíbrio da foto”, “*grid*, grade e regra dos três terços”, “cuidados com foto no sol”, “com sombra”, sugerindo que os participantes têm uma noção de como produzir uma fotografia; um conhecimento introdutório, sem dúvida, importante para produzir uma fotografia, embora nada específico para a fotografia aplicada na Publicidade, no *Design* e na Comunicação Visual.

Os termos mencionados pelos participantes são encontrados na obra “Fotografia Básica” de Langford, Fox, Smith (2009), um clássico da literatura de fotografia. O ISO faz parte da tríade básica da fotografia (obturador, diafragma e ISO) e, conforme Langford, Fox, Smith (2009), está diretamente ligado à sensibilidade do sensor à luz. Já o conjunto *grid*, grade e regra dos terços refere-se a mesma técnica de composição que sugere que a imagem não precisa ser centralizada para ser boa; pelo contrário, “na maioria dos casos, a centralização do objetivo não resultará na composição mais interessante” (FOLTS; LOVELL; JR,

2011, p. 62); uma técnica básica de composição que ajuda na hora de distribuir os elementos no quadro.

Além do conhecimento básico sobre fotografia identificado entre os participantes, o estudante 9 cita um exemplo de fotografia aplicada: as fotos do “Mercado Livre” “tem que ser o fundo branco”, sugerindo que ele conhece a regra: “é uma lei”, mas essa informação não demonstra que ele sabe como fazer uma fotografia aplicada à comunicação visual. Já a fala do estudante 7: “Não tenho muita experiência, não saberia dizer. A gente aprendeu mais ou menos, a gente praticou algumas coisas”, demonstra que entre os participantes, há aqueles que têm consciência que não sabem como fazer a fotografia aplicada à comunicação visual.

Quando questionados sobre quais mídias utilizam a fotografia na comunicação visual, os participantes demonstraram não apenas desconhecer os meios em que são veiculadas as fotografias, mas também o significado do termo mídia. O excerto 4 traz exemplos da mediação feita pelo intérprete de Libras durante a entrevista e evidenciam essa situação.

Excerto 4:

Estudante 6: Como assim, os locais onde a gente aplica a foto? no IFSC, na área externa, a gente usou laboratório, nas mesas, na área externa do IFSC também.

Intérprete de Libras: sinalizou a pergunta: Onde se usa foto para divulgação?

Estudante 6: Daí não vi (Entrevista em 16 set. 2019)

Estudante 7: Como assim, os locais onde a gente aplica a foto? no IFSC, na área externa, a gente usou laboratório, nas mesas, na área externa do IFSC também.

Intérprete de Libras: sinalizou a pergunta: Onde se usa foto para divulgação?

Estudante 7: Daí não vi. (Entrevista em 16 set. 2019)

McLuhan (1967) informa que a fotografia tem um papel significativo na comunicação visual, que desempenha um papel importante na transmissão da informação pelo nível da informação que transmite, e que possui aplicações em diferentes mídias (meios): *off line* (jornais, revistas, *folders*, *flyers*), digitais (*blogs*,

sites, instagram, fanpage, jornais e revistas digitais), externas (cartazes, outdoors, busdoor, etc). Para o autor:

Há um princípio básico pelo qual se pode distinguir um meio quente, como o rádio, de um meio frio, como o telefone, ou um meio quente, como o cinema, de um meio frio, como a televisão. Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em “alta definição”. Alta definição se refere a um estado de alta saturação de dados. Visualmente, uma fotografia se distingue pela “alta definição”. Já uma caricatura ou um desenho animado são de “baixa definição”, pois fornecem pouca informação visual, O telefone é um meio frio, ou de baixa definição, porque ao ouvido é fornecida unia magra quantidade de informação. A fala é um meio frio de baixa definição, porque muito pouco é fornecido e muita coisa deve ser preenchida pelo ouvinte. (MCLUHAN, 1967, p.38)

Esperava-se que os estudantes, após terem concluído o Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem, do Curso de Comunicação Visual, tivessem uma noção das mídias que veiculam fotografias voltadas para a comunicação visual, já que o termo é um jargão profissional; no entanto, não foi o que se constatou no grupo de participantes, sugerindo um distanciamento entre o ensino e o mundo do trabalho.

Os estudantes também foram questionados sobre a importância da iluminação na fotografia, algo importante tanto para a fotografia básica quanto para a aplicada à comunicação visual. As respostas informaram que 6 estudantes têm noção sobre a importância da iluminação para fotografia e 2 estudantes não têm noção dessa importância da iluminação para fotografia ou não souberam explicar. O excerto 5 traz exemplos de estudantes com uma noção desse conhecimento e o excerto 6 os estudantes sem esse conhecimento.

Excerto 5:

A gente fez os dois, fora (iluminação externa) e dentro (interna), porém mais externa. Sobre a luz utilizada disse que parecia um pouco maior, mais forte. (Entrevista, Estudante 2, em 16 set. 2019)

A iluminação é importante para tornar a foto mais atrativa, pois o objetivo desse tipo de foto é atrair o cliente, você precisa de uma foto mais chamativa (Entrevista, Estudante 8, em 16 set. 2019)

A gente precisa de iluminadores porque se não a imagem fica muito escura, tem que ter um fundo branco, fica bem melhor pra ver também, a gente pensa qual o ângulo melhor, da direita ou da esquerda, se tiver vários iluminadores melhor, porque se tiver muito escuro não dá pra ver, tem iluminação de cima, dos lados (Entrevista, Estudante 9, em 16 set. 2019)

Excerto 6:

Acho que não (Entrevista, Estudante 3, em 16 set.2019)

Não aprendeu, só externa. (Entrevista, Estudante 6, em 16 de set. 2019)

As respostas da pergunta sobre a iluminação na fotografia mostram que os estudantes, em sua maioria, sabem a importância da iluminação para fotografia; no entanto, o conhecimento informado é o básico da iluminação: iluminação natural ou eventualmente artificial, fotografias internas. Contudo, as fotografias internas que os estudantes se referiam eram tiradas com as luzes da sala de aula, não com iluminação específica para fotografia, como as luzes contínuas de um estúdio, ou mesmo as luzes de *flash*. O fato é que as respostas evidenciam que os alunos trabalham com luzes disponíveis nos ambientes sob a qual não têm controle, exceto pelo ato de apagar ou acender no interruptor; uma iluminação profissional possibilita controle da posição, da altura, do direcionamento e da potência. Nas respostas percebemos que os participantes não abordam a iluminação específica para produto, mas a importância da luz e da sombra, significando clarear e escurecer a cena.

Segundo Hunter, Biver e Fuqua (2011, p.17), dominar a iluminação é importante porque ela é parte da linguagem da fotografia.

Padrões luminosos transmitem a informação com tanta precisão quanto a palavra pronunciada. A informação que a luz transmite é clara e específica. Inclui afirmações definidas como a casca desta árvore é áspera, ou este utensílio é feito de aço inoxidável, mas aquele é feito de prata.

As considerações dos autores citados evidenciam o quanto a luz é importante para fotografia e para sua função de comunicar, pois consegue atribuir características variadas em relação ao assunto fotografado, como por exemplo, dar textura a uma superfície, dar brilho em outra, ou mesmo ressaltar formas, conceito abordado no produto educacional desenvolvido neste estudo.

Na sequência do questionário, os estudantes foram questionados sobre a função do diafragma, obturador e ISO. Esse questionamento visou identificar o quanto os participantes sabiam dos conteúdos básicos da fotografia, que segundo o PPC foram abordados. Nesse sentido, os estudantes foram estimulados a falar sobre as funções do diafragma, do obturador e do ISO, respectivamente; contudo, tiveram dificuldade de explicar, e suas respostas evidenciaram conceitos rasos e

imprecisos. Mais especificamente, 03 estudantes têm noção básica sobre fotografia e superficial sobre obturador, diafragma e ISO, e 05 estudantes não têm esses conhecimentos ou não souberam explicar para que serve o diafragma, obturador e o ISO. O excerto 7 traz exemplos de estudantes que têm noção básica sobre fotografia e superficial sobre obturador, diafragma e ISO, e o excerto 8 os que não têm esses conhecimentos ou não souberam explicar para que serve o diafragma, obturador e o ISO.

Excerto 7:

A gente trabalho o zoom, a gente vai fazendo alteração da configuração e vai ficando mais escuro e mais claro. (Entrevista, Estudante 4, em 16 set. 2019)

A gente faz a configuração da câmera para fazer uma captura longa ou com menos distância, pensa as cores, as vezes pode ficar muito clara, esbranquiçada, vamos diminuir o brilho, numa qualidade melhor porque se tiver muito alta não dá para ver direito. Tem que sempre estar ajustando, diminuindo ou aumentando. (Entrevista, Estudante 7, em 16 set. 2019).

Excerto 8:

Acho que a professora não explicou tudo pra gente, ela falou muito pouco, só como ligar a câmera, mexer enquadramento, pensar se tem luz ou não tem (Entrevista, Estudante 2, em 16 set. 2019).

Analisando as entrelinhas dos exemplos do excerto 7, pode-se dizer que as expressões “mais luz”, “menos luz”, “mais clara” fazem alusão ao papel do diafragma na fotografia, que possui formato de íris e controla a quantidade de luz. Além disso, a expressão “captura longa” sugere algum conhecimento sobre obturador, que controla o tempo de exposição, ou seja, no obturador, uma captura longa significa um longo tempo de exposição na captura da imagem. Já em relação ao ISO, nenhuma expressão foi identificada na fala dos participantes que pudesse sugerir algum conhecimento sobre ele.

Ao serem questionados sobre as aulas: se eram mais teóricas ou práticas, e se sabiam explicar sua percepção, as respostas dos estudantes variaram entre aqueles (06 estudantes) que consideram as aulas de fotografia teóricas, aqueles (01 estudante) que consideram as aulas práticas e aqueles (01 estudante) que não souberam opinar. O excerto 9 traz exemplos dos que consideram as aulas teóricas e o excerto 10 o da aula prática.

Excerto 9:

Era mais explicada, expositiva, depois até fazia prática, mas era mais tempo explicando. (Entrevista, Estudante 2, em 16 set. 2019).

A professora explicava mais, era mais explicativa, expositiva. (Entrevista, Estudante 3, em 16 set. 2019).

A aula foi mais explicativa, teórica, mas a gente fez atividade no computador e saiu pelo campus fazendo fotos. (Entrevista, Estudante 6, em 16 set. 2019).

Mais explicações, mas teóricos, porque a gente tinha aula uma vez por semana, o período inteiro, mas só uma aula por semana. A professora sempre explicava as três aulas, a última quarta aula ela deixava para fazer atividade. (Entrevista, Estudante 8, em 16 set. 2019).

Excerto 10:

A gente fazia mais prática, ela ajudava a gente a bater as fotos, daí a professora ajudava a gente a postar no ambiente virtual pra mandar pra ela. (Entrevista, Estudante 9, em 16 set. 2019).

Ao final da entrevista, foi explicado aos participantes o significado do termo mídia e exemplos de mídias que usam a fotografia e o papel da fotografia na comunicação visual. Logo após, foi perguntado aos estudantes se gostariam de aprender esse tipo de fotografia, visando melhorar sua formação profissional. O excerto 11 exemplifica a resposta dos estudantes.

Excerto 11:

Sim, tenho vontade de aprender. (Entrevista, Estudante 2, em 16 set. 2019).

Sim, eu acho legal, tenho interesse em aprender, eu preciso aprender mais, toda ajuda é bem-vinda. (Entrevista, Estudante 5, em 16 set. 2019).

Eu acho que na rede social a gente atinge muitas pessoas. Nas redes sociais é fácil atingir um maior número de pessoas, as pessoas se sentem estimuladas, atraídas para comprar o produto, as vezes por inveja. Eu quero sim, vamos tentar é bom ter essas experiências, vou ver se consigo fazer uma foto de qualidade seguindo as regras. (Entrevista, Estudante 7, em 16 set. 2019).

Sim, eu quero aprender, aprender aos poucos, com o professor ensinando aos poucos a gente se acostuma ao trabalho. Eu sempre acesso mercado livre, meu pai também, meus irmãos e daí eu vejo foto de produto. (Entrevista, Estudante 9, em 16 set. 2019).

A análise das entrevistas, revelou a necessidade de realizar, na primeira oficina, um momento inicial para diagnosticar o conhecimento prévio dos estudantes. Assim, foi solicitado que pegassem a câmera e fotografassem os

produtos dispostos na bancada de produção, que seriam fotografados no decorrer da oficina. O objetivo foi verificar se os estudantes sabiam usar o conhecimento que haviam adquirido no Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem para produzir uma fotografia. O resultado da produção fotográfica dos estudantes está representado nas figuras 54 e 55, ambas sub expostas (ou seja, sem captura de imagem) e produzidas pelos estudantes no momento do diagnóstico.

Figura 54: Diagnóstico do grupo noturno.
Arquivo EAG 3471



Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Figura 55: Diagnóstico do grupo matutino.
Arquivo EAG 3716



Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Como mostram as figuras 54 e 55 as fotografias estão sem a quantidade de luz adequada. Usando um termo fotográfico, subexpostas, demonstrando que tríade básica de produção fotográfica: obturador, diafragma e ISO, estava completamente descalibrada. Desse modo, a luz não atinge o sensor; logo, não captura a imagem, e o resultado está aí representado nas figuras 54 e 55. Importa destacar que todos os estudantes obtiveram esse mesmo resultado no momento do diagnóstico, sinalizando que não souberam aplicar o conhecimento trabalhado no Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem.

Em suma, as respostas da entrevista com os participantes, de forma geral, informam que eles têm conhecimento superficial sobre composição, com ênfase na regra dos terços, regulagens básicas como diafragma, obturador e ISO e iluminação natural; contudo, as respostas do questionário, assim como as fotografias que tentaram produzir nessa etapa diagnóstica, indicam que os

estudantes não sabem usar o conhecimento trabalhado no componente curricular para produzirem fotografias e, provavelmente, muito menos as aplicadas à comunicação visual, mas estão propensos a aprender, como sugerem os exemplos do excerto 11.

Os resultados da entrevista corroboram os achados da análise do Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem a partir das informações constantes no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), que indicou que a abordagem da fotografia estava voltada para o ensino introdutório da fotografia, com um viés mais teórico do que prático. Esses dados vêm corroborar também a hipótese levantada ao longo do estudo: a abordagem de ensino de fotografia praticada no recorte temporal do presente estudo parece não trabalhar o conhecimento necessário para os estudantes do curso técnico produzirem uma fotografia aplicada à comunicação visual e, conseqüentemente, não os aproxima do mundo do trabalho, já que lhes faltam conhecimentos e práticas do fazer profissional para tanto. Nesse sentido, o produto educacional desenvolvido para o estudo pode contribuir para os participantes agregarem novos conhecimentos e práticas à sua formação, além de oferecer aos docentes um produto educacional com uma abordagem de ensino a partir do fazer/do trabalho.

A partir dos resultados da entrevista com os participantes, foi desenhado o Produto Educacional, apresentado no capítulo anterior, e cuja discussão sobre a abordagem de ensino será apresentada na sequência. Para tanto, na seção 6.2, será respondida a segunda pergunta de pesquisa: *Que estratégias de ensino, por meio da didática do saber pelo trabalho, viabilizam uma aprendizagem eficaz de técnicas de fotografia aplicada à comunicação pelos participantes do estudo?*

5.2 Que procedimentos metodológicos de ensino, por meio da didática do saber pelo fazer/trabalho, viabilizam uma aprendizagem eficaz de técnicas de fotografia aplicada à comunicação pelos participantes do estudo?

Para responder a segunda pergunta de pesquisa, nesta seção, usamos os resultados da análise de dados do contexto de estudo; os dados da implementação do Produto Educacional no formato de Sequência Didática,

desenvolvida em oficinas; e os dados das avaliações das oficinas, que foram teoricamente e didaticamente embasadas na didática do saber pelo fazer/didática do trabalho (BARATO, 2003, 2015), nos estudos sobre a aprendizagem de sujeitos Surdos (KELMAN, 2015; LACERDA; SANTOS, 2014 PERLIN, 2010; QUADROS, 2015; DA SILVA; OLIVEIRA, 2020; SKLIAR, 1999; STROBEL, 2015) e nas práticas profissionais relacionadas à fotografia e a fotografia de produto (GURAN, 2002; DONDIS, 2003; TARNOCZY, 2008; MEDEIROS, 2008; LANGFORD; FOX; SMITH, 2009; HURTER, 2010; HOBDAV; DENBURY, 2010; FOLTS; LOVELL; ZWAHLEN JR, 2011; GENÉRICO, 2012).

A triangulação teórica agregada à análise dos dados geraram diversos procedimentos metodológicos de ensino, que foram categorizados em três grandes temas, que, por sua vez, operacionalizaram a Sequência Didática. São eles: i) Preparação da arquitetura do ambiente para o ensino de fotografia aplicada à comunicação visual; ii) Preparação dos materiais voltados à especificidade de aprendizagem do estudante Surdo; e iii) Preparação da mediação do ensino de fotografia aplicada à comunicação visual e o intérprete de Libras. Esses procedimentos são detalhados na sequência.

5.2.1 A preparação da arquitetura do ambiente de ensino

Iniciamos a descrição do primeiro Procedimento Metodológico de Ensino - A Preparação da Arquitetura do Ambiente de Ensino - com a preparação do contexto onde o ensino de fotografia aplicada à comunicação visual ocorrerá, seus espaços e formas de interação. Esse procedimento engloba o próprio contexto de ensino, as bancadas de produção para as fotografias de produto, os equipamentos e o set de produção. Em outras palavras, esse procedimento busca viabilizar a abordagem de ensino a partir da didática do saber pelo fazer e espelhar as relações no mundo do trabalho.

5.2.1.1 *A arquitetura do ambiente de ensino: espaços e formas de interação*

Iniciamos a descrição da arquitetura do ambiente de ensino com uma reflexão acerca dos espaços que receberam os estudantes Surdos participantes

para as oficinas. Conforme Quadros (2015), é importante evidenciar que as mudanças no ensino de estudantes Surdos devem começar pela arquitetura, pelos espaços e suas formas de interação.

Infelizmente, os espaços oferecidos para o desenvolvimento da pesquisa estavam com excesso de carteiras e de materiais excedentes depositados nesses ambientes. Então, amparados em Quadros (2015) e em estudos desenvolvidos ao longo desta pesquisa, o ambiente proposto para as oficinas do produto educacional foi cuidadosamente preparado para os estudantes: os materiais foram realocados em outros espaços e o excesso de carteiras foi reposicionado de modo a não causar distração ou gerar poluição visual. Feita a organização do espaço, o ambiente possibilitou uma ampla visão para os estudantes, respeitando o caráter visoespacial de sua forma de aprender e se comunicar.

As figuras 56 e 57 ilustram a organização do espaço após o reposicionamento dos objetos na sala disponibilizada para as oficinas.

Figura 56: Panorâmica do ambiente da sala onde foi realizada as duas primeiras oficinas de fotografia de produto



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Figura 57: Sala de aula vista do fundo



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Como ilustram as figuras 56 e 57⁴⁸, a mesa é arredondada (oval) e as cadeiras possuem rodinhas, facilitando a mobilidade dos estudantes e a comunicação, já que sua posição propiciava uma visão panorâmica que lhes permitia ver uns aos outros: o intérprete, as bancadas de acessórios e utensílios

⁴⁸ A imagem mostra um enquadramento em grande plano geral, (enquadramento que contextualiza o ambiente) no intuito de possibilitar o entendimento da arquitetura da sala de aula. Visualizamos a mesa oval dos estudantes (a direita), a bancada do *coffee break* à esquerda, depois o *set* com iluminação e ao fundo a bancada com os produtos e suas devidas ambientações.

para foto, o *set* de iluminação e captura de imagem, e a projeção dos *slides* com as explicações, as imagens, os conceitos fundamentais e as ilustrações, conforme descrito no capítulo do produto educacional.

Para pensar na arquitetura do ambiente, foi necessário conhecer previamente o local das oficinas e, no dia de cada aula, chegar 3 horas antes para realizar a montagem da estrutura e falar com os intérpretes sobre o posicionamento de ambos na sala de aula. É importante destacar que as salas foram transformadas em ambiente de produção, com bancadas, *set* de iluminação e captura de imagem, aproximando o ambiente do estúdio de fotografia de produto. Além disso, como as oficinas eram ofertadas aos participantes no matutino e no noturno em dias alternados, a organização do ambiente era realizada duas vezes, conforme especificado no capítulo do produto educacional.

A oficina 1, tanto no período noturno quanto matutino, foi realizada no laboratório de desenho, que conta com pranchetas de Design, ao invés de carteiras, mobiliário mais técnico, usado de forma individual e demasiadamente altas. Para tornar a arquitetura da sala mais afinada ao propósito da oficina, também foi necessário modificar a disposição do mobiliário para aproximá-lo de um ambiente de estúdio de fotografia de produto. As demais oficinas foram realizadas numa sala de aula que, no momento da pesquisa, estava sendo utilizada como depósito de trabalhos de estudantes. Dessa forma, o espaço passou pelo mesmo processo de adequação. Nas oficinas dois e três, de fotografia de comida e *splash*, respectivamente, os procedimentos adotados foram os mesmos da oficina 1.

As figuras 58 e 59 ilustram a organização do espaço após o reposicionamento dos objetos na sala disponibilizada para as oficinas 2 e 3.

Figura 58: Visão geral da sala de aula, modificada para oficina comida



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Figura 59: Visão geral da sala de aula, modificada para oficina de splash.



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

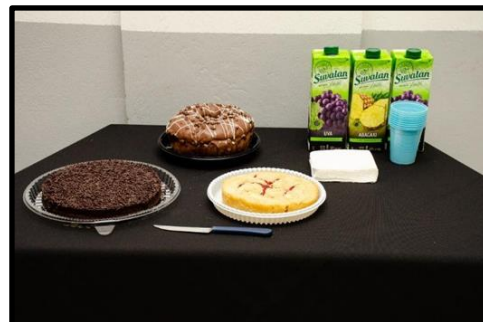
Cabe lembrar que o professor-pesquisador ofereceu aos participantes no intervalo das oficinas um *coffee break*, já que se dispuseram a vir ao câmpus no contraturno e, dessa forma, não seria justo terem despesa extra com alimentação. O *coffee break* teve um efeito paralelo ao processo de ensino, aproximou ainda mais os participantes do pesquisador e vice-versa. Na última oficina, os participantes convidaram colegas e todos contribuíram espontaneamente com o *coffee break*, trazendo bolos e refrigerantes. A oficina acabou sendo o ponto de encontro dos estudantes Surdos no fim das noites de sexta feira. Na última oficina, de despedida, os alunos fizeram uma força-tarefa ajudando o pesquisador a desmontar os equipamentos e a limpar a sala. As figuras 60 e 61 ilustram a mesa de *coffee break*.

Figura 60: Exemplo de *coffee break* feito para os estudantes.



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Figura 61: Exemplo de *coffee break* feito para os estudantes.



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Como demonstrado, a arquitetura do contexto, espaços e formas de interação parecem ser basilares na abordagem de ensino voltada para a didática do saber pelo fazer / trabalho.

5.2.1.2 *A bancada de trabalho: aproximando o mundo do trabalho*

As bancadas de trabalho contendo os produtos e acessórios de cenografia foram montadas nas salas para que os estudantes tivessem contato, o mais próximo possível, com a prática do mundo do trabalho na área de fotografia. O primeiro passo antes da captura fotográfica desse segmento é espalhar a produção e conhecer atentamente o que vai ser fotografado e os recursos que compõem as ambientações dos produtos.

Uma produção fotográfica é uma atividade que aproxima o estudante do fazer profissional. As figuras 62 e 63 ilustram os estudantes sendo apresentados aos produtos que iriam fotografar, bem como a toda cenografia que podiam utilizar para a oficina 1. Nesse momento, os estudantes puderam compreender as classificações dos três grupos de produtos propostos para oficina: opaco, translúcido e transparente. Além disso, o fato de terem um intérprete de Libras interpretando as ações pedagógicas do professor-pesquisador para transmitir a eles, além dos produtos à disposição para exemplificar os conceitos que estavam

sendo abordados, facilitou a compreensão dos conceitos, e levou os estudantes a produzirem fotografias de produto de diferentes transparências com êxito⁴⁹.

Figura 62: Estudantes junto a bancada de produtos opacos, translúcidos e transparentes para facilitar o entendimento dos conceitos.



Fonte: Sônia Santos, Relações Públicas do Câmpus PHB (2020).

Figura 63: Estudantes prestando atenção nas classificações dos produtos da oficina e seus exemplos para fotografar.



Fonte: Sônia Santos, Relações Públicas do Câmpus PHB (2020).

As bancadas de trabalho, com quantidade e diversidade de utensílios para mediar o processo de aprendizagem, sem dúvida, enriqueceu as oficinas com inúmeras possibilidades de composições. Na oficina 2, fotografia de comida, além do espaço para os estudantes caminharem e interagirem, foram necessárias três bancadas: uma para espalhar a produção (*mise en place*), uma outra para colocar os equipamentos e os fundos, e outra com as comidas que seriam fotografadas. As figuras 64, 65 e 66 exemplificam o cenário das bancadas de trabalho.

⁴⁹ As produções dos estudantes são apresentadas e analisadas na seção 6.3 deste capítulo.

Figura 64: Bancada com *mise in place* (material de ambientação e preparação)



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Figura 65: Bancada com os alimentos a serem fotografados: macarrão, sushi e cupcake.



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Figura 66: Bancada de fundo de madeira para ambientar a foto



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Na oficina 3, fotografia de *splash*, a mais complexa da sequência didática, foi também a mais demorada para montagem, pois foi necessário novamente montar três bancadas para dar conta de explicar as diferentes classificações de *splash* e de os alunos praticarem as diferentes técnicas. As figuras 67 e 68 exemplificam as bancadas da oficina 3.

Figura 67: Bancada para prática de *splash* de alto impacto (colher com leite e morango) e de baixo impacto (recipiente preto)



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Figura 68: Bancada com aquário e produtos utilizada para *splash* de mergulho



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Mesmo diante do nível de complexidade das técnicas de fotografia da oficina 3, os alunos mostraram-se motivados e repetiam as fotografias até sentirem que produziram fotografias de *splash* de qualidade. Acreditamos que a mediação do professor-pesquisador e a presença do intérprete na tradução e interpretação das ações pedagógicas, além das bancadas de trabalho, foram imprescindíveis para manter os estudantes motivados e engajados nas diversas tentativas do “click” da melhor fotografia de *splash* e, conseqüentemente, aprenderem os conceitos trabalhados.

Nesse sentido, pode-se dizer que as bancadas de trabalho para o ensino de fotografia aplicada à comunicação visual podem ser uma alternativa para aproximar o estudante do mundo do trabalho, na impossibilidade de oferta de estágio, como é o caso do curso de CCV do Câmpus PHB, e, ao mesmo tempo, um procedimento de ensino que permite a viabilização da didática do saber pelo fazer/trabalho.

5.2.1.3 Os equipamentos e sets de produção: experienciando o trabalho

Quanto aos equipamentos, os estudantes puderam manipular câmeras fotográficas DSLR (*Digital Single Lens Reflex*), formato utilizado pelos fotógrafos

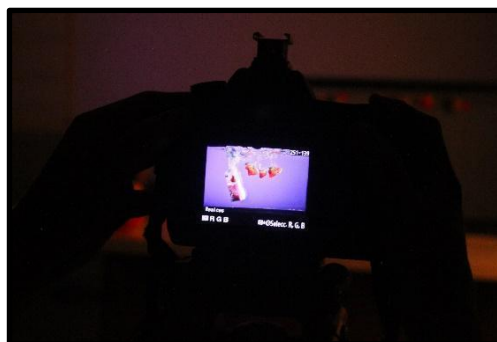
do segmento na região. As figuras 69 e 70 ilustram os tipos de equipamentos usados nas oficinas.

Figura 69: Câmeras DSLR, Canon Rebel T3i, Nikon D80, Nikon D7000



Fontes: Dados da Pesquisa (2020)

Figura 70: Câmera DSLR visão do LCD com foto produzida durante a oficina



Fontes: Dados da Pesquisa (2020)

Para iluminar os sets, foi disponibilizado aos estudantes *flashes* de estúdio modelo 3003 da Mako, um equipamento conceituado no meio fotográfico e utilizado por grande parte dos fotógrafos de estúdio.

Em relação aos acessórios de iluminação desses sets, acoplados aos *flashes*, os estudantes tinham o *softbox*, que é utilizado na fotografia de produto, um acessório grande que produz luz suave e brilho discreto e bonito nos produtos. Também puderam usar o refletor parabólico, que é utilizado na fotografia para deixar o fundo branco ou para iluminar o objeto por trás, viabilizando seu descolamento do fundo e um brilho pontual.

Para medir a luz e gerar o diafragma correto para a foto, os estudantes tiveram acesso ao fotômetro *Sekonic*, um acessório profissional e indispensável em sets de produção fotográfica e cinematográfica. Enfim, os estudantes tiveram acesso a equipamentos profissionais que pudessem aproximá-los do mundo do trabalho e produzirem fotografias de produto de qualidade. As figuras 71 e 72 exemplificam os equipamentos e set de produção.

Figura 71: *Flash Mako* com refletor parabólico, câmera DSLR no tripé, *Flash Mako* com *softbox*.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Figura 72: Detalhe do fotômetro e suas regulagens



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Possibilitar aos estudantes o uso de equipamentos variados que os aproxima da realidade do mundo do trabalho também se mostrou um procedimento eficiente, pois os estudantes além de conhecerem as tecnologias puderam utilizá-las tal qual nas produções fotográficas da área.

5.2.2 A preparação de materiais voltados à especificidade de aprendizagem do estudante Surdo

Iniciamos o procedimento metodológico - A preparação de materiais voltados à especificidade de aprender do estudante Surdo -, descrevendo os *slides* usados como apoio à abordagem do ensino, na sequência, apresentamos a apostila organizada para os estudantes e, por fim, as videoaulas elaboradas para serem disponibilizadas ao Câmpus PHB.

5.2.2.1 *Slides: suporte pedagógico*

Respeitando a primeira língua do estudante Surdo, as aulas contaram com a presença do intérprete de Libras para auxiliar o professor-pesquisador a desenvolver suas ações pedagógicas. Como a fotografia aplicada à comunicação visual, ao Design e à fotografia possuem jargões, classificações e conceitos na

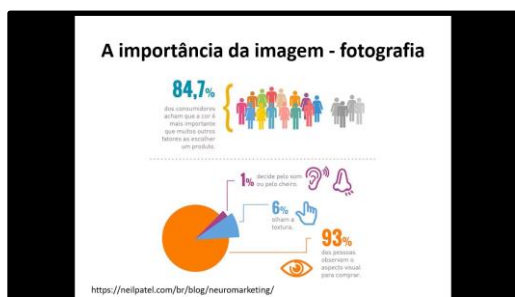
língua portuguesa, que precisaram ser contemplados e exemplificados, foram produzidas apresentações de *slides* com imagens, infográficos, ilustrações, buscando criar condições propícias para que o estudante pudesse fazer associações, inferências, comparações etc. entre a imagem e a palavra escrita e, assim, compreender os conceitos associados a cada oficina.

Lacerda, Santos e Caetano (2014) falam da importância de elementos imagéticos nos materiais didáticos para os estudantes Surdos:

[...] elementos imagéticos (uma maquete, um desenho, um mapa, um gráfico, uma fotografia, um vídeo, um pequeno trecho de filme) poderiam ser úteis à apresentação de um tema ou conteúdo pelos professores de ciências, física, química, biologia, história, geografia, matemática, inglês entre outros. (LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2014, p.188).

Nesse sentido, as figuras 73 e 74 trazem exemplos de *slides* com imagens para mostrar a influência dos cinco sentidos na tomada de decisão do consumidor e as diferentes áreas de atuação do fotógrafo.

Figura 73: *Print* do *slide* sobre a influência dos sentidos na tomada de decisão



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

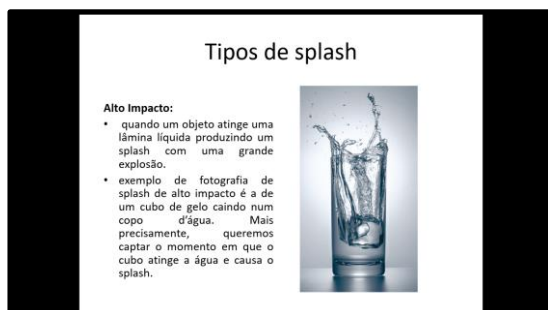
Figura 74: *Print* do *slide* que trata das diferentes áreas de fotografia



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Já nos *slides* de conceituação e classificação, que necessitavam de mais texto, foram usadas imagens conceituais e intuitivas, agregadas a perguntas pelo professor-pesquisador, para gerar entendimento e estimular associação. As figuras 75 e 76 trazem exemplos dessa situação.

Figura 75: *Print* do *slide* de classificação do *splash* de alto impacto



Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Figura 76: *Print* do *slide* de classificação de comida ambientada e sem ambientação



Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Alguns jargões e terminologias importantes foram abordados (inclusive em francês) e a inclusão de imagens e produtos foram trazidos para viabilizar processos cognitivos que gerassem a compreensão e a produção de fotografias pelos estudantes. As figuras 77 e 78 trazem exemplos nesse sentido.

Figura 77: *Slide* com jargão da fotografia de comida *mise en place* e sua explicação



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Figura 78: *Slide* com o material levado para oficina de comida para os alunos montarem o *mise en place*



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Como demonstramos, os *slides* foram metodologicamente pensados para criar condições de compreensão e viabilizar as produções fotográficas dos estudantes Surdos.

5.2.2.2 As apostilas: suporte pedagógico

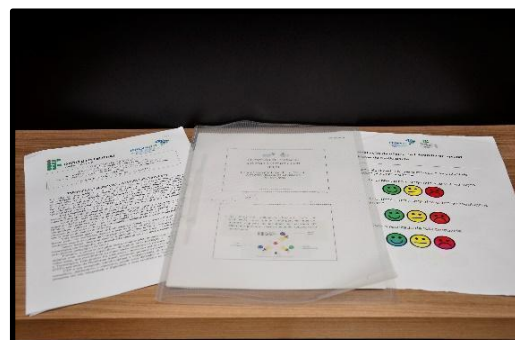
Para que os alunos pudessem fazer anotações durante as aulas, acompanhar os conteúdos trabalhados nas oficinas e revisitá-los em outro momento, os *slides* preparados para cada conteúdo abordado na sequência didática trabalhada nas oficinas foram impressos em tamanho adequado para leitura e visualização das imagens, e colocados em uma pasta de arquivo com folhas plásticas, encadernando os textos impressos. A essa pasta de arquivo denominamos apostila. A pasta também acondicionou, além dos textos impressos, os documentos de autorização de uso de dados e de imagem e a ficha de avaliação da oficina. As figuras 79 e 80 trazem imagens das apostilas.

Figura 79: apostila preparada para cada estudante da oficina



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Figura 80: detalhe da apostila com o TCLE, Material didático, avaliação da oficina.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

A apostila com os conteúdos dos *slides* de apoio às aulas ministradas nas oficinas permitiu ao participante acesso imediato e a qualquer momento dos conceitos, exemplos, imagens, e pode estimular mais processos cognitivos e de desenvolvimento intelectual sempre que manuseada. Além disso, a apostila serviu não apenas de suporte para guiar as ações pedagógicas do professor pesquisador, mas também de suporte para o intérprete de Libras se preparar para fazer traduções e interpretações mais apropriadas do português para a Libras para os estudantes e da Libras para o português para o professor.

1.1.1.1 As videoaulas: suporte pedagógico

Para complementar os materiais da sequência didática e dar mais subsídio para o estudante Surdo estudar e aprender, após as oficinas foram desenvolvidos três videoaulas com os mesmos assuntos e abordagem de ensino pelo saber fazer: fotografia de produto, de comida e de *splash*, e disponibilizados ao Câmpus PHB como material didático, de consulta e de estudo.

As videoaulas podem ser acessadas no *YouTube* nos seguintes links: Fotografia de Produto: <https://youtu.be/Cfclq3ww0aA>; Fotografia de Comida: <https://youtu.be/tem7utsF6ls>; Fotografia de *Splash*: <https://youtu.be/v5cSO0Egyqs>

Os três vídeos foram divididos em vários blocos, objetivando um material de apoio dinâmico e que permita a opção de escolher os tópicos que se pretende assistir, deixando as videoaulas mais didáticas. O material audiovisual foi produzido em estúdio de vídeo, utilizando para a captura de imagens duas câmeras digital do tipo *Single Lens Reflex* (DSLR), com captura de áudio utilizando microfone e gravador H4N de alta qualidade.

Para a iluminação, foram utilizados três iluminadores de luz contínua, sendo dois *soft Light* frontais como luz principal e de preenchimento e um *soft light* na contra luz para fazer o recorte (descolar) o professor do fundo preto. Os *soft lights* foram usados porque produzem luz mais suave, evitando, com isso, sombras exageradas no *set*.

O fundo preto foi escolhido após uma conversa com o técnico do núcleo de produção bilíngue (NPB) e o tradutor e intérprete do IFSC/PHB que acompanhou as oficinas; ambos já possuem experiência com a produção de materiais bilíngues e, segundo eles, também optam por fundo preto para não causar distrações ou cansar a visão dos estudantes Surdos durante a visualização dos materiais que produzem.

Para tornar o material adequado aos estudantes Surdos, o enquadramento foi realizado de modo a priorizar o assunto nos pontos áureos do enquadramento, ou seja, descentralizado para que, dessa forma, fosse possível valorizar o conteúdo em um dos pontos áureos e a janela de Libras em outro, visando à visualização do que é importante e respeitando a L1 do estudante Surdo. Tal procedimento embasou-se em Guran (2002), para o qual “A composição em que o centro de atenção coincida com um ponto áureo será mais dinâmica e

harmoniosa, enquanto aquela em que o centro de atenção estiver no centro geométrico tenderá para o estático”. (GURAN, 2002, p.28). A figura 81 mostra a abertura de um dos módulos.

Figura 81: Tela mostrando a abertura de um dos módulos



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Na gravação, tomou-se o cuidado de iniciar o material cumprimentando e agradecendo na Língua 1 do estudante, bem como mostrando o sinal do professor pesquisador em Libras, conforme mostra a figura 82. O sinal em Libras é uma identificação muito importante na cultura surda. Para as pessoas de seu convívio, os Surdos criam sinais relacionados à profissão ou às características físicas marcantes das pessoas.

Figura 82: Pesquisador fazendo sua apresentação usando seu sinal em Libras.



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Em relação aos enquadramentos (recortes da realidade), também chamados de planos fotográficos, foram utilizados basicamente três planos, do

médio ao detalhe, escolhidos com base em Guran (2002), para possibilitar aos estudantes visualizarem todos os pormenores das oficinas. Para o autor,

O posicionamento do fotógrafo diante de uma cena é o primeiro passo para o enquadramento de uma foto. Enquadrar uma cena é organizar no visor da câmera todos os elementos geométricos que forma sua realidade plástica, dispendo-os de tal maneira que evidenciem o aspecto da cena que representa a informação principal, com clareza e objetividade. (GURAN, 2002, p.25).

O plano americano (do joelho para cima) e o médio (da cintura para cima) foram usados para mostrar o pesquisador durante as explicações e o cenário ao seu entorno, de modo a possibilitar o entendimento de como o *set* de produção foi preparado, conforme mostram as figuras 83 e 84.

Figura 83: Plano americano do pesquisador falando sobre o flash



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Figura 84: Plano Médio do pesquisador mostrando o fotômetro



Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Também foi usado o plano de detalhe, que tem por objetivo mostrar pormenores da explicação. A visualização aproximada facilita o entendimento do estudante. A figura 85 e 86 ilustra o plano de detalhe.

Figura 85: Detalhe do LCD da câmera na explicação da velocidade e diafragma.



Fonte: Dados da Pesquisa 2020.

Figura 86: Plano de detalhe do das calibrações do fotômetro.



Fonte: Dados da Pesquisa 2020

Por fim, alinhado à linguagem dos *slides* das aulas, vale destacar o uso de ilustrações e imagens que pudessem mediar o processo de aprendizagem juntamente com o intérprete, deixando os vídeos ainda mais didáticos. A figura 87 ilustra a situação.

Figura 87: Mostra o uso de ilustrações no vídeo



Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Além de possibilitar ao estudante que assista novamente cada conteúdo e aprenda, as videoaulas constituem um detalhado material de consulta para outros estudantes e até mesmo professores da área de fotografia, já que tais conteúdos são importantes para uma aula de fotografia aplicada; contudo, não são abordados no Componente Curricular de Fotografia e Tratamento de Imagem.

5.2.3 A preparação da mediação do ensino de fotografia aplicada à comunicação visual e o intérprete de Libras

Iniciamos o procedimento metodológico - A preparação da mediação do ensino de fotografia aplicada à comunicação visual e o intérprete de Libras -, descrevendo o papel do intérprete na mediação dos conceitos e técnicas abordadas nas oficinas, no uso dos equipamentos e da compreensão de suas funções, e nas produções fotográficas dos estudantes participantes do estudo.

5.2.3.1 *O papel do intérprete de Libras na mediação dos conceitos e das técnicas*

A presença do intérprete de Libras nas salas de aula é uma conquista da comunidade surda assegurada pelo decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005. Segundo Lacerda, Santos e Caetano (2014, p.196), “Devido ao maior contato com a comunidade surda e conhecimentos sobre as especificidades do aluno Surdo, [o intérprete de Libras] pode trazer contribuições valiosas ao professor, com relação ao processo de aprendizagem”.

Neste estudo, as contribuições do intérprete de Libras ficaram notadamente evidenciadas. As diferentes etapas de implementação e avaliação do produto educacional (e dos materiais de seus subprodutos: videoaulas e portfólio), só foram viabilizadas pela participação, colaboração e conhecimentos do intérprete de Libras cedido pelo Câmpus PHB, tendo em vista que o professor-pesquisador não domina a Libras.

Como nos lembra Lacerda, Santos e Caetano (2014) em sua reflexão, os estudantes Surdos precisam da língua de sinais para aprender:

Para os Surdos, os conceitos são organizados em língua de sinais, que por ser uma língua visogestual pode ser comparada a um filme, já que o enunciador, enuncia por meio de imagens, compondo cenas que exploram a simultaneidade e a consecutividade de eventos. (LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2014. p.186)

Para Kotaki e Lacerda (2014), o Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (ILS) é um elemento-chave para que o estudante Surdo, usuário da Libras, tenha

acesso não só ao conteúdo escolar, mas também à construção de sentido e às oportunidades de inserção interação social no espaço escolar: “Sua função [do intérprete] é de viabilizar a comunicação entre Surdos e ouvintes, atuando na fronteira entre os sentidos da língua oral (português) e da Língua de Sinais, em um processo ativo, dinâmico e dialético. (KOTAKI; LACERDA, 2014, p.206).

Diante dessa especificidade de aprender do estudante Surdo, é importante pensar o quanto é imprescindível o papel do intérprete na mediação dos conceitos, na compreensão dos equipamentos fotográficos e suas funções, bem como durante a produção fotográfica dos estudantes. As figuras 88 e 89 capturaram alguns desses momentos.

Figura 88: Intérprete na oficina da noite



Fonte: Sônia Santos, Relações Públicas do Câmpus PHB (2020).

Figura 89: intérprete na oficina da manhã



Fonte: Sônia Santos, Relações Públicas do Câmpus PHB (2020).

No entanto, é importante destacar que apenas o intérprete de Libras no momento da aula não dá conta do processo de aprendizagem do estudante Surdo. No processo de planejamento das aulas, o professor também precisa pensar nos elementos visuais que podem proporcionar uma rica experiência de ensino e aprendizagem ao estudante Surdo, para isso, ele pode contar com o conhecimento, habilidades e experiência do intérprete de Libras, e este estudo é um exemplo disso. Conforme Lacerda, Santos e Caetano (2014), para um bom processo de aprendizagem do estudante Surdo, não basta apenas apresentar os conteúdos em Libras, é preciso usar toda potencialidade visual da língua nesse processo didático.

Dessa forma, é fundamental a parceria entre professor e intérprete no que tange à escolha de práticas que favoreçam a atuação dos Intérpretes de Língua de Sinais (ILS). Essa parceria começa com a escolha ou a produção dos materiais didáticos mais adequados para a abordagem conceitual a ser trabalhada aula a aula, passa pela disponibilização, com antecedência, desses materiais aos intérpretes, e termina com a avaliação do uso desses materiais após sua implementação, ou seja, se foram adequados para alcançar os objetivos de aprendizagem propostos ou não.

Outro ponto importante dessa parceria são as escolhas dos materiais de apoio ao ensino, principalmente nas aulas de fotografia aplicada à comunicação visual, como no caso do presente estudo. Os equipamentos e recursos visuais selecionados tornam viável a abordagem de conceitos abstratos de forma concreta, materializando-os, além de facilitar a mediação do intérprete, já que materializam conceitos e explicações (DA SILVA; OLIVEIRA, 2020).

Por fim, mas não menos importante, no presente estudo, o professor-pesquisador contou com a expertise dos ILS também para escolher o melhor posicionamento das bancadas de produção e do professor em relação à distribuição dos participantes na sala onde foram desenvolvidas as oficinas, além da escolha dos melhores exemplos e conceitos a serem apresentados pelos intérpretes, a partir do material fotográfico e conteúdo de apresentação, que foi previamente disponibilizado, visando a melhor interpretação possível.

Na próxima seção, descrevemos o impacto do produto educacional na aprendizagem de algumas técnicas de fotografia pelos participantes.

5.3 Qual o impacto do produto educacional desenhado para o estudo nos participantes?

Para responder a terceira pergunta de pesquisa, nesta seção, usamos as produções fotográficas dos participantes geradas nas oficinas de implementação do Produto Educacional. Para a análise técnica das produções dos estudantes, teremos como base os critérios de avaliação propostos nos planos de aula da Sequência Didática, as oficinas, que se apoiaram teoricamente em Guran (2002); Dondis (2003); Tarnoczy (2008); Medeiros (2008); Langford, Fox, Smith (2009);

Hurter (2010); Hobday, Denbury (2010); Folts, Lovell, Zwahlen JR, (2011); e Genérico (2012). Além disso, traremos para a análise as avaliações das oficinas a partir da perspectiva dos estudantes Surdos participantes deste estudo.

Na Oficina 1, os estudantes Surdos participantes aprenderam a fotografar produtos opacos, transparentes e translúcidos, com base na técnica de iluminação específica para esses tipos de produtos a partir da abordagem de ensino do saber pelo fazer. E os critérios que guiaram a avaliação das produções dos estudantes, e serão a base da análise aqui apresentada, foram: participação e engajamento nas atividades propostas; atitudes no trabalho em equipe; boa iluminação, isto é, sem brilhos indesejáveis e sem sombras inadequadas; composição adequada ao set, ou seja, com equilíbrio, perspectiva, organização; e sintaxe visual adequada à proposta, isto é, com foco, contraste, textura, volume e cor.

Cabe ressaltar que, na Oficina 1, todos os estudantes Surdos participantes⁵⁰ produziram imagens com boa qualidade técnica e estética, atendendo os critérios técnicos de avaliação. Como eram apenas quatro estudantes na oficina matutina e quatro na oficina noturna, decidiu-se propor um trabalho em grupo. Assim, todos os estudantes puderam fotografar e, ao mesmo tempo, contavam com o apoio dos colegas para ideias de composição do produto, pondo em prática um outro elemento importante na produção fotográfica: o trabalho em equipe.

A título de exemplificação das produções dos estudantes na Oficina 1, trazemos as figuras 90 e 91: fotografias de produto opaco *still* fundo branco para recorte.

⁵⁰ Dois estudantes faltaram na Oficina 1, portanto tivemos apenas 3 estudantes na oficina do período matutino e 3 no período noturno.

Figura 90: Fotografia de produto opaco fundo cinza



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina noturna (2020).

Figura 91: Fotografia de produto opaco fundo branco



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina matutina (2020).

Na Oficina 1, os estudantes produziram um total de 217 imagens, mas, por limitação de espaço, serão apresentadas algumas a título de referendar os critérios de avaliação. De forma geral, nas produções de *produtos opacos* pelos estudantes - *still* com fundo branco para recorte -, representadas pelas figuras 90 e 91, percebeu-se equilíbrio na composição e na disposição dos produtos opacos dentro do quadro.

Sobre o equilíbrio na composição e disposição de produtos, Dondis (2003) explica que a mais importante influência, tanto física como psicológica da percepção humana, é a necessidade que o homem tem de equilíbrio, e isso se estende à referência visual. Sobre essa temática, Tarnoczy (2008, p.42) agrega que para dar equilíbrio a uma imagem “devemos imaginar uma balança de dois pratos, cujo pêndulo (linha vertical) está colocado no meio da foto”. Com tal reflexão, Tarnoczy (2008) enfatiza a importância de dosar e equilibrar os elementos no quadro, tanto do lado esquerdo como do lado direito.

Analisando o foco das figuras 90 e 91, pode-se dizer que ele foi preciso. De forma geral, todas as produções tiveram grande profundidade de campo, somados a um bom contraste, enquadramento correto, aproveitando todo o quadro com o produto. Além disso, a linha do horizonte das imagens estava alinhada, ou seja, não estava inclinada. A respeito desses critérios, Folts, Lovell, Zwahlen JR, (2011)

ênfatisam que a profundidade de campo faz com que toda a extensão da fotografia fique com aparente nitidez, resultado do uso de aberturas de diafragma pequenas, como f 22, f 16, f 11, trabalhado com os estudantes durante a produção. No caso da fotografia *still*, é fundamental um bom foco e uma grande área de profundidade de campo para possibilitar a leitura da marca, do nome, e a visualização da embalagem por parte de quem observa a imagem, conforme retratam as figuras 91 e 92.

Em relação à iluminação, as imagens produzidas estavam adequadas, sem brilhos inoportunos, e ênfatisaram a textura do produto; nesse caso, o nome da linha de sabonetes em baixo relevo ganhou destaque. Sobre esse critério, Hurter (2010) ênfatisa que a luz principal deslizada mais lateralmente em relação à câmara produz uma imagem com mais textura e volume, que pode ser percebido nas figuras 90 e 91, exemplos de como os estudantes iluminaram as imagens.

Na produção de *produtos translúcidos*, o objetivo era iluminar o produto para produzir um brilho suave na lateral, fruto da utilização correta da iluminação e da aplicação de verniz fixador fosco sobre a garrafa. Para completar a estética da imagem, os estudantes precisavam diluir glicerina com água para borrifar sobre a garrafa, uma técnica para ênfatisar o aspecto gelado sobre a garrafa; no caso da produção proposta, um chá com aspecto dourado com indicação para ser tomado gelado, se faz necessário aplicar o uso do *backlight* (luz de fundo). Conforme sugere Medeiros (2008), a iluminação *backlight* contribui para acender a garrafa e conseqüentemente o seu líquido, no caso o chá, tornando o produto mais vivo e brilhante.

Além disso, os estudantes podiam ambientar o produto usando cenografia e cores no fundo com utilização de filtro coloridos sobre a luz. Sobre a importância da cor, Dondis (2003) pondera que pode ser menos contrastantes e proporcionar uma harmonia cromática, bem como mais saturadas e proporcionar um grande contraste cromático. Numa fotografia aplicada à comunicação, a cor pode ênfatisar essa sintonia dos elementos da foto, com a refrescância que ele produz, assim como a época em que é consumido, no caso o verão, representado pela cor do fundo amarelo, como mostra a figura 93. A título de exemplificação de produtos translúcidos produzidos pelos estudantes, trazemos as figuras 92 e 93.

Figura 92: *Still* não ambientado de refrigerante



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina noturna (2020).

Figura 93: *Still* ambientado de chá



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina matutina (2020).

Como se pode perceber, na figura 93: *Still* ambientado do chá com frutas cítricas e gelo, garrafa com efeito gelado, obtido com aplicação de verniz e gotas de glicerina com água, fundo com iluminação amarelada devido à gelatina, remetendo ao verão, e na figura 92: *Still* de refrigerante com aspecto gelado e ambientado com frutas, as imagens produzidas possuem um enquadramento bem elaborado, que capta todo produto com ênfase dentro do quadro, e têm equilíbrio na composição e distribuição dos elementos.

Ainda, as imagens têm uma boa harmonia cromática e possuem uma grande profundidade de campo, que nos faz enxergar os produtos, bem como a cenografia que os cercam com nitidez. A iluminação está bem elaborada, proporcionando brilhos estratégicos nas garrafas, que não inviabilizam a leitura do rótulo, e destacam as gotas aplicadas sobre o produto com intuito de transmitirem a sensação de estarem gelados. Enfim, uma imagem ambientada não precisa ser recortada para ser utilizada; ela é, por si só, uma imagem final, despertando através da comunicação visual o desejo de experimentar a bebida.

Na produção fotográfica de produtos transparentes, é necessário apenas o uso de uma fonte de luz. Dessa forma, taças, como na proposta de produção dos estudantes, não produzem reflexos indesejáveis. Conforme sugere Medeiros (2008, p.98): “fotografar produtos transparentes, como taças de vidro vazias, exige

um pouco mais de técnica e atenção, pois não há conteúdo dentro dos recipientes para fazer referência ao contorno das peças.”

Para se espelhar um produto sem a necessidade de manipulação em *software*, que além de demorar mais aumenta o custo do trabalho, os estudantes aplicaram a seguinte técnica: colocar dois produtos, no caso taças, virados ao contrário (um em cima e outro embaixo), apoiando base com base. Algo simples, mas que torna a imagem muito mais atrativa e diferenciada para comunicação visual. A título de exemplificação, trazemos as figuras 94 e 95: fotos de produtos transparentes.

Figura 94: Taças espelhadas.



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina Noturna (2020).

Figura 95: Taças com uso de filtro amarelo.



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina matutina (2020).

Como retratam as figuras 94 e 95, temos duas composições de produtos transparentes: a espelhada, a taça de cima apoiada na base da taça de baixo, e a composição de taças com uso de filtro amarelo (gelatina). Nessas imagens, embora não haja muitos elementos na cena, o foco está preciso, é visível a nitidez nas taças. Percebemos novamente um bom equilíbrio, pois tudo está devidamente dividido no retângulo do quadro, conforme preconiza Tarnoczy (2008), e o enquadramento enfatiza o produto e mantém a linha do horizonte alinhada, conforme sugere Guran (2002). No que tange à iluminação, Medeiros (2008) sugere somente *backlight* para o fundo da cena, argumentando que faz com que

os produtos transparentes mostrem toda sua forma e beleza, sem brilhos pontuais e inoportunos, que também podem ser percebidos nas figuras 94 e 95.

Além das técnicas de iluminação, os estudantes foram estimulados a compor os produtos com cores variadas. Para tanto, usaram filtros (gelatinas) coloridos na frente da iluminação do *flash*. Na comunicação visual a cor comunica também. Existem, por exemplo, campanhas de verão predominantemente amareladas, dia dos namorados e natal com cores avermelhadas e ano novo com predomínio da cor azulada.

Nas figuras 96 e 97, trazemos outros exemplos de produções com produtos transparentes. Nessas produções, os estudantes usaram ainda mais sua criatividade, explorando corantes de alimento para compor a estética da foto e tornar os produtos mais atraentes.

Figura 96: Detalhes das taças com corante colorido



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina noturna (2020).

Figura 97: Variação do enquadramento das taças com corante



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina matutina (2020).

Como se pode perceber, as produções dos estudantes exemplificadas nas figuras 96 e 97 possuem grande plasticidade e beleza. Além da leveza das formas do cristal, ainda destaca as nuances dos corantes diluídos na taça. As cores proporcionam contraste cromático que, conforme Dondis (2003), é produzido por cores saturadas e contrárias e dão mais expressividade e emoção. Na figura 96, o enquadramento com o corte proposto sugere, conforme Guran (2002), o plano

detalhe, que é um pormenor da cena, uma forma de evidenciar o produto, a composição. Quanto à iluminação utilizada, ambas as figuras 96 e 97 ficaram bem elaboradas, pois o uso de *backlight* e de corantes coloridos com água tornaram as imagens mais atraentes. Medeiros (2008) explica que essa fonte de luz no *set* é que traz contorno e forma à taça sem produzir reflexos inoportunos.

A composição com a sequência de taças, em diferentes planos, numa linha diagonal, privilegia a perspectiva, segundo Tarnoczy Jr. (2008). As figuras 96 e 97 contêm ainda uma grande profundidade de campo (LANGFORD; FOX; SMITH, 2009), pois as taças são retratadas em detalhes nítidos aceitáveis em uma única configuração de foco e lente.

De forma geral, as produções fotográficas de *produtos opacos, translúcidos e transparentes* pelos estudantes Surdos possuem excelente composição e a iluminação foi produzida de acordo com a técnica abordada na Oficina 1, ou seja, não possuem brilhos indesejáveis. Ademais, o foco das produções fotográficas está preciso, o contraste ressalta as características dos produtos e as imagens, além do bom enquadramento, prezam pelo equilíbrio, tanto da linha do horizonte quanto pela distribuição dos elementos dentro do quadro.

Feitas as devidas análises com base nos critérios técnicos para a produção de imagens, é importante, numa produção fotográfica, caracterizar as relações estabelecidas durante o trabalho em equipe e o engajamento nas atividades propostas. Quanto a essas questões, podemos afirmar que os participantes demonstraram espírito de equipe, comprometimento, senso de organização e colaboração. A quantidade de fotos produzidas num curto período com a devida qualidade técnica e estética evidenciadas na análise são indicadores de que os objetivos propostos na Oficina 1 foram alcançados.

Além dos critérios de avaliação propostos no plano de aula da Oficina 1, foi solicitado aos estudantes que avaliassem sua aprendizagem a partir de um questionário visualmente preparado com o recurso de *emojis*. O *emoji* verde indica que os conhecimentos foram apreendidos; o amarelo, que há conhecimentos que precisam ser revisitados; e o vermelho, que os conhecimentos não foram apreendidos. Recursos estes pensados para que os estudantes participantes pudessem se expressar em relação: I) ao conhecimento de técnicas de iluminação; II) ao conhecimento de regulagem da câmera; III) à foto produzida


pelo estudante; e IV) à relevância do conteúdo para a profissão de técnico em comunicação visual.

A análise do questionário da Oficina 1 indicou que todos os seis (06) participantes sentiram que aprenderam as técnicas de iluminação; que as fotos produzidas estão alinhadas às técnicas trabalhadas na Oficina 1; e que consideraram relevante o conteúdo da Oficina 1 para a profissão de técnico em comunicação visual. Dos seis (06) participantes, apenas três (03) assinalaram que precisavam visitar os conteúdos referentes às regulagens da câmera; os demais, três (03), afirmaram ter aprendido as técnicas de regulagem de câmera para produzirem as fotos propostas para a oficina.

Embora três estudantes tenham apontado que precisavam visitar os conteúdos sobre regulagens de câmera, e esse achado motivou a retomada desse conteúdo na oficina subsequente, acreditamos que a abordagem de ensino a partir do saber fazer, mediada pelo professor-pesquisador, pelo intérprete de Libras, pelos colegas e materiais concretos referentes à profissão do fotógrafo, criou um contexto propício para que esses estudantes também produzissem boas imagens dentro dos critérios técnicos que apoiaram a análise das produções de todos os participantes. Acreditamos também que o fato de esses estudantes sentirem necessidade de visitar as técnicas de regulagem de câmera seja devido ao seu estilo de aprendizagem ou a uma característica de personalidade; no entanto, este estudo não dá conta de corroborar essa hipótese específica que surgiu do presente estudo.

O quadro 8⁵¹ resume a autoavaliação dos participantes na Oficina 1.

Quadro 8: Autoavaliação dos participantes na Oficina 1.

ITENS DE AUTOAVALIAÇÃO	EMOTICONS X GRUPOS DE PARTICIPANTES			TOTAL
				
Conhecimento adquirido sobre iluminação	Grupo matutino (3)	Grupo matutino (-)	Grupo matutino (-)	06
	Grupo noturno	Grupo noturno	Grupo noturno	

⁵¹ Como informado anteriormente, nesta oficina faltaram dois estudantes, por isso, o quadro 8 possui apenas 6 participantes no total.

	(3)	(-)	(-)	
Conhecimento adquirido sobre regulagens da câmera	Grupo matutino (3)	Grupo matutino (-)	Grupo matutino (-)	03
	Grupo noturno (-)	Grupo noturno (3)	Grupo noturno (-)	03
Resultado da foto produzida	Grupo matutino (3)	Grupo matutino (-)	Grupo matutino (-)	06
	Grupo noturno (3)	Grupo noturno (-)	Grupo noturno (-)	
Relevância do conteúdo da oficina para a profissão	Grupo matutino (3)	Grupo matutino (-)	Grupo matutino (-)	06
	Grupo noturno (3)	Grupo noturno (-)	Grupo noturno (-)	

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Na Oficina 2, os estudantes participantes aprenderam a fotografar comida, com base na técnica de iluminação, ângulos, especificidades de composição do *set* a partir da abordagem de ensino do saber pelo fazer. E os critérios que guiaram a avaliação das produções dos estudantes, e serão a base da análise aqui apresentada, foram: participação e engajamento nas atividades propostas; atitudes no trabalho em equipe; e critérios técnicos específicos para analisar as imagens, a citar: Iluminação adequada ao segmento, com brilhos e sombras equilibrados; emprego correto dos ângulos específicos da fotografia de alimento; profundidade de campo adequada a composição; sintaxe visual adequada à proposta, ou seja, foco, contraste, textura, volume e cor; e composição fotográfica, isto é, enquadramento, equilíbrio, organização.

Nessa oficina, foram produzidas 421 imagens, tendo como suporte uma grande quantidade de elementos de cenografia, o que oportunizou aos estudantes a aplicação das diferentes técnicas com diversos tipos de alimentos. Diferentemente da Oficina 1, nessa oficina, os estudantes já demonstravam mais intimidade entre si, no manuseio dos equipamentos e na escolha dos materiais de montagem do *mise en place*. As figuras 98 e 99 mostram as imagens capturadas desse momento:

Figura 98: Estudantes preparando a macarronada para a produção fotográfica.



Fonte: Acervo pessoal de Sônia Santos, Relações Públicas do Câmpus PHB (2020)

Figura 99: Estudantes diante do set de fotografia de comida



Fonte: Acervo pessoal de Sônia Santos, Relações Públicas do Câmpus PHB (2020)

Sobre o *mise en place*, Hobday e Denbury (2010) explicam que a forma de apresentar os alimentos é essencial para deixá-los visualmente atraentes. Por isso, existe a necessidade de se realizar um *mise en place* que preze pela organização do espaço, pela escolha dos acessórios à mesa, do prato, a forma como tudo é distribuído, o equilíbrio, a textura e até mesmo a porção são aspectos a serem considerados. Os autores argumentam que “A maneira como a mesa é posta, estabelece o tom da refeição e contribui muito para a atmosfera do momento. Seja um jantar comemorativo ou um almoço casual, o modo como os alimentos são apresentados realça o clima que você pretende criar”. (HOBDAY; DENBURY, 2010, p.24).

Assim, os estudantes iniciaram suas produções fotográficas de alimentos pelo *mise en place*. Escolheram e fizeram a montagem dos pratos, começando pela foto de macarronada (*penne* e *talharim*) e sua ambientação, composta pela escolha do prato, do fundo a ser utilizado sob o prato, dos acessórios para compor o entorno do prato, e a preparação do alimento: molho de tomate, queijo ralado, folhas de salsinha e manjericão. As figuras 100 e 101 mostram exemplos das imagens capturadas pelos estudantes:

Figura 100: *Mise en place* com prato de espaguete



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina noturna (2020).

Figura 101: *Mise en place* com prato de penne



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina matutina (2020).

Sobre as figuras 100 e 101, podemos dizer que as fotografias produzidas pelos estudantes têm foco preciso no alimento e grande profundidade e campo. Conforme evidenciam Folts, Lovell, Zwahlen JR (2011) e Langford, Fox, Smith (2009), o recurso proveniente do uso do diafragma mais fechado, F16, F11, faz com que tanto o objeto como o fundo da imagem tenham nitidez, possibilitando que todo cenário seja visto e observado com nitidez. Esse recurso na fotografia de comida pode ser usado tanto para evidenciar o prato como o restante do *mise en place*. Para Guran (2002, p.32), “foco e diafragma são muito mais do que imperativos técnicos, constituem instrumentos importantes da linguagem fotográfica, na medida em que, por meio deles, se pode definir até o conteúdo da mensagem”.

Em relação à iluminação, as figuras 100 e 101 demonstram que ela também está bem elaborada. A iluminação feita pelos estudantes ressalta uma característica importante do alimento: textura e volume. Conforme Hurter (2010), a posição da luz em relação à câmera e aos objetos podem dar ou não mais ênfase às características do que está sendo fotografado, e os estudantes usaram a luz adequadamente ressaltando o volume e a textura do alimento fotografado. Guran

(2002, p.30) explica que “o relevo das massas e a textura das superfícies são destacadas pela iluminação lateral, por meio da projeção das sombras”.

Quanto ao enquadramento das imagens, podemos dizer que os estudantes também foram eficientes na captura de imagem. Conforme Guran (2002), é preciso variar o enquadramento, a forma como a imagem é enquadrada, e a posição do fotógrafo diante da cena é importante para transmitir ao observador diferentes sensações. Nesse sentido, os estudantes ora capturaram todo o *mise en place*, num plano aberto, ora se aproximaram mais, fotografando apenas um detalhe do prato.

Em relação aos ângulos, também chamados de ponto de vista, Folts, Lovell, Zwahlen JR (2011) destacam que se deve variar a posição e recomendam fotos de ângulo alto e baixo, sempre procurando uma tomada interessante, já que a grande maioria das fotografias são feitas no nível do sujeito, ou seja na altura dos olhos. Nas produções de fotografia de comida retratadas nas figuras 100 e 101, os estudantes demonstraram essa preocupação com o emprego dos ângulos frontal, *plongée* 45° e zenital 90°, que são os mais utilizados no segmento, e produziram fotografias atraentes e bem convidativas, explorando as técnicas de captura trabalhadas na Oficina 2 e aplicando bem a técnica.

A produção fotográfica de comida no mundo do trabalho exige desenvolver o olhar para a composição dos elementos e, muitas vezes, há necessidade de criar alternativas fotográficas para dar mais ênfase ao alimento, ou tornar a imagem mais atrativa e convidativa, indo além do que foi solicitado pelo cliente, gerando mais possibilidades de composição para uma mesma produção. Nesse sentido, podemos observar o empenho dos estudantes em realizar esse tipo de imagem diferenciada; no caso, utilizaram o plano detalhe, com foco no primeiro plano e com uma menor profundidade de campo, conforme mostram as figuras 102 e 103.

Figura 102: Detalhe do penne



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina noturna (2020).

Figura 103: Detalhe do sushi



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina noturna (2020).

Folts, Lovell, Zwahlen JR (2011, p.35) explicam que “aberturas de diafragma maiores resultam numa profundidade de campo mais superficial”. Ou seja, os estudantes utilizaram uma menor profundidade de campo para evidenciar o penne sobre o garfo e o salmão no *hashi*. Em relação ao plano de detalhe, ele é um pormenor da cena, uma versão aproximada do enquadramento que possibilita dar ênfase a uma parte específica do assunto. Ainda em relação às figuras 102 e 103, é importante abordar o uso correto da iluminação pois ambas as imagens possuem boa textura e bom volume, visíveis tanto no primeiro plano, do detalhe, como no fundo, nos objetos de cenografia.

Ao fotografarem as sobremesas, os alunos foram estimulados a pensar na harmonia ou no contraste cromático de todo o *mise en place*, nos brilhos das caldas do alimento, de modo a tornar a sobremesa mais atrativa e apetitosa. Além disso, precisavam diferenciar os produtos com a diversificação dos acessórios de cenografia e, assim o fizeram, conforme mostram as figuras 104 e 105.

Figura 104: fotografia com harmonia cromática



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina noturna (2020).

Figura 105: Fotografia com contraste cromático



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina matutina (2020).

Como se pode constatar, a iluminação das imagens mostradas nas figuras 104 e 105 ficaram bem elaboradas, pois a luz além de enfatizar a textura e o volume do alimento, por exemplo na textura dos poros do morango, tem ainda um brilho que evidencia a calda de frutas vermelhas sobre a sobremesa.

Já as cores da foto foram pensadas e utilizadas para gerar grande contraste e despertar a atenção para o alimento. Sobre esse aspecto, Hoday e Denbury (2010, p.13) pontuam que “duas ou três cores funcionam melhor que apenas uma”. Com base em Dondis (2003), na figura 104 (à esquerda), temos uma combinação que gera um contraste cromático, produzido pelas cores contrárias e saturadas, enquanto na figura 105 (à direita), temos a harmonia cromática na composição do set com elementos em tons de azul.

Nas figuras 106 e 107, que seguem, a mudança no ângulo das imagens, 90° (zenital) e 45°, bem como na cor dos elementos de cenografia escolhidos pelos estudantes, demonstram a desenvoltura que tiveram na Oficina 2, com produções de imagens variadas que valorizam os produtos, como deve ser uma fotografia aplicada à comunicação visual.

Figura 106: Composição em ângulo zenital
90°



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina Matutina (2020).

Figura 107: Composição em ângulo *plongée*
45°.



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina Matutina (2020).

Com podemos perceber, ambas as imagens mostram bom volume e excelente textura, tanto nos alimentos como nos elementos do *mise en place*. Conforme sugere Medeiros (2008) e Hurter (2010), o emprego correto da iluminação sobre a mesa e os alimentos são evidenciados com uma luz vinda do ângulo diferente da captura, já que a luz frontal não destaca essas características do alimento na imagem. Em relação ao enquadramento, também podemos dizer que está bem elaborado: linha do horizonte e elementos bem equilibrados e alinhados no quadro. No que se refere ao contraste e às cores das imagens, podemos dizer que produzem como resultado imagens com contraste cromático, já que azul e laranja, bem como azul com amarelo e lilás são cores contrárias e com grande saturação, conforme Dondis (2003). Em relação à análise da imagem, é importante destacar ainda o cuidado do estudante com a espuma do café, produzida com espuma de detergente, dando o aspecto de um café recém passado, algo que evidencia o comprometimento do estudante com todas as técnicas abordadas na oficina.

De forma geral, podemos dizer que, na Oficina 2, os estudantes alcançaram os objetivos propostos no plano de aula. Os estudantes aplicaram bem as técnicas abordadas, explorando os principais ângulos para a fotografia de comida e foram muito felizes na escolha dos elementos para compor o *set*, variando bastante o *mise en place* entre uma fotografia e outra, utilizando praticamente todos os elementos cenográficos trazidos como suporte para a Oficina 2. Os estudantes

também exploraram os diferentes enquadramentos na captação das imagens, o foco ficou preciso sobre o alimento, e a distribuição dos elementos no quadro foi feita com grande equilíbrio. As imagens produzidas apresentaram bom contraste e profundidade de campo e estavam adequadas à proposta de cada alimento.




Cabe ressaltar ainda que a pré-produção mostra o quanto uma atividade de produção fotográfica mediada por um professor experiente, pelo intérprete e por instrumentos de trabalho pode envolver os alunos e despertar seu potencial criativo, algo visível nas imagens produzidas pelos estudantes. Destaca-se que a produção de 421 imagens, com excelente resultado técnico e estético, a partir do saber pelo fazer, agregado à proposta de trabalho em equipe evidenciam que houve uma boa participação e um bom engajamento nas atividades propostas, bem como atitudes condizentes com o trabalho em equipe esperado para o segmento de fotografia de comida aplicado ao mundo do trabalho.

A exemplo da Oficina 1, na Oficina 2, os estudantes também se auto avaliaram com base em *emojis* e os critérios usados foram os mesmos da Oficina 1. Ou seja, a avaliação foi pensada para que os estudantes participantes pudessem se expressar em relação: I) ao conhecimento de técnicas de iluminação; II) ao conhecimento de regulagem da câmera; III) à foto produzida pelo estudante; e IV) à relevância do conteúdo para a profissão de técnico em comunicação visual.

A análise do questionário da Oficina 2 indicou que todos os sete (07) participantes sentiram que aprenderam as técnicas de iluminação e percebem que as fotos produzidas por eles estão alinhadas às técnicas trabalhadas na Oficina 2. Dos sete participantes, seis (06) aprenderam os conteúdos referentes às regulagens da câmera e apenas um (01) precisa visitar esses conteúdos. Igualmente, dos sete participantes, cinco (05) consideram relevante o conteúdo da Oficina 2 para a profissão de técnico em comunicação visual, um (01) precisa pensar sobre o assunto e um (01) não respondeu. Comparando esses resultados com os da Oficina 1, pode-se dizer que em relação à iluminação, todos os estudantes participantes aprenderam a iluminar adequadamente produtos de diferentes opacidades e alimentos e ficaram satisfeitos com suas produções fotográficas. Já em relação a regulagens da câmera, o número de estudantes que precisam visitar as técnicas diminuiu de três (03) para um (01), sinalizando que a retomada desse conteúdo específico na Oficina 2 foi eficaz, e que a repetição da

técnica leva à perfeição da produção. Por fim, apesar de a maioria dos participantes (05) terem percebido a relação do conteúdo da Oficina 2 com a profissão de técnico de comunicação visual, um aluno não conseguiu fazer essa relação e outro não respondeu. Esse achado sinaliza a necessidade de o professor explicitar as relações entre a técnica e o trabalho do fotógrafo/comunicador visual, visando maior engajamento e consciência dos estudantes sobre o seu processo de aprender. O quadro 9 resume a autoavaliação dos participantes na Oficina 2.

Quadro 9: Autoavaliação da oficina 2

ITENS DE AUTOAVALIAÇÃO	EMOTICONS X GRUPOS DE PARTICIPANTES			TOTAL
				
Conhecimento adquirido sobre iluminação	Grupo matutino (4)	Grupo matutino (-)	Grupo matutino (-)	07
	Grupo noturno (3)	Grupo noturno (-)	Grupo noturno (-)	
Conhecimento adquirido sobre regulagens da câmera	Grupo matutino (3)	Grupo matutino (1)	Grupo matutino (-)	06 01
	Grupo noturno (3)	Grupo noturno (-)	Grupo noturno (-)	
Resultado da foto produzida	Grupo matutino (4)	Grupo matutino (-)	Grupo matutino (-)	07
	Grupo noturno (3)	Grupo noturno (-)	Grupo noturno (-)	
Relevância do conteúdo da oficina para a profissão	Grupo matutino (2)	Grupo matutino (1)	Grupo matutino (-)	05 01
	Grupo noturno (3)	Grupo noturno (-)	Grupo noturno (-)	01 não respondeu

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

A oficina três, fotografia de *splash*, a mais complexa da Sequência Didática, foi também a mais demorada para montagem, pois foi necessário preparar três bancadas para dar conta de explicar as diferentes classificações da técnica.

Sobre o *splash*, Genérico (2012) enfatiza que essa técnica é muito usada, tanto em publicidade quanto no Design e na comunicação visual em geral, quando

se trata de fotos de alimentos e bebidas, e tem havido crescimento da sua utilização em outros tipos de produto. O fotógrafo ressalta que o movimento dos líquidos é muito atraente, atrai por transmitir um aspecto refrescante e por não ter uma forma de respingo única, não pode ser capturada a olho nu, mas com a foto no momento certo acaba chamando a atenção pela curiosidade.

Nessa oficina - fotografia de *splash* -, as produções dos estudantes foram avaliadas com base na técnica de iluminação e nas novas técnicas da oficina de *splash*, além da participação e engajamento dos participantes nas atividades propostas; e das atitudes no trabalho em equipe. Os critérios avaliados foram fotografias de *splash* com iluminação sem brilhos indesejados, imagens com emprego correto das técnicas para congelamento do *splash*, nas três categorias de impacto do *splash*, e sintaxe visual adequada à proposta, ou seja, foco, contraste, enquadramento apropriados para esse tipo de fotografia. A exemplo da classificação dos *splashes*, as imagens foram agrupadas respeitando a forma como foram classificadas e os critérios descritos no plano de aula da Oficina 3.

Nas figuras 108,109 e 110 temos uma sequência de imagens produzidas pelos estudantes empregando a técnica de *splash* de baixo impacto com gotas, uma técnica que consiste basicamente em capturar o exato momento em que a gota cai na água, mergulha, sobe novamente (GENÉRICO, 2012). As figuras 108,109 e 110 trazem o momento exato para captura.

Figura 108: Coroa do splash de baixo impacto.



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina matutina (2020).

Figura 109: Splash de baixo impacto aplicação de um tecido ao fundo.



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina noturna (2020).

Figura 110: *Splash* de baixo impacto de gotas, com filtro azul



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina Matutina (2020).

Nas imagens referentes às 108, 109 e 110 podemos observar que os estudantes fizeram a captura de imagem no momento correto, observamos o congelamento preciso da gota, além de imagens com grande contraste, foco no assunto da foto, equilíbrio na composição e uma iluminação empregada corretamente, contribuindo para enfatizar a forma da gota, as cores, inclusive empregando cor ao efeito com uso de filtro (gelatina). Sobre a captura de uma imagem de *splash*, Genérico (2012) coloca que “O olho humano não é capaz de captar um momento tão breve em meio ao caos da criação líquida. Hoje, podemos ver em cristalinos detalhes toda a beleza e o encanto da natureza ao registrá-la com que em estado de graça, por meio da fotografia de alta velocidade”. (GENÉRICO, 2012, p.190)

Para congelar o movimento das gotas, os estudantes utilizaram a combinação *flash* e velocidade do obturador, pois ambos têm como atribuição básica congelar o movimento. Conforme Folts, Lovell e Zwahlen JR (2011), a partir de 1/250 de segundo, temos uma velocidade mais alta que possibilita o congelamento de uma ação, tanto do objeto como do fundo. Na oficina de *splash*, os estudantes utilizaram velocidades acima de 1/320 de segundo e 1/400 de segundo. Além disso, as velocidades rápidas somadas ao *flash* aplicado numa cena de movimento podem ser interessantes, dando um efeito ainda melhor ao congelamento, conforme preconizam Langford, Fox e Smith (2009).

Já na imagem, retratada na figura 110, o estudante ousou romper a neutralidade da figura com o fundo, aplicando a técnica de outra forma: colocando um tecido esticado no fundo da imagem que, ao ser iluminado pelo *flash*, refletiu na água, gerando uma imagem bem diferenciada. Essa iniciativa demonstra o quanto os estudantes participaram ativamente da oficina, aplicando a técnica

trabalhada em outra produção; uma evidência da aprendizagem da técnica a partir da técnica: uma imagem com o reflexo da bandeira do Brasil na água.

Em relação à técnica de *splash* de alto impacto, Genérico (2012) destaca que as técnicas de mergulho de baixo impacto são mais fáceis de se obter; contudo, o *splash* de alto impacto requer mais precisão, mais técnica e mais controle do equipamento. As figuras 111 e 112 trazem o momento exato para captura de imagem de alto impacto feita pelos estudantes.

Figura 111: *Splash* de alto impacto, com leite



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina noturna (2020).

Figura 112: *splash* de alto impacto, com iogurte



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina matutina (2020).

As figuras 111 e 112 produzidas pelos estudantes revelam que além da plasticidade do *splash* de alto impacto, os participantes capturaram a imagem no momento correto. Em ambas as fotografias, percebemos um bom congelamento devido à combinação do uso correto da velocidade, bem como do *flash* e o momento certo de clicar. O bom congelamento se configura quando temos o produto principal, no caso o morango, com foco bem nítido, mantendo o produto principal congelado e a explosão ou os respingos do leite e do iogurte também. É normal que os respingos das extremidades mais distantes tenham menos congelamento.

Ainda em relação à imagem, podemos dizer que a iluminação foi bem elaborada. A luz utilizada foi dura e concentrada, posicionada lateralmente com o intuito de iluminar o objeto, delineando as formas, dando ênfase à textura e ao volume. Por ser uma luz concentrada, ela tende a iluminar somente o objeto, sem atingir o fundo da imagem, evidenciando as formas e o contraste do leite,

deixando o fundo preto. Sobre a luz usada nas fotos de *splash* de alto impacto, Folts, Lovell e Zwahlen JR (2011, p.163) pontuam que “a luz pode ser concentrada e muito penetrante ou, no outro extremo, muito suave e muito difusa. Luz penetrante ou especular, geralmente produz sombras duras e bem definidas”, que se constata nas figuras 111 e 112.

Para finalizar, a última técnica ensinada e praticada pelos estudantes foi a de *splash* de mergulho, que, segundo Genérico (2012), registram o trajeto de algum produto ao ser mergulhado no aquário e compor de forma a manter todos os elementos bem distribuídos e alinhados, como se pode constatar nas imagens trazidas nas figuras 113 e 114. Caber ressaltar que as imagens de *splash* de mergulho produzidas pelos estudantes foram fruto de muito empenho e determinação e evidenciam a aprendizagem da técnica.

Figura 113: *Splash* de mergulho, com pimentões



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina noturna (2020).

Figura 114: *Splash* de mergulho, com morangos



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina matutina (2020).

Nessa oficina também foi proposto aos estudantes capturarem caixas de suco com as respectivas frutas. Para produzir uma imagem natureza com a técnica de mergulho, os participantes precisavam ser ágeis para clicar o momento exato em que o produto tinha seu rótulo virado para frente, e as frutas de ambientação formassem um alinhamento com toda beleza do *splash*, remetendo à ideia de sucos saudáveis feitos com a própria fruta.

As figuras 115 e 116 trazem o momento exato para captura de imagem de *splash* de mergulho com caixa de suco e sua respectiva fruta alinhados feita pelos estudantes.

Figura 115: *Splash* de mergulho, com suco de caixinha e morangos.



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina noturna (2020).

Figura 116: *Splash* de mergulho, com 2 sucos de caixinha e laranjas.



Fonte: Grupo de estudantes da Oficina matutina (2020).

Como podemos ver, nessas quatro imagens de *splash* de mergulho produzidas pelos estudantes, além do congelamento e o tempo correto de captura, temos um excelente contraste cromático (DONDIS, 2003). Os estudantes escolheram, antes da captura das imagens, um filtro colorido com cores opostas e bem saturadas, para destacar o produto do fundo e tornar a imagem mais viva e atrativa.

Outro aspecto importante nas imagens produzidas é o equilíbrio, tanto na escolha dos elementos para fotografar quanto na distribuição dos mesmos dentro do enquadramento. Embora a produção desse tipo de imagem seja difícil devido à falta de controle total sobre o trajeto dos elementos dentro da água, é possível experimentar diferentes formas de lançar o produto, repetindo a técnica inúmeras vezes até se obter os resultados esperados, como comprovam as imagens capturadas pelos estudantes.

Em relação à profundidade de campo, embora o fundo das imagens não tenha elementos além do próprio produto, também foram utilizados diafragmas fechados, com base em Langford, Fox e Smith (2009). Para os autores, diafragmas fechados ampliam a área de nitidez, deixando o produto o seu entorno em foco.

Em relação ao uso correto da iluminação, é importante enfatizar que as fotos do *splash* de mergulho foram produzidas num aquário e se a iluminação não tivesse sido precisa, levemente lateral, conforme sugerem Medeiros (2008) e

Hurter (2012), teria refletido o brilho no vidro; logo, teria aparecido na imagem. No entanto, nas imagens produzidas pelos estudantes, sequer percebemos que a fotografia está sendo capturada através do vidro, exceto pelo fato do produto estar mergulhando na água diante da câmera.

Como se demonstrou, os estudantes alcançaram os objetivos propostos para a Oficina 3. Eles produziram imagens dos três tipos de *splashes*, mantendo uma boa técnica de iluminação, sem brilhos indesejáveis, com captura correta, utilizando a técnica de congelamento, capturando os produtos no momento adequado, proporcionando às imagens grande plasticidade, garantindo um foco preciso, um contraste bem feito e uma imagem com grande apelo visual.

No total, foram produzidas 563 imagens, que demonstram o quanto os estudantes participantes foram obstinados na prática de cada tipo de *splash*, enfatizando que o processo de aprendizagem com ênfase no saber pelo fazer em espaços colaborativos cria um contexto propício para resiliência na busca da melhor imagem, além da motivação, do desenvolvimento o “olhar crítico” sobre a imagem produzida e um refinamento da aprendizagem.




A exemplo das oficinas anteriores, os estudantes também avaliaram a Oficina 3. A avaliação foi feita nos moldes anteriores, com *emoticons* coloridos para facilitar a resposta dos estudantes. A avaliação foi pensada para que os estudantes participantes pudessem se expressar em relação: I) ao conhecimento de técnicas de iluminação; II) ao conhecimento de regulagem da câmera; III) à foto produzida pelo estudante; e IV) à relevância do conteúdo para a profissão de técnico em comunicação visual.

A análise do questionário da Oficina 3 indicou que todos os oito (08) participantes sentiram que aprenderam as técnicas de iluminação trabalhadas na Oficina 3. Dos oito participantes, seis (07) aprenderam os conteúdos referentes às regulagens da câmera, e apenas um (01) precisa revisitar esse conteúdo. Igualmente, dos oito participantes, sete (07) percebem que as fotos produzidas por eles estão alinhadas às técnicas trabalhadas na oficina, e apenas um (01) precisa praticar mais para melhorar suas produções com a técnica de *splash*. Sete (07) participantes consideram relevante o conteúdo da Oficina 3 para a profissão de técnico em comunicação visual, um (01) precisa pensar sobre o assunto.

Comparando esses resultados com os das oficinas anteriores, pode-se dizer que em relação à iluminação, todos os estudantes participantes aprenderam

a iluminar adequadamente produtos usando diferentes técnicas de *splash*, e que a maioria ficou satisfeita com suas produções fotográficas, exceto um participante, que julgou que suas fotos poderiam ser melhores. Já em relação a regulagens da câmera, o número de estudantes que precisam revisitar as técnicas permaneceu igual ao da Oficina 2, apenas um (01), sinalizando a necessidade de retomada desse conteúdo com apenas esse participante. Por fim, apesar de a maioria dos participantes (07) terem percebido a relação do conteúdo da Oficina 3 com a profissão de técnico de comunicação visual, um estudante não conseguiu fazer essa relação. Esse achado reforça a necessidade de o professor explicitar as relações entre a técnica e o trabalho do fotógrafo/comunicador visual, visando maior engajamento e consciência dos estudantes sobre o seu processo de aprender. O quadro 10 resume a autoavaliação dos participantes na Oficina 3.

Quadro 10: Autoavaliação da oficina 3




ITENS DE AUTOAVALIAÇÃO	EMOTICONS X GRUPOS DE PARTICIPANTES			TOTAL
				
Conhecimento adquirido sobre iluminação	Grupo matutino (4)	Grupo matutino (-)	Grupo matutino (-)	08
	Grupo noturno (4)	Grupo noturno (-)	Grupo noturno (-)	
Conhecimento adquirido sobre regulagens da câmera	Grupo matutino (4)	Grupo matutino (-)	Grupo matutino (-)	07 1
	Grupo noturno (3)	Grupo noturno (1)	Grupo noturno (-)	
Resultado da foto produzida	Grupo matutino (3)	Grupo matutino (1)	Grupo matutino (-)	07 1
	Grupo noturno (4)	Grupo noturno (-)	Grupo noturno (-)	
Relevância do conteúdo da oficina para a profissão	Grupo matutino (4)	Grupo matutino (-)	Grupo matutino (-)	07 01
	Grupo noturno (3)	Grupo noturno (1)	Grupo noturno (-)	

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Ao final da Oficina 3, foi solicitado aos participantes a avaliação da implementação da Sequência Didática no formato de oficinas, no intuito de identificar se havia predisposição para mais ações sobre técnicas de fotografia de produto aplicada à comunicação visual e indicações de possíveis mudanças. Igualmente, as avaliações foram feitas com *emojis*, imagens e o auxílio do intérprete de Libras, respeitando a forma como os participantes se comunicam na vida real.

Na primeira parte da avaliação foi perguntado aos estudantes se haviam gostado de participar das oficinas e se estariam dispostos a participar de outra oficina de fotografia de produto aplicada à comunicação visual com a mesma forma de aprender a fotografar. Em relação à primeira pergunta, todos os oito (08) participantes disseram que gostaram das oficinas. Já em relação à segunda, seis (06) estudantes responderam afirmativamente; no entanto dois ficaram em dúvida se o fariam. Nessa avaliação, o *emoji* verde significa “sim”, o amarelo “talvez” e o vermelho “não”. O quadro 11 resume a avaliação dos participantes em relação às oficinas.

Quadro 11: Autoavaliação da oficina 3

ITENS DE AUTOAVALIAÇÃO	EMOTICONS X GRUPOS DE PARTICIPANTES			TOTAL
				
Gostou de participar das oficinas	Grupo matutino (4)	Grupo matutino (-)	Grupo matutino (-)	08
	Grupo noturno (4)	Grupo noturno (-)	Grupo noturno (-)	
Intenção de participar de outras oficinas de fotografia aplicada	Grupo matutino (4)	Grupo matutino (-)	Grupo matutino (-)	06 02
	Grupo noturno (2)	Grupo noturno (2)	Grupo noturno (-)	

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Em relação à preferência dos estudantes sobre as oficinas oferecidas, foi solicitado que as classificassem em primeiro, segundo e terceiro lugar. As respostas dos estudantes indicam que houve consenso em relação à oficina sobre

a técnica de *splash*: a preferida pelos dois grupos de participantes. Já as demais técnicas, os estudantes da manhã preferiram a oficina de comida em segundo lugar e a de produtos em terceiro lugar, enquanto os da noite a de produtos com diferentes opacidades em segundo e a de comida em terceiro. A preferência dos estudantes está retratada no quadro 12

Quadro 12: Preferência dos participantes em relação às oficinas

	Matutino	Noturno
1° lugar		
2° lugar		
3° lugar		

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Neste capítulo, identificamos os conhecimentos prévios sobre fotografia de produto que os estudantes Surdos participantes trouxeram para as oficinas, apresentamos os procedimentos metodológicos de ensino desenhados a partir da abordagem de ensino do saber pelo fazer e das especificidades de aprender desses estudantes, e analisamos as produções fotográficas dos estudantes, buscando entender o impacto do produto educacional desenhado para o estudo nos participantes. No próximo capítulo, responderemos a pergunta geral de pesquisa: **Como ensinar fotografia aplicada à comunicação visual para estudantes Surdos do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual a partir da concepção do saber pelo fazer?**, pergunta esta que motivou a elaboração, implementação e avaliação do Produto Educacional desenhada para

o estudo: uma Sequência Didática a partir da abordagem de ensino proposta por Barato (2003/2015): o saber pelo fazer.

6 CONCLUSÕES DO ESTUDO

Neste capítulo respondemos a pergunta geral do presente estudo: *Como ensinar fotografia aplicada à comunicação visual para estudantes Surdos do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual a partir da concepção do saber pelo fazer?* Para tanto, retomamos a premissa inicial do estudo, resumimos os resultados da pesquisa e apresentamos as estratégias que emergiram do Produto Educacional desenhado para o estudo, buscando abrir possibilidades de aplicação para outras áreas de conhecimento.

6.1 A premissa do estudo

Este estudo partiu da premissa de que o Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem, a partir do recorte feito para a análise de dados, parece não trabalhar o conhecimento necessário para os estudantes Surdos do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual produzirem fotografia aplicada à comunicação visual, o que dificulta sua aproximação do mundo do trabalho, já que lhes faltam conhecimentos e práticas específicas do fazer profissional.

Tal premissa foi corroborada a partir da análise dos resultados da entrevista com os estudantes participantes do estudo, da análise das informações constantes no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no Plano de Ensino do Componente Curricular postado no Sistema Acadêmico de Ensino SIGAA/IFSC, e do diagnóstico do conhecimento de fotografia de produto feito com os participantes antes do início da Oficina 1. O resultado da análise das entrevistas e dos documentos indicou que a abordagem de ensino de fotografia adotada no Componente Curricular estava voltada para o ensino introdutório da fotografia, com um viés mais teórico do que prático, e, portanto, os participantes não sabiam como calibrar uma câmera para fotografar um produto publicitário, por exemplo.

Com base nesse resultado, e tendo em vista a área de formação profissional dos participantes, foi desenhado o Produto Educacional, uma Sequência Didática implementada no formato de oficinas, com o objetivo de ensinar aos estudantes participantes técnicas de fotografia de produto aplicada à comunicação visual, com foco na iluminação de produto e na calibragem de

câmera adequada ao produto, buscando contribuir para os participantes agregarem novos conhecimentos e práticas à sua formação.

O Produto Educacional, apresentado no Capítulo 4 desta dissertação, foi embasado teoricamente em dois pilares: a abordagem de ensino a partir do saber pelo fazer, como postulado por Barato (2003, 2015), e os estudos sobre a surdez, (principalmente os de DA SILVA; OLIVEIRA, 2020; KELMAN, 2015; LACERDA; SANTOS, 2014 PERLIN, 2010; QUADROS, 2015; SKLIAR, 1999; STROBEL, 2015), e nas técnicas de fotografia básica e de produto de autores renomados (a exemplo de GURAN, 2002; DONDIS, 2003; TARNOCZY, 2008; MEDEIROS, 2008; LANGFORD, FOX, SMITH, 2009; HURTER, 2010; HOBDA, DENBURY, 2010; FOLTS, LOVELL, ZWAHLEN JR, 2011; GENÉRICO, 2012), buscando tecer à abordagem de ensino, o conteúdo e a forma como estudantes Surdos aprendem e se relacionam com o contexto onde estão inseridos.

O resultado dessa tessitura foi uma Sequência Didática de técnicas de fotografia aplicada à comunicação visual, que foi implementada no formato de oficinas. Na oficina 1, foi abordada a técnica de fotografia de produto; na oficina 2, a técnica de fotografia de comida; e na oficina 3, a técnica de fotografia de *splash*, todas usadas no segmento de comunicação visual.

A implementação e simultânea avaliação da Sequência Didática analisadas no Capítulo 7 desta dissertação validam os procedimentos metodológicos de ensino que emergiram do embasamento teórico e técnico usado para o estudo. As produções fotográficas dos estudantes Surdos participantes ao longo das oficinas corroboram essa asserção, consequência do respeito às suas especificidades de aprender, que se tecem à abordagem de ensino proposta e aos procedimentos metodológicos que a operacionalizam.

6.2 Os procedimentos metodológicos de ensino

Os procedimentos metodológicos de ensino, embasados na didática do saber pelo fazer/didática do trabalho, nas especificidades de aprender dos estudantes Surdos e operacionalizados por meio de técnicas de fotografia de produto, devido ao contexto de intervenção deste estudo, viabilizaram uma aprendizagem eficaz das técnicas propostas aos participantes do estudo nas

oficinas. Cabe ressaltar, entretanto, que os procedimentos metodológicos que operacionalizaram o ensino no presente estudo não se limitam a ele, mas podem e devem ser expandidos para outras áreas de conhecimento.

Assim, visando operacionalizar todo arcabouço teórico da Sequência Didática, os procedimentos metodológicos de ensino foram categorizados em três grandes temas a partir do embasamento teórico do presente estudo e do diagnóstico do conhecimento prévio dos estudantes Surdos participantes das oficinas sobre fotografia de produto aplicada à comunicação visual: I) *A preparação da arquitetura do ambiente para o ensino de fotografia aplicada à comunicação visual*; II) *A preparação dos materiais voltados à especificidade de aprendizagem do estudante Surdo*; III) *A preparação para a mediação do ensino de fotografia aplicada à comunicação visual em parceria com o intérprete de Libras*, caso o professor não domine a língua de comunicação do estudante Surdo, como no caso deste estudo.

No primeiro procedimento: *A preparação da arquitetura do ambiente para o ensino de fotografia aplicada à comunicação visual*, os procedimentos abrangem a preparação do ambiente de ensino, das bancadas de produção, dos equipamentos e do set de produção, que buscam espelhar o mundo do trabalho, viabilizar a abordagem de ensino a partir da didática pelo saber fazer e a aprendizagem a partir de material concreto ou de materiais que o estudante Surdo possa manipular.

Já no segundo procedimento: *A preparação de materiais voltados à especificidade de aprendizagem do estudante Surdo*, os procedimentos demandam a preparação de materiais que respeitem a forma como o estudante Surdo aprende. Entre esses materiais, podemos fazer uso de *slides* para apresentações em *powerpoint* com imagens representativas da técnica/conteúdo/conceito a ser abordada(o), com frases explicativas curtas, simples e objetivas em português escrito, como apoio ao ensino. Podemos também transformar e disponibilizar os *slides* em apostila/material didático impresso, mantendo as imagens e o português escrito de forma bem pontual e/ou disponibilizar as apresentações na sala virtual do professor no Sistema Acadêmico do câmpus SIGAA/IFSC. Podemos ainda fazer uso de vídeos já produzidos pela TV INES ou postados no YouTube, dependendo da área de conhecimento a ser

abordada e/ou preparar videoaulas a serem disponibilizadas aos estudantes que necessitem retomar técnicas, conceitos e conteúdo.

Por outro lado, o terceiro procedimento: *A mediação do ensino de fotografia aplicada à comunicação visual em parceria com o intérprete de Libras*, demanda mudança na percepção do papel do intérprete de Libras na sala de aula: de alguém que é visto como o único responsável pelo ensino do estudante Surdo, para alguém que vai participar ativamente na construção de procedimentos metodológicos de ensino no plano que precede a aula, na mediação do ensino e da aprendizagem de conceitos e técnicas abordadas durante a aula, e na avaliação do ensino e aprendizagem após a aula, no sentido de rever/reorientar a tomada de decisões didático-pedagógicas anteriormente planejadas. Isso significa dizer que o intérprete de Libras, no contexto de ensino, deve ser percebido como um parceiro do professor e do aluno, tanto no processo de ensinar quanto no processo de aprender, já que media todos os processos e interações professor-aluno quando o primeiro não domina o idioma do segundo e vice-versa. Isso também significa uma mudança de percepção do papel da linguagem no ensino. A linguagem é uma das ferramentas de ensino, não a única. A tradução do que o professor escreve e/ou a interpretação do que o professor fala em português para a Libras e da Libras para o português, por si só, não dá conta da complexidade dos processos de aprender e ensinar e das interações. Entendido dessa forma, idealmente, na mediação dos processos e interações, o intérprete de Libras precisa participar ativamente do processo integral: planejamento do ensino, ensino propriamente dito, e avaliação do ensino (planejamento da ação - ação - reflexão sobre a ação) para que possa fazer a melhor construção de conhecimentos e intermediação possível entre os sujeitos envolvidos. Tendo em vista o resultado das produções fotográficas dos estudantes Surdos participantes/sua aprendizagem, este estudo deixou evidenciado o papel basilar do intérprete de Libras na construção do processo de ensino de técnicas de fotografia aplicada à comunicação visual. Sem os intérpretes, as entrevistas com os participantes, as oficinas de implementação da Sequência Didática, as videoaulas e o portfólio não teriam sido concretizados. Dessa forma, este estudo argumenta a favor da ampliação do número desse profissional no contexto educacional tendo em vista a multiplicidade de funções docentes que desempenha e a sua responsabilidade e envolvimento com o discente para a eficácia do ensino.

6.3 O impacto dos procedimentos metodológicos de ensino

Os procedimentos metodológicos de ensino usados no desenho e na implementação da Sequência Didática sobre fotografia de produto aplicado à comunicação visual afetaram como os estudantes Surdos participantes do estudo percebem a fotografia, de forma geral, e a fotografia de produto para a comunicação visual, de forma específica, sua área de formação profissional. Os estudantes não apenas aprenderam diferentes técnicas de fotografia de produto, mas também conseguiram fazer relações entre o que aprenderam e o mundo do trabalho: a beleza estética e a qualidade técnica de suas produções fotográficas e o resultado de suas autoavaliações corroboram essa afirmação.

Argumentamos que esse resultado se deve aos pilares que fundamentaram a elaboração do Produto Educacional: a abordagem de ensino a partir do saber pelo fazer (BARATO, 2003, 2015), o respeito à forma como estudantes Surdos aprendem e se relacionam com o contexto onde estão inseridos (LACERDA; SANTOS, 2014; QUADROS, 2015; DA SILVA; OLIVEIRA, 2020), além das técnicas de fotografia de produto, embasadas em autores referência na área de fotografia, como Guran (2002), Langford (2009), Genérico (2012) e Medeiros (2008), que viabilizaram a operacionalização das oficinas. As produções fotográficas dos estudantes validam essa argumentação, consequência do respeito às especificidades de aprender desses estudantes, que se tecem à abordagem de ensino proposta e às técnicas operacionalizadas.

As produções fotográficas dos estudantes também indicam que os objetivos de aprendizagem propostos nos planos de aula da Sequência Didática foram alcançados. Dessa forma, pode-se dizer também que o Produto Educacional desenhado para este estudo consolida a abordagem de ensino fundamentada pela prática subsidiada no trabalho: o saber pelo fazer, e toda atmosfera que o cerca; em nosso caso, o ensino de fotografia de produto aplicada à comunicação visual, para estudantes Surdos do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual, do Câmpus PHB/IFSC.

As produções fotográficas dos estudantes, descritas e analisadas no capítulo anterior, evidenciam o alinhamento da abordagem de ensino proposta a esse público específico. Elas demonstram a evolução gradativa do desenvolvimento dos estudantes, tanto em sua desenvoltura com os

equipamentos, com o aumento da quantidade de fotografias produzidas em cada oficina, quanto na qualidade com que os materiais/produtos fotográficos foram apresentados.

As produções dos estudantes, como pôde ser visto ao longo do capítulo anterior, foram aos poucos ganhando forma: da foto subexposta (ou sem captura de imagem), sem iluminação e com regulagem de câmera equivocada, para fotos de produtos com diferentes níveis de opacidade/translucidez, com iluminação, textura e volume adequados, para a foto de comida clicada de diferentes ângulos, para a foto de *splash*, com iluminação e captura correta, utilizando a técnica de congelamento, capturando os produtos no momento adequado, proporcionando às imagens grande plasticidade, garantindo um foco preciso, um contraste bem feito e uma imagem com grande apelo visual.

De forma geral, as imagens produzidas pelos participantes foram sendo compostas com equilíbrio, com preocupação com enquadramento, com a distribuição harmoniosa dos elementos no quadro, com as cores da produção, transitando entre a harmonia cromática e o contraste cromático. Os ângulos fotográficos foram explorados de maneira diversificada, o foco foi corretamente aplicado sobre cada ponto importante da imagem, bem como a iluminação foi pensada de modo a ressaltar as principais características de cada objeto.

As imagens produzidas pelos estudantes, além de boa qualidade técnica, são visivelmente de boa qualidade estética, que certamente podem ser aplicadas na comunicação visual, no design de embalagens, na publicidade das empresas que representam, cumprindo o papel desse segmento fotográfico: despertar interesse no consumidor, fazendo-o sentir a necessidade de conhecer e consumir determinado produto.

Argumentamos que a abordagem de ensino proposta aliada à especificidade de aprender do estudante Surdo e à operacionalização das técnicas por meio de procedimentos metodológicos específicos de ensino para esse público específico propiciaram também engajamento e trabalho em equipe, vital no segmento profissional em que os estudantes irão se inserir num futuro breve.

Como suas produções fotográficas não conseguem espelhar esse engajamento e trabalho em equipe, trazemos outras imagens: as que retratam não

só jovens compenetrados e atentos às técnicas, mas engajados no que estão fazendo. As figuras 117 e 118 são representativas do que se fala.

Figura 117: Dupla de estudantes, um medindo a luz, o outro disparando o *flash*.



Fonte: Juliana Santos – Bolsista do Núcleo de Produção Bilíngue

Figura 118: Cena de pimentas sendo jogadas no aquário para produzir um *splash* de mergulho.



Fonte: Juliana Santos – Bolsista do Núcleo de Produção Bilíngue

As figuras 119 e 120 vão além dos seus títulos, dão uma mostra da alegria com que os estudantes foram contagiados a cada oficina, uma satisfação em fazer cada técnica com precisão, que surgiu do espírito de equipe durante as oficinas.

Figura 119: Estudantes posando para foto durante a oficina num momento de descontração



Fonte: Acervo pessoal de Juliana Santos – Bolsista do Núcleo de Produção Bilíngue do Câmpus PHB

Figura 120: Estudante descontraído posando para foto com manuseando o fotômetro.



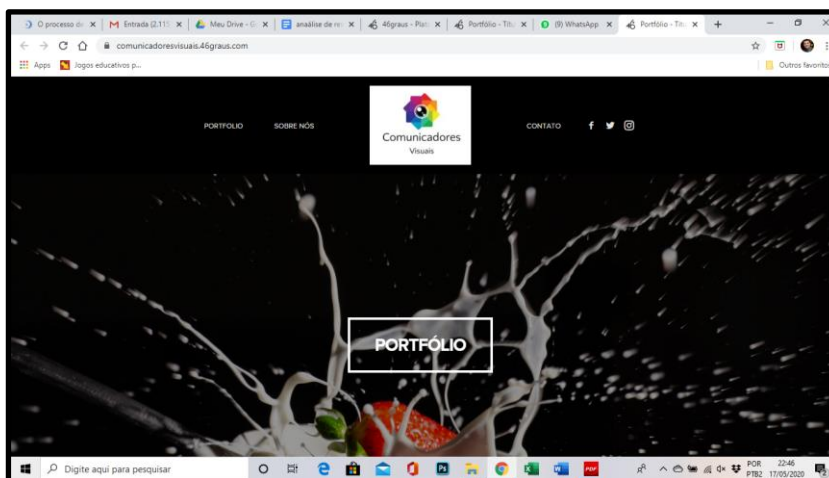
Fonte: Acervo pessoal de Juliana Santos – Bolsista do Núcleo de Produção Bilíngue do Câmpus PHB

Frente aos resultados das oficinas, e pensando no impacto que suas produções e seus desdobramentos podem ter para esses estudantes, foi idealizada uma outra possibilidade de divulgação para as produções fotográficas dos estudantes: a criação de um *portfólio digital*, mediante seleção criteriosa das imagens, visando contribuir não só com a formação dos estudantes, mas com as possibilidades de inserção no mundo do trabalho. O portfólio digital está disponível no endereço: <https://comunicadoresvisuais.46graus.com/>

A Logomarca do *portfólio digital* foi criada pelo pesquisador num *site* de *royalty free*, e pensada da seguinte forma: uma lente fotográfica ao centro, uma figura geométrica em formato de íris, com as cores fazendo alusão aos padrões dos espaços de cores de tinta CMYK (Composto pelas tintas na cores Ciano = azul esverdeado, Magenta violeta púrpura, Yellow = Amarelo e Black = preto) e de luz RGB (Red = vermelho, Green = Verde, Blue = Azul, com uma tipografia simples, e escrito “Comunicadores Visuais”. O fundo branco proposto para a Logomarca traz leveza à marca (Ver figura 121).

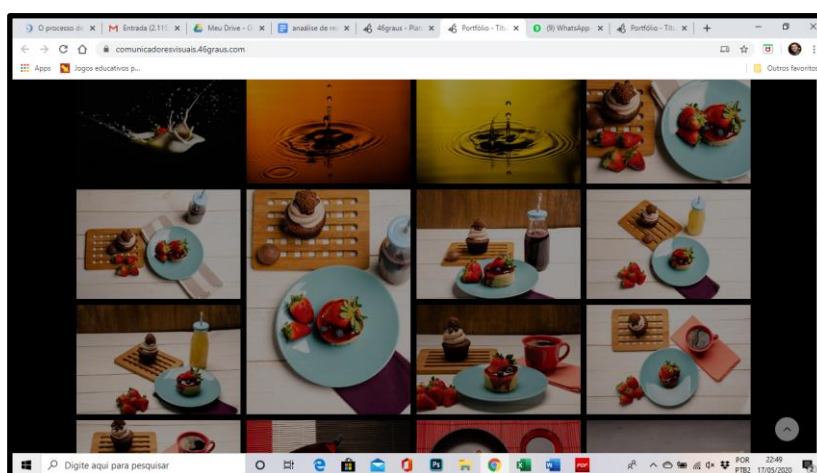
Em relação ao *site*, foi pensando no aspecto profissional, priorizando a qualidade das apresentações das imagens. Para tanto, foi utilizada a Plataforma *46graus*, usada por profissionais de fotografia, que oferece vários pacotes de planos e se diferencia pela quantidade de fotos que comporta. Nesse primeiro momento, o pacote gratuito atende as necessidades dos estudantes com a quantidade de imagens já disponibilizadas. Já em relação às abas de busca, foram pensadas somente em três, “quem somos”, “portfólio” e “contato”. Dessa forma, o *site* fica mais intuitivo, tanto para busca como para manutenção. O *site* apresenta, em sua abertura, a palavra *portfólio*, e as imagens preenchem toda a tela do computador ou do *smartphone*. Se não forem clicadas, todas vão aparecendo uma a uma, com o efeito esmaecer. A figura 121 mostra o *print* de abertura do *site*.

Figura 121: Print da abertura do site



Fonte: Disponível em: <https://comunicadoresvisuais.46graus.com/>. Acesso em 17 de maio de 2020.

Ao entrar no *site*, rolando o cursor, podemos ver todas as imagens em *slides* pequenos, que dão uma ampla visão da diversificação dos trabalhos produzidos pelos estudantes Surdos participantes do estudo. Caso queiram ampliar qualquer imagem, basta clicar em cima da imagem. A figura 122 mostra o *print* da aba portfólio.

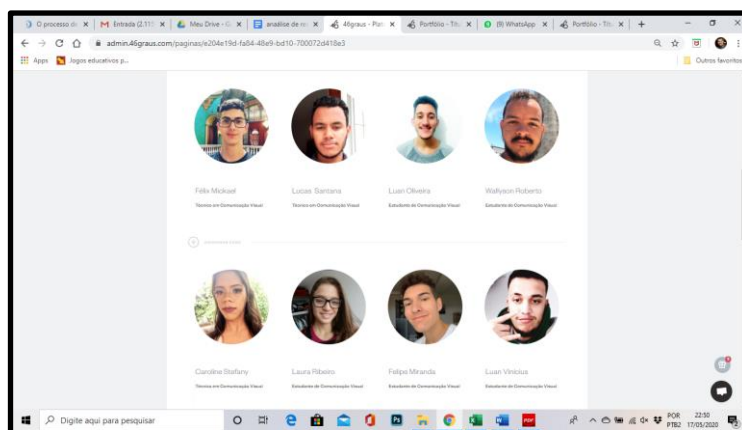
Figura 122: *Print* da Aba portfólio em *slides*.

Fonte: Disponível em: <https://comunicadoresvisuais.46graus.com/>. Acesso em 17 de maio de 2020.

Para valorizar cada estudante participante da pesquisa, não apenas suas produções, foi pensada na aba “quem somos”, que mostra uma pequena foto de cada comunicador visual com o seu respectivo nome. Essa aba inicia com um texto explicativo das imagens produzidas pelos estudantes durante uma sequência

de oficinas de fotografia, sob supervisão do professor pesquisador. A figura 123 mostra o *print* da aba “quem somos”.

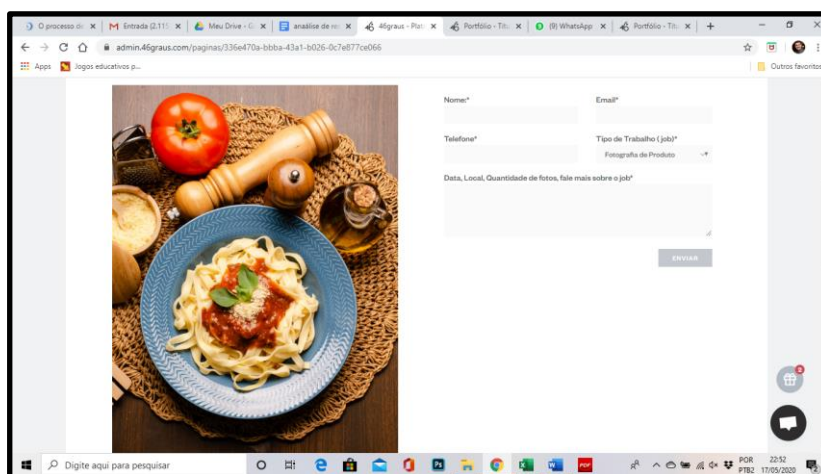
Figura 123: Print da Aba quem somos



Fonte: Disponível em: <https://comunicadoresvisuais.46graus.com/>. Acesso em 17 de maio de 2020.

Por fim, mas não menos importante, pensando que após a divulgação do *portfólio digital* os estudantes, possivelmente, vão despertar interesse de empresas e negócios, há necessidade de terem também uma aba “contato” para concentrar pedidos de orçamentos. A figura 124 mostra o *print* da aba contato.

Figura 124: Aba contato



Fonte: Disponível em: <https://comunicadoresvisuais.46graus.com/>. Acesso em 17 maio, 2020.

Neste capítulo respondemos a pergunta geral do presente estudo: *Como ensinar fotografia aplicada à comunicação visual para estudantes Surdos do Curso Técnico Integrado em Comunicação Visual a partir da concepção do saber pelo*

fazer/trabalho?, dando ênfase aos procedimentos metodológicos de ensino que emergiram do embasamento teórico do desenho, implementação e avaliação do Produto Educacional, buscando abrir possibilidades de aplicação para outras áreas de conhecimento. No próximo capítulo trataremos as considerações finais, as limitações do estudo, as implicações e sugestões para pesquisas futuras.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Motivado por percepções e crenças pessoais sobre como estudantes Surdos no contexto da EPT aprendem (ou devem aprender), este estudo visou fazer uma intervenção nesse contexto a partir da concepção teórica *do saber pelo fazer ou do saber pelo trabalho*, de Barato (2003, 2015), de forma qualificada, inovadora e criativa, tendo como foco de ensino a fotografia de produto aplicada à comunicação visual, lacuna identificada nos documentos analisados para o estudo e na voz-ação dos participantes.

A inovação desta pesquisa, e do produto educacional produzido a partir dela, está em sua proposta de abordagem de ensino: o ensino de técnicas de fotografia de produto a partir da técnica da fotografia de produto (ou do *saber pelo fazer*), mediado por diferentes recursos linguísticos, concretos e imagéticos, para promover a aprendizagem da técnica na ação e por meio da ação de fotografar produtos, ou promover o *saber pelo fazer* por estudantes Surdos.

Não constitui o intuito deste estudo prescrever fórmulas ou dar receitas de como ensinar fotografia aplicada à comunicação visual. A contribuição que se pretende dar é, pelo contrário, indicar que há outras possibilidades de ensinar e de aprender *pelo fazer*, para ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem sobre esse conhecimento específico (ou outro qualquer) e de inserção de estudantes Surdos no mundo do trabalho, além de abrir espaço para a quebra de paradigmas sobre a capacidade que os estudantes Surdos têm de aprender conceitos e de desenvolver atividades profissionais complexas.

Embora não se possa generalizar que todo o estudante Surdo tenha aptidão para fotografia, nas três oficinas que constituíram a sequência didática embasada no *saber pelo fazer*, ficou evidente que os estudantes Surdos participantes da intervenção têm facilidade e sensibilidade necessárias para produzirem fotografias com riqueza de detalhes, habilidades extremamente importantes no mundo da fotografia voltada à comunicação visual, que precisa ser estimulado nesses estudantes.

Esteticamente e cognitivamente falando, as fotografias produzidas pelos participantes a partir da implementação de cada uma das oficinas que compõem a sequência didática, se comparadas àquelas do momento de diagnóstico do conhecimento prévio na Oficina 1, refutam percepções prévias sobre estudantes

Surdos: que não aprendem conceitos complexos, e as dos próprios participantes: que não percebem a relação entre o que aprendem sobre fotografia e o mundo do trabalho do comunicador visual. A qualidade das produções dos participantes geradas nas oficinas sugere que eles puderam ampliar seus conhecimentos sobre fotografia aplicada à comunicação visual e têm condições de se inserir no mundo do trabalho com competência, criatividade e autonomia.

A qualidade plástica das produções fotográficas dos participantes ainda corrobora os procedimentos metodológicos utilizados no estudo de Da Silva e Oliveira (2020), já que as oficinas que compõem o produto educacional fundamentaram-se nos procedimentos sugeridos no referido estudo, que buscou compreender como estudantes Surdos aprendem conceitos matemáticos complexos.

Ainda, tendo em vista a qualidade técnica e estética das produções fotográficas dos participantes, pode-se dizer que o desenho metodológico da sequência didática proposta para o estudo é válido e incentiva a ampliação da abordagem de ensino de fotografia (ou de qualquer outro conhecimento) a partir do *saber pelo fazer* na EPT em Institutos Federais.

Contudo, para se avançar nas ideias aqui desenvolvidas, é primordial que estudos dessa natureza continuem a ser desenvolvidos e sua publicação fomentada, assim como outros processos de aprendizagem promovidos por procedimentos metodológicos de ensino a partir do *saber pelo fazer* de forma inovadora, criativa e socialmente relevante.

Este estudo teve algumas limitações entretanto. Entre elas podemos citar a quantidade de participantes e o contexto, apenas oito estudantes Surdos e um câmpus; o fato de não termos tido tempo hábil para entrevistar e observar aulas dos professores de fotografia; e o fato de o Câmpus PHB não ter estúdio fotográfico preparado para o ensino pelo *saber fazer*, que demandou do pesquisador esforço extra para o deslocamento de equipamentos fotográficos e de recursos e materiais para as bancadas de produção.

Dessa forma, sugerimos, em futuros estudos, a ampliação do número de participantes para testar a habilidade do Surdo com a captura de imagens, especialmente àquelas voltadas para a comunicação visual de produtos para Design e Propaganda. Sugerimos, também, a inclusão dos professores na pesquisa e na elaboração das atividades de aprendizagem da Sequência Didática,

amparadas teoricamente na concepção do *saber pelo fazer*. E que se implemente a mesma Sequência Didática com alunos Surdos e ouvintes, buscando comparar os processos de suas produções fotográficas.

O estudo aqui desenvolvido ainda aponta que o Componente Curricular Fotografia e Tratamento de Imagem precisa diminuir o uso de práticas convencionais, como apenas a projeção de *slides* ou o uso da lousa e do celular do estudante para tirar fotos, assim como variar as ferramentas e os procedimentos metodológicos de ensino. Também é imprescindível que o estudante de comunicação visual tenha, no Componente Curricular estudado, um aliado para inseri-lo no mundo do trabalho, já que a imagem hoje tem um papel fundamental na sociedade e nas empresas que a utilizam, para ganhar o interesse do consumidor em meio a disputa entre diferentes organizações e marcas.

Como sugestão, é preciso que se faça uma reestruturação do espaço de prática fotográfica do câmpus, que se insira no circuito de aprendizagem do estudante Surdo aulas de iluminação de estúdio, que se faça compras conscientes tanto de câmeras quanto de equipamentos de iluminação, para que possam desenvolver suas habilidades em produções e não somente em saídas técnicas, com enfoque variado, mas não voltado à área de formação do estudante.

Indo ao encontro dessa formação profissional e da não obrigatoriedade de estágio na proposta do PPC, sugere-se ao Curso de Comunicação Visual constituir um laboratório estúdio modelo ou que equipe ao menos uma sala-estúdio, objetivando um espaço para oportunizar práticas de produção fotográfica com clientes reais, ainda durante o curso, fruto de parcerias junto à comunidade e suas demandas.

É preciso trabalhar a dinâmica com clientes reais, de preferência do terceiro setor, as ONGs (Organizações Não Governamentais), para estimular não apenas o aspecto econômico, mas o trabalho solidário e a cidadania. A parceria com ONGs que atuam com produtos manufaturados, reciclagem, artesanato, serviços e produtos podem aumentar seu potencial de venda, tendo sua imagem de marca mais bem produzida, ganhando mais visibilidade em suas redes sociais.

Um estúdio modelo poderia formar estudantes de Comunicação Visual capacitados para iluminar, ambientar e fotografar tais produtos, agregando valor e gerando visibilidade a essas instituições, bem como ao estudante que pode, além de se capacitar, produzir seu portfólio de serviços, uma realidade nas áreas

criativas e de prestação de serviços. Tal iniciativa pode gerar mais proximidade e visibilidade do estudante no mundo do trabalho, oportunizando a ele, além de uma formação mais multifacetada, o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais diversificadas.

REFERÊNCIAS

ALLAIN, Olivier; WOLLINGER, Paulo; MORAES, Gustavo Henrique. **Conceitos Básicos para uma Epistemologia da EPT**, 2017. Disponível em: <http://moodle.ead.ifsc.edu.br/mod/book/view.php?id=64469>. Acesso em: 20 de out. de 2018.

AGAPITO, Francisca Melo. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES SurdoS QUE ATUAM NO MUNICÍPIO DE IMPERATRIZ-MA**. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/968/1/2015FranciscaMeloAgapito.pdf>. Acesso em: 28 de maio de 2019.

BARATO, Jarbas Novelino. **A TÉCNICA COMO SABER: INVESTIGAÇÃO SOBRE O CONTEÚDO DO CONHECIMENTO DO FAZER**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: p. 265. 2003 Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/253427/1/Barato_JarbasNovelino_D.pdf Acesso: 14 de jun. de 2020.

BARATO, Jarbas Novelino. **Educação Profissional - Saberes do Ócio Ou Saberes do Trabalho?** São Paulo: SENAC, 2004

BARATO, Jarbas Novelino. **Fazer bem feito: valores em educação profissional e tecnológica**. Brasília: UNESCO, 2015. Disponível em: http://elcv.art.br/santoandre/biblioteca/_em_portugues/unesco_livro_fazer_bemfeito_valores_em_educacao_profissional_e_tecnologica.pdf. Acesso em 14 de jun. de 2020.

BARTHES, R. **A Câmera Clara**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984

BERTOMEU, João Vicente Cegato. **Criação Visual e Multimídia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer nº 16/99. Trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico**. Brasília: out. 1999. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/rede/legisla_rede_parecer1699.pdf. Acesso em: 01 de nov. de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Brasília, DF, MEC/SECADI 2014. Disponível em: https://issuu.com/feneisbr/docs/relato_riomec_secadi/6 . Acesso em: 10 nov. de 2019.

BRASIL, **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2017-pdf/77451-cnct-3a-edicao-pdf-1/file> Acesso em: 07 de jun. de 2016.

BRASIL, Constituição Federal 1988. **Princípio Constitucional da Igualdade**. Disponível em: <https://anajus.jusbrasil.com.br/noticias/2803750/principio-constitucional-da-igualdade>. Acesso em: 06 de nov. de 2018.

BRASIL. Lei 13.146, de 06 de julho de 2015. **Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência** (estatuto da pessoa com deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm Acesso em: 06 de nov. 2018.

BRASIL, MEC, 2019. **Conferência Mundial sobre Educação Especial**, em Salamanca, na Espanha, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 21 de fev. de 2019.

BRASIL, MEC, 2019. **Ministério da educação conselho nacional de educação câmara de educação básica**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 05 março de 2019. Acesso em: 14 de maio de 2019.

BRASIL, IBGE, 2019. **Desemprego sobe para 12,7% com 13,4 milhões de pessoas em busca de trabalho**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24283-desemprego-sobe-para-12-7-com-13-4-milhoes-de-pessoas-em-busca-de-trabalho>. Acesso em: 14 de maio de 2019.

BRASIL, IBGE, 2019. **PNAD**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21253-pnad-continua-2017-numero-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-ou-se-qualificam-cresce-5-9-em-um-ano>. Acesso em: 05 de mar. de 2019.

CORREIA, Patrícia da Hora e NEVES, Bárbara Coelho; A escuta visual: a Educação de Surdos e a utilização de recurso visual imagético na prática pedagógica. **Revista Educação Especial** | v. 32 | 2019 – Santa Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>. Acesso em: 21 jun. de 2019.

DA SILVA, Marimar; OLIVEIRA, Hagar de Lara Tiburcio de. Formação Profissional Integrada ao Ensino Médio: um estudo de caso com estudante Surdo. **Revista Educação Especial**. v. 33, p. 1-23, 2020.

DONDIS, A, Donis. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DOLZ, Joaquim. Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In:(Ed.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Coleção as faces da linguística aplicada. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. P. 95-128.

DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de. A qualidade da educação: perspectivas e desafios. **Cad. Cedes**, Campinas vol. 29, n. 78, p. 201215, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v29n78/v29n78a04.pdf>. Acesso em: 01 de out de 2018.

FRANÇA, Sandra Mara; BRAUN, Edy das Graças. **Fotografia, Um Diálogo Para o Ensino-Aprendizagem do Aluno Surdo**. 2016. Disponível em: <https://fasul.edu.br/publicacoes-online/app/webroot/files/trabalhos/20161130-111515.pdf>. Acesso em: 28 de maio de 2019.

FOLTS, James. A; LOVELL, Ronald; ZWAHLEN Jr, Fred.C. **Manual de Fotografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2011. GENÉRICO, Tony. **Estúdio: fotografia, arte, publicidade e splashes**. 2ed. Balneário Camboriú, SC: Photos, 2012.

GENÉRICO, Tony. **Estúdio: fotografia, arte, publicidade e splashes**. 2ed. Balneário Camboriú, SC: Photos, 2012.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In: SILVA, T.T (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**; Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBDAY, Cara; DENBURY, Jo. **Segredos da apresentação dos pratos: food styling passo a passo**. Tradução Eni Carmo de Oliveira Rodrigues. - São Paulo, SP: Marco Zero, 2010.

HUNTER, Fil.; FUQUA, Paul; BIVER, Steven. **Luz, ciência & magia: guia de iluminação fotográfica**. 4. ed. Balneário Camboriú, SC: Photos, 2011.

HURTER, Bill. **A luz perfeita: guia de iluminação para fotógrafos**. 4. ed. Balneário Camboriú, SC: Photos, 2010.

JUCHEM, Marcelo. **O processo de criação e linguagem fotográfica de Tiago Santana em Chão de Graciliano**. 2018. UFRGS. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/188354>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

KELMAN, C. A. **Multiculturalismo e Surdez: respeito às culturas minoritárias.** In: LODI, C; MÉLO, A. D. B; FERNANDES, E. (Org.). Letramento, bilinguismo e educação de Surdos. Porto Alegre: Mediação, 2015.

KOTAK, C, S. LACERDA, C. **O intérprete de libras no contexto da escola inclusiva:** Focalizando sua atuação na segunda etapa do ensino fundamental in: LACERDA, C. SANTOS, L. Tenho um aluno Surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de Surdos. São Carlos, SP: Edufscar, 2014.

LACERDA, C, SANTOS, L, CAETANO, J,F. Estratégias Metodológicas para o ensino de alunos Surdos. in: LACERDA, C. SANTOS, L. Tenho um aluno Surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de Surdos. São Carlos, SP: Edufscar, 2014.

LANGFORD, Michael; FOX, Anna; SMITH, Sawdon. **Fotografia Básica de Langford.** Guia Completo para fotógrafos. 8ªed.Porto Alegre: Bookman,2009.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. **Aprendendo “a ler” com outros olhos:** relatos de oficinas de letramento visual com professores Surdos. Cadernos de Educação, Pelotas, v. 36, 2010.

LODI, C; MÉLO, A. D. B; FERNANDES, E. (Org.). **Letramento, bilinguismo e educação de Surdos.** Porto Alegre: Mediação, 2015.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2013.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação:** da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

McLUHAN, M. **Os meios de Comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1967.

MEDEIROS, Newton. **Estúdio na prática 2:** novos esquemas de luz prontos para usar. 2. ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Europa, 2011.

MEDINA, Cremilda de Araújo.**Entrevista:** O diálogo possível. São Paulo, SP: Ática, 2002.

MELEGA, Pepe. **Fotografia Culinária.** Coleção Fototech. ITU, SP.AP&S Editorial, 2010.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PERLIN, Gládis. Identidades surdas. *In*: SKLIAR, C (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 51-74.

PESSOA, Ana. C. R. G. Sequência didática. **Glossário Ceale: Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Faculdade de Educação UFMG. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/sequencia-didatica> . Acesso em: 02 de jul. de 2019.

_____. **Projeto Pedagógico de Curso de Formação Inicial Libras Conversação**. (2017). Instituto Federal de Santa Catarina. Disponível em: https://sig.ifsc.edu.br/sigrh/public/colegiados/filtro_busca.jsf. Acesso em: 03 fev. de 2019.

_____. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico Integrado Bilíngue em Comunicação Visual**. (2018). Instituto Federal de Santa Catarina. Disponível em: https://sig.ifsc.edu.br/sigrh/public/colegiados/filtro_busca.jsf. Acesso em: 03 fev. 2019.

Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
<https://www.passeidireto.com/arquivo/54528654/2013-livro-metodologia-da-pesquisa-prodanov-e-freitas>. Acesso em: 25 de abril de 2019

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. vol. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

QUADROS, Ronice. M. O “BI” em Bilinguismo na educação de Surdos. *In*: LODI, C. B.; MÉLO, A. D. B.; FERNANDES, E. (Org.). **Letramento, bilinguismo e educação de Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2015.

RAMOS, Marise Nogueira. O Estudo de Saberes Profissionais na Perspectiva Etnográfica: Contribuições Teórico – Metodológicas. **Educação em Revista – Belo Horizonte**, V. 30, nº 4, p. 105-125, Outubro - Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v30n4/06.pdf>. Acesso em: 01 de out. de 2018.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. **A história do povo Surdo de Porto Alegre: Imagens e sinais de uma trajetória cultural**. Disponível: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5148/000510697.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2019.

ROSA, E. F. Educação de Surdos: entre a realidade e a utopia. *In*: SÁ, Nídia Regina L. de. **Surdos Qual a Escola?** Manaus: Editora Valer e Edua. 2011. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/35247706/Surdos-qual-escola>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

ROSE, Mike. **O Saber no trabalho**: valorização da inteligência do trabalhador. Trad. de Renata Lúcia Bottini. São Paulo: Senac São Paulo, 2007, p. 253.

REILY, L. H. As imagens: o lúdico e o abSurdo no ensino de arte para pré-escolares Surdos. In.: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. (Org.). **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades**. São Paulo: Plexus, 2003. p.161-192.

SANTA CATARINA, FIESC, Florianópolis, 14 de setembro de 2018. **4ª maior do País, indústria criativa de SC reforça integração para ampliar mercado**. Disponível em: <http://fiesc.com.br/pt-br/imprensa/4a-maior-do-pais-industria-criativa-de-sc-reforca-integracao-para-ampliar-mercado>. Acesso em 11 de nov. de 2018.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas: v.12, n.32, p. 52-180, jan./abr. 2007.

SACKS, O. (1998). **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos Surdos**. SP: Companhia das Letras.

SIGAUT, François. "Techniques, technologies, apprentissage et plaisir au travail...". In: Techniques & Culture, 52-53, 2009: 40-49. 2009. Disponível em: <https://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&sl=fr&u=https://journals.openedition.org/tc/4770&prev=search&pto=aue> Acesso em 06 de ago. de 2020.

SILVA, Lucas Romário. **Crianças Surdas na Educação Infantil: Problematizando Uma Experiência Dita Inclusiva**. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1918/1/LRS26102016>. Acesso em: 28 maio de 2019.

SIMÕES, C. A. Educação técnica e escolarização de jovens trabalhadores. In: MOLL, J (Org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SIN, Micheo Téo. Workshop de Fotografia de Alimento. 2012. São Paulo. SP. (Apostila).

SKLIAR, Carlos. A localização política da educação bilíngue para Surdos. In: _____ (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. 2 v., p. 7-14.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro Sobre a Cultura Surda**. 3.ed.rev. Florianópolis: Ed. UFSC, 2015.

TARNOCZY, Ernesto. Jr. **Arte da Composição**. 1ed.Santa Catarina: Editora Photos, 2008.

UNESCO, 1994. **Declaração Mundial sobre Educação Para todos**. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000086291_por. Acesso em: 21 fev. de 2019.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. LURIA, Alexander Romanovich. LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. - São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

VIRGILITO *et al.* **Pesquisa de Marketing**: uma abordagem quantitativa e qualitativa. Salvatore, B. V. (Org) São Paulo: Saraiva, 2010.

ZABALA, A. **A prática educativa**: Como ensinar. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

APÊNDICE A

TCLE (Aluno)

_MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT)
Centro de Referência em Formação e EAD (Cerfead)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: ensino e aprendizagem de fotografia: um estudo de caso com alunos Surdos no Curso Técnico de Comunicação Visual, Integrado ao Ensino Médio, no Câmpus Palhoça Bilíngue/IFSC, desenvolvida pelo pesquisador Eduardo Alexandre Cazonato Gomes, sob orientação da Prof^a Dra. Marimar da Silva, para o curso de Pós-Graduação *stricto sensu*, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, realizado junto ao Centro de Referência em Formação e EAD (CERFEAD) do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).

Este pesquisador vai realizar um estudo de caso com alunos Surdos, na disciplina de fotografia, no intuito de analisar os conhecimentos técnicos específicos desenvolvidos nas aulas de fotografia aplicada à comunicação visual.

Além disso, será desenvolvida mediante as informações obtidas com o estudo, uma sequência didática para disciplina de fotografia, voltada para alunos Surdos, numa perspectiva Bilíngue (Libras/português), de modo a proporcionar maior aplicação das técnicas fotográficas, voltadas para área, possibilitando aos estudantes uma maior autonomia no processo de produção da imagem, estreitando a distância entre o que se aprende no curso e o que se pratica no mundo do trabalho.

Vale destacar que o curso de Comunicação Visual, bem como a disciplina de fotografia, faz parte das profissões ligadas a área da indústria criativa, da cidade de Florianópolis conforme sugere pesquisas da Federação das Indústrias de Santa Catarina (FIESC,2018).

Sendo assim, busca-se estudar a inclusão do aluno Surdo na educação profissional e tecnológica em fotografia, que possui diferentes áreas de atuação, sendo uma delas a proposta pelo projeto pedagógico do curso.

Portanto, a presente pesquisa busca compreender, desenvolver e aplicar uma sequência didática com conteúdo específico, dinâmicas com produção de imagens e utilização de vídeo aulas, que possibilitem ao aluno Surdo progresso no percurso da Educação Profissional e Tecnológica. Este projeto foi submetido e

aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por meio da Plataforma Brasil, conforme protocolo Número CAAE: 12255319.7.0000.0121 com parecer: 3.473.738.

CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina, cujas informações de contato são: Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Homepage: <http://cep.ufsc.br/> Telefone: (48) 3721-6094.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme estabelecido na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde que trata dos princípios éticos e da proteção aos participantes de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

No caso dessa pesquisa proposta o risco é mínimo. Alguma questão específica da entrevista (informações básicas e padronizadas sobre a Cultura, Comunidade Surda e a Libras, a inserção como Surdo em sala e estratégias de ensino que possibilitam aprendizagem), estimada em 30 minutos, pode, eventualmente, causar algum mal-estar/embaraço no momento de respondê-la. Para reduzir esse risco, não haverá nenhuma questão obrigatória para ser respondida e que impeça o pesquisado de acessar a pergunta seguinte.

No caso das aulas da sequência didática estimada em quatro encontros, sendo quatro horas cada, com intervalo de 20 minutos a cada duas horas. O risco também é mínimo, pois será realizada só com alunos Surdos, com a presença do pesquisador e um intérprete de Libras, indicado pela Instituição de Ensino. Cabe salientar que durante as aulas da sequência didática, os alunos serão participantes e suas produções serão documentadas em vídeo e fotos. Contudo, o pesquisador preservará a identidade destes, utilizando para tal documentação enquadramentos em planos fechados, planos de detalhes e captura por cima do ombro, que não os identificam, destacando apenas seu processo de produção, sua visão em relação à atividade que está desenvolvendo e o resultado fotográfico.

A presença do intérprete de Libras na oficina visa, nesse sentido, assegurar ao discente direito de autonomia e de liberdade para fazer ou não qualquer atividade proposta e sinalizar o nível de dificuldade das atividades e/ou a necessidade de intervalo além do previsto, uma pausa de 20 minutos, após duas aulas iniciais da oficina.

Você tem a liberdade de se recusar a participar ou de desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados na pesquisa.

A sua participação na pesquisa abrange a entrevista e as oficinas acima descritas. As informações obtidas por meio da coleta de dados serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto e a produção de trabalhos acadêmicos, resguardando sua identidade.

Você não terá nenhum tipo de despesa para participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento em função de sua participação.

Terá o direito de ser indenizado por eventuais danos decorrente da pesquisa, nos termos da Lei. Além disso, fica garantido o seu acesso aos resultados da pesquisa, ao ressarcimento de despesas dela decorrentes, quando houver, e acesso ao registro do consentimento quando solicitado.

Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas, uma vez que há exigência que ao final do curso os alunos elaborem um produto educacional e pretendemos elaborar uma sequência didática sobre fotografia aplicada à Comunicação Visual voltada para alunos Surdos, na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), de modo a contribuir para a inclusão, permanência e êxito de Surdos na EPT.

Quaisquer publicações que resultarem desta pesquisa manterão a garantia de sigilo e preservação da identidade e a privacidade dos participantes.

Informamos ainda que você receberá uma via, de igual teor deste documento, assinada pelo participante de pesquisa (ou seu representante legal) e pelo pesquisador, e que será rubricada em todas as páginas por ambos.

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para a participação nesta pesquisa.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Sempre que necessário você poderá entrar em contato com o pesquisador Eduardo Alexandre Cazonato Gomes, (47) 991022638, ou com a orientadora, Profa. Dra. Marimar da Silva, pelo telefone (48)99924-8285, email marimar.silva@ifsc.edu.br. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pela pesquisadora ou seus direitos sejam negados, você pode recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC) no Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Telefone para contato: (48) 3721-6094.

“Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.”

Palhoça, _____ de _____ de 2019.

Assinatura do Participante

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Nome do Pesquisador Responsável: Marimar da Silva

IFSC/Câmpus Florianópolis-Continente

CEP: 88075-010

Telefone Institucional: (48) 3877-8419

E-mail: <http://continente.ifsc.edu.br>

Telefone pessoal da pesquisadora: (48) 99924-8285

E-mail institucional da pesquisadora: marimar.silva@ifsc.edu.br

Nome do Pesquisador Principal: Eduardo Alexandre Cazonato Gomes.

E-mail: eduardogomes@univali.br

Telefone pessoal do pesquisador: (47) 991022638

APÊNDICE B

TCLE (Docente)

_MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em
Rede Nacional (PROFEPT)
Centro de Referência em Formação e EAD (Cerfead)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: ensino e aprendizagem de fotografia: um estudo de caso com alunos Surdos no Curso Técnico de Comunicação Visual, Integrado ao Ensino Médio, no Câmpus Palhoça Bilingue/IFSC, desenvolvida pelo pesquisador Eduardo Alexandre Cazonato Gomes, sob orientação da Prof^a Dra. Marimar da Silva, para o curso de Pós-Graduação *stricto sensu*, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, realizado junto ao Centro de Referência em Formação e EAD (CERFEAD) do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).

Este pesquisador vai realizar um estudo de caso com alunos Surdos, na disciplina de fotografia, no intuito de analisar os conhecimentos técnicos específicos desenvolvidos nas aulas de fotografia aplicada à comunicação visual.

Além disso, será desenvolvida mediante as informações obtidas com o estudo, uma sequência didática para disciplina de fotografia, voltada para alunos Surdos, numa perspectiva Bilingue (Libras/português), de modo a proporcionar maior aplicação das técnicas fotográficas, voltadas para área, possibilitando aos estudantes uma maior autonomia no processo de produção da imagem, estreitando a distância entre o que se aprende no curso e o que se pratica no mundo do trabalho.

Vale destacar que o curso de Comunicação Visual, bem como a disciplina de fotografia, faz parte das profissões ligadas a área da indústria criativa, da cidade de Florianópolis conforme sugere pesquisas da Federação das Indústrias de Santa Catarina (FIESC,2018).

Sendo assim, busca-se estudar a inclusão do aluno Surdo na educação profissional e tecnológica em fotografia, que possui diferentes áreas de atuação, sendo uma delas a proposta pelo projeto pedagógico do curso.

Portanto, a presente pesquisa busca compreender, desenvolver e aplicar uma sequência didática com conteúdo específico, dinâmicas com produção de imagens e utilização de vídeo aulas, que possibilitem ao aluno Surdo progresso no

percurso da Educação Profissional e Tecnológica. Este projeto foi submetido e aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por meio da Plataforma Brasil, conforme protocolo Número CAAE: 12255319.7.0000.0121 com parecer: 3.437.738.

CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina, cujas informações de contato são: Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Homepage: <http://cep.ufsc.br/> Telefone: (48) 3721-6094.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme estabelecido na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde que trata dos princípios éticos e da proteção aos participantes de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

No caso dessa pesquisa proposta o risco é mínimo. Alguma questão específica da entrevista (informações básicas e padronizadas sobre a Cultura, Comunidade Surda e a Libras, a inserção como Surdo em sala e estratégias de ensino que possibilitam aprendizagem), estimada em 30 minutos, pode, eventualmente, causar algum mal-estar/embaraço no momento de respondê-la. Para reduzir esse risco, não haverá nenhuma questão obrigatória para ser respondida e que impeça o pesquisado de acessar a pergunta seguinte.

Em relação às aulas da sequência didática, são estimadas em quatro encontros, sendo quatro horas cada, com intervalo de 20 minutos a cada duas horas. O risco também é mínimo, pois será realizada só com alunos Surdos, com a presença do pesquisador e do intérprete indicado pelo câmpus, respeitando todas os procedimentos da profissão.

A sua presença e consentimento, enquanto docente da disciplina de fotografia, visa somente a permissão para observação das aulas, bem como eventualmente algumas perguntas relacionadas à dinâmica da aula.

Você tem a liberdade de se recusar a participar ou de desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados na pesquisa.

A sua participação na pesquisa inclui permissão para observação da aula, e a entrevista. As informações obtidas por meio da coleta de dados serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto e a produção de trabalhos acadêmicos, resguardando sua identidade.

Você não terá nenhum tipo de despesa para participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento em função de sua participação.

Terá o direito de ser indenizado por eventuais danos decorrente da pesquisa, nos termos da Lei. Além disso, fica garantido o seu acesso aos

resultados da pesquisa, ao ressarcimento de despesas dela decorrentes, quando houver, e acesso ao registro do consentimento quando solicitado.

Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas, uma vez que há exigência que ao final do curso os alunos elaborem um produto educacional e pretendemos elaborar uma sequência didática sobre fotografia aplicada à Comunicação Visual voltada para alunos Surdos, na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), de modo a contribuir para a inclusão, permanência e êxito de Surdos na EPT. Quaisquer publicações que resultarem desta pesquisa manterão a garantia de sigilo e preservação da identidade e a privacidade dos participantes.

Informamos ainda que você receberá uma via, de igual teor deste documento, assinada pelo participante de pesquisa (ou seu representante legal) e pelo pesquisador, e que será rubricada em todas as páginas por ambos.

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para a participação nesta pesquisa.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Sempre que necessário, você poderá entrar em contato com o pesquisador Eduardo Alexandre Cazonato Gomes, (47) 991022638, ou com a orientadora, Profa. Dra. Marimar da Silva, pelo telefone (48)99924-8285, email marimar.silva@ifsc.edu.br. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pela pesquisadora ou seus direitos sejam negados, você pode recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC) no Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Telefone para contato: (48) 3721-6094.

“Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.”

Palhoça, _____ de _____ de 2019.

Assinatura do Participante (docente)

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Nome do Pesquisador Responsável: Marimar da Silva

IFSC/Câmpus Florianópolis-Continente

CEP: 88075-010

Telefone Institucional: (48) 3877-8419

E-mail: <http://continente.ifsc.edu.br>

Telefone pessoal da pesquisadora: (48) 99924-8285

E-mail institucional da pesquisadora: marimar.silva@ifsc.edu.br

Nome do Pesquisador Principal: Eduardo Alexandre Cazonato Gomes.

E-mail: eduardogomes@univali.br

Telefone pessoal do pesquisador: (47) 991022638

APÊNDICE C
TCLE (Intérprete de Libras)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT)
Centro de Referência em Formação e EAD (Cerfead)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: ensino e aprendizagem de fotografia: um estudo de caso com alunos Surdos no Curso Técnico de Comunicação Visual, Integrado ao Ensino Médio, no Câmpus Palhoça Bilingue/IFSC, desenvolvida pelo pesquisador Eduardo Alexandre Cazonato Gomes, sob orientação da Prof^a Dra. Marimar da Silva, para o curso de Pós-Graduação stricto sensu, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, realizado junto ao Centro de Referência em Formação e EAD (CERFEAD) do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).

Este pesquisador vai realizar um estudo de caso com alunos Surdos, na disciplina de fotografia, no intuito de analisar os conhecimentos técnicos específicos desenvolvidos nas aulas de fotografia aplicada à comunicação visual.

Além disso, será desenvolvida mediante as informações obtidas com o estudo, uma sequência didática para disciplina de fotografia, voltada para alunos Surdos, numa perspectiva Bilingue (Libras/português), de modo a proporcionar maior aplicação das técnicas fotográficas, voltadas para área, possibilitando aos estudantes uma maior autonomia no processo de produção da imagem, estreitando a distância entre o que se aprende no curso e o que se pratica no mundo do trabalho.

Vale destacar que o curso de Comunicação Visual, bem como a disciplina de fotografia, faz parte das profissões ligadas a área da indústria criativa, da cidade de Florianópolis conforme sugere pesquisas da Federação das Indústrias de Santa Catarina (FIESC,2018).

Sendo assim, busca-se estudar a inclusão do aluno Surdo na educação profissional e tecnológica em fotografia, que possui diferentes áreas de atuação, sendo uma delas a proposta pelo projeto pedagógico do curso.

Portanto, a presente pesquisa busca compreender, desenvolver e aplicar uma sequência didática com conteúdo específico, dinâmicas com produção de imagens e utilização de vídeo aulas, que possibilitem ao aluno Surdo progresso no percurso da Educação Profissional e Tecnológica. Este projeto foi submetido e

aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por meio da Plataforma Brasil, conforme protocolo Número CAAE: 12255319.7.0000.0121 com parecer: 3.437.738.

CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina, cujas informações de contato são: Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Homepage: <http://cep.ufsc.br/> Telefone: (48) 3721-6094.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme estabelecido na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde que trata dos princípios éticos e da proteção aos participantes de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. No caso dessa pesquisa proposta o risco é mínimo. Alguma questão específica da entrevista (informações básicas e padronizadas sobre a Cultura, Comunidade Surda e a Libras, a inserção como Surdo em sala e estratégias de ensino que possibilitam aprendizagem), estimada em 30 minutos, pode, eventualmente, causar algum mal-estar/embaraço no momento de respondê-la. Para reduzir esse risco, não haverá nenhuma questão obrigatória para ser respondida e que impeça o pesquisado de acessar a pergunta seguinte.

Em relação às aulas da sequência didática estimadas em quatro encontros, sendo quatro horas cada, com intervalo de 20 minutos a cada duas horas. O risco também é mínimo, pois será realizada só com alunos Surdos, com a presença do pesquisador e a sua presença enquanto intérprete de Libras, indicado pela Instituição de Ensino e com suas devidas autorizações, respeitando todas as peculiaridades da sua profissão, bem como as pausas e revezamentos, inerentes a profissão, referentes ao período que estiver participando da tradução nas aulas da sequência didática.

A sua presença enquanto intérprete de Libras na oficina visa, nesse sentido, assegurar ao discente direito de autonomia e de liberdade para fazer ou não qualquer atividade proposta e sinalizar o nível de dificuldade das atividades e/ou a necessidade de intervalo além do previsto, uma pausa de 20 minutos, após duas aulas iniciais da oficina.

Você tem a liberdade de se recusar a participar ou de desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados na pesquisa.

A sua participação na pesquisa abrange a entrevista e a tradução e interpretação de Libras nas oficinas acima descritas. As informações obtidas por meio da coleta de dados serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto e a produção de trabalhos acadêmicos, resguardando sua identidade.

Você não terá nenhum tipo de despesa para participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento em função de sua participação.

Terá o direito de ser indenizado por eventuais danos decorrente da pesquisa, nos termos da Lei. Além disso, fica garantido o seu acesso aos resultados da pesquisa, ao ressarcimento de despesas dela decorrentes, quando houver, e acesso ao registro do consentimento quando solicitado.

Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas, uma vez que há exigência que ao final do curso os alunos elaborem um produto educacional e pretendemos elaborar uma sequência didática sobre fotografia aplicada à Comunicação Visual voltada para alunos Surdos, na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), de modo a contribuir para a inclusão, permanência e êxito de Surdos na EPT. Quaisquer publicações que resultarem desta pesquisa manterão a garantia de sigilo e preservação da identidade e a privacidade dos participantes.

Informamos ainda que você receberá uma via, de igual teor deste documento, assinada pelo participante de pesquisa (ou seu representante legal) e pelo pesquisador, e que será rubricada em todas as páginas por ambos.

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para a participação nesta pesquisa.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Sempre que necessário, você poderá entrar em contato com o pesquisador Eduardo Alexandre Cazonato Gomes, (47) 991022638, ou com a orientadora, Profa. Dra. Marimar da Silva, pelo telefone (48)99924-8285, email marimar.silva@ifsc.edu.br. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pela pesquisadora ou seus direitos sejam negados, você pode recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC) no Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Telefone para contato: (48) 3721-6094.

“Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.”

Palhoça, _____ de _____ de 2019.

Assinatura do Participante (intérprete)

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Nome do Pesquisador Responsável: Marimar da Silva

IFSC/Câmpus Florianópolis-Continente

CEP: 88075-010

Telefone Institucional: (48) 3877-8419

E-mail: <http://continente.ifsc.edu.br>

Telefone pessoal da pesquisadora: (48) 99924-8285

E-mail institucional da pesquisadora: marimar.silva@ifsc.edu.br

Nome do Pesquisador Principal: Eduardo Alexandre Cazonato Gomes.

E-mail: eduardogomes@univali.br

Telefone pessoal do pesquisador: (47) 991022638

APÊNDICE D
TCLE (Responsável Legal)

_MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT)
Centro de Referência em Formação e EAD (Cerfead)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Seu filho (a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: ensino e aprendizagem de fotografia: um estudo de caso com alunos Surdos no Curso Técnico de Comunicação Visual, Integrado ao Ensino Médio, no Câmpus Palhoça Bilíngue/IFSC, desenvolvida pelo pesquisador Eduardo Alexandre Cazonato Gomes, sob orientação da Prof^a Dra. Marimar da Silva, para o curso de Pós-Graduação *stricto sensu*, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, realizado junto ao Centro de Referência em Formação e EAD (CERFEAD) do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).

Este pesquisador vai realizar um estudo de caso com alunos Surdos, na disciplina de fotografia, no intuito de analisar os conhecimentos técnicos específicos desenvolvidos nas aulas de fotografia aplicada à comunicação visual.

Além disso, será desenvolvida mediante as informações obtidas com o estudo, uma sequência didática para disciplina de fotografia, voltada para alunos Surdos, numa perspectiva Bilíngue (Libras/português), de modo a proporcionar maior aplicação das técnicas fotográficas, voltadas para área, possibilitando aos estudantes uma maior autonomia no processo de produção da imagem, estreitando a distância entre o que se aprende no curso e o que se pratica no mundo do trabalho.

Vale destacar que o curso de Comunicação Visual, bem como a disciplina de fotografia, faz parte das profissões ligadas a área da indústria criativa, da cidade de Florianópolis conforme sugere pesquisas da Federação das Indústrias de Santa Catarina (FIESC,2018).

Sendo assim, busca-se estudar a inclusão do aluno Surdo na educação profissional e tecnológica em fotografia, que possui diferentes áreas de atuação, sendo uma delas a proposta pelo projeto pedagógico do curso.

Portanto, a presente pesquisa busca compreender, desenvolver e aplicar uma sequência didática com conteúdo específico, dinâmicas com produção de imagens e utilização de vídeo aulas, que possibilitem ao aluno Surdo progresso no

percurso da Educação Profissional e Tecnológica. Este projeto foi submetido e aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por meio da Plataforma Brasil, conforme protocolo Número CAAE: 12255319.7.0000.0121 com parecer: 3.437.738.

CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina, cujas informações de contato são: Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Homepage: <http://cep.ufsc.br/> Telefone: (48) 3721-6094.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme estabelecido na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde que trata dos princípios éticos e da proteção aos participantes de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

No caso dessa pesquisa proposta o risco é mínimo. Alguma questão específica da entrevista (informações básicas e padronizadas sobre a Cultura, Comunidade Surda e a Libras, a inserção como Surdo em sala e estratégias de ensino que possibilitam aprendizagem), estimada em 30 minutos, pode, eventualmente, causar algum mal-estar/embaraço no momento de respondê-la. Para reduzir esse risco, não haverá nenhuma questão obrigatória para ser respondida e que impeça o pesquisado de acessar a pergunta seguinte.

No caso das aulas da sequência didática estimada em quatro encontros, sendo quatro horas cada, com intervalo de 20 minutos a cada duas horas. O risco também é mínimo, pois será realizada só com alunos Surdos, com a presença do pesquisador e um intérprete de Libras, indicado pela Instituição de Ensino. Cabe salientar que durante as aulas da sequência didática, os alunos serão participantes e suas produções serão documentadas em vídeo e fotos. Contudo, o pesquisador preservará a identidade destes, utilizando para tal documentação enquadramentos em planos fechados, planos de detalhes e captura por cima do ombro, que não os identificam, destacando apenas seu processo de produção, sua visão em relação à atividade que está desenvolvendo e o resultado fotográfico.

A presença do intérprete de Libras na oficina visa, nesse sentido, assegurar ao discente direito de autonomia e de liberdade para fazer ou não qualquer atividade proposta e sinalizar o nível de dificuldade das atividades e/ou a necessidade de intervalo além do previsto, uma pausa de 20 minutos, após duas aulas iniciais da oficina.

Os senhores têm a liberdade de não permitirem a participação do seu filho(a), recusando a participação dele (a), ou fazendo-o (a) desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração e

autorização para que seu filho (a) participe, para que possamos obter melhores resultados na pesquisa

A participação do seu filho (a) na pesquisa abrange a entrevista e as oficinas acima descritas. As informações obtidas por meio da coleta de dados serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto e a produção de trabalhos acadêmicos, resguardando sua identidade.

Seu filho (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento em função de sua participação.

Ele (a) terá o direito de ser indenizado por eventuais danos decorrente da pesquisa, nos termos da Lei. Além disso, fica garantido o seu acesso aos resultados da pesquisa, ao ressarcimento de despesas dela decorrentes, quando houver, e acesso ao registro do consentimento quando solicitado.

Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas, uma vez que há exigência que ao final do curso os alunos elaborem um produto educacional e pretendemos elaborar uma sequência didática sobre fotografia aplicada à Comunicação Visual voltada para alunos Surdos, na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), de modo a contribuir para a inclusão, permanência e êxito de Surdos na EPT.

Quaisquer publicações que resultarem desta pesquisa manterão a garantia de sigilo e preservação da identidade e a privacidade dos participantes.

Informamos ainda que os senhores receberão uma via, de igual teor deste documento, com suas assinaturas como responsáveis e pelo pesquisador e que será rubricada em todas as páginas por ambos.

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para a participação nesta pesquisa.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Sempre que necessário você poderá entrar em contato com o pesquisador Eduardo Alexandre Cazonato Gomes, (47) 991022638, ou com a orientadora, Profa. Dra. Marimar da Silva, pelo telefone (48)99924-8285, email marimar.silva@ifsc.edu.br. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pela pesquisadora ou seus direitos sejam negados, você pode recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC) no Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Telefone para contato: (48) 3721-6094.

“Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, estar ciente do presente Projeto de Pesquisa.”

Palhoça, _____ de _____ de 2019.

Assinatura dos pais ou responsável legal

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Nome do Pesquisador Responsável: Marimar da Silva

IFSC/Câmpus Florianópolis-Continente

CEP: 88075-010

Telefone Institucional: (48) 3877-8419

E-mail: <http://continente.ifsc.edu.br>

Telefone pessoal da pesquisadora: (48) 99924-8285

E-mail institucional da pesquisadora: marimar.silva@ifsc.edu.br

Nome do Pesquisador Principal: Eduardo Alexandre Cazonato Gomes.

E-mail: eduardogomes@univali.br

Telefone pessoal do pesquisador: (47) 991022638

APÊNDICE E

TALE (Responsável Legal)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em
Rede Nacional (PROFEPT)
Centro de Referência em Formação e EAD (Cerfead)

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Seu filho (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: ensino e aprendizagem de fotografia: um estudo de caso com alunos Surdos no Curso Técnico de Comunicação Visual, Integrado ao Ensino Médio, no Câmpus Palhoça Bilíngue/IFSC, desenvolvida pelo pesquisador Eduardo Alexandre Cazonato Gomes, sob orientação da Prof^a Dra. Marimar da Silva, para o curso de Pós-Graduação *stricto sensu*, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, realizado junto ao Centro de Referência em Formação e EAD (CERFEAD) do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).

Este pesquisador vai realizar um estudo de caso com alunos Surdos, na disciplina de fotografia, no intuito de analisar os conhecimentos técnicos específicos desenvolvidos nas aulas de fotografia aplicada à comunicação visual.

Além disso, será desenvolvida mediante as informações obtidas com o estudo, uma sequência didática para disciplina de fotografia, voltada para alunos Surdos, numa perspectiva Bilíngue (Libras/português), de modo a proporcionar maior aplicação das técnicas fotográficas, voltadas para área, possibilitando aos estudantes uma maior autonomia no processo de produção da imagem, estreitando a distância entre o que se aprende no curso e o que se pratica no mundo do trabalho.

Vale destacar que o curso de Comunicação Visual, bem como a disciplina de fotografia, faz parte das profissões ligadas a área da indústria criativa, da cidade de Florianópolis conforme sugere pesquisas da Federação das Indústrias de Santa Catarina (FIESC,2018).

Sendo assim, busca-se estudar a inclusão do aluno Surdo na educação profissional e tecnológica em fotografia, que possui diferentes áreas de atuação, sendo uma delas a proposta pelo projeto pedagógico do curso.

Portanto, a presente pesquisa busca compreender, desenvolver e aplicar uma sequência didática com conteúdo específico, dinâmicas com produção de imagens e utilização de vídeo aulas, que possibilitem ao aluno Surdo progresso no

percurso da Educação Profissional e Tecnológica. Este projeto foi submetido e aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por meio da Plataforma Brasil, conforme protocolo Número CAAE: 12255319.7.0000.0121 com parecer: 3.437.738.

CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina, cujas informações de contato são: Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Homepage: <http://cep.ufsc.br/> Telefone: (48) 3721-6094.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme estabelecido na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde que trata dos princípios éticos e da proteção aos participantes de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

No caso dessa pesquisa proposta o risco é mínimo. Alguma questão específica da entrevista (informações básicas e padronizadas sobre a Cultura, Comunidade Surda e a Libras, a inserção como Surdo em sala e estratégias de ensino que possibilitam aprendizagem), estimada em 30 minutos, pode, eventualmente, causar algum mal-estar/embaraço no momento de respondê-la. Para reduzir esse risco, não haverá nenhuma questão obrigatória para ser respondida e que impeça o pesquisado de acessar a pergunta seguinte.

No caso das aulas da sequência didática estimada em quatro encontros, sendo quatro horas cada, com intervalo de 20 minutos a cada duas horas. O risco também é mínimo, pois será realizada só com alunos Surdos, com a presença do pesquisador e um intérprete de Libras, indicado pela Instituição de Ensino. Cabe salientar que durante as aulas da sequência didática, os alunos serão participantes e suas produções serão documentadas em vídeo e fotos. Contudo, o pesquisador preservará a identidade destes, utilizando para tal documentação enquadramentos em planos fechados, planos de detalhes e captura por cima do ombro, que não os identificam, destacando apenas seu processo de produção, sua visão em relação à atividade que está desenvolvendo e o resultado fotográfico.

A presença do intérprete de Libras na oficina visa, nesse sentido, assegurar ao discente direito de autonomia e de liberdade para fazer ou não qualquer atividade proposta e sinalizar o nível de dificuldade das atividades e/ou a necessidade de intervalo além do previsto, uma pausa de 20 minutos, após duas aulas iniciais da oficina.

Os senhores tem a liberdade de não permitirem a participação do seu filho(a), recusando a participação dele (a), ou fazendo-o (a) a desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração e

autorização para que seu filho (a) participe, para que possamos obter melhores resultados na pesquisa.

A participação do seu filho (a) na pesquisa abrange a entrevista e as oficinas acima descritas. As informações obtidas por meio da coleta de dados serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto e a produção de trabalhos acadêmicos, resguardando sua identidade.

Seu filho (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento em função de sua participação.

Ele (a) terá o direito de ser indenizado por eventuais danos decorrente da pesquisa, nos termos da Lei. Além disso, fica garantido o seu acesso aos resultados da pesquisa, ao ressarcimento de despesas dela decorrentes, quando houver, e acesso ao registro do consentimento quando solicitado.

Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas, uma vez que há exigência que ao final do curso os alunos elaborem um produto educacional e pretendemos elaborar uma sequência didática sobre fotografia aplicada à Comunicação Visual voltada para alunos Surdos, na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), de modo a contribuir para a inclusão, permanência e êxito de Surdos na EPT.

Quaisquer publicações que resultarem desta pesquisa manterão a garantia de sigilo e preservação da identidade e a privacidade dos participantes.

Informamos ainda que os senhores receberão uma via, de igual teor deste documento, com suas assinaturas como responsáveis e pelo pesquisador e que será rubricada em todas as páginas por ambos.

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para a participação nesta pesquisa.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Sempre que necessário você poderá entrar em contato com o pesquisador Eduardo Alexandre Cazonato Gomes, (47) 991022638, ou com a orientadora, Profa. Dra. Marimar da Silva, pelo telefone (48)99924-8285, email marimar.silva@ifsc.edu.br. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pela pesquisadora ou seus direitos sejam negados, você pode recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC) no Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Telefone para contato: (48) 3721-6094.

“Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, estar de acordo, autorizando a participação do meu filho na presente pesquisa.”

Palhoça, _____ de _____ de 2019.

Assinatura dos pais ou responsável legal

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Nome do Pesquisador Responsável: Marimar da Silva

IFSC/Câmpus Florianópolis-Continente

CEP: 88075-010

Telefone Institucional: (48) 3877-8419

E-mail: <http://continente.ifsc.edu.br>

Telefone pessoal da pesquisadora: (48) 99924-8285

E-mail institucional da pesquisadora: marimar.silva@ifsc.edu.br

Nome do Pesquisador Principal: Eduardo Alexandre Cazonato Gomes.

E-mail: eduardogomes@univali.br

Telefone pessoal do pesquisador: (47) 991022638

APÊNDICE F

Termo de Autorização de Uso de Imagem

_MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT)
Centro de Referência em Formação e EAD (Cerfead)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: ensino e aprendizagem de fotografia: um estudo de caso com alunos Surdos no Curso Técnico de Comunicação Visual, Integrado ao Ensino Médio, no Câmpus Palhoça Bilíngue/IFSC, desenvolvida pelo pesquisador Eduardo Alexandre Cazonato Gomes, sob orientação da Profa. Dra. Marimar da Silva, para o curso de Pós-Graduação *stricto sensu*, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, realizado junto ao Centro de Referência em Formação e EAD (CERFEAD) do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).

Este pesquisador vai realizar um estudo de caso com alunos Surdos, na disciplina de fotografia, no intuito de analisar os conhecimentos técnicos específicos desenvolvidos nas aulas de fotografia aplicada à comunicação visual.

Além disso, será desenvolvida mediante as informações obtidas com o estudo, uma sequência didática para disciplina de fotografia, voltada para alunos Surdos, numa perspectiva Bilíngue (Libras/português), de modo a proporcionar maior aplicação das técnicas fotográficas, voltadas para área, possibilitando aos estudantes uma maior autonomia no processo de produção da imagem, estreitando a distância entre o que se aprende no curso e o que se pratica no mundo do trabalho.

Sendo assim, busca-se estudar a inclusão do aluno Surdo na educação profissional e tecnológica em fotografia, que possui diferentes áreas de atuação, sendo uma delas a proposta pelo projeto pedagógico do curso.

Portanto, a presente pesquisa busca compreender, desenvolver e aplicar uma sequência didática com conteúdo específico, dinâmicas com produção de imagens e utilização de vídeo aulas, que possibilitem ao aluno Surdo progresso no percurso da Educação Profissional e Tecnológica. Este projeto foi submetido e aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por meio da Plataforma Brasil, conforme protocolo Número CAAE: 12255319.7.0000.0121 com parecer: 3.437.738.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme estabelecido na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde que trata dos princípios éticos e da proteção aos participantes de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

No caso das aulas da sequência didática estimada em quatro encontros, sendo quatro horas cada, com intervalo de 20 minutos a cada duas horas. O risco também é mínimo, pois será realizada só com alunos Surdos, com a presença do pesquisador e a sua presença enquanto intérprete de Libras, indicado pela Instituição de Ensino e com suas devidas autorizações, respeitando todas as peculiaridades da sua profissão, bem como as pausas e revezamentos, inerentes a profissão, referentes ao período que estiver participando da tradução nas aulas da sequência didática.

A sua presença enquanto intérprete de Libras na oficina visa, nesse sentido, assegurar ao discente direito de autonomia e de liberdade para fazer ou não qualquer atividade proposta e sinalizar o nível de dificuldade das atividades e/ou a necessidade de intervalo além do previsto, uma pausa de 20 minutos, após duas aulas iniciais da oficina.

Diante do exposto cabe destacar que a aula será gravada em audiovisual, e você aparecerá junto ao professor/pesquisador e para tanto solicitamos sua autorização de uso de imagem, para que o material possa ser disponibilizado posteriormente, como vídeo aulas, possibilitando que os alunos participantes possam rever o conteúdo das oficinas bem como outros alunos tenham acesso no futuro ao material produzido.

Estando de acordo, deixamos claro que você tem a liberdade de se recusar a participar ou de desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados na pesquisa.

Você não terá nenhum tipo de despesa para participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento em função de sua participação.

Informamos ainda que você receberá uma via, de igual teor deste documento, assinada pelo participante de pesquisa (ou seu representante legal) e pela pesquisadora, e que será rubricada em todas as páginas por ambos.

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para a participação nesta pesquisa.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Sempre que necessário você poderá entrar em contato com o pesquisador Eduardo Alexandre Cazonato Gomes, (47) 991022638, ou com a orientadora, Profa. Dra. Marimar da Silva, pelo telefone (48)99924-8285, e mail marimar.silva@ifsc.edu.br. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pela pesquisadora ou seus direitos sejam negados, você pode recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC) no Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Telefone para contato: (48) 3721-6094.

Eu, _____,
portador do RG nº _____, residente e domiciliado no
endereço _____ declaro
que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que
me foi explicado, consinto em autorizar o uso de minha imagem nesta pesquisa e
nos produtos educacionais desenvolvidos por este pesquisador no decorrer deste
projeto.

Palhoça, ____/____/____



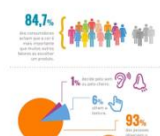

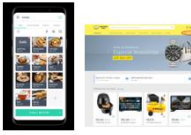


















Assinatura do(a) Intérprete de Libras

APÊNDICE G

Seqüência de Slides de Apoio à Oficina 1

<p>1</p>	<p>2</p>	<p>3</p>	<p>4</p>
<p>5</p>	<p>6</p>	<p>7</p>	<p>8</p>
<p>9</p>	<p>10</p>	<p>11</p>	<p>12</p>
<p>13</p>	<p>14</p>	<p>15</p>	<p>16</p>
<p>17</p>	<p>18</p>	<p>19</p>	<p>20</p>
<p>21</p>	<p>22</p>	<p>23</p>	<p>24</p>
<p>25</p>	<p>26</p>	<p>27</p>	<p>28</p>

APÊNDICE H
Sequência de Slides de Apoio à Oficina 2

<p>Fotografia aplicada à comunicação visual</p> <p>Técnicas de produção de fotografia de comida</p>  <p>1</p>	<p>Lembrando... Quais áreas atuar ?</p>  <p>2</p>	<p>A importância da imagem - fotografia</p>  <p>3</p>	<p>Fotografia de Produto x Ecommerce um realidade</p> <ul style="list-style-type: none"> Artigos contendo imagens obtêm 94% mais visualizações do que os que não exibem essas imagens. 80% dos consumidores estão mais propensos a comprar um produto quando uma imagem é mostrada nos resultados de busca.  <p>4</p>
<p>Fotografia de Produto x Ecommerce</p>  <p>5</p>	<p>Vamos relembrar as regulagens?</p>  <p>6</p>	<p>Regulagens básicas da câmera</p>  <p>7</p>	<p>Regulagens Básicas da câmera para fotografia de comida com flash</p> <ul style="list-style-type: none"> T: 1/125 WB: Flash ISO 100  <p>8</p>
<p>WB regule de acordo com a luz</p> <p>MODOS DE BALANÇO DE BRANCO</p> <p>AWB Auto, TugaStênio, Fluorescente, Luz do dia, Nublado, Flash, Sombra</p> <p>9</p>	<p>Fotômetro: medir a luz do flash</p>  <p>10</p>	<p>Acessórios de iluminação</p> <ul style="list-style-type: none"> Refletor Parabólico - Planeta Luz dura - fonte retratada - parafuso ideal para luz de fundo - back light Soft box - luz suave e brilho longo ideal para luz principal  <p>11</p>	<p>Como ligar e regular o flash</p>  <p>12</p>
<p>Use flash com soft box</p>  <p>13</p>	<p>Luz de Janela na fotografia de comida</p>  <p>14</p>	<p>Qual diafragma usar?</p>  <p>15</p>	<p>F: 22 ou 16 ou 11 - mais nitidez em tudo</p>  <p>16</p>
<p>F: 5.6 ou 4 ou 2.8 - menor nitidez, mais desfocado o fundo</p>  <p>17</p>	<p>Com ou sem ambientação?</p> <p>Imagem com ambientação: Além do assunto, o objetivo é dar observador elementos, cenário, contexto e desta forma auxiliar a marca/produção com um contexto. A ambientação deve valorizar o alimento e não tirar a atenção dele, para não causar a reação fisiológica de desleixo. Para ambientar a cena geralmente utilizamos toques, objetos de decoração e acessórios.</p> <p>Imagem sem ambientação: Problema dizer que é um trabalho mais técnico. O objetivo é de observador/consumidor saber em que contexto o produto/imagem está e imagem fica em evidência e por isso é mais trabalhoso e focado em muito mais aspectos, como também é indicado para a aplicação em materiais gráficos, para a função de imagem para ser modificada.</p>  <p>18</p>	<p>Ângulo/ altura da câmera</p> <p>EXEMPLOS DE ÂNGULOS</p>  <p>19</p>	<p>Ângulo de câmera- zenital 90º</p>  <p>20</p>
<p>Ângulo de câmera - Plongée 45º</p>  <p>21</p>	<p>Ângulo de câmera - Frontal</p>  <p>22</p>	<p>A imagem tem que atrair o consumidor</p>  <p>23</p>	<p>A imagem tem que atrair o consumidor</p> <ul style="list-style-type: none"> Utilizar o produto e mostrar em bom contexto Deixar bem iluminado, a luz da mão ajuda para a imagem Reservar elementos no cenário para deixar a produção mais atrativa  <p>24</p>

A melhor foto sugere o produto melhor

O objetivo de uma fotografia de gastronomia é que o consumidor/observador confira, por meio do seu olhar e imaginação, sentir o sabor, a textura, o cheiro do alimento e a experiência que ele pode vivenciar comendo tal produto.

As pessoas escolhem os produtos por causa da fotografia da embalagem.

Entre vários fatores, a **percepção de qualidade e preferência** de uma marca se dá pela **associação de imagens/fotografias** relacionadas a tal marca já vistas pela pessoa, como embalagem, comercial, embalagem, material gráfico no ponto de venda, etc.

Boas fotografias não são somente importantes para transmitir as características do alimento ao atacadista ou consumidor no momento da compra, mas também **fazem a diferença na percepção de qualidade e valor agregado da marca da empresa.**
 Vídeo: [https://www.youtube.com/watch?v=...](#)

Fazem a diferença na percepção de qualidade e valor agregado da marca da empresa.

Segue abaixo minhas 8 regras para fotografar comidas:

1. Fazer uma **avaliação** do trabalho com o fotógrafo e cliente (entender qual o cliente).
2. **Escolher** os pratos que serão fotografados.
3. **Escolher e preparar** os alimentos e adereços que irão ser fotografados.
4. **Planejar** o cenário com o fotógrafo.
5. **Preservar** a cor e o formato.
6. **Limpar e higienizar** todos os locais e a cozinha.
7. **Trabalhar rápido** para que os alimentos não esfriem e fiquem de temperatura adequada.
8. **Trabalhar em equipe** com o fotógrafo.

E o que é mise en place? (por em ordem)

Mise en place é a organização dos alimentos e do tudo que o cerca durante sua preparação.

Mise en place (por em ordem)

Escolha o fundo, os pratos, talheres, os ornamentos e todos os detalhes que serão usados na foto.
É muito importante ter um bom planejamento.

importante

- Saber a situação que a fotografia deve transmitir. Ex: felicidade, calor, satisfação, deve sempre trazer um.
- O produto/ambiente principal e a facilidade da imagem. Ex: embalagem, estética, qualidade, etc.
- A característica mais marcante da comida. Ex: crocância, suculência, mistura de sabores, etc.
- Além disso, a parte do prato que menos você deseja que apareça. Ex: molho, sobras, etc.

Sem ambientação

Com ambientação

LEO CARVALHO

DIEGO ROUSSEAU

SOBREMESA

MARCOS SHAEFFER

CENOGRAFIAS QUE USAREMOS

Sobremesa

Macarronada

Sushi


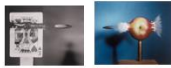
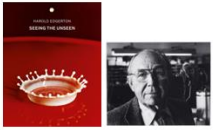

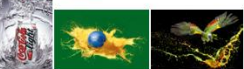





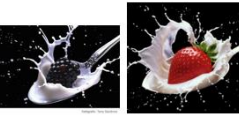













Sugestões de Montagem

49

50

APÊNDICE I

Seqüência de Slides de Apoio à Oficina 3

<p style="text-align: center;">Fotografia aplicada à comunicação visual</p> <p style="text-align: center;">Técnicas para produção de fotografia de Splash</p> 	<p style="text-align: center;">O que é splash?</p> <ul style="list-style-type: none"> Se pegarmos o dicionário do inglês para o português vamos encontrar: respingo; mancha; pingo; salpico; som de um objeto a cair na água ou em outro líquido. enlamear; salpicar; respingar; pingar; chafinhar; destacar-se; o barulho da batida numa superfície líquida. 	<p style="text-align: center;">Quando surgiu a técnica?</p> <ul style="list-style-type: none"> A técnica foi desenvolvida antes da Segunda Guerra Mundial pelo cientista e fotógrafo do Massachusetts Institute of Technology (MIT), de Boston, Harold Edgerton. 	<p style="text-align: center;">Harold Edgerton</p> 
<p style="text-align: center;">Para que serve o splash?</p> <ul style="list-style-type: none"> Todo mundo já viu aquele comercial de leite, de água mineral ou de chocolateado, onde tem um copo e um líquido que transborda num efeito de movimento. Pois é, este é o famoso Splash. 	<p style="text-align: center;">O splash na publicidade...</p> <ul style="list-style-type: none"> Atualmente a técnica é muito usada em publicidade, na comunicação visual, principalmente de alimentos e bebidas, uma vez que cria um efeito de movimento e de frescor. "O congelamento do movimento de um líquido é através, essencialmente, do uso de uma câmera de alta velocidade que não podem ser observados a olho nu", explica Tony Genérico, referência no segmento do país. Dica para referências de splash: www.tonygenerico.com.br e na rede social "Foto", "Splasher". 	<p style="text-align: center;">O grande fotógrafo do splash: Tony Genérico</p> 	 <p style="text-align: center;">http://www.tonygenerico.com.br http://www.instagram.com/tonygen</p>
<p style="text-align: center;">Ilustração de Splash</p> 		<p style="text-align: center;">Tipos de splash</p> <p>Alto impacto:</p> <ul style="list-style-type: none"> quando um objeto atinge uma lâmina líquida produzindo um splash com uma grande expansão. exemplo de fotografia de splash de alto impacto é a de um copo de leite caindo num copo d'água. Mais precisamente, queremos captar o momento em que o copo atinge a água e causa o splash. 	
	 <p style="text-align: center;">www.tonygenerico.com.br www.instagram.com/tonygen</p>		 <p style="text-align: center;">É mais do que café.</p>
		<p>Baixo impacto:</p> <ul style="list-style-type: none"> Quando utilizamos gotas e líquidos de menor impacto para atingir a forma suave o objeto já preparado. Tudo pelo simples controle do fluxo do líquido e aproveitamento das vantagens hidrodinâmicas de um recipiente apropriado. Pontos importantes: a altura de que se deixa o fluido cair; a quantidade de água e a natureza da superfície e o design do recipiente em que ele cai. 	<p style="text-align: center;">Splash (gotas)</p> <p style="text-align: center;">OS ESTÁDIOS JÁ ESTÃO PRONTOS! E VOCÊ?</p>  
 <p style="text-align: center;">http://www.youtube.com/watch?v=10m0p</p>			 <p style="text-align: center;">20 de Novembro Dia nacional da consciência negra.</p>

25

26

27

28

Mergulho ou imersão:

- É o tipo de splash em que utilizamos de um aquário ou recipiente transparente que possibilite uma fotografia frontal do produto mergulhando no líquido sem a preocupação de captar seu splash acima do recipiente, mas sim o trajeto do produto já dentro do líquido, formando bolhas e desenhos com grande plasticidade.

29

30

31

32

33

34

35

36

Splash na prática...

37

Para ficar perto das gotinhas use filtro close-up

38

Regulagens Básicas da câmera para fotografia splash

- T: 1/320
- WB: Flash
- ISO 200

39

40

WB regule de acordo com a luz do flash

41

Acessórios de iluminação

- Refletor branco
- Luz dura - conesal
- Ideal para iluminar o produto e deixar o fundo escuro, sem a ideia de mostrar na corral
- Refletor Parabolizado - Planado
- Luz dura - brilho redondo - conesal
- Ideal para luz de fundo - back light
- Soft box - luz suave e brilho longo
- Ideal para luz principal no splash de aquário

42

POTÊNCIA MÍNIMA Nº 1

43

Dicas:

Para um bom splash é importante utilizar o flash de estúdio como a mínima potência possível, sempre a luz se atenua mais rapidamente, permitindo que o objeto seja capturado antes de ser atingido pelo splash.

44

Splash (gotas)

- Acessórios:
- Dedicado (de preferência)
- Lente Macro ou Filtro Close-up
- Recipiente preto (bandeja)
- Papel colorido para o fundo
- Conta gotas
- Recipiente para gotejar (garrafa pet ou sacola)
- Suporte (para sustentação)

45

Splash baixo impacto (gotas)

Utilizar garrafa para a fonte de água.

O flash deve ser direcionado para o fundo.

Por ser uma bandeja negra, o fundo refletido na água tem a cor do fundo utilizado.

46

Splash (gotas)

47

Iluminação do morango na colher no splash de alto impacto

<https://jakehicksphotography.com/latest/?offset=1414440516100>

48

Set de iluminação de splash de mergulho ou imersão

49

É possível fazer um sensor para o splash

- Para se obter precisão na hora do click existem circuitos que detectam através de movimento e som o momento exato do contato do objeto lançado ao líquido , possibilitando uma melhor captura da "coroa" do splash.

50

Splash

- Tipo de iluminação
- É importante utilizar uma luz principal que irá iluminar a parte frontal do objeto quando esse for opaco.

51

Splash

- Um contra luz ou back light que irá ressaltar o splash, dando volume e contorno.
- Fundo preto por vezes resalta a beleza do splash
- Produtos translúcidos podem ser clicados com apenas um back light

52

Livros sobre splash do Tony Genérico


53

APÊNDICE J

Seqüência de Slides de Apresentação da Pesquisa para os Estudantes


ENINO E APRENDIZAGEM DE FOTOGRAFIA: UMA SEQÜENCIA DIDÁTICA E DE VÍDEO AULA DE FOTOGRAFIA VOLTADA PARA ESTUDANTES JURCO DO CURSO TÉCNICO DE COMUNICAÇÃO VISUAL INTEGRADO AO ENINO MÉDIO DO CÂMPUS PALHOÇA BILÍNGUE DO IFSC

Mediador: Eduardo Gomes
Orientador: Priscila Marinho da Silva
Florianópolis, SC | Agosto de 2019




Pergunta de Pesquisa

Como integrar o conhecimento teórico e o intertextual no ensino e na aprendizagem de fotografia voltada à comunicação visual para estudantes do Curso Técnico de Comunicação Visual Integrado ao Ensino Médio do Câmpus Palhoça Bilingue/IFSC?




Justificativa

- Profusão com foco na economia criativa em função dos polos tecnológicos;
- Região em desenvolvimento das áreas de Design, Fotografia, Tecnologia da Informação e Arquitetura;
- Apropriação das possibilidades de inserção no mundo do trabalho;
- Autonomia profissional, criatividade e ampliação dos horizontes; e
- O universo da imagem é democrático e variado.




Quais áreas atuar ?



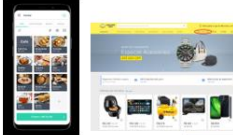
- Fotografia de Casamento
- Fotografia de Retrato
- Fotografia de Produto
- Fotografia de Paisagem
- Fotografia Institucional

Fotografia de Produto x Ecommerce

- Até 70% das imagens obtidas em 90% mais visualizações do que as que não utilizam essas imagens;
- 80% dos consumidores estão mais propensos a considerar ou comprar uma empresa quando uma imagem é mostrada nos resultados de busca.




Fotografia de Produto x Ecommerce




Fotografia de Produto


"Uma imagem vale mais que mil palavras". Uma foto é capaz de **gostar e comprar** de seu público e gerar vantagem na hora de transacionar uma negociação.




Fotografia de Produto




Fotografia de Produto




Fotografia de Produto



PRODUTO EDUCACIONAL: Seqüência das aulas




PRODUTO EDUCACIONAL (3ª etapa) Videoaula de cada conteúdo da SD.



- Cada aula proposta na seqüência didática terá uma vídeo aula complementar, com duração de no máximo 20 minutos;
- A aula será gravada em estado próprio, com recursos e equipamentos próprios, sempre em vídeo. Sendo necessária a utilização de uma câmera profissional (Contrato de FIC);
- Trabalho em time – (Contrato de FIC)

CRONOGRAMA

- setembro e outubro: elaboração e observação das aulas;
- novembro e dezembro de 2019: implementar o produto educacional;
- Julho 2020: defender a dissertação e a entrega final.



Obrigado!

eduardogomes@univali.br

APÊNDICE K
Roteiro de Entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ELABORAÇÃO DAS OFICINAS

- 1) Quando cursou a disciplina de fotografia (ano/semestre)?
- 2) Você sabe para que serve a fotografia na comunicação visual?
- 3) Como deve ser feita uma fotografia de produto para ser aplicada na comunicação visual?
- 4) Que mídias utilizam a fotografia na comunicação visual?
- 5) Qual o papel da iluminação na fotografia?
- 6) Para que serve o diafragma, o obturador e o iso na fotografia?
- 7) As aulas de fotografia eram mais teóricas ou mais práticas? Explique sua percepção.
- 8) A fotografia aplicada à comunicação visual pode ser usada em jornais, revistas, embalagens, *outdoor*, *busdoor*, redes sociais, envelopamento de veículos, *banners* e *ecommerce*. Você gostaria de aprender esse tipo de fotografia para melhorar sua qualificação profissional?

Agradeço sua participação e espero encontrá-lo em nossa oficina!

Obrigado!

APÊNDICE L

Decupagem das Entrevistas na Íntegra

Estudante 1/19 anos

Pergunta 1

Cursou a disciplina em 2016/2

O professor ensinou para minha turma , bem o básico da fotografia, como fazer fotos em ambientes externos, de objetos também, muito simples, a gente também trabalho fotografando pessoas que eram nosso colegas, tem também outros enquadramentos menores tipo retrato, planos, também plongée, contra plongée esse ângulos para pensar para fotografar objeto, a gente usava bonecos, parecia reais, pois a fotografia tinha uma qualidade muito grande

Pergunta 2

O objetivo da fotografia pensando na comunicação visual é a gente fazer foto de objetos, de modelos, de bebês, casamentos, então, a ideia e você sempre puxar um pouco mais as cores, você fazer, pensar desenhos na fotografia, ilustração na fotografia.

Pergunta 3

Pelo que a professora ensinou pra gente, a gente conseguiu aprender como fotografar objeto, a gente antes não sabia como fazer mas ela explicou pra gente, as regras, a questão de perspectiva, temos que evitar o fundo, com algum traço, o fundo tem que ser certo, e passar um ar de realidade e não uma coisa fake.

Pergunta 4

Eu não sei o que é mídia, a gente teve poucas experiências, então a gente não viu muita coisa

Pergunta 5

A gente sabe que a iluminação é muito importante para poder capturar a imagem, se não a gente não consegue ver. A gente precisa de luz para aumentar a qualidade da imagem e deixar a foto mais atraente. A professora não explicou nada desses equipamentos de iluminadores, acho que a gente perdeu um pouco de tempo, e com isso talvez um pouco de conteúdo. Mas a gente sabe, porque a gente sempre vê as pessoas trabalhando com fotografia cheio de iluminadores, flashes, porque tem que ser mais claro.

Pergunta 6

Já esqueci muita coisa, gostaria de aprender, relembrar, não lembro.

Pergunta 7

A gente não chegou a praticar, foram mais explicações, a gente mexeu com materiais, mas pouca coisa.

Pergunta 8

Sim gostaria, de fato eu tenho vontade.

Estudante 2/19 anos**Pergunta 1**

2016/2 Mesma turma estudante 1

Pergunta 2

A ideia é a gente treinar uma fotografia aqui no nosso curso, para poder se tornar profissional nessa área, acho que é isso.

Pergunta 3

A por exemplo gente pode usar o fundo verde, tem que usar iluminação, fazer um cenário bonito para tirar foto. Sobre fotografar produto, disse: Já, a gente usou bonecos. A gente também fez stopmotion para eles se movimentar.

Pergunta 4

Não sei muito de fotografia, eu lembro só que a gente tinha enquadramento, planos.

Pergunta 5

A gente fez os dois, fora e dentro, mais externa. Sobre a luz utilizada disse que parecia um pouco maior, mais forte.

Pergunta 6

Acho que a professora não explicou tudo para a gente, ele falou muito pouco, só como ligar a câmera, mexer enquadramento, pensar se tem luz ou não tem

Pergunta 7

Era mais explicada, expositiva, depois até fazia prática, mas era mais tempo explicando.

Pergunta 8

Sim, tenho vontade de aprender.

Estudante 3/18 anos

Pergunta 1

2016/2

Pergunta 2

Não sei, esqueci já.

Pergunta 3

Não, acho que não.

Pergunta 4

Eu não sei

Pergunta 5

Acho que não

Pergunta 6

Eu esqueci, eu lembrava, mas esqueci

Pergunta 7

A professora explicava mais, era mais explicativa, expositiva.

Pergunta 8

Aham, gostaria.

Estudante 4/19 anos**Pergunta 1**

2016/2

Pergunta 2

A gente tem que pensar no enquadramento, cuidar para não ter nenhuma falha, por exemplo balanceamento correto, equilíbrio na foto.

Pergunta 3

Temos que pensar o ISO que vai deixar mais claro ou mais escuro, temos que pensar o uso de iluminadores de Led por exemplo ou flash, e aí depois de várias tentativas escolhe a melhor que foi tirada.

Pergunta 4

Não sei

Pergunta 5

A gente trabalhou mais com sol

Pergunta 6

A gente trabalho o zoom, a gente vai fazendo alteração da configuração e vai ficando mais escuro e mais claro.

Pergunta 7

Mais no quadro

Pergunta 8

Não, mais ou menos, talvez mais nas redes sociais.

Posso complementar? O problema do uso da lâmpada de Led é o reflexo no olho da pessoa que tá sendo fotografada

Estudante 5/17 anos**Pergunta 1**

2018/1

Quando eu comecei a fazer a disciplina de fotografia era com a prof Daniela, nós queríamos muito aprender fazer fotografias com qualidade, mas a gente fez isso dentro do ifsc, mas a gente queria fazer também em outros lugares da palhoça, para treinar mais, outras aplicações, enquadramentos com ângulos diferentes também com planos diferentes, no céu, no contra plongeé, tem vários ângulos que a gente pode aproveitar. A gente conseguiu aprender, eu entendi bem sobre os enquadramentos, os ângulos deram pra desenvolver na disciplina,

Pergunta 2

A não sei falar, na verdade assim, a gente aprendeu fotografia pra comunicação visual, porque eu e meus colegas a gente tentou aprender mais sobre fotografia, por exemplo, tipo, só, bom acho que a gente aprendeu mais o que a professora quis nos ensinar, que está no currículo que precisa ser ensinado.

Pergunta 3

Bom quando a gente pensa o produto, a gente tem que iluminar bem, tem que fazer uma foto um pouco mais próxima, pode ter a perspectiva que a pessoa quiser, depende do fotógrafo, se ele achar que tá bom, se a imagem tá boa tá clara, tá com uma cor boa, bem posicionada no enquadramento, pode ser um alimento, uma roupa, um elemento cultura, várias coisas podem ser fotografias, diferentes dos outros tipos de fotografia.

Pergunta 4

Não sei explicar, esqueci, tem vários lugares para explicar, mas não sei explicar.

Pergunta 5

Sim a professora explicou pra gente, a gente conseguiu entender, ela mostrou que tem que ter uma iluminação boa como se fosse uma iluminação real, não pode ser mais escura, seja na paisagem, na grama, na rua, qualquer coisa, de qualquer forma você precisa fazer a foto ter esse aspecto de 3 D.

Pergunta 6

Acho que sim, não lembro muito bem, 100%, algumas coisas eu não lembro.

Pergunta 7

Em dúvida

Pergunta 8

Sim, eu acho legal, tenho interesse em aprender, eu preciso aprender mais, toda ajuda é bem vinda

Estudante 6/18 anos**Pergunta 1**

2018/1

Pergunta 2

Não sei dizer

Pergunta 3

Sim a professora ensinou pra gente como se faz essa fotografia da maneira correta.

Pergunta 4

Como assim, os locais onde a gente aplica a foto? no ifsc, na área externa, a gente usou laboratório, nas mesas, na área externa do ifsc também.

O intérprete reforçou a pergunta, onde se usa foto para divulgação? ela respondeu que daí

Não viram.

Pergunta 5

Não aprendeu, só externa.

Pergunta 6

Ano passado a gente aprendeu isso, eu lembro um pouco, mas foi com aquela câmera pequena que a gente aprendeu então a gente não viu muita coisa

Pergunta 7

A aula foi mais explicativa, teórica, mas a gente fez atividade no computador e saiu pelo campus fazendo fotos.

Pergunta 8

Eu quero.

Estudante 7/24 anos**Pergunta 1**

2017/2

Com o professor Gustavo e com a Janaí, com ela a gente aprendeu os ângulos os enquadramentos, ela explicou para a gente a regra dos terços que tem aquelas linhas. Eu gosto da disciplina de fotografia, a gente consegue pensar o ângulo mais na esquerda, mais na direita, plongée e contra plongée, pode variar a altura da câmera.

Pergunta 2

Sim eu sei, tem diversas informações, tem que aprender sobre as regras de como tirar foto, não pode ter nada para atrapalhar a imagem, Tem um cálculo, até arquitetônico, para saber onde fazer enquadramento. A gente tem que pensar a luz, o sol é bom, porque não pode ser escuro, mas as vezes se for contra o sol fica mais escuro, daí é só mudar o ângulo.

Pergunta 3

Não tenho muito experiência, não saberia dizer. A gente aprendeu mais ou menos, a gente praticou algumas coisas.

Pergunta 4

Em diversos materiais, papéis, a gente pode fazer um cenário para bater a foto pensar os ângulos a fotografia, como se fosse essa caneta por exemplo, temos que pensar os ângulos. Tem que pensar as regras de como apresentar a imagem, as medidas, como se fosse aquela grade, três quartos.

O interprete refez a pergunta pela segunda vez sobre onde se aplica a foto, ele respondeu, não, não sei, ela não falou pra gente, só mostrou algumas coisas.

Pergunta 5

Sim tinha iluminação, por exemplo pode ser um fundo branco e utilizar uma iluminação que evite sombra.

Pergunta 6

A gente faz a configuração da câmera para fazer uma captura longa ou com menos distância, pensa as cores, as vezes pode ficar muito clara, esbranquiçada, vamos diminuir o brilho, numa qualidade melhor porque se tiver muito alta não dá para ver direito. Tem que sempre estar ajustando, diminuindo ou aumentando.

Pergunta 7

Mais tempo de explicação pela professora.

Pergunta 8

Eu acho que na rede social a gente atinge muitas pessoas, Nas redes sociais é fácil atingir um maior número de pessoas, as pessoas se sentem estimuladas, atraídas pra comprar o produto, as vezes por inveja.

Eu quero sim, vamos tentar é bom ter essas experiencia, vou ver se consigo fazer uma foto de qualidade seguindo as regras.

Estudante 8/19 anos

Pergunta 1

2018 /1

Pergunta 2

Para que a fotografia? Um profissional quando vai tirar foto de alguém, de um objeto , uma flor, ele vai pensar o enquadramento certo, não pode ter nenhuma

falha, vamos supor que esse seja o objetivo (deu exemplo do dedo da mão) daí o fundo pode ser desfocado, existe várias fotos de combinar uma foto

Pergunta 3

Por exemplo qualquer objeto que eu for fotografar precisa ter iluminação, tem que ter o ângulo o equilíbrio da foto, não pode estar desequilibrado , tem o grid, aquela grade dos três terços, que a gente pode utilizar, se for uma externa, tem que deixar a imagem clara, sem deixar o sol prejudique, com sombra , que por causa do sol fica muito escuro.

Pergunta 4

Não sei.

Pergunta 5

A iluminação é importante para tornar a foto mais atrativa, pois o objetivo desse tipo de foto é atrair o cliente, você precisa de uma foto mais chamativa

Pergunta 6

Com luzes, com iluminadores, a gente trabalhou quando a gente estudou história em quadrinhos. Agora para trabalhar fotografia de fato, as atividades foram todas externas, a professora explicou cada mecanismo da fotografia, a grade dos terços, o ângulo, então a gente fez atividades nesse sentido, essas regulagens.

Pergunta 7

Lembro pouco, não lembro muita coisa, acho que aprendemos.

Pergunta 8

Mais explicações, mas teóricos, porque a gente tinha aula uma vez por semana, o período inteiro, mas só uma aula por semana. A professora sempre explicava as três aulas, a última quarta aula ela deixava para fazer atividade.

Estudante 9/18 anos**Pergunta 1**

2017

Foi na disciplina de artes, aí a gente trabalhou com ela no semestre e a cada semestre encontrava com ela de novo, agora em 2019 não tivemos mais disciplinas com ela, era uma disciplina de artes que a gente fotografava árvore, água, enfim, com fundo branco, mas era na disciplina de artes.

Pergunta 2

Eu nunca tive essa experiência para saber, em 2017 eu faltei muitas aulas, então não estive presente nas aulas de fotografia, algumas sim, mas mais na parte da edição de imagem, imagem com texto, de vídeo, aí a professora, mandou fazer várias atividades, mas eu não participei das aulas, porque estava com problema na família, meu avô tinha morrido.

Pergunta 3

É uma lei, tem que ser o fundo branco, por exemplo, não pode ser um cenário como nessa sala, principal que seja branco, o principal que seja branco como Mercado Livre, as fotos geralmente tiradas em qualquer cenário e qualquer ambiente, geralmente não ficam boas. Eu por exemplo já fiz uma foto dessas do celular para vender. E minha mãe me falou que geralmente as fotos são assim.

A professora mostrou alguns exemplos, como se faz a foto, mandou no moodle, mas não explicou muito as regras não.

Pergunta 4

Eu lembro que eu vi, mas não lembro as palavras

Pergunta 5

A gente precisa de iluminadores porque se não a imagem fica muito escura, tem que ter um fundo branco, fica bem melhor pra ver também, a gente pensa qual o ângulo melhor, da direita ou da esquerda, se tiver vários iluminadores melhor, porque se tiver muito escuro não dá pra ver, tem iluminação de cima, dos lados

Pergunta 6

Nunca vi nada, a professora não explicou pra gente

Pergunta 7


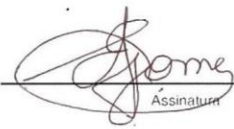


A gente fazia mais prática, ela ajudava a gente a bater as fotos, daí a professora ajuda a gente a postar no ambiente virtual pra mandar pra ela

Pergunta 8

Sim, eu quero aprender, aprender aos poucos, com o professor ensinando aos poucos a gente se acostuma ao trabalho. Eu sempre acesso mercado livre, meu pai também, meus irmãos e daí eu vejo foto de produto.

ANEXO A

Folha de Rosto da Plataforma Brasil

 FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa: ENSINO E APRENDIZAGEM DE FOTOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS SURDOS NO CURSO TÉCNICO DE COMUNICAÇÃO VISUAL INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NO CAMPUS PALHOÇA-BÍLÍNGUE/IFSC			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 10			
3. Área Temática: EPT			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO GOMES			
6. CPF: 025.439.699-26	7. Endereço (Rua, n.º): FERRARA PAGANI Ap 604 PALHOÇA SANTA CATARINA 88132278		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 47991022638	10. Outro Telefone:	11. Email: eduardogomes@univali.br
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do paramProjeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao paramProjeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: <u>16/04/2019</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DE SANTA		13. CNPJ: 11.402.887/0004-03	14. Unidade/Orgão:
15. Telefone: (48) 3877-9027	16. Outro Telefone:		
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: 	CPF: <u>42730180044</u>		
Cargo/Função: <u>DIRETOR GERAL</u>	Caio Alexandre Martini Monti <small>Reitor-Geral do Campus Palhoça/Univali - IFSC Portaria nº471 - IX - DCU 01/02/2018</small>		
Data: <u>16/04/2019</u>	 Assinatura		
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

ANEXO B
Comprovante de Envio à Plataforma Brasil

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENSINO E APRENDIZAGEM DE FOTOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS SURDOS NO CURSO TÉCNICO DE COMUNICAÇÃO VISUAL INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NO CAMPUS PALHOÇA-BILÍNGUE/IFSC

Pesquisador: EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO GOMES

Versão: 1

CAAE: 12255319.7.0000.0121

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 042902/2019

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto ENSINO E APRENDIZAGEM DE FOTOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS SURDOS NO CURSO TÉCNICO DE COMUNICAÇÃO VISUAL INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NO CAMPUS PALHOÇA-BILÍNGUE/IFSC que tem como pesquisador responsável EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO GOMES, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC em 22/04/2019 às 12:48.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

ANEXO C

Processo de Tramitação do Projeto no Ifsc

23/04/2019Sistema Integrado de Patrimônio, Administração e Contratos



Serviço Público Federal



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA
SISTEMA INTEGRADO DE PATRIMÔNIO, ADMINISTRAÇÃO E CONTRATOS

PROCESSO
23292.015501/2019-65
 Cadastrado em 23/04/2019



Processo disponível para recebimento com código de barras/QR Code

Nome(s) do Interessado(s):	E-mail:	Identificador:
COORDENADORIA DE POS-GRADUAÇÃO (PROPPi) eduardo alexandre cazionato gomes	posifsc@gmail.com photodugomes@gmail.com	110067
Assunto do Processo: 231 - PROJETOS DE PESQUISA - PROPOSIÇÃO		
Assunto Detalhado: PROJETO DE PESQUISA: "ENSINO E APRENDIZAGEM DE FOTOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS SURDOS NO CURSO TÉCNICO DE COMUNICAÇÃO VISUAL INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NO CAMPUS PALHOÇABILÍNGUE/IFSC"		
Unidade de Origem: COORDENADORIA DE POS-GRADUAÇÃO (PROPPi) (11.00.67)		
Criado Por: FLAVIA STELA DE ARAUJO LIMA AMORIM		
Observação: Solicitamos que após o despacho, o processo seja encaminhado à PROPPi, seguindo o fluxo previsto conforme: http://cpn.ifsc.edu.br/bpm/PROPPi/#diagram/ecd153a8-7021-498b-ae70-cd52a919aa2b		

MOVIMENTAÇÕES ASSOCIADAS			
Data	Destino	Data	Destino
23/04/2019	DIRETORIA GERAL DO CAMPUS PALHOÇA BILÍNGUE (11.01.15)		

SIPAC | DTIC - Diretoria de Tecnologia da Informação e Comunicação - (48) 3877-9000 | Copyright © 2005-2019 - UFRN - appserver3.srv3inst1

https://sipac.ifsc.edu.br/sipac/protocolo/processo/cadastro/cadastro_sucesso.jsf
1/1

ANEXO D
Autorização de Pesquisa no IFSC PHB



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que tenho conhecimento da pesquisa intitulada “ENSINO E APRENDIZAGEM DE FOTOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS SURDOS NO CURSO TÉCNICO DE COMUNICAÇÃO VISUAL INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NO CAMPUS PALHOÇABILÍNGUE/IFSC”, sob a responsabilidade de EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO GOMES. Diante da análise da proposta de pesquisa, realizada pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, autorizo a sua execução. Esta autorização não exime, contudo, a responsabilidade do pesquisador em atender à Resolução CNS 466/12, de 12/12/2012, e à Resolução CNS 510/16, de 07/04/2016 e complementares.

CLODOALDO MACHADO
Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação
e Inovação do IFSC
Portaria n. 419 dou de 02/02/2016

Clodoaldo Machado
Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação
Conforme Portaria nº2484 de 05/08/2017

Florianópolis, 08 de maio de 2019.

ANEXO E

Parecer Final Plataforma Brasil

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENSINO E APRENDIZAGEM DE FOTOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS SURDOS NO CURSO TÉCNICO DE COMUNICAÇÃO VISUAL INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NO CAMPUS PALHOÇA-BILÍNGUE/IFSC

Pesquisador: EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO GOMES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 12255319.7.0000.0121

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DE SANTA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.437.738

Apresentação do Projeto:

Projeto de mestrado de Eduardo Alexandre Cazonato Gomes, sob orientação da professora Marimar da Silva, do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (Profept) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina/ Centro de Referência em Formação e EAD (Cerfead). Estudo de caso de cunho etnográfico, com 10 participantes. Critérios de inclusão: Farão partes da pesquisa os alunos surdos que cursaram a disciplina de fotografia do curso de Comunicação Visual, do Campus Palhoça Bilíngue, do Instituto Federal de Santa Catarina. Critérios de exclusão: Não farão parte da pesquisa os alunos ouvintes, que cursaram a disciplina de fotografia do curso de Comunicação Visual, do Campus Palhoça Bilíngue, do Instituto Federal de Santa Catarina. O participante tem a liberdade de se recusar a participar ou de desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para ele ou para pesquisa.

Intervenções: análise documental, observação e entrevistas. A análise documental terá como foco o Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Visual (PPC) e o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), ambos os documentos norteadores do curso, e que permitirão ao pesquisador entender a realidade e o contexto. Quanto à observação, será de fundamental importância observar as aulas do professor de fotografia do curso, os resultados fotográficos obtidos pelos alunos durante o processo, a didática e as estratégias empregadas pelo professor, para que o pesquisador possa planejar abordagens diferenciadas para o ensino-aprendizagem de fotografia

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 3.437.738

aplicada à comunicação visual. Para se fazer uma observação mais eficaz, esta será amparada por um formulário de observação, desenvolvido pelo autor, de modo a conter as possíveis situações de ensino-aprendizagem encontradas em campo.

O estudo será desenvolvido no Campus Palhoça Bilíngue, no IFSC, com alunos surdos, regularmente matriculados no curso de Comunicação Visual, integrado ao ensino médio, especificamente na disciplina de fotografia.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Integrar conhecimentos técnicos e teóricos de fotografia para o ensino-aprendizado de fotografia aplicada à comunicação visual para estudantes Surdos do Curso Técnico de Comunicação Visual Integrado ao Ensino Médio, do Campus Palhoça-Bilíngue, do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), visando proporcionar maior autonomia e criatividade a esses estudantes ao se inserirem no mundo do trabalho.

Objetivo Secundário: a) Identificar os conhecimentos dos estudantes participantes em relação ao conteúdo da investigação por meio de questionário e entrevista com os participantes; b) Selecionar conhecimentos técnicos e teóricos específicos de fotografia por meio da análise dos documentos oficiais da instituição estudada, da análise do PPC do curso, do currículo, da ementa do CC, do plano de ensino do professor de fotografia e dos materiais usados em aula; c) Desenvolver e implementar uma sequência didática que aborde técnicas de fotografia aplicada à comunicação visual e possibilite aos estudantes participantes a produção de fotografia; e d) Avaliar o impacto da implementação da sequência didática por meio das produções fotográficas dos participantes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Análise adequada dos riscos e benefícios.

Riscos: Alguma questão específica da entrevista (informações básicas e padronizadas sobre a Cultura, Comunidade Surda e a Libras, a inserção como surdo em sala e estratégias de ensino que possibilitam aprendizagem), estimada em 30 minutos, pode, eventualmente, causar algum mal-estar/embaraço no momento de respondê-la. Para reduzir esse risco, não haverá nenhuma questão obrigatória para ser respondida e que impeça o pesquisado de acessar a pergunta seguinte.

No caso das aulas da sequência didática estimada em quatro encontros, sendo quatro horas cada, com intervalo de 20 minutos a cada duas horas. O risco também é mínimo, pois será realizada só com alunos surdos, com a presença do pesquisador e um interprete de Libras, indicado pela

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 3.437.738

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1337716.pdf	11/06/2019 16:15:12		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_interpretelibras.pdf	11/06/2019 16:14:26	EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO GOMES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tale_assentimentodoresponsavel.pdf	11/06/2019 16:14:04	EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO GOMES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_responsavellegal.pdf	11/06/2019 16:10:58	EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO GOMES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_alunos.pdf	11/06/2019 16:10:17	EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO GOMES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_docente.pdf	11/06/2019 16:08:49	EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO GOMES	Aceito
Outros	cartaresposta_aspendenciaseduardogomes.pdf	11/06/2019 16:01:41	EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_deautorizacaoinstitutional.pdf	11/06/2019 15:33:26	EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO	Aceito
Outros	imagem.pdf	16/04/2019 18:10:06	EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	brochura_investigador.pdf	16/04/2019 17:51:58	EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	16/04/2019 16:44:03	EDUARDO ALEXANDRE CAZIONATO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br